



Título original: A Bruxa, de Ryoki Inoue

© Copyright 2000 — edição eletrônica — by Ryoki Inoue  
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra, com fins comerciais, por qualquer meio, em seu todo ou em partes, sem a autorização expressa do Autor e da Editora.

Projeto Gráfico e Digital: Georges Kirsteller  
Arte da capa: Nicole K. e Georges Kirsteller

CDD — 869.935  
CDU — 92-2075  
ISBN — 85-86345-223-8

“Os fenômenos sobrenaturais devem ser interpretados como manifestações de uma naturalidade de ordem mais elevada, à qual os sentidos físicos somente respondem de modo limitado, e a comunicação com esse mundo superior pode ser estabelecida por meio de uma gama de sentidos paranormais que operam junto aos sentidos convencionais, mas que na prática são muito pouco usados.” — LOIS BOURNE

## CAPÍTULO 1

Primavera em Paris...

O sol, ao se levantar por trás de Notre Dame, fazia com que seus raios, percorrendo a Rue de la Huchette ao comprido, fosse iluminar diretamente a Place St.Michel. Um pouco adiante, quase paralelo ao sentido da pequena rua, o braço meridional do Sena margeava a Ile de la Cité, carregando barcaças cheias de mercadorias que se dirigiam para o Havre. Do outro lado do rio, podia-se ver a Conciergerie e o Hospital Municipal enquanto a leste, estava o Quartier Latin e o Musée de Cluny.

O chafariz com golfinhos de pedra da Place St.Michel ficava bem em frente ao Café de la Gare, o primeiro estabelecimento a se abrir na manhã para servir os trabalhadores que chegavam pelo subterrâneo e os que, das vizinhanças, engoliam apressados um café com croissants, antes de descerem para o Metrô. Eles passavam diante da banca de jornais à entrada da estação, sem a menor vontade de gastar quatro sous para adquirir um matutino. Afinal de contas, o que estava acontecendo não era tão importante assim que os forçasse a ficar sem o café da tarde apenas para tomarem conhecimento das decisões do governo...

Decisões que nunca levavam em consideração a opinião do povo e que todos sabiam muito bem estarem visando apenas o bolso dos que as tomavam.

Do outro lado da praça, diametralmente oposto ao Café de la Gare, ficava o famoso restaurante Rouzier, sofisticado para levantar suas portas de aço antes de onze horas da manhã.

Desembocando na Place St.Michel, a Rue de la Huchette não tinha mais do que trezentos metros de comprimento e suas casas, antigas, mal conservadas, mostravam bem que seus habitantes eram pobres, pessoas que lutavam com as mais diversas dificuldades para sobreviver. Ali, naquele pedaço de Paris, o dinheiro curto era uma constante e é até difícil explicar como conseguiam se manter os estabelecimentos comerciais do lugar, uma vez que ninguém dispunha de muito para gastar.

A parte média da rua era cortada, porém sem ser atravessada, por duas outras, ainda menores que ela, a Rue Zacharie e a Rue du Chat qui Pêche, nome este devido à história de um gato que, antes da Primeira Guerra, ali andava perambulando e roubando de tudo quanto se pudesse comer, especialmente quando o Sena enchia e a água transbordava invadindo as adegas. Dizia a história que o gato era tão esperto que, numa época em que nem mesmo os ratos conseguiam escapar da fome dos humanos, esse bichano conseguiu ficar gordo e... Não ir parar no fundo de uma panela.

Era bem na esquina da Rue Zacharie com a Rue de la Huchette, que ficava o bordel Le Panier Fleuri, cuja proprietária, Madame Mariette, era uma das poucas pessoas com algum dinheiro naquele bairro. É verdade que mme. Mariette sofria muito com a desleal concorrência que lhe fazia Mme. Lanier, a dona da lavanderia em frente, na esquina da Rue du Chat Qui Pêche, um estabelecimento que contava sempre com meia dúzia de robustas moças, muito acessíveis e alegres, que não se incomodavam de maneira nenhuma com o fato de alguns fregueses preferirem esperar que suas roupas fossem passadas enquanto eles se distraíam em atividades que a imensa maioria das mães e esposas costumam reprovar...

Mas essa concorrência, no que pudesse pesar as lamúrias e lamentações de Mariette, não fazia sombra ao movimento de sua casa, sempre bem sortida de moças bonitas e atraentes, sempre com a adega cheia de vinhos de boa procedência e, além de tudo isso, contando com a proteção dos policiais do lugar, permanentemente bem-vindos ao seu salão para um copo de vinho ou de conhaque e bem tolerados entre os lençóis das moças no andar superior...

Mesmo sem gastarem um só tostão. Madame era esperta e sabia que mais valia o apoio, a proteção e a convivência dos policiais do que qualquer dinheiro que eles pudessem querer gastar numa noitada em seu estabelecimento. Madame sabia que a polícia era mal paga e que, de qualquer maneira, não poderiam se dar a grandes luxos...

Isso era justamente o que não acontecia com Madame Lantier, excessivamente antipática para o gosto dos "flics", por demais sovina para lhes oferecer mesmo que fosse um modesto "pourboire" e sem a sensibilidade de permitir que um deles, numa noite fria de inverno, fosse aquecer os pés na cama de uma de suas empregadas.

Por isso, sempre que podiam, os policiais arrumavam uma maneira de implicar com Madame Lantier e de, no mínimo, deixá-la com raiva e com medo, obrigando-a a fechar a casa por uma ou duas noites.

Prejuízo para a proprietária e alegria para Mariette que, muito agradecida, franqueava sua adega para os policiais e determinava que suas meninas os distraíssem e satisfizessem seus mínimos desejos.

Difícil dizer se essa atitude acabava por significar lucro ou prejuízo pois, via de regra, os homens que costumavam ir à lavanderia de Madame Lantier, nem sequer eram aceitos no bordel de Mariette, exigente demais para deixar que trabalhadores suados e mal-asseados frequentassem seu estabelecimento.

Mariette chegava a ser rude e grosseira com os que insistiam e seus dois homens de segurança, Pierre e Claude, não vacilavam em pôr para fora da casa, aos pontapés, aqueles que tentavam entrar contra a vontade de sua patroa.

— Faço isso para a segurança dos que aqui vêm — dizia Mariette — Meus clientes são pessoas de bem. Não posso permitir que haja uma mistura de classes, não posso deixar que um mendigo queira compartilhar a mesa de um fidalgo!

E, com expressão horrorizada, acrescentava:

— Mesmo porque, em pouquíssimo tempo, eles estariam querendo compartilhar outras coisas, não é verdade? E sabe-se lá que doenças eles podem estar carregando!

Assim dizendo, Mariette voltava a sorrir, contando:

— Como o caso desse maldito Berthelot! É tão sujo que pode estar até com sífilis... Já imaginou se ele resolve aparecer por aqui? Não posso correr o risco! Meneando a cabeça, fazendo balançar os cabelos muito louros, finalizava:

— Por aí você vê como eu tenho razão... Como o asseio e o aspecto físico têm importância... Eu jamais deixei que esse miserável entrasse em minha casa!

Erguendo o nariz, Mariette encerrava o assunto lançando um olhar irado para o outro lado da rua, para a pequena casa encravada entre a lavanderia e a mercearia de Jean-Marie Gounot, a casa onde Berthelot Hoche vivia com a mulher e a filha.

\*\*\*\*\*

Berthelot sabia que Mariette não se cansava de dizer coisas horríveis a seu respeito.

No fundo, ele nada podia fazer, não lhe era dado o direito de contestar suas palavras pois, além de serem verdadeiras, havia os dois gorilas a soldo da cafetina que não lhe deixariam um só osso inteiro no corpo se ele ousasse sequer replicar.

Berthelot era obrigado a calar, a suportar tudo aquilo e ainda por cima, aguentar as admoestações de sua mulher:

— Você não presta para nada, mesmo! Ainda se tivesse dinheiro, nós poderíamos mudar daqui, poderíamos ir para um outro lugar onde fôssemos respeitados!

Judith Hoche tinha toda a razão de reclamar. Com o marido sem ganhar um tostão furado, ela era o esteiço da família, vendendo seu corpo para poder comprar comida.

Sim...

Judith Hoche também fazia concorrência a Mariette.

Era uma concorrência ainda mais débil do que a das meninas de Madame Lantier mas... Era uma concorrência e os homens que a procuravam, não iam ao bordel Panier Fleuri...

Com isso, com a autoridade que lhe era conferida pelo fato de ser quem sustentava o lar, a mulher se dava o direito de xingar Berthelot e, às vezes, até mesmo de bater nele.

E Berthelot ficava calado.

Engolia sua revolta, humilhava-se, pedia entre lágrimas que ela parasse de lhe bater e...

No dia seguinte, voltava a pedir dinheiro para um copo de absinto, para o jogo ou qualquer outra coisa que nada tinha a ver com as responsabilidades de um pai de família.

— Você não tem a menor vergonha! — urrava a mulher — Nem mesmo se incomoda com a maneira como faço para que esse dinheiro chegue às suas mãos!

Atirando algumas moedas no chão, acrescentava:

— Tome! Vá beber! Vá jogar até o raiar do dia! Mas, pelo menos, não me incomode, não venha perturbar o meu trabalho!

Berthelot apanhava o dinheiro com um sorriso triste e cheio de revolta...

— Um dia — pensava ele — as coisas vão mudar... E eu terei dinheiro para beber um tonel de conhaque, se tiver vontade, sem ter que lhe dar qualquer satisfação!

Berthelot dizia isso olhando para a filha, então com dezesseis anos de idade e mostrando que herdara da mãe as curvas sensuais, a maneira sedutora de andar e de olhar, e a voz quente, insinuante e tentadora.

Era isso mesmo...

Ali estava a sua esperança, a última coisa com que poderia contar: sua filha!

Ela haveria de lhe render alguma coisa, haveria de ser diferente da mãe... Berthelot haveria de lhe arranjar um casamento, haveria de lhe arrumar um homem que a sustentasse e que lhe fosse pelo menos grato por ter tido participação na existência de uma tão bela mulher...

Ajuntando as moedas, Berthelot ganhava a rua sabendo que não deveria voltar, mesmo que o desejasse, antes da manhã à sua casa, para não atrapalhar o trabalho de Judith.

Um trabalho que no fundo de seu coração ele abominava mas que, ao mesmo tempo, sabia muito bem ser a única maneira de ter o que comer e o que vestir... Ele, Judith e a filha. Mas... Berthelot tinha suas manias... Suas esquisitices.

Berthelot deixava sua casa e, ao contrário do que se poderia esperar, não ia beber nos bares da vizinhança. Ia, isso sim, para os lados do Boulevard St. Germain onde, caminhando por entre os plátanos, chegava a parecer uma outra pessoa, as costas eretas, a cabeça erguida, o olhar altivo e dominador.

Entrava, então num café da Place Saint André e, pouco depois, estava conversando animadamente com algum importante senhor, um desses homens do mundo dos negócios, desses que trazem os bolsos cheios de francos e o coração vazio de amores, a existência completamente sem sal, incapazes que são de pensar em qualquer outra coisa que não o enriquecimento.

Era desses homens que Berthelot gostava.

Achava-os fascinantes, sempre falando em grandes cifras, sempre dando a impressão de que seriam capazes de ter o poder nas mãos um poder tão grande que conseguiriam mudar o rumo da política, mudar o curso dos acontecimentos da nação e, quem sabe, até mesmo do mundo inteiro...

Para o pobre Berthelot, esses indivíduos representavam quase que um papel de deuses e era com um deles que ele queria ver sua filha casada.

Só que...

Nenhum desses homens que Berthelot conhecia era solteiro...

Não que isso incomodasse muito o pobre homem. Ele não via mal no divórcio, muito pelo contrário... Se tivesse dinheiro, já teria mandado Judith para o inferno muitos anos atrás...

Porém, o fato de aqueles indivíduos serem casados atrapalhava um bocado. Se ele quisesse tentar alguma coisa com referência à sua filha, teria de aguardar que o escolhido se divorciasse e, naqueles anos finais da década de 30, o que quer que dependesse da Justiça ou de qualquer serviço público, seria terrivelmente demorado e complicado, os passos do processo entravados por uma burocracia irracional e por uma manifesta má vontade de todos os funcionários do governo francês.

Berthelot já estava começando a ficar desanimado quanto a arrumar um marido para a filha que lhe desse algum dinheiro sem que tivesse que trabalhar ou que aguentar as palavras duras de Judith, quando conheceu Jacob Fleitcher.

\*\*\*\*\*

Jacob Fleitcher tinha um inconveniente: era judeu...

Naquela época, ser judeu na França não era das melhores coisas do mundo uma vez que havia uma certa tendência germanófila entre muitos franceses e, conseqüentemente, um visível apoio às idéias de Adolf Hitler. Essa tendência fazia com que os descendentes de Abraão fossem discriminados em muitos lugares e em muitas atividades e fazia com que eles sofressem humilhações as mais variadas e, por vezes, privações da pior espécie.

E Jacob Fleitcher, por ser judeu, estava sendo humilhado, perseguido, discriminado...

Era um homem baixo, troncudo, com o pescoço curto e taurino, a pele muito vermelha e os olhos de um verde acinzentado que deixavam ver a tristeza que lhe ia pela alma sem, no entanto, esconder a força de sua determinação e a intensidade de sua revolta.

Quando Berthelot o conheceu, Jacob estava meio embriagado, tentando afogar no fundo de um grande copo de conhaque, os sofrimentos daquele dia e de muitos outros...

— São todos uns desgraçados! — exclamou ele com a voz já um pouco pastosa, a língua grossa e desobediente, parecendo maior que a boca — Se eles soubessem tudo o que tenho, tudo o que sou, jamais me tratariam dessa maneira!

Berthelot estava sentado ao seu lado, no balcão de um café, na Place St. André e, ao ouvi-lo dizer tal frase, interessou-se.

— Você não parece de muito bom humor... — comentou.

O judeu olhou para ele com desprezo e, incapaz de controlar suas palavras devido ao excesso de álcool, falou:

— Não sei porque está interessado... Não vê a cor de meus cabelos? Não vê o formato de meu nariz?

Antes que Berthelot pudesse se refazer do espanto, Jacob completou:

— Será possível que não tenha percebido que eu sou judeu?!

Berthelot Hoche riu alto.

Batendo nas costas de Jacob, disse:

— Ora, meu amigo! Não seria isso que me faria deixar de trocar algumas palavras com você!

Ficando subitamente sério, acrescentou:

— Principalmente porque estou percebendo que o amigo precisa de ajuda... Eu não seria capaz de deixar de estender a mão a alguém simplesmente por professar uma religião diferente da minha!

Jacob olhou para seu interlocutor com desconfiança.

Ele já tivera diversas experiências e das mais desagradáveis com pessoas que se aproximavam parecendo cheias de boa vontade e que, no fundo queriam apenas arrumar uma maneira de explorá-lo e de persegui-lo ainda mais.

Percebendo o que ia pela mente do judeu, Berthelot voltou a sorrir e sugeriu:

— Vamos tomar mais um copo? Talvez lhe faça bem e ajude a me contar o que está acontecendo...

Pousando amistosamente a mão sobre o ombro esquerdo de Jacob, finalizou:

— Se eu souber de que está precisando, talvez possa ajudá-lo... E desinteressadamente, pode estar certo! Ficarei satisfeito se apenas me convidar a beber consigo...

Jacob suspirou.

Na realidade, o que ele mais estava precisando naquele momento, era de alguém que ouvisse suas lamúrias...

Não poderia contar com os outros judeus pois estes — todos os outros judeus de Paris — o conheciam muito bem e dele não gostavam pois, além de jamais freqüentar a sinagoga, desprezara a mão de Sarah Steiner dizendo abertamente que os pais da moça quiseram forçar o casamento unicamente por estarem falidos e por terem tomado conhecimento do quanto ele possuía... Não poderia encontrar qualquer receptividade entre os não-judeus por razões óbvias: havia o nazismo, havia o colaboracionismo, havia a discriminação com pessoas espalhando boatos dando conta de que os judeus ricos como ele, estavam deixando a França e levando em suas bagagens verdadeiras fortunas em ouro, platina e diamantes.

Fortunas que estariam fazendo muita falta para a França no que dizia respeito aos preparativos para a guerra, um mal que naquela ocasião já dava mostras de ser inevitável.

Jacob ergueu os olhos do fundo de seu copo e fitou longamente o homem que estava ali, ao seu lado, insistindo num relacionamento, em uma troca de palavras e de confidências.

Pareceu-lhe que Berthelot era digno de confiança.

Pelo menos, era um total desconhecido e depois, após aquele dia, as possibilidades de voltar a encontrá-lo seriam mínimas.

Assim, não havia nada de mal em abrir a alma com ele.

Com um menear desalentado da cabeça, Jacob falou:

— Talvez tenha razão... Lavar a alma pode ser que sirva como um bom remédio para mim...

Sorriu, estendeu a mão direita para Berthelot e se apresentou:

— Sou Jacob... Jacob Fleitcher. E acho que vou gostar muito de lhe oferecer uma bebida...

Berthelot sorriu, por sua vez e, depois de sacudir vigorosamente a mão de Jacob, murmurou:

— Está certo... Mas você precisa me contar o que está acontecendo... Sem saber das coisas, não me será possível nem mesmo tentar ajudá-lo!

O judeu fez um sinal afirmativo com a cabeça e, chamando o garçom, mandou-o trazer mais um copo de conhaque, enquanto dizia:

— Acho que hoje tive muitos motivos para ficar aborrecido...

O garçom trouxe as bebidas e Jacob, depois que ele se afastou, prosseguiu:

— Não creio que meu dinheiro seja diferente do dinheiro que os outros trazem nos bolsos...

Voltando a encarar Berthelot, perguntou:

— Ou será que é diferente pelo fato de eu ser judeu?

Berthelot deu de ombros e respondeu, em voz baixa:

— O dinheiro é igual... E isso, no mundo inteiro! As pessoas é que são diferentes...

\*\*\*\*\*

Jacob olhou com raiva para Berthelot e este, com um sorriso apaziguador, apressou-se em dizer:

— Mas eu, por exemplo, não sou ninguém para julgar as pessoas. Não vejo porque tratar um homem de maneira diferente só por causa de sua religião, de sua nacionalidade ou cor...

Muito sério, Jacob murmurou:

— Espero que esteja falando a verdade... Não sou bem exatamente o tipo de indivíduo que aceita brincadeiras, sabia?

Assim dizendo, Jacob olhou para Berthelot e este chegou a sentir um frio na espinha tal era a intensidade daquele olhar.

Com um sorriso sem graça, Berthelot indagou:

— Mas o que aconteceu para deixá-lo assim tão revoltado e tão amargo? Foi mandado embora do emprego só porque é judeu?

Antes que Jacob pudesse responder, Berthelot explicou:

— Têm feito isso, ultimamente... Nós, franceses, parecemos não perceber que os judeus que aqui estão são tão franceses quanto qualquer um que tenha nascido à sombra da Notre Dame!

Jacob riu alto, um riso típico daqueles que já estão começando a se deixar dominar pelo álcool e, depois de tossir um pouco, engasgado com a própria risada, falou:

— Não tenho esse problema, meu amigo... Não tenho patrão para me despedir. Sou dono de meu próprio nariz, tenho uma joalheria perto do Quai des Offèvres...

— Então — disse Berthelot — você não tem muito do que se queixar... Os joalheiros ainda estão ganhando muito com as pessoas querendo transformar jóias em dinheiro antes que a guerra estoure! Vocês poderão fazer bons negócios e enriquecer ainda mais!

— Não estou me queixando — admitiu Jacob — Pelo menos não estou dizendo nada a respeito de dinheiro...

Sem deixar que Berthelot o interrompesse, o judeu continuou:

— Minha revolta é por causa dessa discriminação...

Baixando um pouco a voz, Jacob completou:

— Hoje fui expulso de um bordel... Imagine uma coisa dessas! Ser expulso de um bordel unicamente pelo fato de ser judeu!

Berthelot olhou surpreso para o outro e, depois de alguns instantes, enquanto Jacob tomava mais um gole de conhaque, ele disse, com ar de reprovação:

— Mas também... A troco de quê você teve que dizer que é um judeu?

Com um sorriso, arrematou:

— Na realidade, você não tem aspecto de judeu... Poderia passar perfeitamente por um irlandês...

Jacob balançou a cabeça negativamente e murmurou:

— Os irlandeses não são circuncidados, meu amigo... Fui descoberto pela mulher que deveria ir para a cama comigo... E no instante em que tirei as calças!

Berthelot teve que se esforçar para não rir e Jacob prosseguiu:

— Foi uma humilhação... Eu não poderia adivinhar que aquela maldita era germanófila! E ela saiu pelo corredor gritando que não se deitaria comigo pois não queria se contaminar!

Apertando muito os olhos, ele finalizou:

— Tive vontade de matá-la... De apertar seu pescoço com as mãos até ver seus olhos saltarem para fora das órbitas!

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns instantes e Jacob, já bastante embriagado, serviu mais conhaque em ambos os copos, dizendo:

— Eu seria capaz de dar uma mala de dinheiro por uma mulher... Mas por uma mulher que se decidisse a ficar comigo, que fosse só minha...

— Você está querendo dizer por uma esposa? — indagou Berthelot, mal acreditando no que ouvia, achando que estava sonhando pois o que aquele judeu estava querendo era justamente o que ele estava querendo arrumar para sua filha — Se é assim, porque não se casa com alguém de sua religião?

Jacob olhou torvamente para seu interlocutor e respondeu:

— Não quero uma judia... Na realidade, eu não me considero muito judeu, não sou um homem religioso e não conseguiria suportar um casamento em que tudo é feito com base em fundamentos bíblicos, em ordens e determinações dos rabinos... Quero uma mulher comum, que não esteja interessada em papéis, em normas litúrgicas, em coisas desse gênero. Quero alguém que não sinta a necessidade de se fundamentar num deus para sentir a felicidade.

Soltou uma gargalhada e encerrou:

— O meu deus é o dinheiro, amigo... Preciso de uma mulher que também pense assim e que saiba prestar a esse deus a sua merecida devoção... Que saiba amá-lo ao invés de gastá-lo!

Berthelot ficou calado, pensativo...

Talvez as coisas começassem a melhorar...

Aquele judeu era simpático, parecia ser saudável e, o que era melhor, parecia estar nadando em dinheiro...

E havia sua filha...

Uma moça bonita e que, se continuasse ali, naquela casa e com aquela mãe, muito provavelmente acabaria indo parar no bordel de Mariette...

Não... Ele não queria isso para a filha. Afinal, aquela menina tinha crescido ao seu lado e, no início, enquanto ela ainda era bem pequena, tinha sido ele quem trocara suas fraldas

enquanto Judith perambulava pelas ruas à caça de... *clientes*. Berthelot não gostaria que ela viesse a sofrer ainda mais e, além disso, se a filha se ajeitasse na vida, com certeza, haveria

de ter uma ou outra sobra que ele poderia abocanhar...

Fitando Jacob com intensidade, ele murmurou:

— Acho que tenho a mulher adequada para você, Jacob... E, se é verdade o que me falou a respeito do dinheiro...

Jacob ergueu do copo os olhos baços e, com a voz já bastante embotada pelo álcool, disse:

— É verdade... Poderei lhe dar o dinheiro necessário para você comprar uma casa...

Com um sorriso canalha, acrescentou:

— Mas, é claro que eu precisarei gostar da mulher...

Berthelot olhou o relógio e, vendo que ainda não era meia-noite, falou:

— Se nós nos apressarmos, poderei levar-lhe uma pessoa que, aposto, você jamais trocará por outra enquanto for vivo...

Jacob balançou pesadamente a cabeça e resmungou:

— Está certo... Vou lhe dar meu endereço... Esteja lá antes de duas horas da madrugada... Estarei com o dinheiro à sua espera.

\*\*\*\*\*

Berthelot nem sequer se deu o trabalho de verificar se o endereço fornecido por Jacob era verdadeiro ou não. Segundo o que já conhecia de homens embriagados, a possibilidade de um deles dizer uma mentira quando sob os efeitos do álcool eram muito pequenas. Os bêbados podem até tentar mentir mas dificilmente o conseguem fazer de maneira convincente... Talvez seja nessa assertiva que tenha origem o dito popular de que não se deve confiar em quem não bebe.

Com essas idéias na cabeça e já pensando na soma que haveria de receber, Berthelot voltou para casa.

O mais difícil, imaginava ele, seria convencer a filha...

Ela ainda era bastante infantil e, até onde Berthelot sabia, não tinha qualquer experiência com essa faceta da vida.

Era mais do que claro que não era uma inocente ingênua...

Bastava ver como era sua mãe para se chegar à conclusão de que a moça já ouvira falar — pelo menos ouvira falar — de tudo quanto se deve fazer para atrair um homem...

— Ora! — exclamou, em voz alta, quando chegou à esquina da Rue de la Huchette — Estou me preocupando à toa! Ela é suficientemente inteligente para saber que esse homem poderá lhe dar uma vida bem melhor do que esta que está levando aqui... Basta que saiba como fazer as coisas!

Respirou fundo e, apressando o passo, murmurou:

— Talvez não seja muito bonito tudo isso... Mas é a melhor maneira de conseguir a minha liberdade! Com dinheiro na mão e sem ter que me preocupar com minha filha, poderei ir embora, poderei deixar Judith em definitivo e nunca mais terei que tolerar seus desaforos e suas humilhações!

Chegou à porta de sua casa e, cauteloso, procurou espreitar em seu interior colando o ouvido ao buraco da fechadura, para tentar escutar se sua mulher não estaria, por acaso, na sala, bebendo com um de seus *clientes*.

Não ouviu qualquer ruído e, criando coragem, girou a maçaneta.

A sala estava deserta.

Berthelot caminhou nas pontas dos pés pelo pequeno cômodo e foi abrir a porta do quarto da filha.

Esta, dona de um sono muito leve desde pequena, acordou sobressaltada e fixou seus grandes olhos azuis no pai.

— Levante-se — disse este — Arrumei uma vida bem melhor para você.

Tomou fôlego e arrematou:

— Há um homem desesperado atrás de uma esposa. Um homem rico... Você poderá ser feliz e não precisará mais viver num antro como este.

Com um sorriso sem jeito, acrescentou:

— E eu, de minha parte, também poderei encontrar a minha felicidade...

A moça ficou imóvel por um instante, a boca entreaberta, olhando para Berthelot.

Depois, num salto, saiu da cama e vestiu-se, enquanto dizia:

— Acho que alguém ouviu minhas orações, papai... Eu ia fugir amanhã de manhã...

Berthelot franziu as sobrancelhas.

— Porque diz isso, minha filha? — indagou.

— Amanhã à noite, eu deveria começar a trabalhar para Mariette... — respondeu ela — E deveria entregar todo o dinheiro para mamãe...

Berthelot fez uma careta de desagrado e murmurou:

Você tem sorte... E sua mãe é mesmo uma desgraçada...

Vendo que a filha já estava arrumada, disse:

— Vamos! Não podemos correr o risco de sua mãe chegar e nos encontrar aqui...

— Ela não vai chegar — respondeu a moça — Ela está aí dentro, no quarto, com dois carregadores do mercado...

Berthelot respirou fundo e, pousando a mão no ombro da filha, falou:



— Bem, querida... Isso acabou... Não pense mais nessas coisas, esqueça que um dia teve essa vida, esqueça que teve essa mulher como mãe...Faça tudo bem direito e bem corretamente que você terá todas as chances de ser feliz!

\*\*\*\*\*

Quando Judith abriu a porta do quarto para que seus dois fregueses saíssem, teve a surpresa de encontrar Berthelot sentado na sala, acordado e sóbrio, olhando fixamente para ela.

Os dois homens, um bocado sem jeito e bastante assustados, imaginando que Berthelot pudesse ter um acesso de fúria e cometer um desatino, trataram de dar o fora dali o mais depressa possível.

Tentando ser zombeteira, Judith indagou:

— Mas o que está fazendo aqui? Será possível que nem sequer me deixa trabalhar em paz?

E, sentindo crescer a raiva dentro do peito, acrescentou:

— Não percebe que isso faz com que eu perca clientes? Será que não vê que pode espantá-los?

Berthelot sorriu e, pondo-se de pé, disse:

— Não quero brigar com você, Judith... Vim aqui apenas para buscar minhas roupas... E, para não atrapalhar, esperei que seus... *clientes...* saíssem.

Separando bem as sílabas, completou:

— Não precisarei mais suportar sua cara, seu mau gênio e, o que é mais importante, as suas humilhações.

Judith deu uma risada.

— Não me diga! — exclamou — Você não poderia estar me dando uma notícia melhor!

Apertando um pouco os olhos, ela perguntou:

— E como é que pretende se sustentar? Estou enganada ou encontrou uma outra idiota que se venda para lhe por comida no prato?

— Não encontrei idiota nenhuma — respondeu friamente Berthelot — Não encontrei nenhuma idiota que se venda por mim ou que venda a própria filha!

Judith fez desaparecer o sorriso de seu rosto e, depois de encarar o marido por um bom momento, rosnou:

— Quando o homem que se tem em casa é um ordinário como você, não restam muitos caminhos...

Antes que Berthelot pudesse contestar, ela falou:

— Mas pode estar certo de que sua filha está muito satisfeita... Ela sabe bem que qualquer coisa é melhor do que...

— Ela não precisará mais seguir os passos de sua mãe — cortou Berthelot — É isso, graças a mim!

Judith olhou atônita para o marido e, só então, percebeu que a porta do quarto da moça estava aberta e que ela não mais se encontrava ali.

— Jeanne! — exclamou ela — Onde está Jeanne?! O que é que você fez para ela, miserável?!

— Não fiz mais do que a minha obrigação de pai... Arrumei-lhe um marido.

Com uma risada, arrematou:

— Fui um pouco diferente de você, rameira... Você apenas arrumou para nossa filha um lugar no prostíbulo! O lugar que você não pode ter pois está velha e acabada demais para isso!

Da garganta de Judith saiu um som que se assemelhava ao rugido de uma fera...

Com as unhas em riste, ela atacou.

— Maldito! — gritou — Mil vezes maldito!

Berthelot sabia-se bem mais frágil que a esposa. Estava perfeitamente consciente que jamais conseguiria segurá-la, que jamais conseguiria impedi-la de feri-lo no rosto com aquelas unhas afiadas que mais pareciam as garras de uma coruja.

Assim, não teve outra alternativa senão enfiar um soco no meio do rosto da mulher...

Colhida no nariz, mais pela surpresa do que pela potência do golpe, Judith jogou a cabeça para trás.

Teve azar...

Perdeu o equilíbrio, escorregou nos farrapos de um tapete que estava no chão e caiu.

Bem que Berthelot ainda tentou impedir, ainda tentou segurá-la, pelo menos puxá-la um pouco para a frente.

Porém, sua força física deixava muito a desejar...

Ele não conseguiu nada a não ser cair por cima dela e, justamente por isso, por estar com a cabeça quase colada à de Judith, ele pode escutar com nitidez o som macabro de ossos

quebrando, um som que parecia o de um pote ao se rachar, quando a mulher bateu com a parte de trás da cabeça na maçaneta da porta.

Judith escorregou para o chão, os olhos revirando nas órbitas, o sangue escorrendo de seus ouvidos.

Ela ainda respirou uma ou duas vezes com muita dificuldade e ficou imóvel.

Berthelot não precisou fazer nada para saber que ela estava morta. Bastava ver o aspecto vítreo de seus olhos, o peito paralisado, o busto imóvel, sem o subir e descer da respiração.

— Meu Deus! — exclamou o homem — Eu a matei!

No mesmo instante, passou por sua mente a possibilidade de ir para a cadeia, de não poder aproveitar o dinheiro que Jacob lhe tinha dado com um imenso sorriso de satisfação ao ver Jeanne à sua frente.

— Não serei preso! — gemeu Berthelot, desesperado — Não posso ser preso!

Saiu correndo de casa e, por azar, esbarrou num policial que voltava naquele preciso instante de algumas horas divertidas no Panier Fleuri.

— Ei! — exclamou ele — Onde vai com tanta pressa, Berthelot?

Berthelot não respondeu.

Em pânico, correu rua abaixo, entrou na Rue du Chat qui Pêche e, tentando olhar para trás ao mesmo tempo em que corria, viu que o policial, estranhando sua atitude, tratava de

persegui-lo.

Apressou-se.

Viu chegar a margem do Sena, viu a pequena mureta do cais e, achando que seria essa sua salvação, saltou.

Sabia que atrás da mureta havia uma estreita faixa de areia e era por ali, longe da vista do policial, que ele tencionava fugir.

Porém, Berthelot não podia imaginar que ali, bem no lugar onde caíra, alguém deixara um resto de grade de ferro, em pé e com as aguçadas lanças apontadas para cima.

Berthelot sentiu os ferros varando-lhe as carnes...

Sentiu, de repente um ardor em suas entranhas e, logo em seguida uma intensa falta de ar.

Quis tossir, quis se debater, quis gritar...

Porém nada conseguiu fazer.

O sangue, esvaindo-se rapidamente por quatro grandes ferimentos na barriga e no peito, formou uma poça junto à grade e esta foi a última imagem que Berthelot teve deste mundo que tão cruelmente o havia tratado.

Quando o policial que perseguia Berthelot, mais para saber o que o havia assustado tanto do que para prendê-lo, se aproximou, ele já não mais pertencia ao rol dos seres vivos...

Com asco — afinal não estava acostumado àquelas cenas de violência e sangue — o policial olhou para o cadáver.

— Meu Deus! — murmurou, vendo todas as cédulas que apareciam no bolso do paletó de Berthelot — Onde é que ele conseguiu esta fortuna?!

Olhou para os lados. Não havia ninguém na rua àquela hora.

Ninguém jamais perceberia o que ele estava para fazer..

Rapidamente, o policial apanhou o bolo de dinheiro, meteu-o dentro da túnica e, só depois de tornar a abotoá-la é que pegou seu apito e começou a soprar, chamando a atenção dos moradores da pacata e tranquila Rue de la Huchette.

Viu que pessoas se aproximavam, algumas ainda em trajes de dormir, avistou o seu colega de plantão no posto policial e, cambaleando como se estivesse sentindo tonturas por causa da visão do sangue, ele se afastou dali, dizendo:

— Preciso tomar alguma coisa... Detesto sangue! Detesto esse tipo de coisa!

## CAPÍTULO 2

A cabeça lhe doía ao menor movimento e, quando Jacob tentou mudar de posição na cama, sentiu tonturas, parecendo que o mundo inteiro estava se mexendo.

Aos poucos, as imagens do que acontecera na véspera foram se formando em sua mente e, mais uma vez, sentiu uma raiva surda invadir sua alma.

Lembrou-se dos dois gorilas pondo-o para fora do bordel, pareceu-lhe ouvir, ainda, os gritos da mulher dizendo que ele era mais um dos muitos judeus nojentos que estavam fazendo a França ir à falência...

E, então, ele sentiu o aroma de pão torrado, escutou o barulho de panelas na cozinha.

Franziu as sobrancelhas, intrigado, murmurando:

— Mas... Que diabo...? Estou sozinho em casa! Quem será que está fazendo torradas?

Tentou erguer a cabeça do travesseiro mas a dor voltou, implacável e avassaladora, fazendo-o desistir da idéia com um gemido cheio de sofrimento.

Nesse instante, ele viu surgir, à porta do quarto, aquela moça.

Era muito bonita, não teria mais que dezesseis ou dezessete anos de idade e estava sorrindo para ele, trazendo nas mãos uma bandeja com o desjejum.

— Bom dia! — exclamou ela, alegre — Está melhor?

E, com uma expressão maliciosa, acrescentou:

— Acho que você se excedeu um pouco na bebida, não é mesmo?

Jacob não respondeu.

Limitou-se a olhar espantado para ela, tentando encontrar uma explicação para a sua presença ali.

Sim...

Ela era lindíssima... Possuía olhos muito azuis, os cabelos bem ruivos emoldurando um sorriso que mostrava alguma coisa de misterioso, de terrivelmente encantador. Seu corpo, que ele podia adivinhar sob uma de suas camisas, era bem feito, cheio e generoso e as pernas nuas, muito bem torneadas, a pele lisa e, já aos olhos, macia e quente.

O fato de a moça estar usando à guisa de robe-de-chambre, uma de suas camisas, era mais do que significativo...

Com sacrifício, pois mover a cabeça era algo muito doloroso, Jacob olhou para o lado direito de sua cama.

Não teve qualquer dificuldade em constatar que ela dormira ali, ao seu lado.

O problema estava em Jacob não conseguir lembrar de nada, em não conseguir localizar em seu cérebro ainda embotado pelas muitas doses de conhaque, os acontecimentos da noite anterior.

Não conseguia recordar, por exemplo, de onde ele trouxera aquela moça, de que maneira ela surgira em sua vida.

Era mais do que evidente que não tinha sido de um bordel... Jacob podia não ser dos homens mais experientes em matéria de mulheres, de bordéis e de prostituição, mas tinha conhecimento bastante sobre esse assunto para saber que aquela moça não era uma qualquer... Pelo menos, não tinha o aspecto vulgar das meretrizes que deixavam as casas de tolerância no final da noite para passar algumas horas na cama de algum freguês.

— De onde surgiu você? — perguntou, por fim.

Jeanne sorriu e, sentando-se ao seu lado, na cama, colocou a bandeja sobre os joelhos.

Inclinou-se um pouco para poder servir o chá e esse movimento permitiu a Jacob ver pela abertura da camisa, os seios da moça, jovens, firmes, fartos, os mamilos rosados pontudos, quase que forçando o tecido, parecendo ansiar por liberdade.

— Não se lembra? — perguntou ela.

aceitou uma torrada em que ela passara manteiga e geléia e murmurou:

— Não... Não consigo me lembrar de nada, a não ser daquela cena deprimente...

Mordeu a torrada e, com a boca cheia, completou:

— Quando me expulsaram do bordel...

Jeanne balançou afirmativamente a cabeça e disse, enquanto acariciava os cabelos de Jacob:

— Eu soube... Papai me contou o que lhe aconteceu.

Com um sorriso carinhoso, falou:

— Mas não deve se preocupar... Você não terá mais necessidade de procurar esse tipo de mulher. Estarei aqui, ao seu lado, a partir de hoje...

Então, Jacob lembrou.

Aquele homem tinha cumprido sua promessa! Tinha trazido a moça!

Abriu a gaveta do criado-mudo e constatou que o dinheiro que ali tinha guardado, desaparecera. \_ \_

— Você o deu para papai — falou Jeanne com um timbre de preocupação em sua voz — Ninguém o roubou, posso garantir!

Jacob pegou outra torrada, tomou um gole de chá e sorriu.

— Tenho certeza disso, moça — disse ele.

Olhando intensamente para ela, acrescentou:

— E algo me diz que eu não vou me arrepender desse investimento.

Mais aliviada, Jeanne murmurou:

— Do que depender de mim, fique tranqüilo... Hei de fazer tudo para satisfazê-lo...

Assim dizendo, ela se inclinou um pouco mais e pousou os lábios sobre a testa de Jacob.

Os dois ficaram calados por alguns instantes e, depois de mais um gole de chá, o homem perguntou:

— Já estive com outros...?

Jeanne sacudiu negativamente a cabeça e respondeu:

— Não... Ainda não estive com homem nenhum.

Maliciosa, completou:

— Nem mesmo com você... Depois que papai foi embora, você dormiu de imediato, parecia até que tinha desmaiado!

Jacob tirou a bandeja do colo de Jeanne e, puxando-a para si, falou:

— Acho que esta madrugada eu poderia ter sido assassinado que nem sequer perceberia a morte chegar...

Acariciou os cabelos muito vermelhos da moça e disse:

— Mas hoje, as coisas serão diferentes, querida... Muito diferentes!

Percebendo que Jeanne ficava subitamente rija em seus braços, Jacob sorriu, sussurrando em seu ouvido:

— Mas não se preocupe... Sei que esta será a sua primeira vez e sei que é preciso ir devagar... Saberei ser paciente e delicado, querida...

Beijou-a e arrematou:

— No mínimo, preciso tomar cuidado com o meu investimento, não é verdade?

Jeanne fechou os olhos enquanto as mãos de Jacob percorriam seu corpo provocando-lhe um delicioso arrepio.

Sim...

Tudo indicava que ela tivera sorte. Muita sorte, na realidade... Já ouvira muitas histórias de outras moças que tinham esbarrado, na sua primeira noite de amor, com homens rudes, verdadeiras cavalgadas, egoístas a ponto de não pensarem um só instante que aquilo, o amor carnal, é um ato para ser praticado a dois e que a satisfação só existe quando ambos os parceiros conseguem sentir prazer...

Viu Jacob se levantar, avaliando-o com frieza.

Não poderia dizer que ele era um homem bonito. Aliás, bem ao contrário, Jacob estava muito longe de ser ao menos parecido com os príncipes encantados que povoavam seus sonhos de adolescente.

De mais a mais, ele era judeu...

Não que Jeanne tivesse alguma coisa contra os judeus. Isso, de maneira nenhuma! Jeanne não via qualquer diferença numa pessoa simplesmente por causa de sua religião, cor ou raça. Ela apenas sabia que os judeus não eram queridos, sabia que eles estavam sendo vítimas de perseguições e isso sim, a incomodava

Mas...

Jacob era um homem.

Um homem com os bolsos cheios de dinheiro e que poderia muito bem protegê-la, pelo menos evitar que ela tivesse de ir para um bordel onde, com certeza, não teria a menor possibilidade de ser feliz. Jacob a sustentaria, faria com que ela não tivesse de levar o mesmo tipo de vida de sua mãe, obrigada a se deitar cada noite com um homem diferente e isso, quando não era com vários, para poder ter o dinheiro para a sobrevivência.

Sim...

Ela faria de tudo para conservar aquele homem. Faria de tudo para aprender até mesmo a amá-lo e a desejá-lo...

— Você não terá queixas de mim, Jacob — disse ela, ajudando-o a se vestir — Verá que sou perfeitamente capaz de ser a esposa ideal, aquela companheira com quem você sempre sonhou, mesmo sem o saber...

\*\*\*\*\*

Jacob saiu de casa perto de dez horas da manhã, preocupado com o fato de estar tão atrasado e, por isso, mal teve tempo de conversar com Jeanne.

Não me espere para o almoço — disse ele ao se despedir — Mas em compensação, teremos muito tempo à noite...

Jeanne beijou-o delicadamente, desejou-lhe um bom dia de trabalho e ficou vendo o homem, o seu homem, se afastar em passos apressados rumo a St. Germain.

Uma vez sozinha, ela resolveu assumir, em definitivo a posição de dona-de-casa, atividade em que ela estava bem treinada já que Judith, sua mãe, dificilmente acordava antes de meio-dia e seu pai jamais se propusera a ajudar em alguma coisa no serviço doméstico.

Olhou ao redor de si.

A casa de Jacob era grande, até mesmo grande demais para uma pessoa sozinha. Confortável, possuía uma sala ampla, com móveis de gosto duvidoso e que mostravam terem sido comprados em lojas de segunda mão. Porém, por mais feios e anti-estéticos que fossem aquelas poltronas, mesinhas e mais um milhão de pequenos objetos que se encontravam espalhados pelo ambiente, eram muito melhores do que os cacos com que fora obrigada a conviver na casa de seus pais.

Assim, com cuidado e carinho, ela começou a limpar o pó dos móveis, a varrer o chão e a limpar as vidraças das janelas.

Contrariamente ao que sentia em sua casa quando tinha de fazer esse mesmo tipo de serviço, ela estava feliz, cheia de boa vontade e de animação.

Sorriu consigo mesma, constatando que estava assim pura e simplesmente por já considerar aquela casa como sendo sua e aquele homem que saía para o trabalho, como sendo o seu

marido... O que era muito diferente de ser obrigada a realizar o trabalho doméstico para seus pais que, no fundo, não estavam nem um pouco preocupados com a sua felicidade.

Por um momento, Jeanne pensou que estava sendo injusta para com o pai. Afinal de contas, tinha sido ele quem arranjara as coisas de maneira a ela poder ter um horizonte novo, a esperança de uma vida melhor. Porém, raciocinando mais friamente, chegou à conclusão que seu pai só tivera aquela atitude por causa do dinheiro que Jacob lhe dera... Em seu íntimo, Jeanne sabia muito bem que, se não fosse por isso, ele jamais teria movido uma só

palha para defendê-la e até acharia muito bom que ela estivesse trabalhando com Mariette pois assim, haveria mais francos para gastar com bebidas, outras mulheres e com o jogo...

Suspirou, pensando:

— Mas isso acabou! Agora, se eu quiser ser feliz, se eu quiser ter uma vida calma e confortável, não precisarei depender de mais ninguém, apenas de mim mesma!

Seu estômago se contraiu quando lembrou que à noite, teria de enfrentar a realidade decorrente do fato de ser mulher e de estar ao lado de um homem...

De um estranho...

Com uma ponta de medo, Jeanne murmurou:

— Sim... Jacob pode estar sendo carinhoso e delicado... Mas será que ele vai ser assim o tempo todo? Será que ele não vai acabar se transformando em uma pessoa egoísta e que queira apenas uma mulher para satisfazer seus desejos e realizar os trabalhos de casa?

\*\*\*\*\*

Enquanto Jeanne se desincumbia da limpeza e começava a tomar consciência de que aquela casa seria a partir daquela data o seu reinado e ao mesmo tempo se deixava corroer pelo medo do que iria acontecer logo mais à noite, Jacob também tinha suas preocupações.

Em primeiro lugar, na verdade, ele não tinha planejado nada daquilo.

Tinha ido, na véspera, a um bordel, tinha sido maltratado e humilhado... Por causa disso, bebera demais e, em sua bebedeira, dissera coisas a um estranho.

Coisas que, de repente, tiveram o dom de modificar radicalmente sua vida, tiveram a faculdade de transformar o seu cotidiano de celibatário, no de um homem casado.

E era justamente isso que o estava pondo nervoso e apavorado. Se, com quase quarenta anos de idade ele ainda não havia se decidido a casar, como poderia se acostumar com o convívio, com a partilha de seu dia-a-dia, de sua vida, com uma mulher que nem sequer conhecia? E, o que era mais grave, com uma mulher que teria idade para ser, no máximo, sua filha?!

Jacob estava cansado de ouvir histórias de seus amigos, de outros homens que tinham passado pela experiência de desposar uma mulher muito mais jovem. Todas as histórias tinham acabado mal, com a mulher traindo o homem, com o homem se desesperando por não conseguir acompanhar o ritmo cheio de energia e de desejo da jovem companheira...

— Isso não vai acontecer comigo — murmurou Jacob — Pelo menos nessa parte, sei que sou perfeitamente capaz de satisfazer qualquer mulher!

Mas...

Jacob não pode deixar de pensar que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde... A impotência aconteceria, a idade chegaria, tão implacável para ele quanto para qualquer outro homem e, então, Jeanne, ainda cheia de vida, cheia de energia e ardor, teria de procurar a satisfação nos braços de outro, mais jovem, ainda capaz de lhe proporcionar aquilo que ele não mais estaria conseguindo.

Sacudiu a cabeça procurando afastar de si tais idéias e, com o pensamento longe, rebelde, tentou se dedicar mais uma vez às contas que estava fazendo.

Logo percebeu que seria impossível. Não conseguia se concentrar no trabalho, chegando mesmo a ver diante de si a imagem de Jeanne vestida com sua camisa, os seios aparecendo, as pernas muito brancas e bem modeladas ali, ao alcance de suas mãos...

Novamente, procurou pensar em outras coisas, procurou desesperadamente empurrar Jeanne para fora de sua mente, buscando uma desculpa para voltar atrás, para retornar ao seu estado de solteiro.

— Nem vou me incomodar com o dinheiro que dei para seu pai — murmurou — Acho que cometi um erro e devo pagar por ele... Mas o erro será muitas vezes maior se eu insistir!

Apertou os lábios, tomando uma decisão.

Ainda não acontecera nada com a moça, ele não a deflorara... Seria até natural que a devolvesse, dizendo para seu pai que não raciocinara direito na véspera, que estava embriagado e que, por isso...

Lembrou-se que Berthelot, no momento em que saíra para ir buscar a filha, dissera que residia na Rue de la Huchette.

Não é longe daqui — pensou — Irei até lá, agora mesmo!

Fechou a loja e, em passos apressados, rumou para a Rue de la Huchette, já ensaiando o que diria para Berthelot, disposto até mesmo a desembolsar mais algum dinheiro só para readquirir a liberdade que estava em vias de perder.

Levou um susto quando chegou ao endereço que procurava. Havia uma verdadeira multidão à porta da casa e vários policiais se acotovelavam com as pessoas, esforçando-se para deixar livre a passagem.

— O que aconteceu? — perguntou a alguém, muito embora já desconfiasse que uma desgraça tinha ocorrido — Por que esse alvoroço todo?

— Foi um crime — respondeu o inquirido — Marido e mulher brigaram, ele a matou e, depois, atirou-se do cais, espetando-se numa grade...

Com medo, não querendo acreditar que estava vivendo aquele momento, Jacob indagou:

— E quem eram, esses infelizes?

— O casal Hoche — responderam-lhe — Berthelot e Judith Hoche... E o interessante é que ninguém encontra a filha deles!

Jacob sentiu uma pontada no estômago.

Uma pontada que se transformou rapidamente em angústia quando alguém disse:

— Pobre moça! Deve ter fugido, desesperada, quando viu o que aconteceu! E agora, ela está absolutamente sozinha, sem ninguém no mundo que a ampare!

Procurando disfarçar da melhor maneira possível o que lhe ia pela alma, Jacob se misturou com as outras pessoas e voltou para casa.

Teria de dar a notícia para Jeanne e teria de procurar resolver com ela aquela situação. — Não vai ser fácil — murmurou — E Jeanne vai se sentir a mais desgraçada de todas as pessoas do mundo quando eu lhe disser que não a quero em casa...

\*\*\*\*\*

Jeanne estava com um pano amarrado à cabeça, uma vassoura nas mãos e um sorriso feliz ao ver Jacob voltar tão cedo para casa.  
— O que aconteceu, querido? — indagou ela, esforçando-se para dar à sua voz uma entonação de naturalidade, como se já estivessem juntos havia vários anos e, naquele dia, o marido tivesse resolvido voltar do trabalho muito antes da hora habitual.

Jacob não sorriu.

Olhou intensamente para a moça, seus pensamentos num intenso conflito, sua alma num terrível dilema.

Não estava esperando encontrá-la vestida daquela maneira, como se não fosse mais do que uma faxineira, não imaginava que ela fosse capaz de assumir tão rapidamente o papel

de dona-de-casa e isso estava fazendo com que suas idéias se desencontrassem, estava fazendo com que ele inteiro se debatesse em busca de uma resposta sobre o que deveria fazer.

A jovem, percebendo pelo olhar de Jacob que alguma coisa não estava indo bem, cheia de preocupação, repetiu a pergunta:

— O que aconteceu? Porque está com essa cara?

Jacob respirou fundo e, deixando-se cair em uma das poltronas da sala, respondeu:

— Tenho uma péssima notícia para lhe dar, Jeanne...\_É melhor você se sentar para ouvi-la.

Jeanne estava trêmula quando, desprezando a poltrona ao lado de Jacob, foi se aninhar sobre seus joelhos, dizendo, com voz insegura:

— Só há uma notícia ruim que você pode me dar, querido... E é você não me querer mais aqui...

Jacob sacudiu negativamente a cabeça e, vendo que os olhos de Jeanne se enchiam de lágrimas, murmurou:

— Não se trata disso, mocinha... Creio que a coisa é muito pior do que isso...

Lentamente, com todo o cuidado, procurando escolher bem as palavras e criando a cada uma delas mais um pouco de coragem para continuar, Jacob disse para Jeanne o que acontecera...

Quando ele terminou, ficou surpreso ao ver que nenhuma lágrima escorrera de seus olhos.

Bem ao contrário, ela parara de tremer e, com voz firme, perguntou:

— E o que você tinha ido fazer em minha casa?

Por um instante, Jacob se viu tentado a responder que ele lá tinha ido para tratar com Berthelot de sua devolução. Da devolução de Jeanne como se ela não fosse mais do que uma mercadoria qualquer, que se compra e que se vende, que se devolve quando não se está satisfeito.

Porém, ele não teve coragem para tanto.

Sua voz ficou presa, ele não conseguiu pronunciar uma só palavra e Jeanne, com um sorriso assustadoramente frio, disse:

— Como já lhe falei, a única notícia que poderia ser ruim, seria a de que você não me quer mais... Espero que não seja essa e é para ter certeza disso que eu preciso saber o que você foi fazer em minha casa...

Jacob respirou fundo.

Juntando toda a coragem que ainda lhe restava, ele conseguiu balbuciar:

— Queria agradecer a seu pai... Queria dizer para ele que lhe era muito grato por me ter trazido uma mulher tão...

A voz morreu em sua garganta.

Jeanne sorriu.

Parecia feliz, paradoxalmente feliz mesmo após toda aquela desgraça...

Cobriu os lábios de Jacob com um beijo, a língua se insinuando no interior de sua — Venha, querido — disse ela — Não vejo nenhum motivo para esperarmos a noite... Você já está aqui e acho que não devemos perder mais tempo, não é mesmo?

\*\*\*\*\*



Foi muito difícil para Jacob acreditar que Jeanne de fato era inexperiente. A moça parecia conhecer tudo sobre sexo, parecia estar simplesmente repetindo atitudes e gestos de que já tivesse amplo e vasto conhecimento.

Ela levou Jacob para a cama e, depois de beijá-lo mais uma vez, começou lentamente a desabotoar sua camisa enquanto pedia, com um sorriso malicioso nos lábios, que ele fosse compreensivo.

— Entenda, querido — disse ela em um sussurro — Para mim estará sendo a primeira vez... Por favor, dê-me um voto de confiança e não se decepcione... Pode estar certo de que eu

estarei dando o máximo de mim, estarei fazendo o possível e o impossível para satisfazê-lo completamente!

Jacob estava surpreso e assustado.

Não conseguia compreender muito bem como aquela moça, quase uma menina, ainda, conseguia ser tão fria em relação à morte de seus pais.

Concordava que ela poderia não amá-los... Afinal, pelo que pudera entender e pelo que ele chegara a ver na Rue de la Huchette, a vida de Jeanne jamais seria considerada um mar de

rosas, um oceano de felicidades... Porém, mesmo assim, tinha sido sua família que se destruíra! Seria de se esperar que ela ao menos derramasse algumas lágrimas... Mesmo que fingidas, mas seria o natural!

E, no entanto, o que estava acontecendo era justamente o contrário. Jeanne parecia estar mais feliz do que nunca, estava ali, agarrando-o, abraçando-o, mostrando que o desejava e parecia mesmo que enlouqueceria se ele não a satisfizesse!

Jacob ainda tentou perguntar para Jeanne se estava mesmo bem disposta, chegou a lhe dizer que detestava fingimentos e hipocrisias especialmente nessas horas... Mas a moça respondeu que jamais estivera tão bem e que o queria...

— Quero-o como nunca quis qualquer coisa em minha vida, Jacob! — exclamou ela — Quero que você me mostre como é ser uma verdadeira mulher, quero que você me ensine o caminho do prazer e da felicidade...

Jacob não discutiu mais...

Na verdade, não o conseguiria.

Jeanne acabou de desabotoar sua roupa e, com movimentos sedutores começou a se livrar do vestido que estava usando.

Soltou primeiramente as alças sobre os ombros, depois, virando-se de costas para Jacob, pediu-lhe que o desabotoasse.

Aquela altura, Jacob já estava excitadíssimo e a visão do corpo nu de Jeanne fez com que, definitivamente, ele perdesse o controle. Segurando-a pela cintura, enquanto desajeitadamente tentava fazer cair suas calças, ele a beijou.

Beijou-a primeiro na nuca, afastando-lhe os cabelos ruivos e, acariciando suas costas com a língua, foi descendo até chegar às nádegas de Jeanne.

A jovem sentiu medo, no começo... Já ouvira tanto a respeito da dor que as mulheres sentem quando da primeira penetração... Mas, logo em seguida, esse sentimento foi sendo substituído por um arrepio de prazer e ela passou a ansiar pela continuação daqueles carinhos, começou a desejar, de fato, que Jacob a possuísse..

Sim...

Era verdade o que lhe tinham dito...

Jeanne sentiu uma dor lancinante, como se estivesse sendo rasgada ao meio e, depois...

Depois, essa dor foi dando lugar a uma sensação agradável, a uma impressão de leveza que, aos poucos, foi se transformando em ansiedade...

Numa ansiedade que a moça não conseguia explicar, uma busca constante de alguma coisa a mais e que ela não conseguia atingir. Quando sentiu que Jacob se esvaziava em seu interior, Jeanne percebeu que ela, na verdade, não tinha alcançado o prazer.

Faltara alguma coisa... Faltara talvez muito pouco mas... Faltara. Ela não chegara lá.

Por alguns momentos, experimentou uma imensa frustração, teve a idéia de que não se completara e isso a deixava até com uma certa raiva de si mesma.

Chegou a pensar em comentar com Jacob mas, esperta, achou que valeria muito mais a pena ficar calada, amargar a sua decepção em silêncio.

Sabia, intuitivamente, que homem nenhum gosta de ouvir que não conseguira satisfazer a mulher.

— Se eu soubesse que era tão bom... — murmurou Jeanne, com um sorriso e abraçando Jacob.

— Se soubesse que era tão bom — falou ele, ofegante — já teria experimentado, não é mesmo?

Jeanne beijou-o sobre os lábios e sacudiu negativamente a cabeça, respondendo:

— Não... Eu teria esperado por você... Teria esperado pelo homem de minha vida, Jacob.

Muito séria, acrescentou:

— Nada acontece por acaso, querido... Se eu pude me manter virgem até agora, é por que o Destino sabia muito bem que eu tinha de ser sua, sabia que teria de ser você a me mostrar como o amor é feito, realmente...

Jacob sorriu...

Olhando intensamente para Jeanne, ele perguntou:

— Você jura que não vai me trair?

— Mas é claro que juro! — exclamou ela, com entonação de revolta em sua voz — O que está pensando que eu sou?!

Jacob não respondeu.

Beijou-a mais uma vez, cheio de paixão e novamente cheio de desejo e disse:

— Seja assim sempre, Jeanne... Seja assim e eu aposto como não vai ter motivos para se arrepender!

### **CAPÍTULO 3**

Jeanne não poderia se queixar. Jacob era delicado, dedicado, trabalhador e, ao contrário do que ela mesma esperava, não media esforços ou despesas para fazê-la feliz. Costumava dizer que um sorriso de Jeanne valia mais do que qualquer dinheiro do mundo e, assim, não vacilava em tirar a carteira para lhe comprar roupas, jóias ou simplesmente um doce que ela mostrasse desejo de comer.

Por sua vez, Jeanne era esperta. Tinha perfeita noção de limite e sabia quando poderia fazer

um beicinho de criança mimada que deseja alguma coisa e quando deveria dizer que não queria nada, que não queria significar despesas para Jacob.

— Estamos numa situação ruim, aqui na França — falava ela — vale mais a pena economizar, querido... Nunca se sabe o que vai acontecer amanhã...

Parecia até que Jeanne era muito mais velha do que seus dezessete anos de idade, aliás, recém-completados.

O óbvio aconteceu: Jacob passou a amar Jeanne e esta aprendeu a gostar de sua companhia, aprendeu a conhecê-lo muito bem e, dessa maneira, os dois tinham uma vida bastante agradável.

Do ponto de vista profissional, Jacob chegou a ficar surpreso quando percebeu que as coisas estavam indo até melhor do que antes, enquanto ele era um homem sozinho. Provavelmente, pelo fato de ter assumido mais responsabilidades, passara a trabalhar mais e a tomar mais cuidado com os negócios, temendo perder dinheiro, receando ser obrigado a fazer Jeanne passar qualquer espécie de necessidade.

Jacob estava consciente de que ela se tornara muitíssimo importante em sua vida. Só a comodidade de ter tudo em casa perfeitamente controlado pela companheira, já era uma maravilha. Porém, ainda mais do que isso, o fato de não mais precisar se sujeitar a humilhações

em bordéis e de não ter que correr o risco de ficar doente apenas para satisfazer seus anseios sexuais, já era mais do que motivo para que Jacob respeitasse e quisesse bem àquela moça.

Como se não bastasse, Jeanne estava mostrando que era capaz de ser a mulher dos sonhos de qualquer homem.

E isso, em todos os sentidos.

Ela fazia Jacob se sentir satisfeito sob todos os aspectos, quer domésticos, do ponto de vista da organização do lar, quer sob o aspecto meramente sexual...

Mas, se Jacob estava mais do que satisfeito, o mesmo não se dava com Jeanne.

Era bem verdade que ela não tinha o menor motivo para se queixar. Jacob supria as suas mínimas necessidades materiais e, em nenhum momento deixara de ser atencioso ou deixara de manifestar a paixão e o desejo que sentia por ela.

E era justamente aí que Jeanne não estava feliz...

No campo de batalha em que se transformava a cama do casal praticamente todas as noites, ela estava sendo derrotada. Jacob se esforçava, se desdobrava, bufava e gemia...

Não se poderia dizer que ele era inexperiente, incompetente ou o que quer que fosse. Muito pelo contrário, aliás.

Mas, apesar de todo o esforço de Jacob, Jeanne não conseguia atingir a plenitude do prazer.

Faltava sempre alguma coisa, parecia-lhe faltar vencer mais um ou dois degraus para que pudesse chegar ao êxtase, para que pudesse se sentir realizada e satisfeita.

E Jeanne não queria contar a Jacob esse seu problema.

Com o passar do tempo, ela foi se acostumando, foi achando que era assim mesmo e que as outras mulheres com quem conversava a respeito dessas coisas, mentiam ao descrever as sensações maravilhosas que experimentavam.

Para ela, o ato sexual era agradável, ela sentia uma porção de coisas mas...

Continuava incompleto e, enquanto Jacob virava para o lado e adormecia, cansado e satisfeito, ela ficava rolando na cama, o corpo ardendo de desejo, a alma frustrada e revoltada consigo mesma por não ter atingido o orgasmo.

Era nesses momentos, enquanto Jacob roncava, que ela tentava, de todas as maneiras descobrir, ela mesma, a forma de atingir o prazer.

Marianne, uma sua amiga, dissera-lhe muito confidencialmente — e fora a única a confessar — que só chegava ao orgasmo assim, trabalhando seu corpo ela mesma...

E Jeanne tentou imitá-la.

Sem qualquer sucesso.

As sensações se repetiam, talvez de uma maneira um pouco mais intensa, mas... Jamais chegava ao clímax.

Por fim, desanimada, aborrecida consigo mesma, ela acabava por dormir e...

Aí sim, em seus sonhos, ela conseguia atingir o orgasmo.

Sonhava que um homem muito bonito e muito forte a agarrava e, apesar de seus esforços para impedi-lo, acabava possuindo-a, acabava fazendo com ela coisas incríveis, indescritíveis...

No começo, Jeanne se opunha mas, depois que ele iniciava os carinhos, ela se abandonava aos seus caprichos e vibrava... Sentia vibrar cada um de seus nervos, sentia as contrações

espásticas dos músculos e não foram poucas as vezes que Jacob a acordara, preocupado, dizendo que ela estava gemendo.

Quando despertava, Jeanne sorria e, erguendo os ombros, dizia, para si mesma:

— Bem... Pelo menos assim... Afinal de contas, de uma maneira ou de outra, consigo chegar lá...

E passava o dia inteiro com a imagem do belo e estranho cavalheiro que a visitara durante o sonho e com a lembrança, em seu corpo, de todos os carinhos recebidos...

Uma lembrança que a deixava excitada como se ele ainda estivesse ali, a acariciar seus seios, suas coxas, seu ventre.

\*\*\*\*\*

Enquanto Jeanne e Jacob iam vivendo e progredindo tanto materialmente quanto na estabilidade de seu relacionamento, a França ia de mal a pior.

Aliás, era a Europa que ia mal...

Hitler iniciara sua marcha, avançara sobre a Polônia e prosseguira...

A França, ameaçada... Os presunçosos e esnobes generais franceses garantindo que jamais os alemães conseguiriam invadir o solo gaulês.

Mas as coisas não se passaram como eles estavam prevendo e os ataques tiveram início, como que preparando o terreno para a invasão germânica.

Na noite do primeiro alarma antiaéreo, Jacob e Jeanne correram com mais de duas centenas de pessoas, para o número 7 da Rue de la Huchette.

Jamais eles conseguiriam explicar a si mesmos o que estavam fazendo ali, por que diabos tinham voltado para a rua onde a jovem passara tantos anos tão difíceis e tão infelizes de sua vida...

O fato é que eles ali se encontravam e, quando as sirenas começaram a tocar, acompanharam a massa que corria em busca de abrigo no subterrâneo do número 7 que, segundo a Defesa Civil, tinha capacidade para abrigar pouco mais de oitenta pessoas.

Ora, na correria para buscar proteção, mesmo não havendo bombas, mas com as sirenes gritando, com a expressão apavorada das pessoas e o permanente medo da utilização pelos alemães dos terríveis gases venenosos, não havia a menor possibilidade de se controlar o número de pessoas num abrigo.

Assim, no número 7 da Rue de la Huchette, seguramente naquela noite havia mais de duzentas almas, todas desesperadas, quase em pânico, como se estivessem esperando que, de um momento para o outro, a morte ali surgisse e começasse a fazer uso de seu alfanje.

Muito juntos, abraçando-se como se um pudesse proteger o outro e como se um quisesse buscar a segurança que porventura emanasse do outro, Jacob e Jeanne acomodaram-se da melhor maneira possível num canto do abrigo.

Jeanne vivera por dezessete anos ali na Rue de la Huchette e isso fazia com que fosse conhecida...

Aliás, não havia quem não soubesse quem ela era uma vez que sua beleza e, é claro, a atividade de sua mãe bem como a ociosidade de seu pai, marcaram-na como uma habitante diferente da rua.

Diferente para todos e...

Desejada por alguns.

Como, por exemplo, por Claude Jolas, funcionário dos Correios e que, desde sempre, alimentara por Jeanne um desejo dos mais intensos e que se sentira terrivelmente frustrado quando soubera que ela estava vivendo com Jacob.

Com um judeu!

Para Claude, um homem de tendência germanófila, aquilo era um verdadeiro absurdo.

Precisou se controlar quando viu Jeanne, a musa de seus sonhos abraçada a Jacob.

Sua vontade era de ir até onde os dois se encontravam e tirar aquele judeu do abrigo aos pontapés.

Porém, ele se conhecia... Sabia que não poderia jamais ser considerado um homem forte ou mesmo, apenas valente. Era, isso sim, franzino, frágil e bastava olhar para Jacob para ter certeza que acabaria apanhando se tentasse qualquer coisa.

Viu, cheio de revolta, os dois se beijando, viu-os se acariciando e tentando se reconfortar mutuamente...

Aquilo fez com que começasse a tremer de raiva e, lançando um olhar invejoso para o casal, pensou:

— Você ainda será minha, Jeanne... E há de esquecer esse maldito judeu!

\*\*\*\*\*

Naquela época, as opiniões na França a respeito de Hitler, eram as mais diversas. Havia os que afirmassem categoricamente que Hitler queria a paz com os franceses, havia os que diziam que ele não passava de uma raposa traçoeira e que, com a implantação dessa dúvida não estava fazendo mais que minar a união entre os franceses para, depois, mais facilmente dominar o país.

Com o alarma de março de 1939, alarma este que forçara a mobilização de toda a França para logo em seguida se espalhar a notícia de que mais uma vez a guerra fora evitada — a primeira vez fora em setembro de 1938 — o sentimento de alerta começou a arrefecer e a confiança dos militares aumentou muitíssimo. Dizia-se, nos quartéis e nas guarnições, que Hitler jamais atacaria a França simplesmente por temer o seu potencial bélico.

Mas os alemães não estavam com medo de nada. Muito menos do exército francês.

No dia 14 de junho de 1940, Paris caiu sob as botas e os tanques germânicos.

O desespero foi geral.

Não era apenas o desespero causado por um estado de guerra, por uma derrota militar. Era o desespero provocado pela frustração e pela perplexidade de ver que, afinal de contas, Paris não era baluarte nenhum, não era a cidadela inexpugnável que certos marechais faziam questão de considerar.

Muito pelo contrário, a cidade se mostrou frágil, seu povo provou estar debilitado e, psicologicamente, instável.

Os alemães marcharam pelos Champs Elysées, pelo Bois de Boulogne, pela L'Étoile, aos lados da Notre Dame e pelo bairro de St. Michel.

Tanques germânicos percorreram a Rue de la Huchette a caminho do velho mercado, andaram pela St. Séverin e pela Rue des Deux Ponts.

Os nazistas estavam ali, em frente às suas casas, dentro de seus cafés, sentados em seus restaurantes, conversando entre si ou com os próprios parisienses...Estavam em todos os lugares, vigiando, perseguindo, humilhando, dominando...

Para Jacob, essa situação era aterrorizante e insuportável.

Ele sabia perfeitamente do risco que estava correndo pelo simples fato de ser judeu e sabia que estava obrigando Jeanne a um risco idêntico, ainda mais que ela, semanas antes da queda de Paris, anunciara que estava grávida.

E, carregar no ventre o filho de um judeu, era o pior que poderia acontecer para uma francesa em regime de ocupação germânica.

— Precisamos fugir, Jeanne — disse Jacob — Não podemos continuar em Paris! Precisamos ir para algum lugar onde você possa estar em segurança!

Jeanne não discutiu. Desde que fora entregue a Jacob por seu pai, ela decidira

que sua vida seria orientada por aquele homem e que não mediria qualquer esforço ou sacrifício para satisfazê-lo. Se ele estava querendo sair de Paris, sua obrigação era, evidentemente, acompanhá-lo. Ainda mais sabendo que ele assim agia em seu próprio benefício.

— Arrume nossas coisas — ordenou Jacob — Eu irei até a loja para apanhar o que nos resta de jóias e dinheiro. Assim que regressar, viajaremos.

Jeanne ficou observando Jacob enquanto ele se afastava pela rua em passos apressados e, de repente, teve um arrepio.

Uma estranha sensação de angústia a invadiu e ela teve a impressão de ser aquela a última vez que o via.

Teve um inexplicável pressentimento de que alguma coisa trágica estava para acontecer e, por muito pouco não saiu correndo atrás dele para lhe dizer que não a abandonasse, que não a deixasse sozinha.

Sacudiu com energia a cabeça, tentando afastar de sua mente esses pensamentos, dizendo para si mesma que não havia nenhum motivo para ter essas idéias.

— Sei que estou fazendo Jacob feliz — murmurou — E sei que ele está mais do que orgulhoso com o fato de eu estar grávida! Ele jamais me abandonaria, ainda mais num momento como este!

E fazendo força para se convencer, acrescentou, em voz alta:

— Jamais!

\*\*\*\*\*

Enquanto Jeanne arrumava suas coisas e Jacob começava a erguer a pesada porta de aço da loja, a pouco mais de vinte passos de distância, no interior da diminuta agência dos Correios, o estafeta Claude Jolas olhava para o judeu, cheio de raiva.

Ele vira Jacob e Jeanne abraçados no abrigo do número 7 na Rue de la Huchette e desde então, o desejo que havia muito tempo sentia pela moça, ficara ainda mais intenso.

Franziu as sobancelhas quando percebeu que Jacob, assim que entrara na loja, voltara a baixar a porta pelo lado de dentro, deixando apenas uma pequena fresta aberta.

— Mas que diabos ele está fazendo? — perguntou-se — Se não veio trabalhar hoje, o que é que pode estar buscando ali?

Sem sequer se incomodar com as três ou quatro pessoas que estavam no interior da agência esperando que ele acabasse de despachar a correspondência, deixou seu lugar atrás do balcão e atravessou a rua, aproximando-se da loja de Jacob.

Ouviu ruídos ali dentro, ruídos que ele conhecia muito bem: o som do mecanismo de segredo de um cofre, o barulho mais do que característico de alguém contando moedas...

Imediatamente ele se lembrou do que lhe disseram os alemães com que mantinha estreita ligação: os judeus estavam acabando com a economia francesa, estavam fugindo com jóias e com ouro que deveriam permanecer no país!

Sem perda de tempo, correu para a agência, literalmente expulsou os que ali se encontravam e, depois de baixar a porta, apanhou o telefone e fez uma ligação.

Nem cinco minutos se passaram e quatro homens, dois soldados armados com metralhadoras e dois indivíduos vestidos com sobretudos de couro negro, ergueram com violência a porta de Jacob.

Da agência dos Correios, Jolas sorriu quando o judeu foi arrastado para fora da loja e levado, aos gritos, pela calçada...

Esperou que os agentes da Gestapo desaparecessem na esquina e, fechando em definitivo a porta, correu para a casa de Jacob. Precisava avisar Jeanne pois ela também acabaria sendo presa por estar vivendo com um judeu e isso, Jolas não queria.

Muito pelo contrário, o que ele estava pretendendo era ficar com a moça, era poder usufruir de seu corpo jovem e bonito que, enquanto ela residira na Rue de la Huchette, estivera fora de seu alcance e que, depois, pusera-se inacessível já que estava com Jacob.

Mas, Jolas não foi suficientemente rápido...

Uma moça que trabalhava no bordel de Mariette, Francine, e que conhecia Jeanne desde pequena, vira o que Jolas fizera e, enquanto ele observava a ação dos alemães, correu para a casa do judeu.

— Você precisa fugir! — disse Francine para Jeanne — Não pode ficar mais um momento sequer aqui! Jacob foi preso e dentro de poucos minutos os alemães virão apanhá-la também!

— Mas... — balbuciou Jeanne — E Jacob?

Com as lágrimas escorrendo por seu rosto, completou:

— Não posso abandoná-lo agora! Não posso deixar que o maltratem!

Francine fez uma expressão severa e falou:

— Sinto muito por ser tão rude e realista, Jeanne... Mas você não poderá fazer nada por Jacob. A esta altura, ele já está sendo encaminhado para um campo de prisioneiros e duvido muito que você venha a ter notícias dele.

Empurrando a moça para fora, apanhando apenas duas pequenas malas, acrescentou:

— Claude Jolas, além disso, não tardará a aparecer aqui. Foi ele quem denunciou Jacob e o fez somente por que sempre a desejou! Trate de fugir, Jeanne... Trate de fugir ou, se preferir, aceite a vida que Claude Jolas vai lhe proporcionar... Uma vida que nem mesmo eu aceitaria!

Jeanne ainda parecia indecisa e Francine insistiu:

— Você precisa fugir, minha querida... Não perca tempo, pelo amor de Deus!

Beijando as faces da moça, finalizou:

— E não me diga para onde está indo... Nem sequer mande notícias por um bom tempo! Quanto menos eu souber a seu respeito, melhor será para você e para mim!

— Mas nem sequer sei para onde ir! — exclamou Jeanne, em pânico — Não tenho a menor idéia para onde fugir! Nem tenho dinheiro! Só tenho alguns francos! O dinheiro do pão!

Francine suspirou e da pequena bolsa que trazia na mão, entregou-lhe um maço de notas dizendo:

— Tome, Jeanne... É o que tenho... Espero que isso lhe sirva para alguma coisa. Pelo menos para levá-la o mais longe possível de Paris!

Jeanne hesitou e Francine, pondo-lhe o dinheiro dentro da blusa, falou:

— Fuja, menina... Apenas fuja! Vá para o interior, para qualquer lugar onde exista a possibilidade de refazer a sua vida! Esta guerra, como qualquer outra, não será eterna e, se você tiver a paciência de esperar que ela acabe, ainda terá muita juventude para usar, ainda terá muita chance de encontrar a felicidade!

Com uma expressão entristecida, murmurou:

— Você ainda tem o futuro pela frente, Jeanne... Não é como eu que nada mais tenho a esperar da vida...

## CAPÍTULO 4

A região de Auvergne, no Maciço Central, oferece paisagens magníficas e que se sucedem em distâncias muito curtas, possibilitando uma tal variedade de panoramas que chega a embriagar os que ali vão pela primeira vez.

Era exatamente essa a sensação que tinha Jeanne enquanto ela percorria os estreitos e acidentados caminhos entre Clermont-Ferrand e Riom, mal-acomodada ao lado do motorista de um pequeno caminhão de entregas.

Ela sentia que não poderia ficar na cidade pois Clermont-Ferrand, antiga capital de Auvergne, sempre se esforçara para ocupar uma posição de destaque entre as concentrações urbanas do interior da França e isso fazia com que os alemães se interessassem pela cidade. Jeanne queria distância dos alemães, apesar de saber que isso seria muito difícil num país ocupado por eles.

Depois de desembarcar do trem, de pé, na entrada da estação, segurando suas malas e com a típica aparência de quem se encontrava completamente perdida, Jeanne chamava muito a atenção.

Com pavor, ela percebeu que dois soldados alemães a olhavam com curiosidade e trocavam algumas palavras entre si...

Sentiu que suas pernas tremiam enquanto via que eles avançavam para ela, os rostos pétreos, o olhar inquisitivo...

Teve medo.

Teve medo que Jacob, torturado, tivesse dito que ela estava grávida de um judeu, tivesse dito que ela poderia fugir para Auvergne e, aterrorizada, lembrou-se que, certa vez, ele

comentara que aquela região da França era a que mais o atraía e que, se um dia tivesse de sair de Paris para qualquer lugar, seria justamente para Clermont-Ferrand.

Além do mais, havia Claude Jolas...

Ela o conhecia muito bem, desde quando começara a correr, em brincadeiras com as outras crianças, pela Rue de la Huchette. Assim, Jeanne sabia que Claude era um indivíduo mesquinho, ambicioso, mau, e que poderia muito bem estar achando que ela

estivesse com as jóias de Jacob...

Em sua mente cheia de medo e de receios, Jolas aparecia como um indivíduo todo-poderoso que tinha sido capaz de destruir o seu sonho, que tinha tido a força de mandar prender o seu Jacob e que teria toda a possibilidade de persegui-la até o fim do mundo se isso fosse necessário.

Dessa maneira, nada o impediria de avisar os alemães e a Gestapo de Clermont-Ferrand, da probabilidade de ela estar lá.

A expressão de medo no rosto de Jeanne a estava traindo...

Fazia com que os soldados desconfiassem dela acautelando-se e, prevenidos, destravassem suas armas enquanto se aproximavam da moça.

Atitude, aliás, mais do que natural...

Eles estavam avisados de que haveria resistência, muito embora em focos isolados, e de que os franceses verdadeiramente patrióticos — considerados fanáticos pelos nazistas — Não mediriam esforços para prejudicar a ocupação germânica.

Por isso, aquela moça segurando duas pequenas malas à porta da estação, poderia muito bem estar carregando bombas ou, quem sabe, dinheiro para grupos da Resistência que estariam escondidos nas montanhas da região.

Porém, essa mesma expressão de medo que Jeanne não conseguia disfarçar, também chamou a atenção de Louis Morel, proprietário de um pequeno caminhão e que fazia o transporte de verduras e hortaliças das granjas dos arredores para o mercado municipal.

Vendo que Jeanne estava praticamente paralisada de medo e que aqueles soldados com certeza a iriam incomodar, ele se adiantou para a moça e, passando-lhe o braço pela cintura, falou, em voz alta:

— Marie! Minha filha! Mas que satisfação você deu a seu velho pai! Vir até aqui por causa de meu aniversário! Mas é uma surpresa muito agradável!

E, ao ouvido de Jeanne, com energia, sussurrou:

— Vamos! Abra-me! Beije-me como se fosse mesmo minha filha!

Jeanne compreendeu imediatamente que aquela seria a sua única chance de não ser interrogada pelos soldados e, abraçando Louis, exclamou:

— Ora, papai! Eu não poderia deixar passar uma data tão importante!

E, já mais senhora de si, completou:

— Afinal, desde sempre estivemos juntos no seu aniversário, não é mesmo?

A cena conseguiu convencer os dois alemães. Já conheciam Louis, sabiam que ele era o tipo do homem inofensivo e, além do mais, sempre lembrava de trazer para eles algumas coisas gostosas das pequenas vilas onde ia buscar suas mercadorias.

Aproximando-se, sorriram para Louis, curvaram a cabeça num cumprimento gentil para Jeanne e o mais velho deles, disse:

— Não sabíamos que é seu aniversário...

Com um risinho maroto, acrescentou:

— Quem sabe não nos convida para um copo de vinho logo mais à noite?

Louis garantiu que não deixaria de chamá-los se estivesse na cidade e, quase empurrando Jeanne, meteu-a dentro de seu caminhão e deu partida ao motor.

Avançando em direção à Place de Jaude, Louis respirou fundo e falou:

— Bem... Desta vez, escapamos...

Com uma risada, acrescentou:

— Agora, preciso encontrar uma outra desculpa para o resto do ano... Afinal, não posso aniversariar mais do que uma vez, não é mesmo?

Jeanne procurou sorrir mas não conseguiu muito mais do que um esgar nervoso que lhe repuxou os lábios.

Olhando de lado para a moça, Louis murmurou:

— Você está fugindo de alguma coisa... Sou capaz de apostar...

Voltando a cabeça para Jeanne, perguntou:



— Tem para onde ir? Ao menos sabe o que vai fazer?

Jeanne balançou negativamente a cabeça e, com um soluço aflito, respondeu:

— Não, senhor... Não tenho a menor idéia do que farei...

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto e esforçando-se para poder falar, acrescentou:

— A única coisa que desejo é poder ficar em paz... É encontrar um lugar onde possa ter meu filho sem temer que venham tirá-lo de mim, sem precisar ficar com medo de que me venham prender!

Para Louis, homem experiente e que estava trabalhando para a Resistência, não era preciso dizer mais nada. Aquela moça estava com problemas dos mais sérios e ele seria um canalha se não a ajudasse.

Sorriu, pousou a mão gorda e forte sobre a coxa de Jeanne e falou:

— Pois, nesse caso, fique tranquila, mocinha... Vou levá-la para um lugar onde os alemães jamais irão! Para um lugar tão pequeno e tão sossegado que os boches jamais teriam qualquer interesse ali!

\*\*\*\*\*

Pelo que Jeanne conseguia ver da paisagem, os alemães deveriam ter todo o interesse naquele pedaço de paraíso...

Assim que deixaram para trás a região vulcânica — fala-se de oitenta vulcões em Auvergne mas os habitantes de Clermont-Ferrand dizem que há muitos mais — Jeanne e Louis entraram num vale de vegetação rica, com pequenos lagos muito azuis circundados por morros de encostas mais ou menos abruptas em que as florestas se sucediam.

— O mínimo que você vai conseguir — brincou Louis — será passar uma bela temporada de tratamento em nossas estações termais... Como deve saber, Auvergne é o centro do termalismo na França e isso não vai mudar, mesmo que os boches estejam em nosso território!

As palavras de Louis sobressaltaram Jeanne. Se a região era tão famosa assim por suas estações termais, os alemães certamente haveriam de querer tirar proveito disso e dentro de pouquíssimo tempo estariam ali, dispostos a expulsar os franceses para poderem melhor usufruir das delícias do lugar.

Um pouco sem jeito, tímida, manifestou sua preocupação para Louis e este, com uma risada, falou:

— Não tenha esse medo, menina... Pode ser que os boches venham a ocupar toda esta área... Mas ainda assim, continuo duvidando que a encontrem no lugar para onde a estou levando! E ainda mais na casa em que a deixarei!

Jeanne não pode evitar uma certa preocupação.

Não conhecia aquele homem e, apesar de até aquele instante ele se mostrar correto e dono de uma boa alma, não havia nada que lhe dissesse ser ele sempre assim. Na realidade, o que o impediria de violentá-la numa cabana abandonada no meio da floresta? E o que o impediria de matá-la, depois?

Como se estivesse lendo os pensamentos de Jeanne, Louis falou:

— Não tenha medo, minha pequena... Você estará em segurança... Poderá ter seu filho em paz e a velha Gabrielle ficará muito contente em poder ajudá-la na hora do parto...

Jeanne respirou um pouco mais aliviada. Se ele estava falando assim, se parecia mostrar um tal paternalismo, talvez devesse, realmente, confiar...

Sorriu, consigo mesma, dizendo-se que, na realidade, não poderia fazer outra coisa senão confiar. Ali, sozinha naquele fim de mundo, não poderia contar com ninguém para socorrê-la e, a julgar pela solidão daqueles caminhos, se Louis quisesse tentar alguma coisa contra ela, já poderia tê-lo feito havia muito tempo, desde que tinham deixado Clermont-Ferrand para trás...

Saindo da estrada principal, Louis tomou um caminho bem mais estreito do que aqueles em que tinham estado até então e, com um sorriso, murmurou, quase inaudível por causa do ruído do motor:

— Daqui para a frente, os alemães não vão passar, minha pequena...

— Não imagino por quê — protestou Jeanne — Os veículos que eles utilizam andam por qualquer estrada... E a paisagem é tão bela... Até mesmo os boches são capazes de se encantar por ela!

Jeanne estava com a razão.

Depois que tinham passado por Riom até entrarem naquele caminho, o panorama fora uma sucessão de quadros dignos dos mais famosos e mais importantes acadêmicos.

De quando em quando, avistavam uma velha construção medieval, outras vezes, um pouco mais ao longe e encarapitado no alto de um morro, um castelo que parecia querer transportar o viajante para a época de Carlos Magno... Mais adiante, um lago, muito azul espelhava os picos das montanhas, cercado por florestas ou por pastarias onde os carneiros pareciam apenas pintas brancas contra o verde.

— É muito bonito... — murmurou Jeanne — Gostaria de estar vendo tudo isso numa outra situação... Numa situação em que não tivesse medo de ter os alemães em meus calcanhares!

Louis voltou a sorrir e falou:

— Já lhe disse que os alemães não virão para cá. Não é preciso ter medo dos boches na casa de Gabrielle...

Virando o rosto para Jeanne, explicou:

— Não é apenas uma questão de localização estratégica, querida... É algo mais... Algo que você só conseguirá compreender depois que conhecer essa mulher!

\*\*\*\*\*

Localizada literalmente no meio da floresta, a pequena cidade de Randan, fez com que Jeanne se imaginasse de repente transportada para as páginas de um livro de contos de Randan surgiu à sua frente logo depois de uma curva no estreito caminho onde dois olmos pareciam cruzar seus grandes galhos formando um portal pouco acima da capota do caminhão.

Jeanne concluiu que por ali, veículos altos não passavam havia mais de dois séculos e essa constatação trouxe um pouco mais de confiança à sua alma.

Como se os boches fossem respeitar a galharia de dois olmos que estivessem atrapalhando a passagem de suas panzers...

Entraram na cidade.

Maravilhada, a moça deixou que seus olhos se enchessem com a imagem daquelas casas pequenas, de telhados pontudos, com jardineiras floridas nas janelas onde se podia ver cortinas caprichosamente bordadas e rendadas.

Ao norte, em uma continuação do caminho por onde chegavam, ficava a rua principal, pouca coisa mais larga que a estrada, com casas feitas em pedra e madeira, cada uma delas com um pequeno e bem cuidado jardim. Havia uma agência dos Correios, o que fez o coração de Jeanne bater um pouco mais apressadamente ao relacionar aquele estabelecimento com a recordação de Claude e de Jacob...

Sacudiu a cabeça para não se deixar entristecer novamente e viu, um pouco mais adiante, uma diminuta loja, um desses pontos comerciais que existem em todos os países do mundo, em suas cidadezinhas de interior, onde se pode encontrar de tudo, desde alfinetes e agulhas, até as mais variadas ferramentas para a agricultura.

A oeste, uma rua com casas mais simples, alongava-se em direção à orla da floresta e, na esquina com a rua principal, um sobrado sem jardim e com as pesadas portas de madeira fechadas, tinha um cartaz avisando que ali era o Posto Policial.

Instintivamente, Jeanne procurou ficar menor do que já era quando o caminhão de Louis passou por ali... Para o lado leste, uma rua um pouco mais larga e com muitos terrenos vagos, levava para a margem do rio Allier onde desembocava em um tapete de margaridas que se estendia por várias centenas de metros ao longo do curso d'água.

Louis seguiu em frente, atravessou a cidade e, quando já tinham passado a última casa da rua principal, entrou à esquerda numa variante mal conservada, em direção à floresta.

— Para onde vamos? — quis saber Jeanne — Pensei que eu fosse ficar na casa de alguém, aqui na cidade...

— Você ficará na casa de alguém — riu Louis — Alguém muito especial cujo nome é Gabrielle... Só que esse lugar é um pouco afastado...

Engrenou uma marcha mais forte para vencer um íngreme tope e completou:

— Teremos de andar um pouco...

— Isso não tem importância — disse Jeanne — Numa paisagem como esta, é um prazer andar a pé!

Louis meneou afirmativamente a cabeça e, depois de alguns momentos de silêncio, murmurou:

— Não se assuste com a velha Gabrielle... Ela tem algumas maneiras estranhas, faz coisas esquisitas... Mas é uma excelente pessoa e, por aqui, todos acreditam que é graças a ela que toda a região estará sempre livre de inimigos... Mesmo que sejam boches!

Jeanne olhou intrigada para o motorista e este, com um sorriso maroto, procurou tranquilizá-la mais uma vez, dizendo:

— Não se preocupe... Verá que Gabrielle será muito mais do que uma mãe para você...

Cerca de quinze minutos mais tarde, Louis parou o caminhão num trecho onde a estrada se alargava.

— Daqui para a frente teremos que ir a pé — informou — Pode deixar que eu a ajudo com as malas...

Isso falando, apanhou as duas malas de Jeanne e, indicando uma trilha que avançava por dentro da floresta, acrescentou:

— Vamos... Serão apenas dois quilômetros.

Riu da expressão que fazia Jeanne e disse:

— Sei o que está pensando... Que eu escolhi o lugar errado para deixar uma moça grávida... Que tudo aqui é muito isolado e que se você passar mal, estará em maus lençóis...

Balançou negativamente a cabeça e finalizou:

— Mas pode estar certa de que eu não poderia ter escolhido melhor... E aposto que não encontrará no mundo inteiro maior segurança do que nas mãos de Gabrielle!

Caminhando à frente de Jeanne por entre as árvores, repetiu:

— Só lhe peço para que não se espante... Para que não se incomode com as esquisitices dessa velha.

— Não vou me incomodar — retrucou Jeanne — Aliás, na minha situação, eu não posso me incomodar com nada, não é verdade? Tenho é que me dar por muito feliz por me ter encontrado! Estou certa de que, se não fosse o senhor, a esta altura, eu já estaria em alguma cela úmida e fria, respondendo a perguntas feitas pelos alemães, perguntas para as quais eu jamais teria qualquer resposta!

Louis ficou muito sério e comentou, baixinho:

— É engraçado... Eu não deveria estar ali... Deveria ter ido à Rue 11 Novembre, tinha um compromisso lá. Não consigo entender porque diabos fui até à estação, não compreendo como fui me esquecer de ir ao centro da cidade!

Ergueu os ombros e concluiu:

— Não costumo esquecer meus compromissos...

— Graças a Deus! — exclamou Jeanne — Graças a Deus o senhor se esqueceu de ir a essa rua e foi parar ali na estação, como se estivesse à minha espera!

Louis permaneceu em silêncio por todo o resto do trajeto.

Foi quando já estavam chegando à clareira onde se situava a casa de Gabrielle que Louis disse:

— Exatamente... Parecia que eu estava ali \_à espera de alguém... Talvez... à sua espera, mocinha!

\*\*\*\*\*

Jeanne nem sequer prestou atenção às palavras de Louis, tão maravilhada estava com o que via.

A casa, um pequeno bangalô construído de pedras e madeira, com o telhado alto e um pequeno alpendre, tinha as janelas altas, enfeitadas com jardineiras floridas e cortinas. Um bem cuidado jardim circundava a moradia e podia-se ver em seus os menores detalhes, que quem nele habitava tinha como norma de vida o capricho.

O bangalô estava encravado no meio da floresta, ocupando uma clareira de não mais que um quarto de hectare cuja maior superfície era formada por um gramado baixo e muito verde onde se destacavam, aqui e ali, canteiros redondos de flores.

— Mas é muito bonito! — pensou Jeanne, entusiasmada — Parece que estou dentro de um conto de fadas!

Nesse momento, quando ainda faltavam cerca de quinze passos para que Jeanne e Louis chegassem ao pequeno alpendre da casa, a porta da frente se abriu e uma mulher apareceu.

— Fico feliz que tenha gostado de sua nova casa, Jeanne — falou a mulher, com uma voz que soou muito mais melodiosa do que a moça poderia esperar em vista de seu aspecto físico.

Jeanne sentiu seu coração bater mais depressa.

Lembrou-se imediatamente das recomendações de Louis para que não se assustasse com as esquisitices da velha mas...

Na verdade, aquilo já era demais...

De que maneira aquela mulher sabia seu nome?! E como poderia ter adivinhado seus pensamentos?

Para aumentar ainda mais a perplexidade de Jeanne, Gabrielle falou:

— Eu estava à sua espera, minha querida... Tanto assim que até já preparei seu quarto e deixei pronto um chá com biscoitos para nós três tomarmos antes de Louis voltar para a cidade...

A moça arregalou os olhos, tentou dizer alguma coisa mas não conseguiu.

Com um sorriso cheio de carinho, Gabrielle segurou-a pelo braço e disse:

— Venha... Vamos entrar... Não vamos deixar que o chá esfrie!

Jeanne, como se fosse um autômato, obedeceu.

Talvez, por vontade própria, ela não tivesse querido passar por aquela porta, muito pelo contrário, provavelmente teria saído em desabalada carreira de volta para a cidade, já então sem se importar se existissem alemães ou marcianos em seu caminho.

Mas, havia alguma coisa que a atraía, que a fazia vencer o medo e que a puxava para dentro da casa.

Jeanne, acompanhando Gabrielle, viu pelo canto dos olhos que Louis, muito cheio de respeito, tirava o boné que estava usando e se mostrava tímido, arredio, como se fosse um grande pecador voltando a uma igreja depois de dezenas e dezenas de anos longe dos confessionários.

Olhando ao seu redor, Jeanne procurou prestar atenção à decoração da sala.

Era um cômodo pequeno, aliás como tudo o mais no bangalô. A parede da direita tinha uma janela e um quadro a óleo representando uma paisagem campestre. Imediatamente em frente à porta de entrada, ficava a lareira, grande demais para o tamanho da sala e, para espanto de Jeanne, em seu interior, apoiado num suporte de ferro fundido, estava um grande caldeirão com mais de vinte litros de capacidade.

Um caldeirão exatamente igual aos que ela se cansara de ver nas gravuras de histórias de bruxas...

Mais uma vez, ela sentiu suas pernas tremerem.

Com uma expressão de bondade no rosto, Gabrielle falou:

— Você está impressionada à toa. Não uso esse caldeirão para preparar filtros malignos ou para fazer encantamentos ruins...

Deu uma risada que soou um tanto quanto esganiçada demais e completou:

— Tampouco costumo transformar mocinhas grávidas em coelhas ou em galinhas...

Jeanne forçou um sorriso e, enquanto a velha ia à cozinha buscar a bandeja com o chá, aproveitou para continuar a examinar o ambiente.

Os móveis eram rústicos mas muito confortáveis, estofados em couro e incrivelmente conservados. Não havia qualquer tapete no chão de pedras polidas pelo uso e Jeanne não pode deixar de pensar que, durante o inverno, aquela casa deveria ser muito fria.

Olhando para cima, ela viu que não havia forro, as telhas aparentes estavam enegrecidas pela fuligem. Aquilo, apesar de dar um aspecto de extrema miséria ao bangalô, era pitoresco e romântico e ela pensou que um lugar como aquele deveria ser um maravilhoso ninho de amor.

Gabrielle reapareceu na sala com o chá e, sentando-se diante de Jeanne, falou:

— Você ficará bem aqui comigo, querida... E pode acreditar que ninguém virá incomodá-la.

Ficou subitamente séria e completou:

— E quem aparecer para lhe tirar a paz, acabará muito mal...

\*\*\*\*\*

Jeanne olhou para a mulher.

Não poderia dizer que sua expressão, que seu rosto fosse cruel.

Muito pelo contrário.

Seus olhos, cor de caramelo, eram bondosos, sua boca de lábios encarquilhados pareciam estar sempre sorrindo e seus cabelos, muito brancos, escapando por baixo de um lenço de cor indefinida, emolduravam-lhe o rosto, transmitindo uma impressão de bondade e de delicadeza.

Sim... Era uma velha bonita.

Talvez, quando ainda estivesse na flor da idade, ela tivesse sido uma mulher linda e atraente, uma mulher que os homens desejaram e que, mais tarde, por razões que somente o Destino poderia explicar, acabara sozinha, numa casa no meio da floresta, falando coisas estranhas, cercada por objetos exóticos e adivinhando os pensamentos das pessoas que chegavam até ali.

Gabrielle serviu chá para os três e, dirigindo-se a Louis, falou:

— Obrigada por ter atendido ao meu pedido... Obrigada por ter trazido Jeanne.

Louis ia abrindo a boca para dizer que ela não lhe havia pedido coisa nenhuma, que nem sequer tinha se encontrado com Gabrielle havia mais de uma semana, porém achou melhor ficar quieto. Para aquela velha, qualquer coisa era perfeitamente possível, por mais absurda que pudesse parecer.

Assim, engoliu o chá, meteu na boca alguns biscoitos e, levantando-se, disse, afobado:

— Tenho de ir... Se precisarem de alguma coisa...

Ia dizer que bastaria chamar mas lembrou-se a tempo que ali, onde Gabrielle vivia, não havia qualquer sistema de comunicação que não fosse o telefone em Randan o que queria dizer uma distância bem respeitável.

Gabrielle sorriu, agradeceu com um sinal de cabeça e murmurou:

— Não se preocupe, Louis... Nós estaremos bem. E, de qualquer maneira, se precisarmos de algo, você saberá imediatamente...

Louis esboçou um sorriso — Não sabia por que sempre ficava tão impressionado com Gabrielle, já deveria estar mais do que acostumado com suas manias — despediu-se de Jeanne e, em passos apressados, voltou para onde deixara o caminhão.

Vendo-o se afastar, Gabrielle murmurou:

— É uma boa alma... Uma excelente pessoa...

E, rindo, acrescentou:

— Mas ainda não conseguiu se acostumar comigo! Conhece-me desde que nasceu, ajudei-o a vir ao mundo... Mas, mesmo assim, ainda não se habituou com essas banalidades que ele chama de prodígios!

Olhou intensamente para Jeanne e arrematou:

— Mas com você... Com você, as coisas serão diferentes... Você é forte, Jeanne... Muito mais forte do que pode imaginar e, se não tomar muito cuidado...

Jeanne olhou para Gabrielle, cheia de interesse mas a velha nada mais disse a esse respeito.

Limitou-se a sorrir e, servindo mais chá para Jeanne, falou:

— Agora... Depois deste chá, trate de descansar... Amanhã mesmo nós vamos começar...

Jeanne quis perguntar o que é que elas iriam começar mas alguma coisa fez com que, ao invés de dizer qualquer coisa, ela simplesmente bocejasse...

E bocejou mais de vinte vezes até que, solícita, Gabrielle a acompanhou até o quarto, murmurando:

Você está cansada... Vá dormir... Quando despertar estará como nova e muito mais disposta...

\*\*\*\*\*

Jeanne dormiu como uma pedra durante todo o resto do dia e a noite inteira.

Exatamente como Gabrielle dissera, quando acordou, estava bem disposta, sentindo-se como se fosse nova e, o que era mais estranho, com uma agradabilíssima sensação de segurança.

Procurou recordar tudo quanto lhe acontecera nas últimas horas e surpreendeu-se ao perceber que a imagem de Jacob aparecia como que diluída em sua memória, sem a possibilidade de se lembrar exatamente nem mesmo das feições daquele homem. Parecia que Jacob tinha sido apenas um episódio em sua vida... Um degrau vencido, uma página virada de um livro qualquer.

Olhou pela primeira vez o quarto em que se encontrava.

Viu que o aposento tinha sido preparado com muito carinho, que os móveis, rústicos como todos os outros da casa, estavam limpos e bem conservados, viu que Gabrielle tinha deixado a um canto, sobre uma mesa feita de um tronco de árvore, uma bacia e uma grande jarra de água, toalhas limpas sobre o encosto de uma cadeira e suas malas, já desarrumadas, estavam cuidadosamente guardadas sobre o armário.

Sorriu satisfeita por estar sendo tão bem tratada e, levantando-se da cama, caminhou até a janela que já se encontrava aberta, deixando entrar a luz do dia.

Olhou para fora, viu os passarinhos voando pelo jardim, viu as flores, os canteiros de cravínias, as roseiras, algumas margaridas, a grama muito verde convidando a um passeio

descalça, sentindo o frescor da manhã sob os pés...

Era tudo muito bonito, muito agradável, havia uma enorme sensação de paz e segurança naquele lugar.

— Nem parece que a França, que a Europa inteira está em guerra — pensou Jeanne.

— Aqui não existe a guerra — falou Gabrielle entrando no quarto e pondo sobre a mesa que se encontrava próxima à janela, uma bandeja com chá, ovos mexidos, biscoitos e um prato de amoras.

Jeanne sorriu, recebeu o beijo de bom-dia que a velha lhe dava e comentou:

— Sempre lendo meus pensamentos... Ainda vou descobrir como consegue fazer isso...

Gabrielle serviu o chá e murmurou:

— Fico contente ao ver que pelo menos isso não a assusta mais... Às vezes chego a me condenar por usar esse meu dom, sabia?

Erguendo os olhos para Jeanne, explicou:

— A maior parte das pessoas não é capaz de compreender essas coisas... Não atingem a profundidade e a importância desses fenômenos, Jeanne...

Jeanne começou a comer os ovos mexidos e Gabrielle prosseguiu:

— Você é diferente... Talvez não chegue a ler pensamentos mas eu sinto que possui um grande poder interior.  
Sentando-se na beirada da cama, falou:  
— Só precisa saber usá-lo, Jeanne... Saber distinguir a verdadeira felicidade da falsa, perceber que se pode ser feliz com pouca coisa, simplesmente ajudando os outros. Aí sim, os poderes extra-sensoriais que você com certeza possui, estarão sendo bem usados.  
Respirou fundo e acrescentou, quase num fio de voz:  
— Mas tenho medo... Tenho muito medo de que não consiga...  
Ergueu os olhos, fitou Jeanne com intensidade e completou:  
— Você ainda está presa às coisas materiais. Muito presa. Se conseguir se libertar de tudo isso, aí sim, terá atingido o ponto mais alto de seus conhecimentos e de seus poderes.  
Jeanne franziu as sobrancelhas.  
As palavras de Gabrielle a impressionavam e assustavam.  
Jamais imaginara possuir qualquer espécie de poder a não ser o de fazer com que Jacob se sentisse realizado como homem. O que, no fundo, sempre fora uma espécie de frustração para Jeanne uma vez que ela não conseguia sentir a mesma realização...  
Gabrielle estava pondo à sua frente um horizonte novo, uma nova visão de si mesma e isso, é claro, só poderia assustá-la.  
Depois de engolir o que estava em sua boca, Jeanne reuniu coragem suficiente para perguntar:  
— Mas... Quem é você, Gabrielle? Como é que consegue ler meus pensamentos, como é que conseguiu mandar Louis ir me buscar na estação sem nem mesmo falar com ele, sem nem mesmo saber que eu vinha para cá?  
Gabrielle sorriu candidamente e respondeu:  
— Eu sempre soube que você viria, Jeanne... Até mais ou menos um ano atrás, não sabia seu nome ou como você poderia ser. Apenas tinha a certeza que apareceria uma jovem que teria poderes suficientemente fortes e bem desenvolvidos para me substituir. Mas, como dizia, há mais ou menos um ano, fiquei sabendo seu nome, como você é e em que situação chegaria aqui...  
Jeanne pousou a xícara sobre o pires e, com os olhos arregalados, perguntou:  
— Isso quer dizer que você pode prever o futuro?  
E, antes que Gabrielle pudesse responder, muito excitada, acrescentou:  
— Quero saber se terei um menino ou uma menina... E quero saber se eu serei feliz... Se reencontrarei Jacob, se...  
Com um gesto da mão direita, Gabrielle a interrompeu, dizendo:  
— Essas suas perguntas podem ser respondidas sem a necessidade de se poder prever o futuro, minha querida...  
Sorriu, bondosa e continuou:  
— Posso dizer se o bebê que está em sua barriga é homem ou mulher através de processos muito simples de radiestesia... Já a sua segunda pergunta, sobre se vai reencontrar Jacob ou não, posso responder pelo conhecimento dos fatos políticos que estão gerenciando a vida européia na atualidade.  
Muito séria, olhou para Jeanne e arrematou:  
— Jacob é judeu. Foi preso pela Gestapo e enviado para um campo de prisioneiros. O que é que você acha que vai acontecer com ele?  
Pousando a mão sobre o ombro de Jeanne, Gabrielle murmurou:  
— Não tenha ilusões, Jeanne... Jacob jamais voltará. E não é preciso ser adivinho para dizer isso. Basta ter bom senso.  
Jeanne apertou os lábios e, depois de alguns segundos, disse:  
— Mas... Se você é capaz de dizer que a criança que estou esperando é de determinado sexo, então pode prever o futuro...  
— Não — replicou Gabrielle — Não posso prever o futuro. Posso, isso sim, sentir as vibrações emanadas por seu bebê e dizer se é homem ou mulher.  
Jeanne baixou os olhos e, tímida, indagou:  
— Pode dizer o sexo de meu bebê... agora?  
Gabrielle pousou a mão sobre o ventre de Jeanne, ficou assim por quase um minuto e respondeu, com segurança:

— Você está esperando um menino.

E, antes que Jeanne pudesse perguntar como é que ela fazia isso, Gabrielle disse:

— Não duvide de mim... Se quiser, pode até escrever o que eu falei. Escrever você mesma, que eu assinarei embaixo, Jeanne.

Deu uma risada, aquela sua risada esganiçada que chegava a arrepiar a moça, e acrescentou:

— Pode ficar tranquila. É um menino mesmo. E eu não farei como aquele célebre médico que cobrava uma fortuna de suas pacientes dizendo que adivinharia o sexo de seus bebês... Ele dizia um sexo e, na ficha clínica, marcava o oposto. Se na adivinhação ele acertasse, a mãe jamais viria reclamar, não é mesmo? Porém, se ele errasse e a cliente aparecesse para exigir de volta o seu dinheiro, ele lhe mostraria a ficha e diria que ela é que não entendera direito...

Jeanne sorriu e, acariciando a própria barriga, murmurou:

— Um menino... Jacob gostaria de saber disso... Pobre homem...

Ela tinha acabado de tomar o chá e, voltando os olhos de um azul intenso para Gabrielle, falou:

— Ontem, quando vi que adivinhava os pensamentos, que era capaz de comandar à distância as atitudes e a vontade de Louis, quando vi esta casa...

Um pouco sem jeito, completou:

— Achei que era uma feiticeira... Uma bruxa...

Gabrielle riu alto e, balançando a cabeça, disse:

— Não, Jeanne... Não sou uma bruxa...

Levantando-se, apanhou a bandeja e arrematou:

— Sou considerada como uma feiticeira, minha querida... Mas como uma feiticeira branca. Aquela que usa seus poderes apenas para ajudar os outros e jamais para prejudicar quem quer que seja!

\*\*\*\*\*

Jeanne não sabia o que dizer.

Desde pequena, quando ouvia contar histórias de bruxas e de feiticeiras, ela se arrepiava inteira e chegava, às vezes, a perder o sono, tão excitada e amedrontada ficava. Era, pois de esperar que ela estivesse apavorada com o que estava vendo, ouvindo e vivendo ali, com Gabrielle.

Contudo, ela não estava com medo...

Jeanne, para seu próprio espanto, estava aceitando tudo aquilo como se fosse natural, como se fosse uma consequência lógica de estar ali e, na realidade, parecia-lhe já conhecer a velha havia muitos e muitos anos.

Passava pouco de dez horas da manhã quando Gabrielle veio lhe dizer:

— Daqui a pouco vão começar a chegar pessoas. São os que vêm me procurar para que eu trate de suas mazelas, cure suas doenças que, na maior parte das vezes, são doenças da alma e não do corpo. Fique perto de mim e aprenda, Jeanne. Você deve aprender comigo pois está dito que você será, provavelmente a minha substituta.

Jeanne meneou a cabeça em sinal de dúvida e murmurou:

— Não acredito muito nisso, Gabrielle... Nunca vi uma feiticeira que fosse mãe... E eu serei mãe, não é verdade? Você mesma disse que eu darei à luz um menino!

Gabrielle deu de ombros, falando:

— Eu também nunca vi uma feiticeira com um bebê no colo... Mas os vapores de Netuno disseram que você viria me substituir... Assim, é minha obrigação ensinar-lhe tudo o que sei.

Com um sorriso, acrescentou:



— Por isso, vamos começar pelo mais elementar: como arrumar as coisas de maneira a facilitar o nosso trabalho. Puxando Jeanne pela mão, a velha levou-a até a sala e, mostrando-lhe a mesa que ficava à esquerda da lareira, disse:

— A mesa, ou seja, o local onde vamos atender a pessoa que nos procura, é muito importante. É necessário que os objetos de que vamos precisar estejam perfeitamente arrumados, colocados em seus devidos lugares e sempre muito limpos.

Riu e, mostrando uma bola de cristal, falou:

— Você pode imaginar como seria fazer qualquer tipo de adivinhação usando uma bola de cristal embaçada...

Jeanne olhou incrédula para Gabrielle e falou:

— Sempre pensei que essa história de bola de cristal fosse mentira... Sempre achei que fosse um imenso charlatanismo!

— Há os que praticam o charlatanismo, Jeanne — explicou Gabrielle — Mas há também os que fazem as coisas seriamente.

— Mas o que é que você vê na bola de cristal? — quis saber a moça — Não é possível que uma fumacinha apareça aí dentro e que através dessa neblina você consiga enxergar o futuro... Acho que será preciso muito para me fazer acreditar em algo assim!

— E você nem deve acreditar, minha querida! — riu Gabrielle — Não se lê, ou melhor, não se adivinha coisa nenhuma em fumacinhas de bolas de cristal!

Apanhando com delicadeza a bola, uma esfera transparente de cerca de quinze centímetros de diâmetro e pesando quase três quilos, Gabrielle mostrou-a para Jeanne, dizendo:

— Você vai ver imagens aqui dentro. Imagens que são produzidas pelo reflexo da luz que incide sobre a superfície da bola de cristal. Será a interpretação dessas imagens que você vai dizer para as pessoas que a procurarem.

Jeanne podia ser jovem e inexperiente porém, era dona de uma rapidez de raciocínio e de um senso de crítica fora do comum. Assim, ao ouvir as palavras da velha, ela protestou:

— Mas isso não quer dizer nada! Essas imagens refletidas vão depender da posição de quem as vê! É como se fosse um espelho curvo, nada mais do que isso!

Gabrielle fez um sinal afirmativo com a cabeça e disse:

— Você tem toda a razão, Jeanne... Na verdade, a bola de cristal é perfeitamente dispensável. Pelo menos para nós, as feiticeiras... Nós fazemos as adivinhações graças às nossas capacidades extra-sensoriais, graças a um poder perceptivo que as outras pessoas não possuem.

Tomando fôlego, ela continuou:

— E é justamente por isso, por que essas pessoas que vêm nos procurar não dispõem desse poder de percepção, é que nós usamos a bola de cristal e mais uma porção de outros truques que servem apenas para fazer com que elas vejam, sintam, imaginem que nós sejamos diferentes, que temos um conhecimento diferente e maior do que elas mesmas.

Sorriu, apontou para fora através da janela e disse:

— Mas vamos continuar nossa conversa mais tarde... Já está chegando o primeiro cliente... E, pelo que posso sentir, ele vem trazendo um problema terrível...

\*\*\*\*\*

Jeanne, a pedido de Gabrielle, foi ficar na cozinha, escondida atrás da cortina que servia de divisão com a sala, numa posição em que poderia assistir tudo o que estava se passando sem que a sua presença fosse percebida.

— Esse homem está com um problema muito sério — falou Gabrielle — É melhor que, para ele, você não apareça. A jovem não discutiu.

De seu esconderijo, ela viu o indivíduo entrar na sala e, muito nervoso, foi sentar à mesa, diante de Gabrielle.

Era jovem ainda, teria seus quarenta anos no máximo, forte e vigoroso, com a barba muito espessa e os olhos tímidos, ariscos, parecendo os olhos de alguém que procura a qualquer preço esconder alguma coisa.

Quando ele entrou na sala, Jeanne se perguntou o que um homem como aquele, cheio de saúde, estava fazendo longe das linhas de combate.

Porém, assim que ele pousou as duas mãos sobre a toalha da mesa, a pedido de Gabrielle, a moça compreendeu: faltavam-lhe três dedos da mão direita, o polegar, o indicador e o médio e esse defeito o invalidava para a guerra.

— Como vai, Bertrand? — perguntou Gabrielle, com carinho.

— Vou bem — respondeu ele, esquivo — Até gostaria de estar na guerra... Mas com esta mão...

Gabrielle fez algumas perguntas a respeito de seus carneiros, de sua horta, de seus cães, que sempre foram seu orgulho.

E perguntou, depois de quase vinte minutos de uma conversa que nada tinha a ver com uma consulta parapsicológica, como ia passando sua mulher:

— E Michelle?

— V-vai b-bem... — gaguejou Bertrand — Muito bem!

A velha sorriu.

Segurando a mão esquerda de Bertrand, ela falou:

— Não sei por que você veio me procurar, Bertrand... Se era para me mentir, se era para querer me enganar... Não precisaria perder todo esse tempo, não precisaria deixar seus afazeres para vir até aqui!

Bertrand corou.

Tentou balbuciar algumas palavras mas sua voz parecia estar presa na garganta.

Mostrando a bola de cristal que estava bem à frente do homem, Gabrielle falou:

— Estou vendo aqui, Bertrand... As coisas estão indo bem, é verdade. Com sua lavoura, com seus animais... Com você mesmo, até... Só não está indo nada bem o seu casamento com Michelle. E isso por que você não está conseguindo mais...

Bertrand balançou a cabeça afirmativamente e choramingou:

— Não sou mais homem, Gabrielle! Não consigo mais nem a menor ereção! Estou imprestável!

Gabrielle acariciou as costas da mão esquerda de Bertrand e disse:

— Sim... Eu sei. A bola de cristal me disse. E me disse, também que você está com medo de que sua mulher o traia por causa disso.

Deu uma risada e acrescentou:

— Na verdade, está achando que ela o está traindo, não é isso mesmo?

Bertrand não respondeu.

Nem era preciso que o fizesse pois sua fisionomia mostrava bem que Gabrielle acertara em cheio.

— Pois não se preocupe — disse a velha — Em primeiro lugar, a boa Michelle não está enfeitando sua testa com um par de chifres...

— Mas como posso ter certeza? — perguntou o homem, desesperado — Se eu não a satisfaço mais...

Muito séria, Gabrielle mostrou para Bertrand a bola de cristal, dizendo, com energia:

— Se não acredita, veja você mesmo! Veja como a pobre Michelle está quieta em sua casa! Veja sua expressão preocupada, certamente pensando no que poderia estar acontecendo com você que não mais se interessa por ela!

— Mas eu me interesso! — quase gritou Bertrand — Eu me interesso e muito! Mas o problema é que não consigo mais... Não consigo fazer mais nada!

— Pois vai conseguir — replicou Gabrielle.

Assim dizendo, apanhou um lenço que estava sobre seu colo e, com ele, esfregou as mãos e as faces de Bertrand. Em seguida, com a ajuda de uma tesourinha, arrancou um dos botões de sua camisa e cortou um pequeno pedaço da bainha de sua calça. Pregou o botão no pedaço de tecido e embrulhou tudo com o lenço, guardando o volume formado no bolso do paletó de Bertrand.

— Quando sair daqui, vá até o Allier e jogue este pacotinho na água — falou a velha — Sua potência sexual voltará dentro de dez dias. Com severidade em sua voz, completou:  
— Mas neste intervalo, ou seja, de hoje a dez dias, fique longe de sua mulher ou de qualquer outra, entendeu bem?  
Bertrand fez um sinal afirmativo com a cabeça e, rápido, como se estivesse com vergonha de si mesmo, tratou de ir embora.

\*\*\*\*\*

Assim que Bertrand deixou a sala, Jeanne se apressou em ir perguntar para Gabrielle como é que ela tinha visto sua esposa na bola de cristal quando ela mesma acabara de dizer que o máximo que se poderia enxergar naquele objeto seriam reflexos do ambiente em que ele se encontrava e como é que o próprio Bertrand conseguira ver a mulher.

— Não vi ninguém na bola — afirmou Gabrielle, com um sorriso — Mas era preciso que Bertrand acreditasse. Assim, mandei-o olhar. E ele, com toda a certeza, enxergou alguma coisa que lhe pareceu ser exatamente aquilo que queria ver, ou seja, sua mulher, Michelle, em casa, bem quietinha e preocupada com a sua saúde.

— Mas... — protestou Jeanne — Nesse caso, você o enganou!

Sorriu, um pouco sem jeito e corrigiu:

— Melhor dizendo... Você o induziu a ver o que não existia!

— Você pode considerar assim, se quiser — concordou Gabrielle — Mas a verdade é que ele vai sarar. Dentro de dez dias, quando for procurar a esposa para o amor, ele vai conseguir satisfazê-la e, é claro, vai conseguir se satisfazer também.

— Com isso — murmurou Jeanne — você está querendo dizer que aquele encantamento do botão tem, realmente algum efeito...

Gabrielle riu.

— Sim... É claro que tem... Da mesma maneira que a Liturgia da Missa ou o ritual de qualquer religião...

Sem deixar que Jeanne continuasse a perguntar, ela completou:

— No caso de Bertrand, eu não estou fazendo nada mais além de lhe incutir um pouco de auto-confiança. Quem vai operar o milagre é ele mesmo!

E, fazendo sinal para que Jeanne voltasse a se esconder, falou:

— Vá se esconder. Está chegando mais um necessitado...

Jeanne olhou pela janela, mas não viu ninguém.

Já ia perguntar como ela sabia da aproximação de uma pessoa, quando uma jovem surgiu na orla da floresta, dirigindo-se para o bangalô.

\*\*\*\*\*

Anne Marie Lebrun era muito bonita. Teria seus trinta anos de idade mas, em hipótese alguma quem a visse diria ter ela mais do que vinte, tal era o frescor de sua pele e o viço de sua juventude.

Porém, ela tinha os olhos tristes, a expressão do rosto de quem está cansada de tudo e de todos, o aspecto geral de quem não está bem dentro de si mesma.

Ela entrou, sentou-se à mesa e mal respondeu ao cumprimento de Gabrielle, deixando ver que estava enfasiada, que achava que nada mais valia a pena.

A velha ficou calada, simplesmente olhando para a moça por quase cinco minutos e, então, falou:

— O que você quer fazer está errado... Pode ter certeza que vai se arrepender amargamente se insistir...

Atrás da cortina, na cozinha, Jeanne franziu as sobrancelhas. Estava começando a achar que Gabrielle não passava de uma impostora, de uma pessoa que tivesse no máximo um certo dom telepático e que, por isso, conseguia adivinhar tão bem os pensamentos das pessoas. No entanto, a maneira segura com que ela falava, a forma como estava, por exemplo, tratando aquela moça, era algo em que Jeanne tinha de pensar.

Enquanto com Bertrand, Gabrielle fora carinhosa, com Anne Marie, ela estava sendo ríspida e o seu tom de voz não deixava entender o menor sinal de amizade.

— Você não tem nada a ver com a minha vida — falou subitamente Anne Marie — Eu já estou cansada de tudo isso!

Marcel não se decide! Cheguei à conclusão que o único caminho a seguir é esse! E você vai me ajudar!

— Não sei para que veio aqui — disse Gabrielle, pondo-se de pé — Sabe muito bem que eu não faço nada contra as pessoas.

— Sim — replicou Anne Marie, ainda sentada e sem dar mostras de que considerava a entrevista finda — E não estou pedindo nada a você. Só quero que me diga se vai dar certo ou não. Só quero que me diga se Lucille vai morrer.

Gabrielle olhou intensamente para a moça e respondeu:

— Não direi nada, Anne Marie. Apenas fique sabendo que você vai se arrepender. E não é preciso ser como eu para dizer isso. As pessoas que desejam o mal para as outras e aquelas que usam as forças espirituais para conseguir prejudicar seus semelhantes, jamais conseguem ser felizes.

Um sorriso maldoso aflorou nos lábios de Anne Marie que, levantando-se, falou:

— O que está me dizendo é uma confirmação... Posso entender assim. Lucille morrerá e eu ficarei com Marcel...

Sem conseguir disfarçar a ansiedade em sua voz, indagou:

— Não é isso o que vai acontecer?

Quase gritando, acrescentou:

— Sei que você, como toda feiticeira branca, não pode mentir... Por isso, responda! Não estou certa?

Gabrielle suspirou.

De repente, pareceu que ela envelhecera vinte anos, as costas curvando-se para a frente e a voz roufenha, como se estivesse com dificuldade de sair de sua garganta.

— É verdade... — disse ela — Não posso mentir... Mas posso perfeitamente me omitir.

Quase num grasnido, ela completou:

— Descubra você mesma... Só que não se esqueça, Anne Marie... Você vai se arrepender muito!

Assim dizendo, deixou a moça sozinha na sala.

Anne Marie deu de ombros, soltou uma risada nervosa e, rapidamente, quase em fuga, saiu da casa.

Gabrielle demorou quase meia hora para sair do quarto e, assim que reapareceu Jeanne tinha dúzias de perguntas para lhe fazer.

— Mas o que essa moça queria? — indagou ela — Parece-me que está tentando matar alguém...!

— Não é bem isso — respondeu a velha — Anne Marie está apaixonada por um rapaz casado. Desde sempre ela o desejou mas Marcel casou-se com outra mulher. Anne Marie não se conformou e, depois de tentar de todas as maneiras envenenar essa união, vendo que nada dava certo, achou de recorrer às forças do mal... Foi falar com uma feiticeira negra e esta fez um encantamento que pôs a pobre Lucille tuberculosa.

A velha respirou fundo e prosseguiu:

— Não está no meu alcance ajudá-la, Jeanne. Lucille vai morrer e Anne Marie acabará conseguindo o que deseja. Mas isso vai lhe custar muito caro!

Balançando, desalentada a cabeça, Gabrielle finalizou:

— Não se deve apelar para as forças do mal. Não há como evitar as desgraças que virão depois!

Jeanne olhou intensamente para Gabrielle e comentou:

— Você disse que não é capaz de prever o futuro... Mas, no entanto, é exatamente isso que está fazendo! Está dizendo o que vai acontecer a essa tuberculosa e o que vai acontecer para Anne Marie!

Sorriu, maliciosa, e acrescentou:

— Se isso não for predizer o futuro...

Gabrielle segurou as mãos de Jeanne e murmurou:

— Qualquer um pode apanhar uma tuberculose, querida... E é uma doença grave, que mata a maior parte das pessoas que a contraem. E basta usar o bom senso para saber que aquele que deseja o mal para alguém está, por sua vez, se pondo vulnerável a esse mesmo mal. O Demônio é capaz de provocar o mal, não é mesmo? Só que, depois, ele vai cobrar a dívida... E sua cobrança normalmente não é nada delicada.

— E o que vai acontecer a Anne Marie? — quis saber Jeanne.

— Isso, não sei — respondeu Gabrielle — Como já lhe falei, não me é dado predizer o futuro muito embora todas as pessoas da região achem que sim.

Sorriu e acrescentou:

— O que eu faço, não é mais do que dar a essas pessoas motivos e maneiras de terem esperanças no futuro. Num futuro que será traçado por elas mesmas.

Sentou-se à mesa e disse:

— Basta pensar um pouco, querida... Se você souber como será o seu futuro, se ele for desagradável, é claro que há de lutar de todas as maneiras para escapar dos momentos difíceis. E isso significaria mudar o Destino, mudar o futuro, o que é impossível pois um futuro que se pode modificar, não é mais um futuro, mas sim uma possibilidade.

Depois de refletir por alguns instantes, Jeanne indagou:

— Mas não há mesmo maneira de se modificar o futuro?

Gabrielle deu de ombros e falou:

— Você ainda é muito jovem, minha querida... Não queira saber demais, antes da hora. Por enquanto, você está muito ansiosa. Acabou de passar por uma experiência ruim, está grávida e só isso faz com que fique muito mais sensível e muito mais angustiada com relação ao futuro, especialmente no que diz respeito ao futuro de seu filho. Mais tarde, quando essa criança já tiver nascido, você estará mais apta a esse tipo de revelação...

Jeanne fez uma expressão de curiosidade e perguntou:

— Mas de que revelações está falando? Por acaso está realmente achando que eu vou me transformar numa feiticeira, que vou substituí-la e passar o resto de meus dias aqui?

Gabrielle não respondeu.

Limitou-se a sorrir e, pela primeira vez, Jeanne julgou ver uma sombra de profunda tristeza em seu sorriso.

Pondo-se de pé, a velha disse:

— Vamos preparar o almoço, Jeanne... No seu estado, é preciso uma boa alimentação.

Caminhando para a cozinha, arrematou:

— Deixe as perguntas para depois... Agora, venha aprender a cozinhar coisas boas com quase nada.

## CAPÍTULO 5

As semanas passaram muito mais rapidamente do que Jeanne poderia imaginar num lugar tão sossegado quanto aquele bosque nas cercanias de Randan. Ela esperava que, tanto por causa da gravidez quanto por causa da excessiva paz do local, as horas se escoassem com muita lentidão, maçantes, opressivas e tediosas.

Porém, isso não aconteceu, muito pelo contrário, e Jeanne estava o dia todo fazendo alguma coisa, trabalhando de alguma maneira e, principalmente, aprendendo algo novo e interessante.

Ela sempre manifestara grande curiosidade a respeito de coisas espirituais e, ali na casa de Gabrielle, estava podendo presenciar e vivenciar fenômenos em que jamais acreditaria se lhe tivessem contado.

Assim, teve oportunidade de ver Gabrielle curar feridas instantaneamente, pode assistir a dezenas de levitações e teve como ajudar a velha no preparo de encantamentos, dos filtros e

das poções que ela fazia, utilizando-se de ervas e de outras substâncias estranhas que guardava em dúzias e dúzias de pequenos potes.

Jeanne adorava ver Gabrielle usar o grande caldeirão da lareira para os seus preparados misteriosos. Parecia que ela estava vivendo um conto de fadas e o mais engraçado era ver que aquelas misturas realmente funcionavam.

Gabrielle ria do espanto de Jeanne e explicava:

— Essas ervas e substâncias que eu utilizo não são mais do que remédios. A arnica é boa para inflamações, a infusão de pétalas de rosas misturada com glicerina é um excelente creme de beleza e assim por diante... Por isso você vê as pessoas sararem com as minhas poções. Por exemplo, não há bronquite que resista a um xarope feito com agrião e mel! Pode-se curar uma úlcera na perna com a utilização de banhos feitos com folhas adstringentes...

Está certo — concordou Jeanne — Mas não é somente nisso que as suas poções e filtros funcionam... Você as usa para curar muitas outras coisas e para resolver problemas que não têm nada a ver com doenças propriamente ditas.

Gabrielle riu.

— Você está falando dos filtros de amor, das poções para resolver negócios e coisas assim...

Pousando carinhosamente a mão sobre o antebraço de Jeanne, ela disse, em voz baixa, como se estivesse com medo de que outras pessoas a pudessem escutar:

— Essas poções têm apenas efeito psicológico... Aumentam a confiança de quem as usa e, assim, torna as coisas mais fáceis!

Deu uma risada e completou:

— Acredite que um homem que venha me procurar para que eu lhe faça uma poção que o possibilite encontrar um emprego, se ele não se esforçar, vai continuar desempregado. Não vai surgir um patrão caído do céu para suprir suas necessidades! Ele tem de sair em campo, tem de batalhar para conseguir alguma coisa! Só que, depois de usar o meu filtro ou a minha poção, ele irá à luta com mais vontade, com mais confiança e isso é importantíssimo

para se atingir qualquer objetivo!

Aos poucos, Jeanne foi admitindo que a feitiçaria branca, na realidade, não passava de uma série de artifícios de que faziam uso as feiticeiras para impressionar e sugerir as pessoas que as procuravam. Não classificaria de charlatanismo mas... No fundo, não estava muito longe de sê-lo, uma vez que as feiticeiras eram obrigadas a lançar mão de gestos cabalísticos, de palavras misteriosas, tudo isso com a intenção de forçar as pessoas a

acreditarem nelas e, com isso, adquirirem o mais importante, ou seja, a auto-confiança.

Porém, era evidente que Gabrielle não era apenas um compêndio ambulante de medicina natural... Ela tinha poderes, tinha uma grande capacidade telepática e radiestésica, era capaz de sentir e de adivinhar coisas impossíveis.

E era essa faceta de Gabrielle que Jeanne queria conhecer melhor, que queria aprender.

— Como é que você faz para ler os pensamentos dos outros? — quis saber.

Gabrielle suspirou e respondeu:

— Uma pessoa como eu é chamada de feiticeira porque é capaz de realizar coisas e de provocar fenômenos que as mentes das pessoas comuns não conseguem explicar e, por isso, dizem ser sobrenaturais. No entanto, isso não é bem verdade. No fundo, uma feiticeira não é mais do que uma pessoa sensível, capaz de perceber energias invisíveis e insensíveis para as outras.

Impedindo, com um gesto, que Jeanne a interrompesse, Gabrielle prosseguiu:

— No meu caso, por exemplo, sou capaz de perceber, sentir e ver a aura das pessoas. Assim, posso definir-lhes o caráter apenas pela cor e pelo brilho da mesma. É como um invólucro luminoso que contorna a silhueta de uma pessoa quando a observo num lugar menos iluminado ou, então, quando ela se encontra contra a luz. Dessa maneira, uma aura azulada significa uma pessoa de bom caráter enquanto uma outra, com a cor tendendo ao

esverdeado, mostra egoísmo e inveja; já uma aura arroxeadada indica uma pessoa de profundos princípios religiosos... As auras que apresentam tons do lilás, são típicas dos que estão apaixonados e que são correspondidos nessa paixão. O que, em resumo, traduz pessoas felizes.

— Mas essa sua explicação não tem nada a ver com a capacidade de adivinhar os pensamentos — protestou Jeanne.

— Como Não?! — fez Gabrielle — A telepatia está diretamente ligada à aura! Principalmente quando existe uma proximidade. Faço com que minha aura interaja com a da outra pessoa e, assim, posso até mesmo dizer que me encontro no interior de seus pensamentos!

— Mas nem sempre há essa proximidade — ponderou Jeanne.

— De fato — admitiu a velha — Quando a pessoa está distante, a telepatia se torna mais fácil se a feiticeira puder dispor de algum objeto que ela use ou tenha usado com muita frequência, ou então de um pedaço de seu corpo.

Jeanne arregalou os olhos, horrorizada, quase gritando:

— Um pedaço do corpo?!

— Sim — confirmou Gabrielle — Uma lasca de unha, uma mecha de cabelos, um dente que lhe tenha sido arrancado...

Jeanne respirou aliviada vendo que a feiticeira não mencionara um braço, uma mão ou, quem sabe, outra parte ainda mais impressionante do corpo humano...

— É por isso que, em muitos encantamentos praticados por nós, principalmente os encantamentos de amor, é necessário que se traga alguma coisa de quem vai ser encantado. Nesses casos, uma concentração psíquica direcionada enquanto estamos segurando um objeto pertencente a essa pessoa, praticamente faz com que ela escute uma ordem dada por nós. Para ser mais precisa, faz com que seja induzida a agir exatamente como queremos.

Gabrielle sorriu e completou:

— Mas não podemos usar esse dom para tirar proveitos próprios... Não podemos, por exemplo, tentar um encantamento que nos traga dinheiro, que faça alguém aparecer aqui com uma mala de ouro e deixá-la em nossa porta. Se isso fosse possível, a vida das feiticeiras seria muito fácil!

\*\*\*\*\*

Depois de quatro meses em companhia de Gabrielle, a moça já conseguia fazer muitas coisas que, aos olhos dos leigos, passariam perfeitamente por atos de feitiçaria.

Assim, ela já sabia como efetuar uma porção de curas ditas milagrosas, sabia ler na bola de cristal, sabia distinguir entre problemas físicos e meramente psíquicos e, o que era muito

importante segundo Gabrielle, Jeanne sabia preparar muito bem certos filtros de amor e de progresso material.

Porém, as duas aptidões que ela mais queria adquirir, não estavam ao seu alcance.

Jeanne não tinha a capacidade de ler os pensamentos como Gabrielle, e não conseguia ver o futuro.

— Não pense nisso — disse a velha, quando Jeanne comentou com ela sobre o assunto — Já lhe disse que não nos é dado, dentro da feitiçaria branca, adivinhar o futuro. E, quanto a ler pensamentos, quanto à interpenetração de auras... Falta-lhe ainda um pouco de preparo. Tenha calma e paciência que você chegará lá.

Com um acento de tristeza em sua voz, Gabrielle arrematou:

— Só que eu acho que não estarei aqui para vivenciar esse momento tão importante em sua vida...

Jeanne entendeu muito bem o que a velha estava querendo dizer.

E entendeu, também que ela estava, na realidade, fazendo exatamente aquilo que vivia afirmando ser impossível, ou seja, estava lendo o próprio futuro.

A moça não pode esconder uma certa revolta. Gabrielle sabia alguma coisa que não estava querendo lhe transmitir e isso, no mínimo demonstrava falta de confiança em sua pessoa.

— Você não confia em mim... — queixou-se Jeanne fazendo beicinho, numa tentativa de se fazer de criança mimada para conseguir o que estava querendo.

Gabrielle sorriu.

— Há certas coisas que, mesmo dentro da feitiçaria branca, só podem ser transmitidas de uma feiticeira para outra. E você ainda não é uma feiticeira. Na verdade, nem mesmo sei se será uma de nós...

Jeanne sentiu que corava. No fundo, sabia que Gabrielle estava certa...

Apesar de entusiasmada com o que estava vendo e aprendendo, Jeanne não manifestava nenhuma intenção de se transformar numa feiticeira.

Piscando o olho esquerdo para Jeanne, a velha completou:

— Você não consegue esconder de mim, querida... Você não tem a menor vontade de continuar aqui pelo resto de seus dias, vivendo sem luxo nenhum, levando uma vida que será marcada pela solidão... Você é ambiciosa demais, pensa demais nas coisas do mundo... E, enquanto você tiver esse tipo de pensamento, não poderá ser iniciada nos verdadeiros rituais da feitiçaria!

Com uma careta de despeito, Jeanne argumentou:

— Há alguma coisa errada... Você disse que as feiticeiras brancas não podem mentir e, no entanto, você está mentindo para mim! Diz que não pode ver o futuro mas soube dizer que aquela pobre mulher, Lucille, iria morrer e que sua rival, Anne Marie, haveria de ficar com Marcel! Isso, para mim, e no entender de qualquer pessoa, não é mais do que fazer uma profecia, ou seja, não é mais do que ver o futuro!

— Não, minha querida... É apenas dedução lógica, como já lhe expliquei — replicou a velha — Não estou mentindo quando afirmo ser impossível para uma feiticeira branca, ver o futuro.

Em voz mais baixa, acrescentou, como que falando para si mesma:

— Pelo menos, de uma maneira clara, nítida e confiável. Há muita coisa que me aparece e que me dá a impressão de estar vendo o futuro mas, na realidade, são apenas impressões subjetivas, no máximo, premonições!

— No caso de Lucille...?

— No caso de Lucille — respondeu Gabrielle — o que acontece é uma dedução lógica, quando muito, você pode dizer que é um jogo com as probabilidades...

\*\*\*\*\*



Na semana seguinte, Lucille morreu e quando Jeanne foi à cidade fazer algumas compras, ficou sabendo que Marcel, de fato, já estava vivendo com Anne Marie.

Assim, Gabrielle acertara.

E, para Jeanne, apenas confirmara suas teorias de que a velha estava mentindo e era perfeitamente capaz de prever o futuro.

Isso fez com que crescesse dentro de si a ansiedade por aprender o mais possível com a feiticeira e fez com que Jeanne tomasse a decisão de forçar Gabrielle a lhe ensinar os truques necessários para se tornar uma autêntica pitonisa.

Jeanne sofrera muito com a miséria, passara necessidades terríveis quando pequena, enquanto morava na Rue de la Huchette. E não estava querendo que essa situação de penúria se prolongasse pelo resto de seus dias. Ela estava grávida, iria ter um menino dentro de mais alguns meses e desejava uma vida melhor, que não fosse isolada numa cabana no meio da floresta, atendendo pessoas que viessem procurá-la com problemas os mais variados, os mais idiotas do mundo.

Não... Ela não desejava esse tipo de vida!

Mesmo porque era muito moça ainda, tinha a vida inteira pela frente, tinha suas ambições e seus desejos... Sonhos de voltar a ser plenamente feliz no meio de outras pessoas, numa cidade grande, onde houvesse... vida!

Naquele dia, encontrou Gabrielle com uma profunda expressão de tristeza.

Imediatamente ela soube — adivinhou — o que estava acontecendo. Gabrielle pressentira à distância seus pensamentos.

Sua suspeita se confirmou quando a velha lhe disse:

— Não pense assim, Jeanne. Uma feiticeira branca não pode usar seus dons extra-sensoriais para auferir lucros. Isso seria a pior coisa que você poderia fazer pois estaria indo contra todos os princípios da verdadeira feitiçaria e contra todos os seus objetivos.

Jeanne não teve o que responder. Gabrielle acertara em cheio e a jovem, só pela expressão de desagrado da velha, já podia adivinhar que ela jamais lhe ensinaria o que estava querendo aprender.

Um pouco mais tarde, menos aborrecida, Gabrielle veio lhe dizer:

— Quando falei que você ficaria em meu lugar, estava apenas contando um sonho que tive, Jeanne. Não posso afirmar que isso seja uma profecia. Sonhei que você estava chegando, que se chamava Jeanne e que estava enfrentando sérias dificuldades mesmo porque estava grávida. Se quiser considerar isso como uma espécie de clarividência, pode considerar. Não discutirei. Mas não foi uma profecia. Para começar, aconteceu enquanto eu estava dormindo e as profecias são feitas com a vidente em plena e perfeita consciência. Por isso, não pense que eu estou escondendo coisas de você. Isso não é verdade.

Erguendo os olhos para Jeanne, acrescentou:

— Além disso, você ficará no meu lugar... Isso pode querer significar tão somente que você ficará aqui, em minha casa, quando eu me for... Não é obrigatório que você se transforme numa feiticeira, como eu!

Essa frase de Gabrielle assustou ainda mais a jovem.

Ficar naquela casa, isolada do mundo... Sem nenhum outro objetivo na vida a não ser esperar o tempo passar...

Não! Jamais!

Jeanne não deixaria que acontecesse! Ficaria ali até ter seu filho e, depois...

Bem...

Depois, ela veria o que poderia fazer.

De uma coisa, porém, ela tinha certeza...

Não ficaria naquele bangalô mais do que o estritamente necessário.

Com um olhar cheio de carinho, Gabrielle murmurou:

— Lembre-se, minha querida... A felicidade é diretamente proporcional àquela que podemos transmitir para os outros...

## CAPÍTULO 6

Gabrielle era uma pessoa absolutamente incapaz de guardar rancor do que quer que fosse e, assim, o incidente com Jeanne passou em menos de vinte e quatro horas e as duas voltaram a conviver como mãe e filha, a feiticeira ensinando para ela tudo quanto lhe fosse permitido saber e nunca mais tocando no assunto que a entristecera.

Foi numa sexta-feira pela manhã que Gabrielle levantou da cama parecendo muito mais excitada e agitada do que o habitual.

— O que aconteceu? — perguntou Jeanne — É seu aniversário, para estar assim tão contente?

Gabrielle sorriu e respondeu:

— Posso ser uma feiticeira, querida... Mas não deixo de ser mulher... E nós, mulheres, não temos motivo algum para nos sentirmos felizes no dia de nosso aniversário! Envelhecer não é das coisas mais agradáveis do mundo para ninguém.

Sentando-se à mesa para o desjejum, ela continuou:

— Minha felicidade, hoje, se deve ao fato de ser noite de lua cheia e, o que é mais importante, é a terceira sexta-feira do mês.

Jeanne continuou a olhar para ela com expressão de quem não estava entendendo onde Gabrielle queria chegar e esta, servindo-se de chá, explicou:

Teremos um coven, esta noite...

A jovem franziu as sobrancelhas e indagou:

— Coven? Mas o que é isso?

— É uma reunião de feiticeiras e de feiticeiros, Jeanne. Um encontro que, na maior parte das vezes, é alegre e festivo. Você vai gostar... Estará lá comigo e poderá ver e aprender muitas coisas interessantes.

Jeanne sentiu uma espécie de arrepio a lhe percorrer o corpo. Na verdade, não parecia muito atraente a idéia de ir a um lugar onde fossem se reunir várias pessoas dotadas de dons extra-sensoriais e capazes de realizar prodígios tais como ler os seus pensamentos...

— Não quero ir — disse Jeanne — Tenho medo...

Gabrielle sorriu, acariciou as costas da mão de Jeanne e murmurou:

— Mas você irá... Será obrigada a ir. E, no fundo, vai tirar um bom proveito desse acontecimento!

Porém, Jeanne fincou pé.

Não quis ir de jeito nenhum, chegou a inventar a desculpa — muito embora tivesse consciência de que não adiantava nada mentir para Gabrielle — de que não estava bem disposta.

— Você prefere ficar — falou a velha — Pois fique... Verá que dentro de poucas horas, você estará lá.

\*\*\*\*\*

Gabrielle foi sozinha ao coven.

Começava a escurecer quando ela se embrenhou na floresta depois de se despedir de Jeanne dizendo-lhe que ainda a veria naquela noite.

Jeanne achou estranha a frase da velha pois era mais do que natural que as duas ainda se encontrassem, uma vez que moravam juntas e que a feiticeira voltaria para casa.

— A menos que ela esteja pensando em dormir na floresta — murmurou Jeanne retomando seus afazeres domésticos — E, se era isso que Gabrielle estava tencionando fazer, aí sim, é que eu tenho motivos muito fortes para não sair de casa! Eu jamais conseguiria dormir no meio do mato, num lugar onde pode haver de tudo, onde corro o risco de ser atacada por lobos ou por outros animais ferozes!

Pela porta aberta, Jeanne ficou observando Gabrielle desaparecer por entre as árvores e, mais uma vez, aquele estranho e desagradável arrepio percorreu sua coluna vertebral.

Pareceu-lhe ouvir no interior de sua alma, alguém que a recriminava por deixar a velha ir sozinha àquela reunião de doidos.

Sacudiu a cabeça afastando de si esses pensamentos e, com um suspiro, voltou a arrumar os objetos cabalísticos de Gabrielle que tinham sido usados durante aquele dia.

Mas Jeanne estava inquieta.

Não conseguia se concentrar no que fazia e, por duas vezes, quase deixou cair no chão a preciosa bola de cristal.

Resolveu desistir de qualquer coisa e, sentando-se numa das poltronas diante da lareira, tentou bordar um pouco.

Espetou-se com a agulha, errou os pontos, desistiu.

Apanhou a cesta de tricot, afinal precisava se apressar um pouco com as roupinhas de seu filho.

Mas nem isso conseguiu fazer.

Estava angustiada, mal dentro de sua própria pele, parecia que, de repente, as paredes da casa a estavam oprimindo, abafando, dizendo-lhe, enfim que não deveria estar ali, mas sim

no coven, ao lado de Gabrielle.

Finalmente, cerca de três horas depois que a velha deixara a casa, Jeanne se decidiu.

Apanhou um xale, jogou-o sobre os ombros e saiu, seguindo a mesma direção que Gabrielle tomara ao entrar na floresta.

Foi só quando já estava no meio do mato, na mais total e absoluta escuridão, que ela se deu conta de que não tinha a menor idéia do caminho a seguir.

Olhou ao seu redor.

Absolutamente em vão. Não era capaz de enxergar um palmo diante do nariz e, muito naturalmente, Jeanne sentiu medo.

Percebeu, já entrando em pânico, que não conseguiria voltar para o bangalô e um soluço desesperado sacudiu seu corpo, as lágrimas começando a surgir.

Nesse momento, ouviu nitidamente uma voz que lhe dizia:

— Siga em frente, Jeanne... Sempre em frente... E não tema. Gabrielle está esperando por você.

Assustada, a moça sentiu que, por ela, por sua vontade, não queria seguir. Seu desejo era ficar ali, pregada ao chão, com medo de dar um passo sequer, talvez esperar que o dia chegasse ou que acontecesse o milagre de alguém surgir com uma lanterna e a levasse de volta para casa.

Mas...

Suas pernas criaram vontade própria...

Seus pés começaram a se movimentar cada vez mais depressa e logo ela estava correndo, ainda apavorada mas, ao mesmo tempo, surpresa por não esbarrar num só galho de árvore.

E Jeanne já andara por aquele trecho da floresta à cata de morangos e amoras silvestres. Sabia muito bem o quanto ele era fechado e denso.

Sem se cansar, sem nem ao menos modificar o ritmo respiratório, Jeanne correu por quase quinze minutos.

Quando seus pés decidiram diminuir a marcha, ela se viu na orla de uma clareira em cujo centro tinha sido feita uma grande fogueira.

Ao redor das labaredas, doze vultos se agitavam numa estranha dança e, um pouco mais para trás, um grande caldeirão parecia apenas aguardar a hora de ser colocado sobre as chamas.

Os vultos, vestidos de negro, com uma espécie de capa longa que lhes chegava quase aos tornozelos, saltavam e corriam ao redor da fogueira, cantando alguma coisa que a moça não conseguia entender, fazendo gestos, baixando e levantando suas cabeças escondidas por capuzes como os dos frades capuchinhos.

Jeanne estacou.

Sabia que queria ir até lá, sabia que deveria se aproximar mas...

Tinha medo.

De repente, a dança parou e um dos vultos, o mais alto deles, virou-se para onde ela se encontrava e disse:

— Aproxime-se, irmã Jeanne... Nós todos estamos esperando por você!

Ele fez um gesto em sua direção e Jeanne, apesar de estar lutando consigo mesma, começou a caminhar na direção da fogueira.

— Venha, irmã — tornou a falar o vulto mais alto, a voz grave, uma voz de homem — Você é a que estava faltando, a décima terceira... Sem a sua presença, nossa reunião não fará qualquer sentido!

Jeanne engoliu em seco.

Nesse momento, Jeanne reconheceu em outro vulto, a sua boa Gabrielle e, de súbito, criou coragem.

Avançou com passo já firme para o centro da clareira e, cobrindo a cabeça com o xale que trouxera, murmurou:

— Se é assim que tem de ser..

Gabrielle segurou sua mão e, olhando para o vulto à sua direita, que parecia ser o Mestre, falou:

— Ainda há forças do mal agindo sobre esta criatura... É preciso expurgá-las! É preciso expulsar o Demônio antes que ele tome conta de Jeanne!

E, em uma voz alta e esganiçada, acrescentou:

— Temos de trabalhar depressa! Recebi hoje um aviso de que ele, o Príncipe do Mal, está prestes a possuir sua alma!

Jeanne estremeceu.

Ela estava consciente, sabia que não queria estremeecer, achava um absurdo ter aquela tremedeira de repente bem como achava impossível que sua mão, num gesto brusco e completamente contra sua vontade, se libertasse da mão de Gabrielle.

Mas foi isso que aconteceu.

Com um safanão ela se afastou e, aterrorizada, ela viu a expressão de desespero nos rostos dos doze participantes da cerimônia.

Ouviu-se um trovão.

Um estranho e longo relâmpago aconteceu, sem no entanto iluminar mais do que as copas das árvores.

Jeanne sentiu que suas pernas não a sustentariam e ela caiu no chão.

Um outro relâmpago, um outro trovão.

Um repentino vendaval muito quente, varreu aquele pedaço da floresta e um cheiro terrível de enxofre se despreendeu de algum lugar que parecia ser as entranhas da Terra.

Jeanne, apesar de ter caído, não desmaiara e, como mantinha os olhos bem abertos e todos os sentidos em alerta, pode assistir àquele estranho fenômeno.

Os doze vultos caíram por terra como se tivessem sido atingidos por um raio e, novamente, um vento quente e fétido soprou, apagando a fogueira.

Uma escuridão opressiva baixou sobre a clareira e Jeanne, sem mais forças para resistir, mergulhou nas reconfortantes e aliviadoras trevas da inconsciência.

\*\*\*\*\*

Ela abriu os olhos sentindo que alguém punha um pano úmido sobre sua testa.

Olhou ao seu redor e viu que estava no bangalô, em sua cama e que era dia.

Bertrand, com expressão preocupada, estava ao seu lado e, dedicado, tratava de esfregar-lhe os pulsos e as mãos, tentando reanimá-la.

Abriu um sorriso sincero ao ver que Jeanne despertava e murmurou:

— Oh... Graças a Deus você acordou! Já estava ficando com medo que não desse tempo de salvá-la!

— O que foi que aconteceu? — indagou a moça — Onde está Gabrielle?

Jeanne fez essa pergunta meramente por fazer. Ela sabia, mesmo sem se lembrar direito do que ocorrera, que Gabrielle não existia mais... Lentamente, as imagens da tragédia foram se formando em seu cérebro e, antes mesmo que Bertrand respondesse, Jeanne disse:

— Ela morreu... Não pensei que uma feiticeira pudesse morrer dessa maneira...

Bertrand sorriu tristemente e falou:

— Sim... Gabrielle morreu... Houve uma emanção de gás na floresta e ela morreu.

Olhando com intensidade para Jeanne, acrescentou:

— Não sei como é que você conseguiu se salvar... Quando esse gás vulcânico escapa, não há o que lhe resista!

Jeanne sentou-se na cama surpreendendo-se com o fato de estar se sentindo perfeitamente bem e perguntou:

— E os outros? O que aconteceu com todos os outros?

Bertrand franziu as sobrancelhas e indagou, intrigado:

— Outros? Mas que outros?

Por um momento, Jeanne quase falou que havia mais pessoas além de Gabrielle na clareira. Porém, achou melhor esperar um pouco e Bertrand disse:

— Você s estavam sozinhas... Não havia mais ninguém, nem mesmo pegadas.

— Mas havia um caldeirão... — insistiu Jeanne.

— Uma cesta, você quer dizer — retrucou Bertrand — Uma cesta cheia de cogumelos e de frutas silvestres.

Jeanne suspirou.

Tudo ainda estava muito confuso...

Era preciso encontrar as explicações e isso, justamente isso, seria muito difícil, uma vez que Gabrielle deixara de existir.

— O corpo...? — balbuciou Jeanne — Onde está o corpo de Gabrielle?

Bertrand sorriu, compreensivo.

— Ela já foi enterrada, Jeanne... Há dois dias. Faz hoje uma semana que você está dormindo.

A moça arregalou os olhos.

— Não é possível! — exclamou — Uma semana! Como cheguei aqui?

Bertrand respondeu:

— Eu a trouxe. Ouvi a trovoada, senti o cheiro do gás e achei que você s poderiam estar precisando de ajuda. Fui encontrá-la no meio da floresta, numa clareira. Gabrielle estava morta...

Jeanne preferiu nada dizer.

Pôs-se de pé, surpreendentemente lépida e disse:

— Estou bem... Nem acredito!

— O que pretende fazer? — perguntou Bertrand.

Jeanne ergueu os ombros, dizendo:

— Ainda não sei... Sem Gabrielle... Não tenho a menor idéia do que será de mim daqui para a frente...

Sentia-se confusa, queria refletir um pouco sobre tudo aquilo e, sem jeito, com medo de ofender Bertrand que, afinal, tinha sido tão dedicado, ela murmurou:

— Preciso pensar, Bertrand... Por isso, acho que gostaria de ficar sozinha...

O homem fez um sinal afirmativo com a cabeça e disse, já se dirigindo para a porta:

— Compreendo... Irei para minha casa...

Sorriu, fez um aceno com a mão e arrematou:

— Se precisar de alguma coisa, faça como Gabrielle... Pense em mim!

Jeanne teve vontade de rir.

Ela jamais seria capaz desse tipo de coisa. e, pelo que pudera entender, segundo as palavras do Mestre e da própria Gabrielle, estava prestes a ser possuída pelo Espírito do Mal!

Sentiu um desagradável mal estar e, erguendo os olhos para o teto, falou:

Meu Deus... Não deixe que isso aconteça! Não deixe!

## CAPÍTULO 7

No mês que se seguiu, Jeanne experimentou a solidão.

Ela já a conhecia da Rue de la Huchette mas lá, por mais sozinha que estivesse, sempre havia o movimento de pessoas nas calçadas, havia os gritos dos casais vizinhos brigando

invariavelmente por causa de dinheiro — da falta de dinheiro — e havia, no mínimo, a existência de Paris.

Na Rue de la Huchette, Jeanne podia estar solitária, abandonada por seus pais, sem ninguém para conversar, sem ninguém com quem trocar uma emoção, um sentimento... Mas, apesar disso tudo, ela estava em Paris.

E Paris era, é e sempre será Paris, mesmo com os alemães, com os árabes, ou com os turistas japoneses...

Em Paris não se está sozinho a menos que se queira e Jeanne jamais quis estar sem ninguém...

Já ali, no meio da Floresta de Randan, no bangalô que tinha sido de Gabrielle, ela estava absolutamente só.

Era verdade que sempre aparecia alguém, sempre surgia uma pessoa da cidade que desejava uma consulta, que pretendia um encantamento para ajudá-la a resolver algum problema... Também Louis e Bertrand vinham com frequência trazer-lhe mantimentos, um pedaço de carne, um peixe... Coisas que naquela época, em plena guerra, eram artigos de alto luxo e que eles levavam para Jeanne sem que ela tivesse que pagar um só tostão.

Mas, apesar disso, ela continuava a se sentir a pessoa mais solitária e abandonada do mundo.

Como se não bastasse, ela estava grávida, sua barriga cada vez maior e o bebê, irrequieto, mexendo-se o tempo todo, dando-lhe chutes como se estivesse apressado, como se estivesse

querendo vir ao mundo depressa para poder fazer companhia à mãe.

A gravidez era outro ponto de desespero e pânico para Jeanne.

Ela ficava horas a fio imaginando como faria no momento em que as contrações começassem e ela tivesse que contar com a ajuda de alguém para dar à luz seu filho.

— Não terei ninguém... — lamentava-se — E não tenho a menor idéia de como poderei fazer tudo sozinha!

Várias vezes pensara que, se tivesse dinheiro, deixaria a Floresta de Randan e iria para Clermont-Ferrand onde, no mínimo, encontraria um médico que a ajudasse.

Mas..

Não era apenas por causa do dinheiro que Jeanne não voltava para Clermont-Ferrand.

Havia, e muito forte, o medo de ser apanhada pelos homens da Gestapo. Afinal, ela jamais poderia ter certeza de que Jacob nada dissera a respeito de Auvergne.

— Estou amarrada aqui — gemeu — Terei de suportar... Terei de aguentar e, no fim, Gabrielle estava certa, mais uma vez... Ela disse que eu ficaria em seu lugar e é exatamente isso que está acontecendo! Só que... Eu nem sequer sou uma feiticeira!

\*\*\*\*\*

Sem ter o que fazer e ainda muito pouco conhecida pelos moradores da região, Jeanne tinha tempo de sobra para se dedicar à leitura. Encontrou, entre as coisas de Gabrielle, vários livros sobre feitiçaria e sobre magias e, assim, começou a estudar.

— Não é possível que uma feiticeira, uma pessoa com tanto poder, não consiga fazer alguma coisa no sentido de melhorar a própria vida! — dizia ela enquanto folheava aqueles livros — Deve haver uma maneira, deve haver um método mágico que me permita ter, ao menos, o suficiente para viver num lugar melhor, o suficiente para que eu possa ter meu filho com comodidade!

Contudo, as coisas não eram nada simples.

Os livros de Gabrielle estavam repletos de fórmulas, de símbolos e de sinais que ela não conseguia entender e, o que era pior, os poucos trechos cujo teor conseguia compreender, diziam coisas pouco animadoras.

Falavam das desgraças que caíam sobre os que tentavam explorar a magia como fonte de renda, de maldições que perseguiram os que viam na feitiçaria uma maneira de enriquecimento.

— Tem de ser mentira! — exclamava Jeanne, irritada — Nunca ouvi dizer de feiticeiras ou bruxos que fossem pobres! Deve haver um encantamento sim, mas tão secreto que nem sequer é mencionado na literatura!

À noite, Jeanne sonhava.

No sonho, ela aparecia numa cidade grande, ensolarada, quente e muito bonita. Ela usava roupas leves e coloridas, estava sempre sorridente e os homens se desdobravam para agradá-la. Ela tinha dinheiro, muito dinheiro... E podia fazer compras, podia comer nos melhores restaurantes, podia ir a teatros, dar longos passeios de automóvel...

No sonho, Jeanne vivia a vida que desejava, a vida que pedira para ter.

Mas...

Era um sonho.

Um sonho que ela sabia ser muito difícil de realizar, principalmente estando ali, prisioneira naquela floresta.

Porém, Jeanne era persistente. Quando despertava e via que ainda estava no bangalô e que aquelas ruas ensolaradas e cheias de gente feliz não tinham sido mais do que outro sonho, ela voltava a mergulhar nos livros de Gabrielle, ansiosa por encontrar o caminho de sua libertação.

— Deve haver um meio! — dizia para si mesma — E, quando eu o encontrar... Aí sim, poderei dizer que sou verdadeiramente feliz!

\*\*\*\*\*

Um fim de tarde, quando Jeanne estava mais deprimida com a solidão — nos últimos três dias não aparecera ninguém na floresta e muito menos no bangalô — revirando um velho baú que estava no quarto de Gabrielle, ela encontrou um livro que ainda não tinha visto.

Era uma edição muito antiga, já meio carcomida pelo tempo e pelos carunchos, que tratava sobre um assunto que Gabrielle abominava: Magia Negra.

Muito provavelmente foi a curiosidade que desperta aquilo que é proibido, que fez Jeanne levá-lo para a sala e começar a folheá-lo.

Era preciso muito cuidado no manuseio pois as páginas, úmidas, emboloradas e praticamente apodrecidas, desfaziam-se ao mais suave toque. Assim, bem devagar para não destruir o livro, ela o folheou, detendo-se em alguns trechos mais interessantes e saltando outros sem nem ao menos passar-lhes os olhos em cima.

Não pode deixar de sorrir ao perceber que só se detinha em parágrafos de fato importantes e que os outros eram simplesmente postos de lado, como se ela possuísse um filtro mental

formidável, um filtro pré-cognitivo que lhe permitisse escolher o que interessava e o que poderia ser desprezado, antes mesmo de começar a ler.

Quando, no dia seguinte, voltou a apanhar esse velho livro para revê-lo, percebeu que quando lia determinados pedaços do mesmo, escutava trovões à distância. Nas primeiras vezes, achou que era uma simples coincidência. Afinal, não fazia qualquer sentido a ocorrência de trovoadas só por que ela estava lendo um trabalho sobre Magia Negra.

Chegou a sair de casa para olhar o céu e, surpresa, constatou que não havia uma só nuvem...

Porém, o ribombar se repetiu várias outras vezes e Jeanne notou que o fenômeno acontecia cada vez que ela lia as palavras Demônio, Satã, Príncipe das Trevas e Inferno.

— Não... — murmurou ela — Isso não pode ser coincidência... Por incrível que possa parecer, deve haver uma correlação com essas palavras...

Para experimentar, disse, em voz alta:

— Satã!

Imediatamente, um trovão fortíssimo ecoou e logo em seguida o mesmo vento quente e fétido que assolara a clareira na noite fatídica da morte de Gabrielle, varreu a o bangalô.

Jeanne empalideceu. Trêmula, ela fechou depressa o livro e foi escondê-lo debaixo do colchão, no quarto de Gabrielle.

— Bom Deus! — exclamou, apavorada.

E, mais uma vez, o trovão ribombou e o vento cheirando a enxofre levantou poeira e folhas secas no jardim.

\*\*\*\*\*

Naquela noite, Jeanne voltou a sonhar.

Estava, desta vez numa grande cidade, dentro de uma loja muito requintada, fazendo compras. Tinha nas mãos um grosso maço de dinheiro e, ao contar as cédulas viu que o dinheiro era muito diferente, não era dinheiro francês. Ao seu lado, havia um homem. Ela sabia que esse homem era seu marido mas, já pelo porte, podia dizer que não se tratava de

Jacob. Este era mais baixo, mais troncado e não tinha as maneiras refinadas do cavalheiro que a acompanhava naquela loja.

Fez um esforço sobre-humano para tentar ver o seu rosto mas, foi em vão...

De repente, aparecia Gabrielle e a puxava, afastando-a do marido e, com um gesto raivoso, a velha apanhava todo o seu dinheiro e o atirava numa lareira que, misteriosamente, surgia

numa das paredes da loja. O gordo maço de cédulas ardia e, ao mesmo tempo em que ele

pegava fogo, Jeanne ouvia um grito aterrador e sentia um horrível cheiro de enxofre...

\*\*\*\*\*

Esses sonhos começaram a incomodar seriamente Jeanne.

Era mais do que evidente que ela gostaria de poder vivê-los na realidade mas, ela sabia muito bem que isso seria completamente impossível. Em primeiro lugar, ela estava na

França, um país em guerra e, o que era pior, um país ocupado. Em segundo, suas possibilidades financeiras eram nulas, ainda mais metida ali, naquela floresta, naquele bangalô. Não havia como fazer dinheiro, não tinha de onde tirá-lo visto que não conseguiria qualquer ocupação em Randan onde os habitantes também estavam reduzidos a um terrível estado de penúria.

O único lugar onde poderia tentar alguma coisa, seria em Clermont-Ferrand mas mesmo ali, os franceses estavam sem dinheiro, não poderiam pagar, por exemplo, uma empregada. E,

como se não bastasse, ela estava grávida... Ninguém quer uma mulher grávida para trabalhar.



Jeanne passava o dia inteiro dando voltas à cabeça na tentativa de encontrar uma solução. E, quando chegava a noite, ela estava desesperada, angustiada, sem ter conseguido nem ao menos vislumbrar uma resposta para seu problema.

Que, basicamente, estava reduzido à total impossibilidade de se mexer para onde quer que fosse.

Para cúmulo, ao adormecer, voltava a sonhar..

Nesses momentos, ela se sentia feliz e realizada, sempre cheia de dinheiro, sempre desejada por todos os homens e, o que era melhor do que qualquer outra coisa, sempre com uma imensa facilidade de se locomover, uma deliciosa liberdade para fazer o que bem quisesse.

De manhã, ao despertar, a desilusão.

Continuava no bangalô, continuava rodeada de árvores e de solidão...

Passou a odiar aquele local.

Não cuidava mais da casa, não tinha mais o menor interesse pelo jardim, pelos canteiros de cravínias, de rosas, de margaridas e de gladiólos que tinham sido o orgulho de Gabrielle

e que davam ao bangalô uma aparência de casa de bonecas. O mato cresceu tomando conta do gramado e as ervas daninhas dominaram as flores, cobrindo os canteiros e misturando-se num autêntico caos.

Bertrand e Louis, percebendo a pouca hospitalidade de Jeanne, espaçaram mais suas visitas, limitando-se a ir até lá de vez em quando, por uma questão de caridade, para levar-lhe alguns mantimentos e para saber se, por causa da gravidez já bem avançada, Jeanne não estaria precisando de alguma coisa.

Numa de suas últimas idas ao bangalô, Bertrand chegou a comentar a respeito do estado do jardim.

— Não posso mais me abaixar — desculpou-se Jeanne.

Bertrand, solícito, ofereceu-se para limpar tudo aquilo mas Jeanne, com um gesto de enfado, falou:

— Não vale a pena... De qualquer maneira, não pretendo ficar aqui por muito tempo mais. Vou apenas esperar meu filho nascer.

Depois...

Bertrand deu de ombros.

Na verdade, para ele era excelente que Jeanne tivesse recusado seu oferecimento. Bertrand não conseguia explicar por que, mas ele não se sentia bem ao lado daquela moça que,

embora com aparência tão meiga, irradiava alguma coisa que o deixava arrepiado.

Com Louis acontecia a mesma coisa. O motorista não conseguia ficar perto de Jeanne mais do que cinco minutos e, uma manhã, quando lá chegara para levar-lhe um pouco de carne de coelho, notou que não havia um só passarinho nas árvores ao redor do bangalô.

— Estranho — pensou — Quando Gabrielle era viva, este jardim estava sempre cheio de passarinhos e eles até mesmo entravam dentro da casa!

Esse fato não passou despercebido por Jeanne.

Ela gostava dos passarinhos, ficava às vezes horas a fio olhando para eles, vendo-os fazer seus ninhos e caçar insetos no gramado. Por isso, quando começou a notar a ausência das aves, ficou triste, imaginando logo que até mesmo os animais e as plantas estavam querendo deixá-la sozinha.

— Tenho apenas meu filho — disse ela, com as lágrimas a lavar-lhe o rosto — E ele ainda nem nasceu...

Se o jardim estava abandonado, o interior do bangalô não estava diferente.

Jeanne, desanimada, não mais se incomodava nem mesmo com a limpeza da casa e, dessa maneira, a poeira e a fuligem acumulavam-se sobre os móveis, no chão e nas cortinas deixando tudo com um aspecto feio, com uma cor acinzentada e triste. Teias de aranha multiplicavam-se pelos cantos e formavam desenhos os mais variados, mostrando o desleixo da moça. Batalhões de formigas iam e vinham pelo chão da cozinha, subiam

pelas paredes e caminhavam por sobre os móveis em busca de restos de comida, refestelando-se na sujeira que ali reinava.

Até consigo mesma, Jeanne relaxara.

Não se preocupava mais em pentear os cabelos que, sujos, empoeirados, armavam-se como um imenso capacete cor de fogo sobre sua cabeça. Não lavava mais suas roupas, usando-as dias e dias seguidos, chegando a dormir com elas unicamente por preguiça — ou falta de estímulo — de tirá-las na hora de ir para a cama.

Transformara-se numa mulher em decadência.

Moça demais para isso mas...

Era o que estava acontecendo.

Jeanne, sozinha, morria aos poucos enquanto formava uma nova vida em seu ventre.

\*\*\*\*\*

Todo o aspecto de desmazelo exterior refletia bem o que ia pela alma de Jeanne.

Ela não se preocupava com mais nada, não tinha interesse em coisa nenhuma e, desde que aquele estranho trovão e aquele assustador vendaval mal cheiroso surgiram enquanto ela lia o velho livro de Magia Negra de Gabrielle, Jeanne não mais tivera coragem de tirá-lo do lugar onde o escondera.

Ficara suficientemente assustada com o que presenciara na clareira da floresta e, depois, com o que acontecera no bangalô no instante em que pronunciara o nome do Príncipe das Trevas.

Até que, uma tarde, ao olhar para a mesa que Gabrielle costumava usar para atender aqueles que lhe pediam encantamentos e feitiços, ela viu o livro ao lado da bola de cristal.

Arrepiou-se inteira.

Aquilo não podia ser verdade, tinha de ser uma ilusão de ótica!

Afinal, Jeanne ainda se lembrava muito bem de ter guardado a bola de cristal em seu estojo — uma caixa de madeira perfumada e trabalhada à mão por um artesão hindu — e sabia que não tirara o livro de seu esconderijo.

Ressabiada, aproximou-se da mesa e viu que ele estava aberto justamente na página que dizia da conjuração do Demônio...

Como se tivesse medo que seus olhos se escravizassem ao texto e que, lendo-o, ela pudesse acidentalmente conjurar o Príncipe das Trevas, desviou rapidamente o olhar para a bola de cristal.

Perplexa, viu refletida em sua superfície, uma cena que aparecia em quase todos os seus sonhos...

Era ela, Jeanne, que ali estava. Muito bonita, muito bem vestida... Fazendo compras, gastando dinheiro, impressionando os homens que estavam ao seu redor...

Sim...

Era ela...

E, de repente, Jeanne sentiu uma tontura.

Sentou-se depressa para não cair no chão e, voltando a olhar para a bola de cristal, notou que esta crescia, aumentava de tamanho até tomar conta de toda a sala.

Por sua cabeça, imediatamente passou a idéia de que alguma coisa estava errada pois se a bola ficara do tamanho da sala, não deveria haver mais espaço para ela!

Foi nesse momento que ela percebeu...

Estava dentro da bola!

De alguma maneira fantástica, ela tinha entrado lá dentro e...

Tomara o lugar de sua imagem.

Jeanne olhou para suas roupas, olhou para o maço de notas que tinha na mão.

Era aquele mesmo dinheiro diferente que já vira tantas e tantas vezes em seus sonhos. Era a mesma loja, uma loja grande e luxuosa, numa cidade quente e cheia de luz...

Ao seu lado, aquele mesmo homem...

E a mesma impossibilidade de ver seu rosto!

Escutou uma risada... Uma risada horrível, arrepiante, assustadora.

Tudo começou a girar ao seu redor, as prateleiras e mercadorias da loja misturando-se com a decoração da sala do bangalô.

Jeanne, rodando junto com tudo o mais, passou por perto de um balcão de bijuterias. Viu um anel e, involuntariamente, o apanhou.

Tudo rodou mais depressa, as imagens perdendo paulatinamente a nitidez e Jeanne, de súbito, viu-se outra vez na sala da casa de Gabrielle, sentada numa poltrona.

Atônita, notou que estava segurando na mão o anel que apanhara na loja.

Olhou para o objeto, meteu-o no dedo surpresa ao ver que ele servia perfeitamente, parecia ter sido feito sob medida para ela.

Escutou, então um ruído, algo como se um pássaro muito grande estivesse batendo suas asas.

Olhou pela janela, viu que já anoitecera, estava escuro lá fora.

Ela não acendera as lamparinas da sala e, no entanto, havia luz, uma luz avermelhada que Jeanne logo descobriu vir da lareira onde as labaredas parecia ter surgido do nada...

Labaredas que estavam transformando em cinzas um grosso maço de dinheiro...

\*\*\*\*\*

Jeanne passou aquela noite em claro, com medo de dormir.

Se aquilo tinha acontecido com ela acordada, não seria difícil que, se adormecesse, viesse a ser arrastada para o interior da bola de cristal para nunca mais voltar.

Olhava para o anel em seu dedo, tinha muita vontade de tirá-lo, de jogá-lo para longe mas, alguma coisa a impedia de fazê-lo, parecia que alguém estava lhe dizendo que não se desfizesse daquela bijuteria pois ela seria uma espécie de vinculação com forças de ordem muito superior.

Pensou, também em jogar fora, em espatifar a bola de cristal mas...

Jeanne não podia negar que gostara de estar naquela loja...

Mesmo que em uma alucinação. Se quebrasse a bola, possivelmente estaria quebrando a porta de entrada para um mundo fantástico onde ela era a rainha...

Ou, talvez, estivesse mesmo fechando em definitivo uma saída daquele mundo, daquele bangalô que passara a odiar com tanta força.

Sua alma estava dividida.

Ao mesmo tempo em que queria voltar a viver aquela experiência, tinha medo.

Medo do desconhecido.

De repente, em meio a esses pensamentos, lembrou-se que, quando estivera lá, naquele mundo que não saberia dizer se era imaginário ou não, ela não estava grávida.

E, então, veio-lhe a certeza de que aquilo ainda aconteceria... Depois que seu filho viesse ao mundo.

— Mas ele não estava comigo! — exclamou — Ele não estava lá, comigo! Nem sequer pensei em sua existência!

## CAPÍTULO 8

A noite insone, o nervosismo, a angústia de não se ter visto grávida em seu estranho sonho, o fato de nem sequer ter pensado no filho naquele instante e o desejo quase irracional de poder voltar àquela loja, de poder reprisar os acontecimentos no interior da bola de cristal, misturavam-se na mente de Jeanne e faziam com que ela ficasse ainda mais nervosa e cheia de ansiedade.

Seriam nove horas da manhã quando ela decidiu voltar a ler o livro — o tal livro que surgira misteriosamente sobre a mesa, sem que ela o tivesse apanhado — deixando bem à sua frente a bola de cristal.

Se tivesse sorte, tudo aconteceria novamente só que, desta feita, estaria preparada e daria um jeito de aproveitar e de sentir prazer com a viagem e não medo como na véspera.

Respirou fundo, criou coragem e começou a folhear o livro.

Exatamente como acontecera antes, ela percebeu que era capaz de selecionar o que a pudesse interessar mesmo muito antes de começar a ler. Ela ia diretamente aos parágrafos importantes como se já conhecesse aquela obra a fundo, como se já tivesse lido e relido o livro mais de mil vezes.

Ouviu as trovoadas, chegou, uma vez ou outra a sentir o vento e o mau cheiro que ele trazia mas, esforçando-se para não se deixar impressionar, ela continuou a ler.

Mais ou menos na metade do livro, encontrou o que estava procurando.

Com toda a atenção, leu que era possível, com a ajuda do Príncipe das Trevas, praticar o transporte da alma para outros corpos e até mesmo para outros lugares. Era, porém, necessário que o Demônio assim o quisesse e, para forçá-lo a auxiliar a pessoa interessada nesse fenômeno, era preciso conjurar as forças do mal.

E isso, Jeanne não sabia e nem sequer estava muito disposta a fazer...

O medo ainda era maior do que o desejo.

Havia ali um parágrafo que a ensinava como fazer para chamar Satã em sua ajuda e os olhos da moça pareciam terrivelmente atraídos para aquele texto. Mas, Jeanne lutou consigo mesma, afastou o olhar do livro e, involuntariamente, voltou-se para a bola de cristal.

A princípio, pensou que ela estivesse empoeirada mas, prestando um pouco mais de atenção, viu que não, a bola não estava suja mas sim embaçada.

Instintivamente, com a ponta do xale que trazia sobre os ombros, Jeanne tentou limpá-la e, ao contrário do que esperava, a bola ficou ainda mais opaca, mostrando apenas um discreto brilho na parte do meio.

Fixou o olhar naquele ponto e viu, maravilhada, que seu rosto se formava como que refletido em um espelho.

Só que seus cabelos estavam penteados, seus olhos estavam bem maquiados e seus lábios, muito finos por natureza, estavam pintados de uma maneira a aumentá-los, a torná-los mais sensuais.

Jeanne parecia muito feliz ali dentro...

— Quero ir para lá! — exclamou, em voz alta — Quero sentir de perto essa felicidade!

Seria a repetição do que acontecera na véspera, algo que ocorrera naturalmente, sem que Jeanne tivesse desejado, sem que ela tivesse pedido que sucedesse.

Mas, naquele momento, ela apenas podia ver o seu rosto sorridente, sua expressão de felicidade e realização.

Não conseguia voltar para o interior da bola, não conseguia se transportar para aquele mundo maravilhoso que parecia existir ali dentro.

Aos poucos, a bola foi ficando mais embaçada e a imagem em seu interior foi se desvanecendo em uma espécie de fumaça acinzentada e, em seu lugar, foi se formando uma outra figura.

Desta vez, era um homem...

Um homem que trazia sobre a cabeça uma espécie de capuz a lhe esconder metade do rosto, permitindo a Jeanne que visse somente uma parte de seu nariz e a boca.

Era uma boca de lábios finos, tão bem feitos que pareciam ter sido desenhados por um pintor muito habilidoso que conseguira pôr em seu desenho um tal realismo que fazia saltar aos olhos toda a sensualidade daquele ser, em apenas um pedaço de rosto.

O homem sorriu...

Ao lado de sua cabeça encapuzada, surgiu-lhe a mão direita fazendo para Jeanne um aceno que mais parecia um convite.

— Mas é o que eu quero! — exclamou a moça, em desespero — Eu quero ir para lá! Deixe-me entrar nessa bola!

Porém, mais uma vez uma espécie de neblina se formou no interior da bola e a figura desapareceu ao mesmo tempo em que Jeanne ouvia o barulho das árvores açoitadas pelo vento.

Ela permaneceu ali, olhando para a bola e tentando ler mais alguma coisa no livro, por quase duas horas.

Mas, nada mais aconteceu.

A bola, limpíssima, permanecia um autêntico objeto inanimado e, quanto à leitura, Jeanne perdera a capacidade de selecionar precognitivamente, os trechos importantes.

\*\*\*\*\*

Durante todo o resto do dia, Jeanne não se sentiu bem.

Tinha a impressão de estar sempre acompanhada, de haver alguém ao seu lado como que vigiando seus passos e suas atitudes.

Ao mesmo tempo, ansiava para que chegasse a noite para novamente poder sonhar, já que era nesses sonhos que ela tinha ao menos um espectro de felicidade.

Estava com a razão.

Mal encostou a cabeça no travesseiro, adormeceu e...

Sonhou.

No entanto, ela não sonhou com a loja sofisticada que vira anteriormente e tampouco com o homem misterioso que parecia ser o seu marido e que ela não conseguia ver o rosto.

Sonhou, isso sim, com um outro indivíduo.

Um homem de cabelos muito negros, de pele queimada e que sorria para ela.

Era um sorriso atraente embora Jeanne pudesse detectar a existência de muita maldade nele... Um sorriso que encantava e que ao mesmo tempo amedrontava.

O homem a segurava pela mão e só o contato de seus dedos, fazia com que a moça sentisse uma estranha e deliciosa excitação, um desejo quase incontrolável de fazer com que aquele contato se prolongasse e se ampliasse, tomando conta de todo o seu corpo, fazendo com que ela se sentisse transportada para o mundo onírico do êxtase absoluto.

Mas, isso não acontecia...

O estranho homem limitava-se a segurar sua mão e a sorrir fugindo com o corpo quando Jeanne tentava abraçá-lo, em busca de uma aproximação maior.

Ela estava nua e mais uma vez, não estava grávida...

Seu corpo pareceu-lhe mais perfeito e sedutor do que nunca e o homem, quando olhava para ela, não escondia o desejo que sentia.

Mas...

Ele continuava a fugir, ele não permitia que ela se aproximasse mais, não deixava que satisfizesse o ardente desejo que a acometia.

Despertou com o corpo banhado de suor, sentindo dores no ventre, dores que ela não sabia dizer se eram contrações da gravidez ou se eram espasmos de um orgasmo frustrado.

Completamente acordada, sentou-se na cama já com medo de que aquelas dores fossem um sinal do parto que, se acontecesse, estaria muito antecipado.

Foi nesse momento que escutou uma voz masculina a lhe dizer:

— Você pode conseguir, Jeanne... E eu quero que consiga! Basta seguir à risca as recomendações do livro...

A voz silenciou e Jeanne, entre surpresa e assustada, permaneceu imóvel, os olhos fixos na escuridão do quarto, sem coragem de acender uma vela sequer pois temia que a claridade impedisse que aquele homem voltasse...

Foi só depois de quase uma hora, que ela levantou, apanhou uma lamparina e foi para a sala, em busca do livro e da bola de cristal.

\*\*\*\*\*

O livro estava sobre a mesa da sala, exatamente onde ela o deixara, só que estava aberto numa outra página.

Já a bola de cristal, que ela não tirara de seu lugar, simplesmente desaparecera e, por mais que Jeanne a procurasse, não conseguiu encontrá-la.

Depois de revirar a sala, o quarto de Gabrielle, seu próprio quarto e até mesmo a cozinha, Jeanne desistiu e, sentando-se diante do livro, começou a ler o que estava escrito ali, na página em que misteriosamente ele fora aberto.

À medida que avançava na leitura, Jeanne ia, mesmo sem querer, se convencendo de que, se fizesse tudo aquilo, conseguiria ser transportada para o lugar com que vinha sonhando.

As palavras estavam escritas de uma forma tão clara, de uma maneira tão convincente que Jeanne não podia deixar de lhes dar crédito e de achar que tudo daria certo.

Havia um trecho em que o autor do livro dizia alguma coisa a respeito de um sacrifício. Explicava que o sacrifício tinha por finalidade agradar o Demônio, dar-lhe prazer e, dessa maneira, propiciar a sua boa-vontade em interferir no Destino de quem o estava conjurando.

Contudo, ele não dizia que espécie de sacrifício seria necessário e só no final do capítulo é que ele deixava entender que seria o próprio Satã quem determinaria o que estava desejando que lhe fosse ofertado.

— Isso quer dizer — murmurou Jeanne — que eu posso conjurá-lo e lhe perguntar, pessoalmente, o que deseja para me ajudar!

Com uma ponta de desespero, ainda excessivamente presa a idéias materialistas, lembrou-se que não possuía nada de seu e que, assim, se o Príncipe das Trevas lhe pedisse algo de valor, jamais teria como satisfazê-lo.

Bocejou e percebeu, quase com surpresa, que estava com sono e que estava muito mais tranquila do que antes, embora tivesse surgido em sua mente aquele novo problema, decorrente da penúria em que estava vivendo.

Aliás, em que sempre vivera, com exceção dos poucos momentos em que tivera Jacob ao seu lado proporcionando-lhe praticamente toda a satisfação que desejava.

Lembrou-se, por um breve instante, de Jacob.

Sentia sua falta, sentia saudades de seus carinhos e de suas palavras doces quando voltava para casa e encontrava tudo bem limpo e arrumado.

— Eu era diferente, naquela época — disse Jeanne, levantando-se e caminhando para o quarto — Mas eu tinha ânimo. Tinha estímulo e um objetivo na vida. Queria conservar Jacob comigo pois sabia que ele era a representação viva de minha felicidade...

Olhou para a sala em desordem e no meio da sujeira de muitas semanas...

— Hoje...

Jeanne ia dizendo que já não tinha mais nenhuma razão para se preocupar com a casa, consigo mesma ou com o que quer que fosse pois não tinha mais qualquer meta para alcançar mas...

Interrompeu-se.

— Mas eu estou errada! — exclamou, em voz alta — Estou completamente errada!

Com animação e sentindo um sopro de esperança em sua alma, ela completou:

— Eu tenho um objetivo, sim! Sair daqui! Ir para aquele lugar maravilhoso que tem aparecido em meus sonhos!

Com determinação, acrescentou:

— E eu hei de realizar esse sonho! Hei de conseguir atingir essa meta! Nem que, para isso, eu tenha de fazer um pacto com o Demônio!

## CAPÍTULO 9

O dia seguinte foi de grande atividade para Jeanne.

Depois de concluir que tinha um objetivo na vida e que tinha no mínimo a obrigação de tentar alcançá-lo, a moça se pôs a trabalhar febrilmente, pesquisando o livro de Magia Negra do começo ao fim, estudando a melhor maneira de conjurar Satã para uma conversa franca com ele.

Para a proposição de um pacto com o Príncipe das Trevas.

Lendo da melhor maneira que podia aquelas páginas umedecidas e quase podres, descobriu que necessitaria de vários objetos e de um ambiente adequado para a cerimônia de conjuração.

Precisaria, por exemplo, de uma faca pontuda ou de uma espada.

Procurou pela casa inteira uma espada pois lembrava-se de ter visto Gabrielle com uma, poucos dias antes de sua morte e só depois que revirara tudo, é que conseguiu encontrá-la, escondida sob o colchão da velha, bem perto de onde deixara o livro.

Estranhou não tê-la visto antes mas, depois de tudo o que estava acontecendo por ali e em sua vida, já muito pouca coisa chegava a impressioná-la.

Além da espada, ela precisaria de sete velas negras.

Isso sim, seria um problema dos maiores pois Jeanne ouvira Gabrielle dizer muitas e muitas vezes que jamais usava velas dessa cor uma vez que a sua feitiçaria era branca e que, no máximo, usava-as cor-de-rosa ou então azuis.

— Negras ou roxas, jamais — dissera Gabrielle — São as cores que Satã prefere e eu não quero absolutamente nada com o Demônio!

Na falta desses objetos, Jeanne achou que o melhor a fazer seria improvisar.

Com um pouco de carvão e bastante paciência, ela fundiu velas brancas e transformou-as em negras. Não estavam perfeitas e Jeanne, na verdade, duvidava muito que elas queimassem até o fim mas...

No livro, não havia qualquer menção quanto à necessidade sequer de acendê-las...

Jeanne precisaria, também de duas braças de corda.

Não havia nenhuma especificação quanto ao tipo de corda que deveria usar e assim, ela rasgou dois lençóis e fabricou o que necessitava.

Como se não bastassem as velas, a corda e a espada, no livro dizia que seria preciso uma camisa de homem manchada de sangue... — Isso, não há como conseguir! — concluiu Jeanne depois de dar voltas e mais voltas \_à cabeça tentando encontrar uma solução para aquele problema — Não há homem nenhum por aqui e muito menos com a camisa manchada de sangue...

Começou a se achar ridícula perdendo tempo com algo que jamais conseguiria e decidiu que faria a conjuração do Príncipe das Trevas com o que arrumara.

— Se funcionar, melhor — falou para si mesma — E se não der certo, é por que tudo isso não passa de uma grande bobagem, de uma imensa mentira!

Voltou a ler o livro, analisou com todo o cuidado o capítulo que a interessava e viu que ali nada dizia a respeito de ser obrigatório ter em mãos todos os itens solicitados. Segundo o que o autor contava, seria o próprio Príncipe das Trevas a julgar se o que a pessoa levava era bastante ou não.

Para preocupação de Jeanne, ali estava bem claro que Satã poderia simplesmente recusar tudo ou, então, pedir outras coisas e ainda mais complicadas.

Em compensação, o autor afirmava que não havia qualquer limite para o poder de Satã e este, se quisesse, poderia transformar radicalmente a vida de uma pessoa com apenas um gesto ou um estalar de dedos.

E era isso o que Jeanne estava buscando.

Uma transformação total em sua vida, o transporte para um mundo onde ela pudesse ter horizontes, onde pudesse sentir verdadeiramente prazer em estar viva e que fosse completamente diferente do que vira até então...

Mas, de tudo aquilo que lera, o que mais a assustava era ter de ir à clareira, no meio da floresta, à noite.

A mesma clareira onde Gabrielle encontrara a morte...

— Como vou fazer para chegar lá? — perguntou-se — E como vou fazer para dominar o medo?!

\*\*\*\*\*

Quando a hora chegou, hora esta que estava no livro como sendo nove horas da noite, Jeanne arrumou os objetos que havia conseguido e, com eles numa espécie de trouxa, rumou para a floresta.

Entrou no mato utilizando o mesmo caminho de Gabrielle naquela noite fatídica e, logo depois dos primeiros passos, ainda trôpegos no meio da escuridão, levou o primeiro susto.

Uma luz surgiu à sua frente, uma luz cor de fogo e que brilhava intensamente e que se deslocava, célere, para o centro da floresta.

Alguma coisa disse para Jeanne que não deveria ter medo e que precisaria acompanhar aquela luz se, por acaso, estivesse interessada em levar avante o seu propósito.

Jeanne não titubeou.

Apressada, temendo a todo instante tropeçar e cair, muito embora soubesse que isso não iria acontecer, Jeanne continuou a caminhar, sempre seguindo a estranha luz.

Cerca de meia hora depois, chegou à clareira e, estupefacta, viu que ali, exatamente no lugar onde a fogueira para o coven tinha sido acesa, havia uma espécie de altar.

Não foi preciso que lhe dissessem que deveria arrumar sobre esse altar os objetos que trouxera e, lembrando-se do que lera, apanhou a espada e traçou com ela um círculo no chão, repetindo as palavras que aprendera com a leitura:

—Em nome de Satã, o Príncipe das Trevas, em nome de seu reino, em nome de sua força superior a qualquer outra e em nome de todos aqueles que já pertencem ao Demônio, conjuro todas as forças do Universo e toda a energia cósmica para que, junto comigo, façam vir, das profundezas do Inferno, o seu Rei e Senhor!

Jeanne mal acabara de pronunciar as últimas sílabas, e o chão tremeu.



Tremeu com um ruído surdo, com um barulho que parecia ser uma trovoadas, só que ela não vinha do alto mas sim do chão, das entranhas da Terra...

Mais uma vez, o vento quente e fétido soprou e a moça, apavorada, por pouco não ajoelhou, tremendo de medo.

Porém, ela se dominou e prosseguiu com o ritual.

Abaixando-se, apanhou um punhado de terra, jogou-o para cima e gritou:

— Forças do Universo! Levai a Satã meu pedido! Fazei com que ele me atenda e trazei-o à minha presença!

Nesse momento, as velas negras que Jeanne trouxera e arrumara sobre a mesa, sem que ninguém tocasse nelas, acenderam-se.

A moça arregalou os olhos e, por um breve instante, pensou em fugir dali, em correr para longe daquele lugar e daquelas coisas que estava fazendo.

Mas, Jeanne estava paralisada.

Percebeu que, mesmo que quisesse, não se moveria dali pois suas pernas não a obedeceriam.

O chão estremeceu mais uma vez e a corda, criando vida, começou a se erguer da mesa como se fosse uma cobra encantada por um hindu...

Uma explosão abafada se fez ouvir, um clarão iluminou a mesa e Jeanne viu que um homem se materializava diante de seus olhos. Era o homem que lhe aparecera na bola de cristal e tinha os mesmos lábios finos e maldosos, o mesmo sorriso irônico e carregado de malícia.

Desta vez, porém, Jeanne podia ver seus cabelos, muito negros e a cor de sua pele, de um moreno queimado. Pode ver seus olhos, muito vivos, escuros, rasgados e brilhantes, olhos que pareciam enxergar muito além, que pareciam atravessar a sua alma e penetrar no mais oculto de seus pensamentos.

Sentiu medo, muito medo...

Achou que desmaiaria, seus joelhos balançavam e batiam um contra o outro como se fossem castanholas mas, mesmo assim, mesmo nesse estado de pavor, ela sentia que não deveria se afastar dali, percebia que se quisesse realmente mudar a sua vida, aquela era a única e, possivelmente, a última oportunidade. E Jeanne não a perderia por nada neste mundo.

\*\*\*\*\*

Jeanne lutou contra o medo e venceu.

Aos poucos, a tremedeira foi passando e ela começou a perceber que readquiria a auto-confiança e que poderia enfrentar o que estava para vir.

— Você me chamou — disse o homem — E isso me faz muito contente! Já faz algum tempo que desejo falar consigo.

Antes que Jeanne pudesse abrir a boca, ele continuou:

— Você não está vestida adequadamente...

Era um comentário comum, o tipo de comentário que um marido faz para a esposa quando ela se apronta para uma festa e veste algo de que ele não goste. A trivialidade das palavras de Satã deram mais coragem a Jeanne que, prontamente, replicou:

— Não vi nada a respeito de roupas adequadas ou inadequadas para um encontro com você. E, de mais a mais, como é que queria que eu me vestisse, com a barriga deste tamanho?!

Satã ampliou o sorriso e disse:

— Está certo... Mas não será por muito tempo. Você logo estará livre desse transtorno.

Estendeu a mão para a frente e tocou o rosto de Jeanne.

Ela sentiu o calor de sua pele, sentiu uma estranha e quase incontrolável excitação.

Teve medo de que lhe ocorresse o mesmo que no sonho, quando não conseguia se dominar e tentava a todo custo abraçar Satã, tentava ser possuída por ele.

Mas Satã retirou a mão e falou:

— Você conseguirá o que está querendo. Eu a ajudarei.

Olhou para a mesa, viu as velas, a corda que continuava em pé como uma naja enfeitada e acrescentou:

— Está faltando a camisa...

— Não tinha como arrumar — tentou se desculpar Jeanne.

— Compreendo... — murmurou Satã — Não tem importância... Quando chegar o momento certo, você vai arranjar o que está faltando.

Voltou a sorrir, um sorriso tão cativante que Jeanne percebeu que, só por causa disso, ela o acompanharia onde quer que fosse.

— Você sabe que eu vou cobrar pelo que lhe fizer, não sabe?

— indagou Satã.

Sim — respondeu Jeanne com firmeza — Li naquele livro... E li também que você não cobra nada barato...

— Em compensação, o que eu posso lhe oferecer... — disse ele.

— Também sei — retrucou a moça — E estou disposta a pagar... O que quer que seja.

— Tem certeza? — perguntou o Príncipe das Trevas — Tem certeza que está disposta a me pagar o que eu quiser? E sabe que eu nem mesmo vou avisar o que estou cobrando?

Jeanne refletiu por um instante e respondeu:

— Quero saber o que vai me custar...

Satã riu, sem fazer qualquer comentário.

Jeanne continuou em silêncio e o Príncipe das Trevas, depois de alguns segundos, falou:

— É preciso que você saiba que não há a menor possibilidade de volta. À medida que for conseguindo o que deseja, deverá ir pagando o que eu lhe pedir e, se quiser desistir, poderá fazê-lo mas... Deverá arcar com as conseqüências de sua desistência.

Jeanne balançou a cabeça afirmativamente e murmurou:

— Está certo... Estou disposta a qualquer coisa para mudar de vida, para ir para aquele lugar que você me mostrou em sonhos. Para que eu venha a ser muito rica e poderosa...

Satã voltou a sorrir.

— Muito bem — disse ele — Dentro de dois dias você vai me trazer a camisa manchada de sangue... Camisa de homem e manchada com o sangue do próprio homem. A partir daí, as coisas começarão a acontecer.

Assim dizendo, ele fez um sinal com a mão esquerda, o indicador e o mínimo esticados e os demais dedos dobrados.

Jeanne reconheceu nesse sinal a Marca do Demônio e não pode deixar de sentir um calafrio de pavor.

Satã murmurou algumas palavras que a moça não conseguiu compreender e a corda, como se fosse uma autêntica serpente, enrolou-se na cintura de Jeanne, queimando-a como se fosse de fogo.

Ela gritou e, logo em seguida, uma trovoadas se ouviu, uma gargalhada ecoou e Jeanne viu Satã ser envolto por grandes labaredas muito vivas que, ao contrário de consumi-lo, pareciam acariciar seu corpo e fazê-lo fechar os olhos de prazer.

Em seguida, ele desapareceu bem como os objetos que estavam sobre a mesa, inclusive a corda que se enrolara em torno do corpo da moça.

Jeanne estranhou o fato de haver luminosidade ali no meio da floresta e só depois de alguns momentos é que percebeu que o dia já chegara, a noite terminara embora, pelo tempo que ela imaginava ter transcorrido, ainda deveria estar escuro.

Sentiu, em sua mão esquerda alguma coisa diferente e, olhando-a, viu que estava usando uma aliança, ao invés do anel de bijuteria que, misteriosamente, trouxera de sua aventura na bola de cristal.

Não era uma aliança de ouro ou de brilhantes, era, isso sim, um simples e grosseiro anel de ferro, largo de cerca de meio centímetro, que estava no seu dedo anular.

Jeanne achou-o anti-estético e, por ela, o teria tirado no mesmo instante. Porém, intuitivamente sabia que isso não poderia fazer.

Teria de usá-lo, era o símbolo do pacto que fizera com Satã...

Lentamente, ela se deixou escorregar até o chão, sentindo uma terrível canseira, uma vontade imensa de adormecer ali mesmo e deixar o tempo passar... Quem sabe, quando acordasse, já estaria naquele paraíso, naquela terra maravilhosa que o Príncipe das Trevas fizera questão de lhe mostrar.

Para atraí-la...

Sim...

Tinha sido isso mesmo...

Satã dera-lhe aqueles sonhos para que ficasse tentada, para que se visse desejosa de uma vida diferente!

Sorriu consigo mesma...

Talvez estivesse errada ao fazer um pacto com o Demônio... Tudo o que lera a respeito de pessoas que assim fizeram, mostrava que sempre elas acabavam tragicamente, que as coisas iam para trás e que o arrependimento era terrível.

Mas, com ela seria diferente. Ela seria mais esperta e saberia como controlar a ação de Satã...

Tinha certeza disso e, como garantia, ela tinha aquele livro... Um livro que a ensinaria a lidar com as forças do mal, que lhe diria como fazer para dominar e usar Satã.

## CAPÍTULO 10

Parecia que Jeanne renascera.

Quando despertou, no meio da clareira, com o sol a lhe bater no rosto, descobriu que sua vida já estava mudando.

Estava bem disposta, cheia de vontade de fazer alguma coisa, achando que encher o tempo era o mais importante até que Satã cumprisse a sua parte no pacto.

Durante algumas horas, depois de voltar ao bangalô, ela ainda tentou adivinhar, de que maneira ele a levaria para fora da França, no meio de uma guerra, com todos os portos bloqueados e sem a menor possibilidade de acesso a qualquer outro país da Europa.

Por mais que se esforçasse, ela não conseguiu sequer fazer uma vaga idéia do que Satã pretendia fazer.

Tinha, apenas, uma certeza: o poder do Príncipe das Trevas era imenso e certamente ele conseguiria realizar mais aquele feito.

Havia, contudo, um problema...

Jeanne não imaginava de que maneira poderia fazer para levar, em dois dias, ou seja, no dia seguinte, uma vez que o pacto tinha sido efetuado na véspera, uma camisa de homem, manchada de sangue, para Satã.

Se fosse algum tempo atrás, ela certamente suporia tratar-se da camisa de Bertrand ou de Louis mas... Já estava fazendo várias semanas que nenhum dos dois aparecia no bangalô...

A menos que Satã levasse qualquer um dos dois até ali...

Contudo, ainda estaria faltando o sangue!

— Será possível que ele quer que eu mate Bertrand ou Louis?! — fez ela, incrédula e apavorada.

Passou o resto do dia lendo o velho livro, copiando cuidadosamente as partes que a ajudavam a conhecer melhor o Demônio e, muito satisfeita, descobriu que Satã, com todos os seus poderes, não tem a capacidade de ler os pensamentos. Ele pode fazer até com que outras pessoas, sob seu domínio, venham a desenvolver esse dom... Mas ele, por si só, jamais consegue ler o que vai pelo interior da mente de alguém...

Mesmo que esse alguém seja seu súdito.

— Preciso me habituar a não expressar em voz alta o que me vai pela mente — pensou Jeanne — E isso não será nada fácil pois após ficar tanto tempo sozinha, acabei acostumando a pensar alto!

Mas Jeanne sabia que não pensar alto seria o mais simples. Se tudo o que estivesse naquele livro fosse verdade, lidar com Satã era muito mais complicado e delicado do que qualquer outra coisa...

Principalmente quando se partia do princípio que o objetivo não era outro senão enganá-lo.

— Mas vou conseguir! — pensou a moça — Não serei como todas as suas vítimas! Pagarei esta primeira parte do pacto e, depois... Satã pode fazer o que quiser, mas eu hei de me livrar dele! Não vou deixar que ele me domine completamente!

Com redobrada vontade e interesse, voltou ao livro, voltou às suas pesquisas e, à medida que ia compreendendo melhor o que ali estava escrito, Jeanne ia sorrindo, mais confiante em si mesma, acreditando piamente na realização de seus anseios.

Havia algumas páginas muito estragadas, páginas que ela não conseguia ler. Mas ela não se preocupou com esse detalhe.

— O mais importante está a salvo — pensou — E Satã não conseguirá mais nada comigo! Quero que ele me tire daqui e, depois... Quero que vá para o Inferno!

Riu consigo mesma da frase que tinha feito e, guardando o livro e suas anotações, foi cuidar da cozinha.

Pela primeira vez em muitas semanas, ela estava com fome e, além disso, com disposição para preparar comida.

Arrumou as panelas de que ia precisar e, no instante em que começava a cortar uma cebola, sentiu a primeira contração.

Segurou o ventre com ambas as mãos e, já cheia de medo, sentiu que a barriga se contraía mais uma vez, de uma maneira ainda mais dolorosa do que a anterior.

Sentiu que alguma coisa escorria por entre suas pernas e, lembrando-se do que muitas e muitas vezes ouvira dizer, achou que estava começando a perder água, achou que, de fato, a hora do parto se aproximava.

Cambaleante, sentindo muitas dores, foi para o quarto e deitou-se sobre a cama.

Pareceu-lhe ouvir uma risada mas, como não se repetisse, achou que tinha sido impressão.

As dores continuaram, passaram a se repetir com uma frequência cada vez maior até que Jeanne, esgotada, exausta, adormeceu.

Despertou já bem depois de meia-noite e, com dificuldade, acendeu uma vela.

Não pode deixar de sentir um arrepio de horror ao ver que acendera uma das velas negras, a oitava que preparara, por engano, por erro de contas...

À luz mortífera da vela, ela se olhou.

Apavorada, notou que não era água o que estava saindo de dentro de seu corpo, mas sim, sangue...

Um sangue vermelho vivo, quente, abundante...

Instintivamente, ela estendeu a mão para a mesinha de cabeceira, em busca de um pano qualquer para se enxugar.

Foi só depois de tê-lo usado quase como um tampão, que Jeanne notou que usara uma camisinha que fizera, em crochê, para seu filho. Seu filho homem...

Uma camisa de homem, manchada com o sangue desse mesmo homem...

Sentiu uma contração mais forte e a criança nasceu.

Não chorou, não se mexeu.

Estava morta.

Ela dera à luz um menino morto...

\*\*\*\*\*

O dia já ia alto quando Jeanne conseguiu reunir forças para abrir novamente os olhos.

Viu que estava ainda em seu quarto mas não se encontrava mais sozinha. Louis e uma mulher ali estavam, olhando para ela com expressão de piedade e comiseração.

— Ela despertou — murmurou Louis — Finalmente!

A mulher, que Jeanne jamais tinha visto antes, curvou-se sobre ela e disse:

— Pobrezinha... Deve ter sofrido muito...

— Meu filho... — balbuciou Jeanne — Ele nasceu...

— Sim — confirmou a mulher — Mas nasceu morto, querida...

Respirou fundo e completou:

— Deus não quis que ele viesse para este mundo em guerra, cheio de infelicidade e de desgraças...

Jeanne se esforçou para reprimir as lágrimas, para manter a boca fechada...

Ela, melhor do que ninguém, sabia que essa não era a verdade.

Não tinha sido Deus...

Tinha sido, isso sim, Satã.

— A camisinha dele — pediu — Eu a sujei de sangue... Onde está...?

A mulher franziu as sobrancelhas.

— Camisinha? — indagou — Não havia camisinha nenhuma... Você

tentou se enxugar com o lençol!

Mais uma vez, Jeanne apertou os lábios para se impedir de dizer o que estava pensando.

Havia uma camisinha, sim... Ela sabia disso muito bem... E sabia, já quando perguntara, que não seria encontrada.

— Vamos levá-la para a cidade, Jeanne — disse Louis — Você precisa de cuidados médicos e aqui... Está muito isolada, muito sozinha!

Esboçou um sorriso e acrescentou:

— Gabrielle deve estar por trás disso, Jeanne... Eu não deveria estar aqui, agora... Saí com minha cunhada para fazer algumas compras e foi no caminho que resolvi vir até sua casa para ver como estava.

Jeanne fechou os olhos e a mulher resmungou:

— Pare de falar, Louis!... Não vê que a pobrezinha está exausta?

Tomando a iniciativa, começou a arrumar algumas coisas dentro de uma maleta e disse:

— Vamos! Ajude-a a se levantar! Temos que levá-la para o hospital o mais depressa possível!

\*\*\*\*\*

A recuperação de Jeanne foi rápida.

Menos de uma semana depois de ter chegado, ela já estava andando pelos corredores do hospital e ajudando as enfermeiras em seus afazeres.

Foi graças a esse trabalho voluntário, que ela conheceu um rapaz que tinha sido ferido por uma patrulha alemã e que estava ali no hospital em tratamento antes de ser transferido para um campo de prisioneiros. Diziam que ele era da Resistência e que os alemães faziam

questão que melhorasse para que pudessem interrogá-lo melhor.

Essa expectativa estava pondo o pobre rapaz como louco.

Sabia muito bem que métodos os boches usariam para arrancar-lhe a verdade e sabia que, mesmo que quisesse ser um herói, não resistiria e acabaria contando coisas que prejudicariam enormemente o trabalho da Resistência.

Guy Lafonte, esse era seu nome, queria morrer.

Queria que alguém se compadecesse de seu triste destino e o matasse de alguma maneira.

Porém, além de não encontrar quem o fizesse, ele tinha em seu poder, bem gravadas em sua memória, algumas informações importantíssimas a respeito de aeroportos que os alemães estavam montando na região de Carentan e que precisariam ser transmitidas aos ingleses.

Ali no hospital de Clermont-Ferrand, ele não teria a menor possibilidade de encontrar alguém da Resistência pois, com certeza, os maquis não iriam se arriscar apenas para fazer-lhe uma visita e, o que era pior, ninguém sabia que ele conseguira essas informações.

Foi por acaso que Jeanne veio lhe trazer a bandeja de comida e, quando Guy a viu, compreendeu imediatamente que ela seria a pessoa certa para desempenhar o papel de pombo-correio.

Sem nem mesmo dar tempo para a moça protestar, ele enfiou em sua mão um papel com as informações e um maço de dinheiro, dizendo:

Tome... Vá procurar por Maurice Auvier... Entregue-lhe isso e ele saberá o que fazer!

Como Jeanne permanecesse olhando para ele sem se mover, ele falou:

— Faça-o pela França, mocinha... Pelos filhos que há de ter aqui em sua Pátria!

Jeanne jamais fora muito dada a patriotismos mas, naquele instante, alguma coisa lhe disse que deveria aceitar e deveria fazer exatamente o que Guy estava pedindo...

Assim, naquela mesma noite, enquanto Guy Lafonte se enforcava com o lençol para escapar das torturas dos alemães, Jeanne procurava novamente Louis e lhe pedia que a levasse até o endereço que Guy marcara no pedaço de papel.

Três semanas depois, sem nem mesmo compreender muito bem como, Jeanne estava a bordo de um barco de pesca, a caminho da Inglaterra, escondida entre uma montanha de peixes já meio apodrecidos e fedorentos...

Seis meses mais tarde, ela desembarcava no porto de Santos, no Brasil, um país quente e amistoso, onde havia muitas lojas idênticas àquela que Satã lhe mostrara em sonhos.

## **CAPÍTULO 11**

Para quem estivera a vida inteira com os horizontes limitados a uma rua do centro de Paris e, depois, acostumada à solidão e paz de uma floresta de Auvergne, a cidade de São Paulo,

ainda que naqueles anos trágicos da II Guerra Mundial, era algo deslumbrante e assustador.

Durante a viagem para o Brasil, Jeanne imaginara esta terra como sendo algo selvagem, onde índios seminus andavam soltos pelas ruas e onde era preciso desembarcar de botas de cano alto para evitar as serpentes.

Porém, o que ela viu era totalmente diferente e oposto ao que pensara.

Viu o porto de Santos, movimentado e rico, viu a cidade, já bem maior do que sonhara e, quando chegou finalmente a São Paulo, ficou maravilhada.

Ali sim, ela podia sentir o progresso, podia ver que os horizontes eram tão ilimitados quanto as dimensões gigantescas do país que decidira abraçar como sendo a sua segunda Pátria.

Tinha a certeza de vencer, era impossível que num lugar assim ela não conseguisse alcançar, uma por uma, todas as suas metas. Principalmente porque estava chegando com algum dinheiro.

Recebera, ainda na Inglaterra uma substancial importância por ter ajudado a Resistência e, no navio que a trouxera ao porto de Santos, Jeanne descobrira que a melhor, mais simples e mais rápida maneira de fazer fortuna não era outra senão exercendo a mais velha das profissões...

A mesma profissão exercida por sua mãe, por Mariette e suas meninas, por uma porção de conhecidas suas na Rue de la Huchette. Só que ela, mais esperta, sempre seria capaz de agir melhor do que todas as outras, sempre seria capaz de auferir os maiores lucros e, o que era muitíssimo importante, de selecionar muito bem os seus... *clientes*.

Foi exatamente isso o que aconteceu a bordo, quando aquele simpático rapaz começou a olhar demais para ela.

Era um homem com cerca de trinta anos de idade, vigoroso, bonitão, viajante da primeira classe, o que significava ser possuidor de comodidade financeira.

Com certeza, um homem que não mediria despesas para realizar um desejo e que não se deixaria vencer por barreiras materiais para alcançar o prazer.

Jeanne estava na segunda classe mas, por ser jovem, por ser bonita e comunicativa, não teve qualquer problema em freqüentar a primeira e foi justamente isso que possibilitou o encontro.

Tomás Camargo viu-a, interessou-se por ela e, depois de algumas trocas de olhares bastante significativos, aproximou-se.

Muito educado, falando um francês fluente e perfeito, ele a convidou para sua mesa e, depois do jantar, ficaram conversando no convés.

Tomás contou que tinha ido à Inglaterra para resolver um negócio muito importante e que significava um ganho de dinheiro simplesmente extraordinário.

— O mundo pode estar em guerra — disse ele — Mas o mundo dos negócios internacionais continua em atividade. Pode ser que haja uma diminuição de valores e de número de transações mas, isso não significa uma paralisação total. Mesmo em guerra, os países continuam a precisar de matéria s primas para suas indústrias e, em determinados casos, a necessidade aumenta de modo assustador. Sorriu e acrescentou:

— No meu caso, por exemplo, as coisas melhoraram muito depois que a guerra começou.

Jeanne percebeu que poderia tirar um bom proveito de todo aquele otimismo e de toda aquela demonstração de poder econômico. Começou contando uma história triste, que tinha enviuvado e que resolvera tentar a sorte no Brasil.

— Estou disposta a qualquer coisa — falou ela — Tenho a impressão que uma moça cheia de boa vontade e de desejo de progredir, terá sua chance no Brasil. Pelo menos, é um país novo, onde há possibilidade de trabalho mesmo para quem tenha, como eu, alguma dificuldade com a língua.

— Isso não será dificuldade — replicou Tomás — Muito pelo contrário, você vai ver que é uma imensa vantagem.

Com um sorriso carregado de malícia, explicou:

— As francesas, principalmente as francesas jovens e bonitas, são muito requisitadas para determinada espécie de trabalho...

Jeanne compreendeu muito bem o que ele estava querendo dizer mas, fazendo-se de desentendida, indagou:

— De que trabalho está falando?

Olhando para Tomás com intensa brejeirice, acrescentou:

— Preciso saber de que se trata pois pode ser que eu não tenha a menor aptidão para ele...

Tomás riu.

Segurando o queixo de Jeanne entre o polegar e o indicador, aproximando-se do rosto dela, disse:

— Não se preocupe... Tenho certeza que você é muito mais do que capaz! E tenho certeza que conseguirá vencer com muita facilidade, bastando para isso que olhe para seus futuros...

consumidores... da mesma maneira que está me olhando agora!

Jeanne fechou os olhos.

Entreabriu os lábios, úmidos, sedutores.

Era um convite a que Tomás jamais resistiria e, inclinando-se um pouco mais, ele a beijou.

Foi um beijo delicado a princípio mas que, aos poucos, foi se transformando numa erupção de volúpia enquanto Jeanne fazia evoluções com a língua dentro de sua boca.

As mãos do homem começaram a percorrer o corpo de Jeanne, acariciando seus seios, tentando se insinuar por baixo de sua saia, procurando achar e tocar os pontos mais sensíveis do corpo da mulher.

Jeanne recuou, afastou-se um pouco de Tomás e murmurou:

Não, meu querido... Assim, não...

Forçando-o a retirar a mão de sob sua saia, ela acrescentou:

Não costumo distribuir amostras grátis...

Tomás compreendeu.

Com um sorriso, ergueu-se, puxou Jeanne pela mão e, guiando-a para seu camarote, falou:

— Você está certa, mocinha... Há mercadorias que não admitem a distribuição de amostras... E, pelo visto, você é uma excelente vendedora!

\*\*\*\*\*

A madrugada ia alta quando Tomás a despertou, dizendo:

— Acorde, Jeanne... Não convém você ficar aqui até o amanhecer...

Jeanne abriu os olhos e ele, sorrindo, murmurou:

— Você foi formidável, Jeanne. Tenho certeza que, se continuar assim, será capaz de dominar São Paulo... Jamais conheci uma mulher como você!

Jeanne sorriu, levantou-se e, enquanto estava se vestindo, Tomás entregou-lhe um maço de dinheiro, falando:

— Tome. Não sei quanto você costuma cobrar... Mas posso garantir que não vai se queixar dessa quantia.

Jeanne sorriu, beijou-o rapidamente agradecendo a sua generosidade e deixou o camarote de Tomás.

Ele tinha sido o primeiro.

Depois, durante todo o resto da viagem, Jeanne não dormiu uma só noite inteira em sua própria cabina, passando em revista os lençóis de até três cavalheiros diferentes em um só dia: logo depois do almoço, um jovem e rico engenheiro; após o jantar, um próspero homem de negócios e, depois de meia-noite, um político importante e tão corrupto como os que existem hoje em dia...

Por isso, Jeanne estava chegando a São Paulo com dinheiro suficiente para iniciar um negócio que lhe permitisse ganhar a vida.

Havia, porém, um problema.

Jeanne era uma mulher inculta, sem quase nenhuma escolaridade e, embora francesa, era originária de um nível social baixo, insuficiente para o convívio normal na alta sociedade paulista, sabidamente requintada e, por vezes, excessivamente esnobe.

Ela não tinha muita noção de moda, não conhecia nada sobre artes, não tinha preparo suficiente para ser uma conhecedora de pratos finos...

Aos poucos, no correr dos seis primeiros meses em São Paulo, percebeu que as coisas não seriam tão fáceis assim.

Era mais do que claro que poderia recorrer à profissão que exercera no navio e que lhe tinha sido tão bem sugerida por Tomás.

Mas, Jeanne não queria isso.

Não achava que a prostituição a pudesse levar ao cume da sociedade e, além do mais, ela não sentia nenhum prazer com os homens. Muito pelo contrário, sentia uma profunda depressão quando de uma relação sexual pois, além de não chegar ao orgasmo, apenas ficava com o desejo reprimido, com a sensação desagradável de, mais uma vez, ter sido frustrada.



O que ela queria era se impor na alta roda, partilhar de jantares, de festas, de reuniões que tanto podiam ser culturais como fúteis, queria ter amigas, pessoas com quem pudesse passar

horas conversando, comentando sobre compras, sobre decoração, sobre seus amantes...

Mas, nada disso lhe era possível.

Jeanne não tinha o acesso que gostaria de ter junto a essas pessoas, era sempre considerada como uma intrusa, como uma penetra nas festas em que ia mesmo que convidada, e muitas vezes, em rodas de conversa, ela era ostensivamente posta de lado, as outras mulheres falando bem depressa pois sabiam que, dessa maneira, não seriam compreendidas por Jeanne, ainda com muita dificuldade para o idioma.

Restava para ela passar horas e horas fazendo compras, andando pelas lojas, realizando ao menos essa parte de seus sonhos.

Mas era muito pouco...

Jeanne queria mais, muito mais!

Evidentemente, uma mulher jovem e bonita, dona de um corpo escultural, com cabelos cor de fogo e olhos muito azuis, chamava a atenção dos homens.

Estes sim, faziam de tudo para agradá-la, moviam céus e terra para conseguir-lhe os favores de uma noite, para terem o direito de levá-la a restaurantes finos, a lugares onde seus pares os pudessem invejar.

Isso, contudo, não satisfazia a francesa.

Em primeiro lugar, por que ela sabia muito bem quais eram as verdadeiras intenções desses cavalheiros e, quando chegava a hora em que Jeanne deveria retribuir todo aquele interesse e generosidade, as coisas se complicavam.

Ela tinha que fingir o prazer..

Tinha de mostrar para seu parceiro e amante de poucas horas, que ele era um verdadeiro super-homem, que a satisfizera plena e absolutamente, que não poderia mais viver sem ter outra vez seus carinhos...

E, no entanto, não havia chegado a nada, não sentira nada e, ao ficar novamente sozinha, sentia raiva de si mesma, sentia pior do que jamais a frustração de não lhe ser possível sentir prazer.

É claro que esse obstáculo não chegava a ser um empecilho.

Jeanne estava consciente de que aquela era a única maneira de conseguir ao menos ter uma vaga idéia da boa vida que lhe fora mostrada em sonhos. E sabia que deveria aceitar os presentes que lhe ofereciam esses cavalheiros, mesmo que isso lhe cheirasse a prostituição, um pouco menos sórdida do que se recebesse dinheiro como fizera no navio mas...

Jamais deixaria de ser prostituição.

O que a fazia viver permanentemente preocupada.

Ela era desejada e chegava a ser disputada pelos homens mas, isso não seria assim para sempre.

Os anos passariam para ela como passavam para qualquer outra mulher. Ela envelheceria e os homens deixariam de procurá-la, deixariam de lhe dar presentes e, conseqüentemente, de sustentá-la.

Assim, Jeanne precisava encontrar a estabilidade com alguém que a fizesse ficar tranquila com relação ao futuro.

Evidentemente, seria ótimo se conseguisse encontrar um marido, um homem que tivesse meios materiais de mantê-la em um bom nível econômico e social e que pudesse, além disso, satisfazê-la na cama de maneira a não sentir a necessidade de continuar aquela

busca do prazer, de cama em cama, achando que o próximo poderia ser aquele que a transportaria aos píncaros do êxtase, que a faria viver as delícias da verdadeira materialização do amor, que a levaria a se sentir realizada como mulher.

\*\*\*\*\*

Com essa idéia em mente, achou que ser mais exigente e menos promíscua, poderia ser o caminho.

Começou a aceitar convites apenas de homens solteiros ou que fossem declaradamente liberados, que não dessem muita importância à vida matrimonial e que, se fosse o caso, poderiam trocar a família e a estabilidade conjugal por ela.

Achava-se bonita e atraente o bastante para abalar as emoções de qualquer um e, assim, muito mais facilmente conseguiria conquistar alguém cuja vida matrimonial já não estivesse lá grande coisa.

Mas...

Não era tão simples assim.

Os homens solteiros que dispunham de posses suficientes para contentar e satisfazer Jeanne, eram raros e, os que existiam com essas características, não estavam dispostos a partilhar a vida com mulher nenhuma, mesmo que fosse a mais linda da Terra. Não se prenderiam, não perderiam a liberdade para ficar com quem quer que fosse, ainda mais com uma mulher que ele e outros já tinham levado para a cama e que, sabiam muito bem, não teriam que despende muito esforço para uma reprise da aventura.

Os casados que sofriam as conseqüências de um matrimônio pouco feliz, estavam desejosos de se verem livres daquela carga e com certeza não haveriam de querer correr o risco de repetir uma experiência desastrosa.

Dessa maneira, Jeanne estava sendo obrigada a ser não mais que uma amante eventual para cada um daqueles com que dividia suas noites.

Ora...

Com o aumento de suas exigências e com a seleção que passou a fazer, Jeanne conseguiu muito rapidamente notar que sua receita mensal diminuía consideravelmente e isso, no mínimo, era preocupador..

Pelo que estava vendo, dentro de muito pouco tempo, ela não mais conseguiria freqüentar as lojas de que tanto gostava, não mais poderia tentar comprar suas amigas com presentes caros e, o que era ainda mais assustador, sabia muito bem que, no instante em que entrasse definitivamente em dificuldades financeiras, não encontraria uma só pessoa que lhe estendesse a mão.

Em São Paulo, como em qualquer outro lugar do mundo, os valores bancários de alguém eram tão importantes ou mais do que seu *pedigree* ou seu grau de instrução.

Era, pois, imperativo que Jeanne arrumasse com a maior rapidez possível, uma maneira estável de ter dinheiro.

Mas...

Era aí que estava o problema.

Que poderia fazer, já que não sabia fazer nada a não ser satisfazer os homens e, ainda assim, de uma maneira bastante hipócrita?

Se ao menos tivesse alguém que pudesse aconselhá-la, alguém com quem pudesse se abrir e contar-lhe suas dúvidas, suas angústias...

Mas nem isso, ela tinha.

Não poderia jamais confiar nas outras mulheres, em primeiro lugar por que sabia que elas não eram suas amigas. Em segundo, não poderia dizer para elas que não tinha o menor grau de instrução, que não tinha idéia de coisa nenhuma, nem mesmo de arte culinária!

Quanto aos homens...

Também jamais serviriam como conselheiros pois para eles, para aqueles que se relacionavam com Jeanne, era muitíssimo cômodo que ela continuasse a enfrentar problemas financeiros já que assim, não seria tão exigente, acabaria por se contentar com o que eles quisessem lhe dar e... Isso seria o bastante para mantê-la amarrada à vida de cortesã.

Cheia de angústias, começando a duvidar de si própria e tornando-se pessimista em relação ao futuro, Jeanne via passar o tempo sem que sua vida mostrasse sinais de melhora, sem que se acendesse, de maneira definitiva, uma luz no final do túnel.

Havia dias em que essas crises existenciais e depressivas se mostravam mais fortes.

Isso acontecia quando, desde cedo, ao levantar da cama, tudo dava errado. Não conseguia marcar um encontro lucrativo com qualquer de seus clientes, percebia que alguém de suas relações dera uma festa e não a convidara ou, ainda, quando simplesmente sentia que, por mais que fizesse, jamais deixaria de ser uma intrusa e aventureira, no conceito de todos.

Nesses dias, Jeanne ficava de mau humor, sentia-se a mais miserável e abandonada pessoa do mundo, achava-se o exemplo típico da solidão...

Quando, ainda por cima, num dia como esse, um homem a levava para a cama e, mais uma vez ela era obrigada a fingir um intenso e extremo prazer, aí sim, que ficava muito mal e, quando se via sozinha em seu quarto, enfiava o rosto no travesseiro e chorava horas seguidas, tentando lavar, com lágrimas, toda a sua frustração e todo o seu desespero.

Foi numa noite assim, depois de chorar por muito tempo e adormecer de exaustão, que ela sonhou...

\*\*\*\*\*

Sonhou que estava na sala do bangalô de Gabrielle e que fazia muito frio.

Ela acendera a lareira e estava olhando para o fogo, muito triste e desanimada, pensando que seu futuro jamais seria sequer uma sombra daquele que imaginava, daquele que desejava.

— Para viver assim — disse — seria melhor morrer!

Nesse instante, sem que ela fizesse o menor movimento, sem que Jeanne pusesse mais lenha na lareira, o fogo aumentou, as labaredas cresceram e uma luz avermelhada, intensa e muito estranha, iluminou todo o ambiente.

Fascinada pelo brilho das chamas, Jeanne fixou o olhar na lareira e viu que ali se formava o rosto de um homem.

Reconheceu imediatamente aqueles lábios finos, os olhos muito vivos e maldosos...

— Você se esqueceu de mim — disse ele — Esqueceu que eu e somente eu posso lhe dar o prazer que está desejando, que está lhe fazendo falta.

Jeanne ia dizer alguma coisa mas, no sonho, sua voz não saía e, por mais que se esforçasse, não podia emitir o menor som.

— Preste mais atenção ao seu redor, Jeanne... Verá que eu estou presente e que estou sendo desprezado... — continuou ele — E não se esqueça que eu tenho a solução para todos os seus problemas!

## **CAPÍTULO 12**

Jeanne despertou no meio da noite, trêmula e cheia de raiva.

Aquele sonho trouxera à sua memória cenas que ela fazia questão de esquecer, dores que não desejava recordar e que jamais queria enfrentar outra vez.

Lembrou-se do parto, do sangue em sua cama, do menino morto... Recordou-se, com um ódio extremo, do pacto que fizera com Satã e que julgava terminado uma vez que ele a pusera no Brasil e, como não poderia deixar de ser, cobrara e recebera o seu preço.

Ela lhe entregara o filho e com isso, resgatara a sua liberdade.

Por isso, não se via com a obrigação de lembrar de Satã, muito pelo contrário. Pelo seu próprio bem estar mental, Jeanne queria esquecer tudo quanto passara na França, queria esquecer aquele bangalô de Auvergne e nunca mais lembrar da fisionomia bondosa de Gabrielle ou do olhar torvo de Louis e de Bertrand.

Para ela, tudo aquilo tinha de ser relegado ao esquecimento, tinha que ser apagado de sua memória e, é claro, Satã também não mais deveria esperar o que quer que fosse de sua pessoa.

Ou de sua alma...

O sonho que tivera, porém, mostrava que o Príncipe das Trevas não concordava com a sua opinião e, de alguma maneira, estava influenciando em sua vida para que ela não o deixasse de lado e continuasse eternamente a ser sua escrava e a satisfazer suas vontades.

Sempre tomando muito cuidado para não pensar em voz alta, ela tomou a decisão de não ligar para o que acontecera naquela noite. Um sonho era apenas um sonho e deveria ser encarado como tal, sem se deixar levar por qualquer tipo de influência.

Tentou adormecer novamente mas não conseguiu.

Passou o resto da noite revirando-se na cama, ansiosa e inquieta, assustada por estar sentindo o mesmo que naquele dia em que, ainda na Floresta de Randan, decidira conjurar o Demônio para que ele viesse ajudá-la a mudar de situação.

Alguma coisa estava lhe dizendo que deveria repetir o feito e era isso o que mais a enraivecia.

— Não! — pensou — Vou resistir... Hei de vencer sozinha, sem ter de dever nada a ninguém, muito menos a Satã!

Porém, quando o dia amanheceu, ela soube logo nas primeiras horas, que seria muito difícil ficar afastada de seu Mestre...

Levantando-se, apanhou o jornal que o entregador deixava todos os dias de manhã na porta de seu apartamento.

Jeanne assinava o jornal não por que estivesse interessada nas notícias políticas, econômicas ou mesmo policiais... O que ela queria ver era a página de notas sociais, onde suas amigas apareciam e onde ela mesma desejava ardentemente figurar. Como uma imensa porção de mulheres fúteis e vazias, Jeanne achava que ter seu nome e sua fotografia nas colunas sociais dos jornais paulistanos, era a consagração, a realização máxima de quem almeja um lugar ao sol na alta roda.

Na alta e fútil sociedade...

Mas, ao abrir o jornal, seus olhos bateram numa notícia da página sobre economia que a fez empalidecer.

Ali dizia-se que o Banco de Crédito e Comércio, fechara suas

portas. E que todo o dinheiro que nele estava depositado, encontrava-se bloqueado até segunda ordem.

Era o Banco em que Jeanne deixara seu dinheiro...

Aquela notícia significava que, de repente, ela estava reduzida apenas à exígua importância que tinha dentro de casa e que, no máximo, daria para ela se sustentar, com muita economia, por mais duas ou três semanas.

Era a falência, a ruína, a queda para a sarjeta.

Uma situação que Jeanne não estava preparada para enfrentar de maneira nenhuma.

Desesperada, grudou-se ao telefone para tentar falar com alguém, para tentar entrar em contato com seus clientes banqueiros e homens de negócios que, certamente, conheceriam uma maneira de salvar seu dinheiro, saberiam como agir em um momento desses de maneira a não morrer de fome apesar de ter uma fortuna num Banco.

Uma fortuna que já vinha minguando desde algum tempo e que, de repente, se vira bloqueada.

Mas, para seu horror, não conseguia uma só ligação, um só contato.

Todos os seus conhecidos, certamente enfrentando o mesmo problema, estavam ocupados demais para atendê-la e, assim, Jeanne se viu perdida, órfã de pai e mãe no meio de um caos econômico que poderia significar uma dramática reviravolta em sua vida.

— Estou acabada! — exclamou — Dentro de um mês não terei o que comer, nem sequer terei como pagar o aluguel deste apartamento ou o salário da empregada!

Foi nesse momento que ela se lembrou de Satã.

\*\*\*\*\*

Imediatamente, Jeanne relacionou o sonho que tivera durante a noite com o que acontecera e chegou à conclusão de que tudo aquilo podia muito bem ser obra do Príncipe das Trevas, unicamente para obrigá-la a ir procurá-lo.

Sacudiu a cabeça negativamente e disse, sabendo que, uma vez que ela estava falando em voz alta, Satã poderia ouvi-la:

Não! Não vou procurá-lo! Não quero ser sua escrava e nem mesmo sua discípula!

Assim dizendo, foi para o banheiro tomar uma ducha, imaginando que isso seria um ótimo remédio para o nervosismo que a possuía.

Se Jeanne pensava que depois do banho iria se sentir bem e com disposição para sair à rua e tentar conseguir alguma coisa junto à diretoria do Banco ou, que fosse, através de advogados, estava muito enganada.

Continuou a se sentir muito mal, andando de um lado para o outro pelo apartamento, atrapalhando o serviço da empregada e fazendo com que esta, por sua vez, ficasse preocupada com a sua estabilidade no emprego.

Ouvira a patroa dizer que estava sem dinheiro, ouvira no rádio da cozinha a notícia sobre o Banco e, sem muito esforço concluiu que o melhor que teria a fazer era tratar de ir embora, era aceitar aquele emprego que uma conhecida de Jeanne lhe oferecera às escondidas e...

Pelo menos garantiria o salário do mês.

A patroa, com certeza, ainda tinha algum dinheiro em casa, pelo menos o suficiente para lhe pagar os dias trabalhados e, depois do almoço, ela se faria ao largo, em busca de portos mais seguros e mais garantidos contra essas intempéries financeiras.

Falou para Jeanne suas intenções e chegou a ficar surpresa ao ver que a francesa, muito ao contrário do que esperava, nada disse. Pareceu-lhe até que Jeanne ficara satisfeita com a notícia.

— Sem dúvida — pensou a empregada — a situação deve estar muito ruim... Para uma mulher como Jeanne resolver que é melhor ficar sem empregada... É sinal de que não está podendo pagar nada, mesmo!

O restante do dia foi um acúmulo de reveses assustador.

Perdeu o relógio, um automóvel respingou-lhe água no vestido, discutiu com o zelador do edifício, não conseguiu falar com ninguém e, para culminar, à noitinha, quando ligou para Regina, uma jovem senhora que considerava como sendo sua amiga, teve o desprazer de ouvi-la dizer, ao lhe contar suas desventuras:

— Isso não me espanta... As andorinhas aventureiras sempre acabam do mesmo jeito... Quando chega o inverno, as que não se mudam para climas melhores e mais propícios, acabam sucumbindo de fome e de frio...

— O que está querendo dizer com isso, Regina? — perguntou Jeanne, chocada — Está insinuando que eu seja...

— Uma aventureira? — interrompeu a outra com uma risada — Não, Jeanne... Não estou insinuando. Estou, simplesmente dizendo, afirmando... Você é uma aventureira que não mede esforços para vencer... Isso até seria muito bonito e muito louvável se você fizesse uso de métodos decentes! Mas é justamente o contrário! Você não está se incomodando com nada, não liga para a moral, não se preocupa com a felicidade das outras pessoas, principalmente com a daquelas que você precisa massacrar para poder subir um degrau.

Antes que Jeanne tivesse tempo de contestar, Regina prosseguiu:

— Eu aprendi a conhecê-la, Jeanne... E não pense que sou uma ingênua para não perceber como você se insinuou para o meu marido... Aproveitou que uma tarde, quando eu ainda não imaginava a víbora que se esconde por trás desse seu sorriso e desses seus olhos azuis cheios de falsa meiguice, em que lhe contei que minha vida conjugal não estava indo às mil maravilhas... Aproveitou-se de minha fraqueza e, imediatamente, começou a procurar Roberto em seu trabalho... Como quem não quer nada, como se fosse mera coincidência você aparecer lá à hora do almoço comentando que detesta ser obrigada a almoçar sozinha... Você tentou, Jeanne... Só não conseguiu por que se esqueceu que os casamentos têm crises como qualquer outro relacionamento inter-humano... Mas, no casamento, quanto ele é verdadeiro, existe algo mais. Existe o amor. E é esse amor que faz com que os matrimônios perdurem, vençam dificuldades e obstáculos à felicidade como você!

E, com um tom irônico na voz, ela completou:

— Fico muito feliz sabendo que você está quebrada. Assim, você terá de ir embora de São Paulo ou, então, o que será mais fácil de acontecer, será obrigada a ocupar a sua verdadeira posição na sociedade: rodando as chaves numa esquina qualquer da Avenida São João!

Assim dizendo, Regina bateu o telefone e deixou Jeanne olhando abismada para o aparelho mudo em suas mãos.

Ela demorou cerca de quinze minutos para se recuperar da surpresa.

Não conseguia entender como Regina ficara sabendo de sua aventura com Roberto, uma aventura que tinha sido muito mais do que secreta e em que ele mesmo tomara tantos cuidados para não ser visto por pessoas conhecidas...

Era bem verdade que a intenção de Jeanne era conquistar o marido de Regina de uma forma definitiva mas, percebera muito rapidamente que seria impossível. Roberto jurara-lhe o mais intenso amor mas... Estava impedido de se separar de Regina mesmo porque o dinheiro de que dispunha para investir em seus negócios vinha da família dela e ele não estava disposto a começar tudo de novo só por causa de um outro amor.

Por sua vez, quando soube que a fortuna de Roberto era muito mais de Regina do que dele próprio, perdera completamente o interesse.

Encontrara-se com ele três vezes e, depois... nunca mais.

— Aquele idiota! — exclamou ela — Com certeza a mulher desconfiou de alguma coisa e, pressionado, acabou contando tudo! Não passa de um imaturo, de um moleque incapaz de arcar com a responsabilidade de seus atos e, no fundo, de um pobretão que vive às custas de Regina!

Com um gesto irado, arrematou:

— E eu não preciso de um pobretão! Muito pelo contrário, preciso de um homem rico, de um homem que tenha como sustentar os meus caprichos!

\*\*\*\*\*

Sozinha em seu apartamento, a noite parecia interminável para Jeanne.

Pela primeira vez desde que chegara ao Brasil, ela sentia o mesmo que quando ainda estava em Auvergne, absolutamente só e sem perspectivas, no bangalô de Gabrielle.

— Não vou suportar tudo outra vez! — gemeu — Não quero passar por tudo aquilo de novo!

Inquieta, andando de um lado para o outro como uma leoa enjaulada, percebeu que enlouqueceria se continuasse ali. Precisava tomar ar, ver outras pessoas, mostrar a si mesma que ainda estava viva e que, afinal de contas, tinha de haver esperança.

Olhou o relógio, constatou que passava pouco de oito horas da noite, portanto, ainda era bem cedo.

Resolveu sair um pouco, caminhar pela rua, sentir o ar da noite. Talvez isso lhe trouxesse alguma idéia, talvez encontrasse uma maneira de resolver a sua situação.

Nessa época, seu apartamento era em Santa Cecília, na rua das Palmeiras e bem em frente à Igreja. Dali, a pé, Jeanne poderia ter seguido para o largo do Arouche onde havia mais

movimento ou para a Praça Marechal Deodoro onde algumas sorveterias famosas ficavam sempre cheias de gente.

Mas não...

Por alguma razão que ela mesma não saberia explicar, Jeanne subiu a Frederico Abranches e, depois de caminhar por quase um quarto de hora sem rumo e sem destino, dobrando esquinas e atravessando ruas, parou diante do portão da residência de Pêrsio de Arruda, uma casa enorme, com o terreno ocupando quase um quarteirão inteiro da Alameda Barros e a construção, alta e imponente, fazendo Jeanne imaginar a formidável quantia de dinheiro que aquele homem deveria possuir.

— Para alguém assim não há crise — pensou, admirando os entalhes do portão, iluminado por uma lâmpada maior e mais forte que as da rua.

Nesse momento, notou que havia um homem ao seu lado.

Chegou a se assustar pois não notara que ele estivesse ali quando parara diante do portão e nem sequer ouvira passos pela calçada indicando que ele estivesse se aproximando.

O homem se encontrava a menos de dois metros de distância e, como o lugar em que estava fosse mais escuro, Jeanne não conseguia ver suas feições. Podia dizer, apenas, que parecia ser elegante, estava bem vestido e tinha o porte altivo, o porte de um indivíduo fino e bem educado.

Ouviu-o dizer:

— Você poderia ter dez casas iguais a essa, se quisesse...

Mais uma vez, Jeanne se assustou.

O homem tinha falado em francês.

E era impossível que ele soubesse a sua nacionalidade!

Atônita, olhou para ele e, com a voz parecendo presa em sua garganta, indagou:

— Mas como descobriu que eu sou francesa?

— Ora! — respondeu ele com uma risada e chegando mais perto dela — Eu a conheço muito bem!

Com um timbre de reprovação na voz, acrescentou:

— Você é que não conhece mais os amigos...

Jeanne pode, então, ver o seu rosto.

Sentiu um calafrio a lhe percorrer todo o corpo ao reconhecer os olhos cheios de maldade, os lábios finos, a pele morena...

Ele estendeu a mão e tocou o rosto de Jeanne.

Era a mesma mão quente, suave, sensual...

Jeanne sentiu que flutuava, sentiu que aquele toque a excitava de uma tal maneira que, quando deu conta de si, estava abraçada ao homem, dizendo:

— Toque-me mais... Possua-me! Possua-me aqui! Quero ser sua! Sei que com você eu vou conseguir...!

Escutou uma risada.

Era aquela mesma risada, assustadora e ao mesmo tempo inebriante.

— Com que então, você precisa de mim, não é mesmo, Jeanne?

— Sim! — disse ela, aflita — Estou precisando de você!

Tentando agarrar-se a ele, acrescentou:

— Na realidade, acho que sempre precisei de você... Pelo menos para isso!

Satã afastou-a com brutalidade e falou:

— Pois não merece ter o que eu posso lhe dar, Jeanne! Você se esqueceu de mim! Achou que poderia me preterir! Agora...

Jeanne balançou a cabeça negativamente e gemeu:

— Não! Eu não o desprezei! Tampouco o esqueci!

Tentando em vão se aproximar pois a cada passo que dava em sua direção parecia que Satã flutuava para mais longe, ela completou:

— Você sabe que estou em dificuldades... Precisa me ajudar!

Recuperando um pouco de seu controle, disse:

— Já me ajudou uma vez. Recebeu o que quis. Sabe, portanto, que sou boa pagadora. Ajude-me de novo! Peça o que quiser e ajude-me!

Satã ficou em silêncio por alguns instantes.

Não foi mais do que alguns segundos mas para Jeanne pareceram séculos que se escorriam lenta e preguiçosamente, tão ansiosa ela estava.

— Está bem — disse o Príncipe das Trevas — Vou ajudá-la. Mas, para começar, eu devo, lhe dizer que o que você mais quer agora, ou seja, poder sentir prazer com um homem, jamais vai acontecer. Você só sentirá prazer comigo... E eu só lhe darei prazer quando eu quiser.

Olhou para Jeanne e seus olhos pareceram atravessar sua alma quando ele falou:

— Sua situação vai se resolver... Mas antes... é preciso que você me dê a alma de um padre...

Assim dizendo, ele riu outra vez e, fazendo um gesto com as mãos, foi envolto por uma labareda fulgurante antes de desaparecer. Jeanne voltou para seu apartamento cambaleando como se tivesse bebido um litro de aguardente.

Por alguns momentos, tentou se convencer de que tinha tido uma visão, de que tudo não passara de uma ilusão, de uma brincadeira de mau gosto que sua mente lhe tinha pregado por causa de todos os aborrecimentos do dia.

Porém, ela sentia o anel de ferro em seu dedo, a aliança do pacto com o Demônio e, parecia-lhe que ele estava mais quente, parecia-lhe que o anel estava apertando um pouco seu dedo como que a lembrá-la de que tudo tinha sido real e que ela deveria seguir à risca o que Satã lhe dissera.

Olhou ao seu redor, os móveis que tinha comprado, os objetos, o apartamento de que tanto se orgulhava...

Teve medo de perder aquela comodidade, de não mais poder usufruir de todo aquele conforto.

Apavorou-se com a idéia de que talvez fosse obrigada a mudar para um lugar mais pobre e, com certeza, acabaria tendo de cair na baixa prostituição para poder sobreviver.

Não! — exclamou — Não vou sofrer essa humilhação! Se tudo o que ele quer é a alma de um padre, amanhã mesmo ele a terá!

## CAPÍTULO 13

Jeanne acordou, na manhã seguinte cheia de disposição, apesar de ter dormido mal, pois perdera uma boa parte da noite tentando encontrar em sua memória o padre mais adequado para lhe roubar a alma...

A resposta lhe veio pela manhã, naquele momento mágico que precede o despertar, quando ainda se está imerso no mundo dos sonhos mas ao mesmo tempo se começa a tomar consciência da realidade.

Jeanne ergueu a cabeça do travesseiro e disse, com um sorriso de satisfação:

— Padre Rafael! Ele é o mais indicado!

Sem perda de tempo, levantou-se, tomou um bom banho e, quando estava se enxugando, a campainha da porta soou.

Intrigada, pois não era nem um pouco habitual ser incomodada no período da manhã, ela foi atender.

Ficou surpresa ao ver Serafina, a empregada que se despedira na véspera.

Se a senhora ainda me aceitar... — falou ela, com humildade.

Jeanne, por um instante, pensou em dizer que não, que já tinha arrumado outra. Achava o cúmulo da deslealdade Serafina ir embora só por que a situação financeira da casa balançara. Porém, ela sabia que não era das tarefas mais fáceis encontrar uma moça de confiança para ficar em seu apartamento e, além do mais, Serafina já conhecia a casa, já sabia de suas manias e...

Era discreta...

Isso era muito importante pois muitas e muitas vezes, Jeanne recebia... visitas... durante a tarde. Visitas que não poderiam ser identificadas, que não poderiam correr o risco de serem

denunciadas por uma empregada que as tivesse visto e reconhecido na hora de servir o café.

Está certo — falou a mulher — Pode ficar.



E, com uma expressão maldosa, acrescentou:

— Mas é a última vez que você faz o papel de rato de navio...

Serafina olhou para Jeanne sem entender o que ela estava querendo dizer e esta explicou:

— Os ratos é que se comportam como você, Serafina. Abandonam o navio quando este vai afundar..

Serafina riu, foi para a cozinha começar a cuidar de seus afazeres, atrasados de um dia inteiro pois a patroa não tivera ânimo nem mesmo para lavar o coador de café.

Balançando a cabeça aprovadamente, Jeanne pensou:

— De fato... O Príncipe das Trevas está trabalhando a meu favor... Serafina de volta... Daqui a pouco as coisas vão melhorar, vão entrar nos eixos e tudo voltará a ser como antes!

Em voz alta, entrando em seu quarto, ela exclamou:

— Como antes, não! Serão muito melhores!

De frente para o grande espelho em que passava horas a se arrumar, Jeanne deixou cair no chão a toalha que lhe envolvia o corpo. Sorriu, satisfeita, para a imagem que o espelho lhe devolvia.

Sim...

Ela era muito bonita, muito desejável.

Na verdade, a gravidez não fizera mais do que amadurecer seu corpo e transformá-lo num autêntico monumento ao Belo.

— Ninguém poderá me resistir — disse ela passando as mãos pela curva dos quadris — Nem mesmo um padre, por mais santo que seja e...

Riu, acrescentando:

— Sei muito bem que o Padre Rafael não é propriamente um santo... Já notei muito bem como ele olha para mim, de vez em quando!

\*\*\*\*\*

Vestida, perfumada e fresca como uma alface recém-colhida, Jeanne saiu de casa.

Com passos apressados, atravessou a Rua das Palmeiras e entrou na Igreja de Santa Cecília onde, com certeza, encontraria o padre. Caminhou pela nave central do templo, olhando para as imagens de santos que havia nos altares laterais e, como sempre acontecia, sentiu um calafrio.

Não gostava de igrejas, não conseguia olhar por muito tempo para um crucifixo ou mesmo para uma imagem de um santo qualquer. Era engraçado...

Quando ainda na Rue de la Huchette, muitas e muitas vezes, ela fora à Catedral de Notre Dame apenas para ficar lá, sentada num dos muitos bancos, gozando da paz que reinava no interior da igreja.

E, no entanto, não podia mais permanecer no interior de um templo mais do que o estritamente necessário. Muitas vezes, em casamentos e em outras ocasiões em que era imperativo comparecer a uma Missa, Jeanne tinha de fazer um esforço de abstração muito grande para se imaginar longe dali, em qualquer outro lugar e cercada por outra espécie de pessoas. Se não fizesse isso, sentia que poderia passar mal, que poderia até desmaiar

Jeanne deu a volta ao altar-mor da igreja sentindo mais forte do que nunca o calafrio, chegando a escutar um desagradável zumbido nos ouvidos e com a impressão de que, se se descuidasse, poderia até cair no chão.

Alcançou a porta da sacristia e, sem bater, entrou.

Padre Rafael ali estava, sentado a uma escrivaninha, passando a limpo algumas anotações.

Ergueu os olhos do trabalho quando percebeu que alguém entrara e, ao ver Jeanne, sorriu.

—Como vai, Jeanne? — perguntou — Veio se confessar?

Ela sacudiu negativamente a cabeça e, sentindo-se tímida e vulnerável, balbuciou:

— Preciso conversar com o senhor, Padre... Mas não se trata de uma confissão...

Padre Rafael pousou a caneta sobre o grande caderno em que estava escrevendo e, fixando em Jeanne seus olhos de um verde acinzentado muito vivos, disse:

— Pois sou todo ouvidos, Jeanne... Você sabe que os problemas de meus paroquianos são também meus problemas. Mesmo que venham de ovelhas meio desgarradas como você que jamais vêm à Missa, embora façam questão de contribuir com gordas somas para as obras de caridade da Paróquia...

Jeanne esboçou um sorriso sem graça.

Aquele homem a incomodava...

Era jovem, teria no máximo trinta e cinco anos de idade, era másculo e bonito, com os cabelos muito louros um pouco mais compridos do que normalmente os padres costumavam usar. Como se não bastasse a sua estampa, era um homem inteligente, sempre com as respostas na ponta da língua e...

Bem...

Padre Rafael possuía um olhar penetrante, quente, cheio de sensualidade e de segundos significados.

Quando ele a olhava, parecia estar despindo suas roupas e entrando em seu corpo, em busca da alma mas, ao mesmo tempo, aproveitando cada infinitésimo de instante desse contato extra-sensorial...

— O que tenho para lhe dizer não pode ser dito aqui, padre — falou Jeanne.

Padre Rafael ergueu as sobrancelhas e indagou, com um sorriso onde não conseguia — ou não queria — esconder a malícia:

— Não pode ser na Igreja? Mas o que será tão grave que não possa ser comentado na Casa do Pai?

Abriu um sorriso e perguntou:

— O que sugere, então?

Jeanne respirou fundo.

Dominando-se, armou o seu melhor sorriso e respondeu:

— Achei que o senhor poderia aceitar um copo de vinho esta noite, em minha casa... Ainda devo ter uma ou duas garrafas de Château Lombard, aquele vinho lionês que é considerado o melhor do mundo pelos que realmente conhecem enologia.

Padre Rafael ficou calado por um breve momento e, depois, balançou a cabeça, dizendo:

— Acho que nunca tomei esse vinho, Jeanne... E vou sentir muito prazer em visitá-la esta noite...

Sorriu e acrescentou:

— Mas faça questão de levar o queijo e o pão...

\*\*\*\*\*

Seriam nove horas da noite quando o padre Rafael chegou à casa de Jeanne.

Estava sorridente e trazia um embrulho com um grande queijo do Reino e uma bengala de pão.

— Desculpe-me por trazer este queijo, Jeanne — falou ele — Gostaria de ter conseguido um pedaço de Émenthal mas foi impossível.

Erguendo os ombros, explicou:

— Você compreende... As coisas estão difíceis, hoje em dia. Minha tentativa de fazê-la lembrar da França com um pedaço de queijo, foi por água abaixo!

Jeanne sorriu e tomando das mãos do padre o pacote, disse:

— Não era preciso se incomodar. Para mim, o importante é a sua presença.

E, falando baixo, ela acrescentou:

— Além do mais, padre... Não tenho muitas saudades da França. É um país velho, mofado, cheio de histórias de assombração. Eu fico toda arrepiada quando me lembro das coisas horríveis que me contavam quando eu era pequena e morava em Paris...

Padre Rafael sentou-se numa ponta do sofá e comentou:

— Eu também sei algumas histórias arrepiantes...

Jeanne olhou para ele com expressão interessada e curiosa.

O padre, com uma risada, indagou:

— Mas você não disse que ficava arrepiada quando escuta esse tipo de coisa? Como é que faz essa cara de quem quer ouvir?

— Não creio que um caso assombroso contado por um padre possa me arrepiar — respondeu ela.

Apanhando a garrafa de vinho e servindo-o, completou:

— De mais a mais, acho que se eu me arrepiar ou se tiver medo, com a sua presença aqui em casa, terei como me acalmar...

Padre Rafael voltou a fitar Jeanne com aqueles olhos penetrantes e ela não pode deixar de sentir um certo mal estar.

Parecia que ele estava sabendo perfeitamente o que Jeanne pretendia e, como o gato que brinca com o rato antes de matá-lo, o padre estava apenas brincando com ela para ver até onde teria coragem de chegar.

Respirando fundo e tomando um gole de vinho, o sacerdote falou:

— Você estava com a razão, Jeanne... Este vinho é realmente formidável... E, quando tomado em companhia de uma bela mulher...

Antes que Jeanne pudesse manifestar o seu espanto por aquela frase, o padre prosseguiu:

— O vinho precisa de alguns requisitos para ser completo. Assim, não se pode saborear um bom vinho sem um acompanhamento e, para que o seu espírito, para que o espírito do vinho seja de fato realçado, é indispensável que nesse acompanhamento haja uma mulher, a obra prima do Criador.

— Não me considero nenhuma obra prima — replicou Jeanne com um trejeito e sentando-se ao lado do padre.

— Mas é — disse ele prontamente — Você é uma mulher linda e é muito estranho que ainda não tenha se casado...

— Sou viúva — murmurou Jeanne — Meu marido morreu nas mãos dos alemães logo no começo da guerra.

— Pois deveria se casar outra vez — ponderou o sacerdote — Uma mulher bonita não deve ficar sozinha. Além de fazer mal à saúde, é um verdadeiro desperdício e Deus condena o desperdício, sabia?

Jeanne riu.

Pousando a mão sobre o antebraço do padre, ela falou:

— Nesse caso, o senhor deve viver em pecado. Também acho que seja um desperdício muito grande um homem tão másculo, bonito e inteligente ficar assim, celibatário...

Padre Rafael ia dizendo que o celibato clerical era uma opção de vida que os padres faziam quando decidiam abraçar o sacerdócio mas, Jeanne não o deixou.

Apressada, temendo que aquele assunto desse início a uma discussão estéril sobre vocações sacerdotais e outras coisas congêneres, ela disse:

— Mas eu não o convidei para ficarmos conversando sobre um tema que só serve para levantar a discórdia...

Ficando subitamente séria, Jeanne falou:

— Estou muito preocupada, padre. Muito preocupada com o meu futuro.

O sacerdote sorriu e replicou:

— Não vejo como você possa estar preocupada, Jeanne... Você é rica, bonita, jovem... Não tem nenhuma razão de se preocupar com o futuro material.

Fitando-a com intensidade, acrescentou:

— A menos que esteja falando de seu futuro espiritual e, nesse caso, talvez eu possa ajudar em alguma coisa...

Jeanne balançou a cabeça negativamente e murmurou:

— Não, padre... Não estou preocupada com o meu futuro espiritual. Não tenho como me preocupar com ele. Mas, em compensação, materialmente, as coisas não andam nem um pouco bem para mim. E isso, no presente, no momento atual. Imagine como vai ficar no futuro, a minha vida, sem ninguém para me ajudar, sem ter uma só pessoa para me apoiar! Sem ter um ombro onde encostar a minha frente em momentos de aflição como os que tenho passado nas últimas horas!

Torcendo as mãos nervosamente, ela disse:

— O senhor sabe que o Banco de Crédito e Comércio fechou... Meu dinheiro estava lá e, agora...

Suspirou doloridamente e concluiu:

— Fiquei sem dinheiro, padre... Completamente sem dinheiro! Não sei, simplesmente, se terei como comer amanhã...

Padre Rafael balançou a cabeça para a frente e para trás, mostrando que compreendia a situação de Jeanne. Depois de refletir alguns momentos, ele murmurou:

— De qualquer maneira, não acredito que você morra de fome... Aliás, pode ter certeza que sempre encontrará alguma coisa na sacristia em que eu estiver!

Jeanne inclinou-se para o padre, encostando a cabeça em seu ombro, aproximando-se mais dele de maneira a fazê-lo sentir suas formas, especialmente o contorno de seus seios.

Notou instantaneamente que o sacerdote se contraía e, insistindo na proximidade, ela falou:

— Eu sempre soube disso, padre... E não me preocupo por causa de um prato de comida, de um dinheirinho para pagar a conta de luz ou até mesmo para ajudar a pagar o aluguel... Sempre soube que poderia contar com o senhor num momento assim.

Afastou-se um pouco e, olhando de frente para o sacerdote, seu rosto ainda bem perto do dele, Jeanne murmurou:

— Há outras coisas que uma mulher de minha posição precisa ter para não se considerar a mais infeliz pessoa do mundo... Coisas como roupas íntimas finas, coisas como perfumes...

Virou um pouco de lado, mostrando o pescoço perfeito para o padre enquanto dizia:

— Perfumes como este que estou usando... Sinta como é agradável, como é inebriante...

O padre hesitou. Ele estava começando a tremer, estava vermelho como um pimentão e em sua testa começavam a aparecer gotas de suor.

Nervoso, serviu-se de mais um cálice de vinho, tomou-o de um só gole e voltou a enchê-lo, com um suspiro que, para Jeanne, pareceu mais ser um gemido.

Impiedosa, ela continuou:

— Pena que esses perfumes custem tão caro, padre. E pena que eu não possa mais comprar minhas roupas de baixo como vinha fazendo até hoje...

Antes que o padre pudesse reagir, pudesse protestar ou simplesmente se levantar para ir embora, ela abriu a blusa, mostrando-lhe o sutiã, enquanto dizia:

— Veja, padre... Não é bonito? Não é uma pena que eu não possa mais comprar outros assim?

O pobre sacerdote estava petrificado.

Não sabia se fechava os olhos ou se os mantinha abertos, não sabia sequer se conseguiria juntar forças suficientes para se erguer daquele sofá e sair dali em desabalada carreira.

Como se não bastasse, Jeanne soltou a presilha do sutiã, deixando os seios livres, lindos, os mamilos castanhos pontudos, como se quisessem furar os olhos do padre Rafael.

— Ou será que os prefere assim, padre...? Livres... Soltos... Rebeldes e tentadores...?

Era demais para o pobre homem...

Depois de mais de quinze anos de abstinência absoluta, ele pensava que já estivesse imune a esse tipo de tentação... Porém, descobriu da maneira mais dolorosa que o instinto animal não é tão facilmente debelado.

Sentiu aumentar o tremor que já o vinha acometendo, sentiu algo semelhante a um fogo subindo de suas entranhas e querendo explodir de dentro de seu corpo.

Agarrou Jeanne, acariciou seus seios e, alucinado, completamente fora de si, tentou livrá-la do restante das roupas.

Mas Jeanne fugiu.

Com um repelão, afastou-se do padre e, com um sorriso maldoso, disse:

— Não, meu amigo... Não por uma bengala de pão e uma bola de queijo...

Padre Rafael compreendeu o que ela estava querendo dizer.

Envergonhado, revoltado contra si mesmo, ele respirou fundo e, em passos apressados, dirigiu-se para a porta.

Talvez quisesse dizer uma porção de coisas para aquela mulher, talvez até a esbofeteasse mas...

A culpa era muito mais dele mesmo...

Sabia que a provocara, que usara muitas e muitas vezes palavras de duplo sentido quando se dirigira a Jeanne.

Era o seu jeito, o que poderia fazer?!

Ali estava o resultado...

Com certeza, aquela mulher pensara que ele, como pároco, tivesse acesso ao dinheiro da igreja...

Padre Rafael segurou a maçaneta da porta, tentou em vão abri-la... Estava trancada e Jeanne, segurando a chave, falou:

— Pode ir, padre... Mas sei que vai para sua cama pensando no que aconteceu... Pensando no que perdeu...

\*\*\*\*\*

Seria pouco mais de uma hora da madrugada e padre Rafael ainda não tinha ido para a cama.

Chegara à casa paroquial, ajoelhou-se para rezar, para pedir perdão a Deus por ter sucumbido à tentação mas nem mesmo isso conseguiu fazer. Seus pensamentos não se afastavam daquela imagem, não lograva tirar da mente a lembrança do contato de seus lábios com aqueles mamilos túrgidos, com aqueles seios palpitantes, frementes de desejo, prometendo um prazer indizível...

Um prazer que ele pensava já ter esquecido mas que, de repente, ressurgia em sua memória e em seu corpo tão vívido, tão concreto.

Levantou-se, como um autômato, caminhou até sua escrivaninha e apanhou de uma das gavetas o envelope onde guardava o dinheiro da paróquia.

Segurando com as duas mãos o envelope, atravessou o Largo de Santa Cecília e entrou no prédio de Jeanne.

Da janela da sala, ela presenciou a cena e sorriu.

Mais uma vez, Satã tinha vencido. O padre caíra na armadilha e Jeanne apenas se surpreendia com a facilidade com que isso acontecera.

Abriu a porta para recebê-la vestida num negligé tão leve que era quase transparente, deixando entrever suas curvas, mostrando toda a sua sensualidade...

— Eu sabia que você iria voltar, Rafael — falou ela, beijando-o — Sabia que não deixaria uma mulher a ver navios...

— Eu a quero — falou o padre — Eu a quero como jamais quis qualquer outra coisa em minha vida...

Jeanne apanhou o envelope e guardou-o numa gaveta de sua mesa de cabeceira, trancando-a em seguida.

Depois, puxando o padre para a cama, ela disse:

— Vamos... Tire essa batina... Acho que não fica bem estar usando roupas para o que vamos fazer agora... E, ainda mais quando são roupas clericais, não acha?

\*\*\*\*\*

Padre Rafael deixou o apartamento de Jeanne um pouco antes do amanhecer.

Ele não se sentia bem...

Sabia o que fizera, sabia que pecara mas, o pior de tudo era ter a certeza de que jamais poderia continuar a viver sem aquela mulher.

Não voltou para a casa paroquial.

Como um sonâmbulo, ele caminhou ao longo da Rua das Palmeiras, atravessou o Largo do Arouche e foi para a Praça da República.

Sentou num banco em frente ao Caetano de Campos, ali se deixou ficar por quase uma hora e, depois, caminhou ao longo da Barão de Itapetininga até o Viaduto do Chá.

Olhou para baixo.

Ergueu a cabeça para o céu e, em seguida, saltou.

## CAPÍTULO 14

Jeanne não deixou de ficar impressionada com a morte do padre, publicada em todos os jornais, assunto obrigatório em todas as conversas.

Porém, para ela, era apenas a confirmação de que, mais uma vez, havia quitado sua dívida com o Príncipe das Trevas.

— Agora — pensou Jeanne — Só tenho de esperar que ele cumpra a sua parte no pacto...

Não precisou esperar muito.

Naquela mesma tarde, um senhor veio procurá-la com uma pasta de couro na mão, dizendo-lhe que recebera ordens para lhe trazer algumas coisas.

Desconfiada, Jeanne não quis deixá-lo entrar mas o homem, com um sorriso, mostrou suas credenciais e explicou:

— Foi o doutor Tomás Camargo que me enviou aqui.

Jeanne franziu as sobrancelhas e, depois de um esforço de memória, lembrou-se do empresário que tinha sido o seu primeiro *cliente* a bordo do navio que a trouxera para o Brasil.

Abriu um sorriso e afastou-se da porta para que o visitante pudesse entrar, enquanto este dizia:

— O doutor Tomás acaba de ser nomeado pelo Governo como interventor no Banco de Crédito e Comércio. E, como sabia que a senhora tinha conta lá, achou que ficaria contente em ser a primeira a receber a devolução de suas economias...

Baixando a voz, acrescentou:

— A primeira e provavelmente a última... Logo depois de ter assinado a ordem de pagamento, o Governo mandou paralisar todas as operações do banco... Ninguém mais vai receber um só tostão por um bom tempo!

Jeanne olhou maravilhada para as cédulas novas que o homem tirava de dentro da pasta e, depois de contar e conferir tudo, ele disse:

— O doutor Tomás pediu-me para avisá-la que virá esta noite fazer uma visita para a senhora. Pediu-me que lhe dissesse para esperá-lo.

Jeanne fez um sinal afirmativo com a cabeça e falou:

— Pois diga ao senhor Tomás que eu estarei à sua espera... Esta noite ou qualquer outra que ele queira.

Depois que o emissário de Tomás Camargo foi embora, Jeanne sentiu vontade de dançar de alegria.

Parecia mentira o que estava acontecendo! As luzes se acendiam de repente, tudo ficava claro... E ela se enchia de esperanças.

— Realmente — disse Jeanne em voz alta — O Príncipe das Trevas é muito poderoso!

Nesse instante, Jeanne escutou uma risada e no momento seguinte, uma voz lhe disse:

— É muito bom que você saiba disso, Jeanne! Assim, jamais vai tentar me passar para trás! Sabe que se eu quiser...

Dominando o susto e o medo que sempre sentia quando esses fenômenos ocorriam, Jeanne falou:

— Não pretendo passá-lo para trás, Príncipe das Trevas! Mas pode deixar que eu faço questão que você cumpra tudo o que me prometeu. E, por enquanto, apenas recebi o meu dinheiro de volta. Isso não é tudo, não é verdade?

Mais uma vez, Satã riu. Ao mesmo tempo que um horrível cheiro de enxofre invadia a sala, ele falou:

— Não, Jeanne... Isso não é tudo. Você ainda terá, daqui a pouco, provas concretas de meu poder.

Jeanne lembrou, de repente, da conversa que tivera com Regina ao telefone. Mais uma vez, sentiu um ódio mortal por ela e disse:

— Há uma mulher que me magoou... Que me humilhou! E eu quero que você a castigue! Creio que ela merece uma punição para aprender a não se fazer de superior aos outros!

Satã respondeu, a voz muito profunda:

— Você mesma fará isso, Jeanne. Já se esqueceu que tem poderes? Já esqueceu que pode fazer muita coisa com a Magia Negra?

— Mas eu não sei nada sobre isso! — protestou ela — Nem sequer cheguei a ser iniciada como feiticeira!

A voz de Satã soou, severa:

— Você tem um pacto com o Príncipe das Trevas, Jeanne. É mais do que natural que faça alguns... feitiços! E você sabe muito bem como fazê-los... Basta que apanhe aquele livro velho que trouxe do bangalô de Gabrielle!

Assim dizendo, Satã riu mais uma vez e silenciou.

Nesse momento, Serafina surgiu na sala perguntando:

— Com quem a senhora estava falando, dona Jeanne?

Jeanne olhou espantada para a empregada e disse:

— Com ninguém, ora essa! Ficou louca? Está ouvindo vozes?

Serafina fez uma expressão de dúvida e, farejando o ar como um cão sabujo, comentou:

— Mas que cheiro de enxofre... Até parece que um Exu baixou nesta sala!

Jeanne não entendeu muito bem o que a empregada queria dizer com aquilo mas percebeu que o melhor a fazer era mudar rapidamente de assunto e, quase ríspida, disse:

— Terei uma visita importante esta noite, Serafina... Por isso, gostaria que preparasse uns salgadinhos e uma torta de maçãs... Se não me engano era esse doce que Tomás disse preferir.

\*\*\*\*\*

Enquanto esperava a chegada de Tomás Camargo, Jeanne resolveu seguir o conselho de Satã e, apanhando entre seus guardados o velho livro de Gabrielle, abriu-o ao acaso, sem a menor idéia de onde começar a procurar os feitiços que poderia fazer para prejudicar Regina.

Sorriu ao ver que a mão do Príncipe das Trevas estava presente: o livro se abriu exatamente na página certa. Leu o texto com toda a atenção e, com um sorriso maldoso nos lábios, pôs-se em ação.

Trancou-se em seu quarto pois não queria que a empregada aparecesse e a apanhasse com a mão na massa, apanhou uma folha de papel e uma tesoura e recortou um boneco de saias, mentalizando enquanto realizava esse trabalho, o nome e a fisionomia de Regina. Em seguida, acendeu uma vela e aproximou o boneco da chama. Quando ele começou a queimar, ela disse:

— A ele que castiga, a ele que tem o poder, a ele que é o Senhor do Mal, a ele e a todos os seus súditos... Levai a dor para essa maldita!

Precisamente nesse instante, Jeanne escutou um trovão.

Ergueu a cabeça e olhou pela janela, para o dia que terminava, claro, límpido, sem uma só nuvem no céu.

Sorriu.

Sabia que não tinha sido um trovão, mas tão somente o sinal enviado por Satã para lhe dizer que estaria propiciando o castigo para Regina.

Jeanne recolheu as cinzas que restaram do boneco, apagou a vela e atirou tudo pela janela.

Poderia dormir tranquila, aquela noite...

Tinha a certeza de que pela manhã, receberia notícias da mulher. E era mais do que evidente que não seriam notícias das melhores.

Com toda a calma, começou a se despir.

Queria tomar um banho e se perfumar, queria estar linda e desejável para quando Tomás chegasse.

Jeanne achava que, depois do Príncipe das Trevas, se havia alguém que merecesse um prêmio, um sinal de gratidão, esse alguém tinha de ser Tomás Camargo.

E ela tinha certeza de poder premiá-lo em grande estilo, sabia muito bem que poderia fazê-lo ficar mais do que satisfeito.

\*\*\*\*\*

Já passava de dez horas da noite quando Tomás chegou.

Estava sorridente, parecia extremamente feliz e, depois de beijar Jeanne como somente os apaixonados sabem fazer, ele perguntou:

— E então? Ficou satisfeita com a surpresa?

— Mas é claro, querido — respondeu a mulher — Se você soubesse como eu me afligi desde que o Banco fechou...

Ajudando-o a tirar o paletó, Jeanne completou:

— Mas eu teria ficado tranquila se soubesse que você seria nomeado interventor... Tenho certeza que jamais me deixaria na mão!

Aceitando o drinque que Jeanne preparara para ele, Tomás falou:

— Nem eu mesmo sabia dessa decisão do Governo. Fui apanhado de surpresa com essa nomeação.

Abriu um sorriso, apanhou um salgadinho que Serafina viera servir e murmurou:

— São coisas inexplicáveis, Jeanne... Quando cheguei ao Banco, pela manhã, nem tinha idéia do que deveria fazer. Tudo estava uma confusão infernal, ninguém entendia ninguém, o povo querendo entrar ainda que à força e a Polícia contendo as pessoas à custa de cassetetes.

Tomou um gole da bebida e continuou:

— E eu estava ali dentro, sem jamais ter sido banqueiro, sem ter a menor experiência de administração de uma casa bancária, ainda por cima, uma casa bancária falida.

Sorriu e disse:

— Mais para não ficar sem fazer nada, mais para dar uma satisfação aos funcionários que ali estavam, aflitos e ansiosos, pedi para que me levassem ao arquivo de fichas de correntistas. Abri uma gaveta e a primeira ficha que apanhei, foi justamente a sua...

Ergueu os ombros e arrematou:



— É claro que mandei devolver seu dinheiro. Encontrei a desculpa perfeita, ali na ficha estava escrito que você não tem emprego e é viúva. Não poderia ser mais perfeito!

Jeanne franziu as sobrancelhas, intrigada. Ela se lembrava muito bem de ter marcado como profissão, “artista plástica” e que assinalara “solteira” como estado civil...

— Mas eu... — começou a dizer.

Nesse momento, olhou para Tomás...

Empalideceu...

Tomás tinha os lábios finos, maldosos... Os olhos, de repente tinham se transformado em duas brasas, quentes, penetrantes...

Ele riu.

— Como eu lhe disse, Jeanne... O Príncipe das Trevas pode qualquer coisa... Até mesmo tomar o lugar de seu amante!

Tocou o braço de Jeanne...

Ela sentiu o calor de sua mão, sentiu um contato que transcendia o simples toque físico.

Jeanne tinha certeza de que Satã a tocava dentro da alma, que não era apenas seu corpo que o sentia, mas todo o seu ser, físico e metafísico, corporal e espiritual.

Foi dominada por uma excitação incontrolável, por um desejo tão violento que ela aceitaria morrer naquele instante apenas para poder se satisfazer..

O Príncipe das Trevas ergueu-a nos braços como se ela fosse uma pluma e, flutuando no ar, sem tocar o chão — e Jeanne podia ter certeza disso pois não sentia os passos que ele dava — levou-a para o quarto.

Lenta e calmamente, ele começou a despi-la. Depois, com um gesto, sem tocar no comutador, ele apagou a luz.

Contudo, o quarto continuava claro, iluminado por uma luz avermelhada que parecia emanar do próprio Satã...

Ele estava nu... Jeanne não o vira se despir, mas ele estava nu.

Era maravilhoso, ela jamais vira um corpo tão perfeito, tão bonito, tão bem proporcionado.

— Não pensei que o Demônio pudesse ser tão belo — murmurou, enquanto sentia suas mãos ardentes deslizarem por seu corpo — Sempre pensei que o Demônio fosse a expressão do horror...!

Com uma risada, Satã replicou:

— Você se esquece que no Gênesis, eu era um anjo chamado Lúcifer... E que era o mais belo dos anjos! Foi por isso que Ele me expulsou do Céu. Por medo e inveja de minha beleza!

Mas Jeanne não estava preocupada com explicações. Ela queria que ele a possuísse, já começava a sentir o prazer, já começava a experimentar as delícias do prazer absoluto e queria chegar ao fim...

Sim...

Dessa vez ela sabia que conseguiria. Com Satã, ela teria a satisfação que lhe era negada com qualquer outro...

## CAPÍTULO 15

Jeanne acordou e viu, ao seu lado, Tomás Camargo dormindo como um anjo.

Sorriu.

Lembrava-se muito bem do momento em que Satã deixara seu corpo, a iluminação avermelhada desaparecendo e o quarto mergulhando na mais perfeita escuridão enquanto Jeanne ainda sentia os espasmos provocados pelo prazer intenso que tivera.

Olhou o relógio sobre a mesinha de cabeceira e constatou que já passava muito de quatro horas da madrugada.

Hesitou entre acordar Tomás ou não.

Ele estava dormindo tão bem, tão relaxado e satisfeito que sentiu pena de interromper-lhe o sono. Com todo o cuidado, levantou-se e foi até a cozinha pois, após tudo o que sentira

durante a noite, seus lábios estavam ressequidos e Jeanne estava com muita sede.

Lembrou-se já com saudades e novamente cheia de desejo, das delícias que Satã lhe proporcionara e não pode deixar de pensar que haveria de querer muitas outras noites como aquela.

Tomou quase uma jarra de água e foi para a sala onde se deixou cair no sofá, sentindo as pernas bambas, os joelhos quase se dobrando tal o estado de exaustão em que se encontrava.

Reclinando a cabeça para trás, murmurou:

— Até que Satã não foi muito exigente... O que senti hoje, apenas pela alma de um padre...

Sorriu consigo mesma, pensando:

— Poderia entregar-lhe um convento inteiro...

Olhou para fora, para o Largo de Santa Cecília à luz mortífera da madrugada e perguntou-se:

— E agora? Que eu vou fazer? O que será que Satã reservou para mim?

Nesse momento, ela ouviu a voz do Príncipe das Trevas bem junto ao seu ouvido:

— Você ficará com Tomás... Ele poderá lhe dar tudo o que deseja e, por sua vez, você ficará devendo alguma coisa para mim. Alguma coisa que eu vou cobrar mais tarde e, então, você ficará sabendo de que se trata...

Satã estava tão perto dela que podia sentir o seu hálito quente no pescoço, causando-lhe nova onda de desejo.

Voltou a cabeça vivamente para ver o Príncipe das Trevas mas...

Não havia ninguém ali.

— Não, Jeanne — disse o Demônio — Por hoje, chega... Para ter mais, você terá de fazer outras coisas, terá de se desincumbir de novas tarefas.

— Mas isso não está certo! — protestou ela — Preciso de você! Sabe muito bem que só em seus braços é que eu consigo...

Satã interrompeu-a, dizendo com energia:

— Terá de aceitar as minhas condições, Jeanne... A menos que queira voltar a ficar sem nada e sem ninguém!

Jeanne balançou a cabeça negativamente e murmurou, com medo:

— Não... Isso Não... Não quero passar outra vez por uma aflição igual!

Satã riu aquela sua gargalhada sarcástica e apavorante.

— Isso não acontecerá, Jeanne — falou — Desde que faça as coisas como eu mandar. E desde que seja uma verdadeira discípula do Príncipe das Trevas!

— Isso, eu já sou, não acha? — protestou Jeanne com irritação — E creio que já provei o suficiente...

Satã ignorou o comentário e disse:

— Quando o dia amanhecer você terá mais uma prova de meu poder. E quando a noite chegar, terá outra. Verá com seus próprios olhos que o poder do Príncipe das Trevas é ilimitado!

Riu, mais uma vez e concluiu:

— Hoje, à meia-noite, você renderá uma homenagem a mim. Irá a um endereço que eu deixarei para você e, uma vez lá, saberá exatamente o que fazer.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes mas Jeanne sabia que não tinha ido embora. Sentia-o ali, bem próximo, tinha consciência de que ele ainda tinha o que dizer.

Estava certa.

O Príncipe das Trevas sussurrou ao seu ouvido:

— Não será muito fácil, Jeanne. Você terá de passar por muitas provas... Mas, quando chegar a ser uma autêntica discípula de Satã, com certeza terá tantos poderes que poderá até dominar o mundo...

Jeanne ia dizendo que sua ambição não chegava a esse ponto mas não conseguiu. Com um ruído surdo e exalando um horrível cheiro ácido que ela não conseguiu definir o que poderia ser, Satã desapareceu.

Jeanne se viu outra vez sozinha, olhando pela janela, vendo o dia que começava a clarear.

Ouviu um ruído atrás de si e, voltando-se, encontrou Tomás que a olhava com um sorriso.

— Acho que foi definitivo — murmurou ele — Você é a mulher perfeita para mim...

Jeanne caminhou até onde o homem estava e, enlaçando-o com seus braços, falou:

— Você foi maravilhoso, querido...

Fitando-o nos olhos, acrescentou:

— E não estou dizendo isso apenas para agradá-lo, como talvez fizesse em outra ocasião. Você realmente me fez sentir coisas que eu jamais havia sentido antes!

Tomás Camargo balançou a cabeça em sinal de dúvida e, depois de alguns instantes, falou:

— Não quero saber se você está sendo sincera ou não, Jeanne. Sei que eu jamais fui tão feliz quanto esta noite. E acho que não serei mais capaz de me deitar com outra mulher sem

me lembrar de você, sem lamentar o fato de não ser você a estar comigo...

Jeanne lembrou das palavras de Satã e sorriu consigo mesma

enquanto dizia:

— Há uma maneira muito simples para que isso não aconteça, Tomás... Basta que fique comigo...

Tomás não respondeu.

Olhando o relógio, falou:

— Nem vou voltar para casa, hoje... Não teria o que dizer para explicar minha ausência durante toda a noite... Será melhor dizer que tive de viajar.

Ergueu os ombros e acrescentou:

— De qualquer maneira, será uma desculpa meramente formal. Há muito que eu e Beatriz não temos mais nada em comum. Principalmente a cama!

\*\*\*\*\*

Era pouco mais de nove horas da manhã quando o telefone de Jeanne tocou.

— Jeanne... Você sabe me dizer o que aconteceu? — perguntou a voz de Hilda, uma senhora da alta sociedade e que já deixara muitas vezes bem claro que não conseguia suportar a presença de Jeanne — Será que tem mais detalhes?

A francesa não respondeu de imediato, tão surpresa estava por receber aquele telefonema. Afinal, quando as duas se encontraram cerca de duas semanas atrás, Hilda fora até mesmo grosseira, dando as costas para a francesa várias vezes durante uma reunião na mansão dos Almeida Prado...

— Não, Hilda — disse Jeanne, em tom frio e seco — Não sei o que aconteceu e nem sequer desconfio do que você está falando.

— Ora! — exclamou Hilda — Estou falando de Regina! E estou ligando para você por que, como de nós era a que estava mais perto dela, a que estava encontrando com ela e com Roberto com mais frequência, talvez soubesse de mais detalhes a respeito dessa tragédia...

Imediatamente, Jeanne lembrou do que lhe dissera Satã e do que fizera com o boneco de papel.

— Mas eu não estou sabendo de nada! — protestou — Ninguém me disse coisa nenhuma!

Fazendo voz ansiosa, tentando mostrar que se preocupava, que estava angustiada, indagou:

— O que aconteceu com Regina? Diga-me, por favor!

Houve uma pequena pausa do outro lado da linha e, então, Hilda respondeu:

— O casal morreu... Regina e Roberto estão mortos!

— Mortos?! — fez Jeanne, sentindo um arrepio e com sincera surpresa pois não imaginava que o castigo imposto por Satã pudesse ser tão violento — Mas como foi isso?!

— Foram atropelados esta manhã — explicou Hilda — Eles saíram de casa bem cedo, foram juntos à farmácia pois Roberto estava, desde ontem à noite, um pouco doente. Não viram o caminhão de entregas... Foram alcançados já quando estavam a menos de dois metros da calçada. Morreram na hora. Esmagamento de crânio, falou o médico...

Hilda ainda disse mais algumas coisas, mais algumas das banalidades que costumam conversar as cocotas da sociedade. Banalidades que não têm hora e nem lugar para serem discutidas e que surgem na conversa mesmo depois de uma notícia como aquela. Jeanne nem mesmo prestou atenção às palavras da amiga. Estava impressionada com o que acabara de acontecer e começava sinceramente a ter medo do que poderia fazer com a ajuda de Satã. Porém, sua mente ambiciosa e objetivam, enquanto Hilda matraqueava do outro lado a respeito de um novo cabeleireiro que tinha surgido na cidade e a respeito de um escândalo qualquer que movimentava os altos círculos, já estava pensando na melhor maneira de tirar proveito de tudo aquilo.

E, quando finalmente Hilda desligou o aparelho, ela já tinha uma boa idéia do que fazer para se afirmar na sociedade, e não apenas como uma mulher bonita, casada ou amasiada com um homem rico...

Não...

Ela seria famosa...

Seria respeitada também por ela mesma, seria procurada por muitos e, evidentemente, receberia muito dinheiro... Faria uma fortuna respeitável e sólida!

Mal se afastara do telefone, este tocou novamente.

Era Tomás que ligava do Banco, dizendo que ainda não se convencera de que a noite tinha sido real, de que não tinha sido apenas um sonho.

— Vou precisar ter certeza — disse ele — Vou querer tudo outra vez...

— Sua mulher vai desconfiar... — replicou Jeanne com um tom de malícia na voz.

— Não estou me incomodando mais, querida — falou Tomás — Inclusive, já falei com um amigo advogado. Ele vai começar a tomar as providências necessárias para a minha separação. Nem vou voltar para casa, hoje...

Jeanne não teve o que dizer e Tomás, com uma risada, arrematou:

— Por isso, hoje estarei sem teto para me abrigar. Creio que é no mínimo uma obrigação de amiga você me dar pousada em sua casa...

Jeanne riu, disse-lhe que estaria esperando por ele com ansiedade e, desligando o telefone, lembrou-se que, à meia-noite, teria que ir a algum lugar...

— Mas onde? — perguntou-se — O Príncipe das Trevas não me disse onde deveria ir...

Afastou-se em direção à cozinha e, ao passar pela mesa da sala de jantar, viu sobre ela, um pedaço de papel.

Era um papel estranho, amarelado, grosso, parecendo um pedaço de uma página de livro velho.

Apanhou-o e sentiu que ele estava quente, como se saído do forno naquele instante.

Não era preciso mais do que isso para que Jeanne adivinhasse que era o endereço que Satã mencionara.

As palavras estavam escritas com uma caligrafia rebuscada, com uma tinta acastanhada que Jeanne, imediatamente, percebeu tratar-se de sangue.

Com horror, ela segurou o pedaço de papel pelas beiradas de maneira a não tocar nas letras que ali havia, e leu:

— Avenida Angélica, 1876...

Balançando afirmativamente a cabeça, murmurou:

— Então é esse o lugar... Não é muito longe daqui. O único problema é que Tomás estará em casa e, com certeza, não vai achar graça nenhuma em me ver sair a essa hora...

Dando de ombros, finalizou:

— Ora... Não tem importância nenhuma. Afinal, é ele que está querendo... E Satã disse que eu ficaria com Tomás. Não é necessário, então, que eu me preocupe!

\*\*\*\*\*

Tomás chegou muito mais cedo do que Jeanne poderia imaginar.

Ainda não soara as seis horas da tarde e ele já estava à porta do apartamento, com um ramalhete de flores e uma caixa de bombons, sorrindo para a mulher e dizendo:

— Nós vamos jantar fora, querida. Iremos a um restaurante bem bonito, comeremos alguma coisa bem gostosa e, depois...

Riu, beijou os lábios de Jeanne e completou:

— Depois, a sobremesa, eu terei aqui em casa.

Jeanne sorriu, recebeu as flores e os bombons, retribuiu com um beijo sobre os lábios de Tomás e falou:

— Você está me acostumando mal... E além disso, essa história de vir aqui duas noites seguidas... Eu posso não deixá-lo ir embora, sabia?

— Pois é isso mesmo que eu estou querendo, Jeanne — retrucou Tomás, muito sério — E preciso saber se você me aceita... Como seu companheiro de vida!

Jeanne nem podia acreditar que fosse verdade.

Era certo que ela tinha sido avisada e estava sabendo que isso fatalmente aconteceria uma vez que Satã assim o dissera. Mas, a rapidez com que os fatos estavam se desenrolando, estava deixando a mulher até mesmo temerosa.

Como, ainda recolhida aos seus pensamentos e muda pelo espanto, Jeanne não dissesse nada, Tomás insistiu:

— Por favor, Jeanne... Diga que me aceita! Não me rejeite!

E, segurando as mãos da francesa, acrescentou:

— Sei que você não me ama... Isso é mais do que natural, afinal de contas nós nos conhecemos numa situação até um certo ponto constrangedora. Admito que lhe seja difícil dizer que me ama e acho mesmo que você tem todo o direito de imaginar que eu esteja mentindo...

Abraçou-a, respirou aliviado ao sentir que ela retribuía o carinho e continuou:

— Mas eu a amo, Jeanne! Tenho certeza de que a amo e sei que faria qualquer coisa por você! Deixe-me tentar! Serei capaz de fazê-la feliz e acredito sinceramente que você vai, com o tempo, aprender a me amar e não vai se arrepender por me dar esta chance!

Para Jeanne, o que Tomás Camargo estava dizendo era a confirmação dos poderes de Satã e o degrau que lhe faltava galgar para que fosse finalmente aceita no seio da sociedade de São

Paulo. O casamento, mesmo que apenas de fato e não de direito, com um homem da posição de Tomás, seria a consagração e era mais do que evidente que ela não perderia essa oportunidade. Ainda mais que seu Mestre dissera que assim seria! Porém, por experiência, Jeanne sabia que é sempre conveniente se fazer de difícil e, afastando-se de Tomás, murmurou:

— Não sei, querido... Sinceramente... Não sei!

Tomás fez uma expressão de desespero e, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Jeanne continuou:

— Uma vida a dois é um pouco diferente de encontros fortuitos, não concorda? Nós teremos de partilhar tudo, cada momento de nossa existência e isso não poderá ser apenas por algum tempo. Não quero me prender a um homem que, dentro de alguns meses ou talvez mesmo dentro de um ou dois anos, resolva ir embora com outra, deixando-me a ver navios.

Com um sorriso frio, ela acrescentou:

— Você sabe muito bem como eu sou, o que espero da vida e de que maneira sou capaz de lutar para atingir meus objetivos...Sabe também que eu tenho que aproveitar agora, enquanto sou moça e bonita. Daqui a dez anos, muito provavelmente já não mais despertarei nos homens os mesmos arroubos de desejo e, então, terei de estar estabilizada economicamente para não ter de depender da caridade de ninguém.

— Mas o que você está dizendo é um absurdo! — protestou Tomás — Da maneira como fala, até parece que eu vou abandoná-la dentro de uma semana, o que não é absolutamente verdade!

— Não digo dentro de uma semana, Tomás — replicou Jeanne com firmeza — Mas não há nada que me garanta que você não me vai dar um pontapé quando eu estiver mais velha e quando o seu interesse por mim tiver diminuído.

Tomás refletiu. Começava a compreender o que ela estava querendo dizer e isso até poderia ser considerado como natural. As mulheres são, por excelência, inseguras e, quando o relacionamento com um homem é um tanto quanto instável ou mesmo friável, como no caso de um simples amasiamento, elas se tornam ainda mais receosas e desconfiadas.

Confirmando as suposições de Tomás, Jeanne disse:

— Você é um homem casado. A lei brasileira não admite que você se case novamente a menos que sua esposa venha a falecer. E eu não estou querendo me unir a ninguém nessas condições.

— Podemos nos casar, Jeanne — tornou Tomás, angustiado — Não é obrigatório que casemos no Brasil! Poderemos nos casar em qualquer outro país do mundo onde o desquite brasileiro seja reconhecido!

Impaciente, ele acrescentou:

— E não sei que segurança esse casamento possa lhe trazer, Jeanne... Sou casado com a Beatriz no civil e no religioso e nem por isso, vou continuar com ela!

Pelo tom de voz de Tomás, Jeanne percebeu que era chegada a hora de mostrar que cedia um pouco e que estava disposta a lhe dar alguma esperança. Assim, abrindo um sorriso e beijando-o, ela sussurrou:

— Já sofri tanto, querido... Tenho medo de sofrer outra vez! Por isso estou tão desconfiada...

Era o que Tomás estava querendo ouvir.

Apertando-a contra si, ele disse:

— Juro que você não vai se arrepender, Jeanne... Muito pelo contrário, vai ganhar muito me aceitando!

Obrigou-a a sentar ao seu lado no sofá e prosseguiu:

— Para começar, você será só minha... E eu farei de tudo para tornar a sua vida um verdadeiro mar de rosas!

— Sem espinhos? — perguntou Jeanne, beijando-o.

— Sem espinhos! — exclamou Tomás — Juro que não haverá um só espinho!

— Nesse caso — falou Jeanne, muito séria — Você vai ter de começar assumindo a sua nova situação. Vai sair de sua casa em definitivo, agora mesmo!

Tomás olhou para ela espantado e Jeanne arrematou:

— Você irá buscar suas coisas e virá para cá de maneira definitiva, está bem? Se está dizendo que não medirá esforços e nem sacrifício s para me contentar e para poder me ter, comece por aí... Quero as coisas bem feitas desde o início. Não quero que você passe uma noite aqui comigo e depois volte para sua casa ficar alguns dias até que a situação com Beatriz se resolva! Se decidiu que vai abandoná-la, então, abandone-a de uma vez!

Tomás suspirou.

— Pensei que fosse pedir alguma coisa mais difícil... Mas, se é só isso... E se você não se incomoda de esperar até perto de uma e meia ou duas horas da manhã...

Era o que Jeanne precisava. Se Tomás levasse tanto tempo assim para ir até sua casa e voltar, ela teria mais do que tempo para ir ao endereço que o Príncipe das Trevas lhe dera...

— Não se preocupe comigo, querido... Eu estarei esperando por você e aproveitarei para fazer uma visita. Faço questão de dizer para essa amiga que finalmente encontrei a minha segunda metade...

\*\*\*\*\*

Tomás seguiu para sua casa depois de deixar Jeanne na Avenida Angélica, um pouco antes do número 1876 onde ela teria de ir.

O endereço que lhe fora deixado por Satã, era um casarão meio abandonado de cerca de vinte anos atrás e que, pelo mau uso e pela falta de conservação, estava em petição de miséria, com um assustador aspecto de mal-assombrado.

Por sorte, havia um poste de iluminação bem em frente à casa mas, mesmo assim, Jeanne não conseguiu evitar um calafrio ao passar o portão enferrujado e, enquanto caminhava por uma pequena alameda de azaléas que se misturavam com o mato do jardim, ela pensou:

— Eu nunca entraria num lugar assim por minha própria vontade... Ainda mais à meia-noite!

Caminhou cerca de vinte passos e estacou diante de uma grande porta envidraçada.

Jeanne pode ver que havia luz no interior do casarão, uma luz muito avermelhada para ser proveniente de uma lâmpada elétrica mas, ao mesmo tempo, fixa e brilhante demais para ser de uma vela ou lamparina.

Levou a mão à maçaneta, uma maçaneta de metal amarelo que combinava bem com os desenhos das ferragens da porta e com os do vidro martelado, espesso e bisoté, com que ela era guarnecida.

Ela podia ver que aquela casa tinha sido muito bem construída, o capricho do primeiro proprietário estava presente nos menores detalhes como por exemplo, nos entalhes feitos nas duas colunatas em estilo gótico que ornamentavam os lados do portal.

Jeanne já ia abrindo a porta quando esta, sem que ninguém a tocasse, escancarou-se.

A francesa deu um passo para trás, cheia de medo. Controlando-se, a mulher avançou, passou pela porta e se viu no interior de uma sala ampla, sem nenhum móvel, sem nenhuma lâmpada acesa — Jeanne podia ver os bocais vazios — e que, no entanto, estava clara, perfeitamente iluminada por uma luz avermelhada que parecia pairar no ambiente sem ter uma fonte determinada.

Andou mais um pouco, atravessou outra porta, esta de madeira entalhada e surpreendeu-se ao ver que os entalhes formavam uma cena de feitiçaria de alguma tribo indígena ou africana. Havia um grande caldeirão e homens vestidos com tangas e usando máscaras, dançavam ao redor de uma fogueira gigantesca. Do outro lado dessa porta entalhada, havia uma outra sala, um pouco menor do que a primeira e em cujo centro Jeanne viu uma mesa redonda coberta com uma toalha de duas cores: o centro em negro e as beiradas em vermelho vivo. Sobre a mesa, um gato absolutamente preto movimentava o rabo incessantemente enquanto olhava para Jeanne com olhos que não escondiam a maldade e a desconfiança.

Jeanne, mais uma vez, sentiu um calafrio e teve vontade de dar as costas ao gato e sair correndo daquele lugar tétrico.

Mas...

Ela sabia que precisava resistir.

Satã avisara-a de que não seria fácil e, talvez, exatamente aquele tipo de cenário fosse o teste que teria de vencer.

O gato se espreguiçou, abriu a boca num bocejo indolente e, de um salto, foi para o chão, desaparecendo sem que Jeanne escutasse o menor som.

Ela ficou ali, imóvel feito uma estátua, sozinha, esperando que o Mestre lhe desse um sinal qualquer, uma vez que ele dissera que ela saberia o que fazer.

Notou que, aos poucos, a luminosidade avermelhada que reinava em toda a sala, ia ficando mais fraca e, ao mesmo tempo, ia se concentrando no lugar onde estava a mesa.

No momento em que todo o ambiente ficou às escuras com exceção da mesa, Jeanne escutou um barulho que parecia o arrastar de correntes.

O som se repetiu, incessantemente, por quase cinco minutos e, então, transformou-se no ruflar de tambores e no ruído cadenciado da marcha de soldados.

Sim...

Era uma marcha de soldados... Durante a guerra, já que Jeanne podia distinguir claramente o ribombar dos canhões à distância.

Franziu as sobrancelhas, sem entender. O que Satã estava querendo dizer com aquela demonstração?

Ainda muito assustada, ela disse, em voz alta:

— Príncipe das Trevas! O que quer de mim? Falou-me para vir aqui prestar-lhe uma homenagem e aqui estou! O que significam esses sons? A guerra está muito longe daqui!

Nesse momento, o som da marcha militar cessou e a voz de Satã se fez ouvir:

— A homenagem você já prestou vindo até aqui, Jeanne... Era importante que aparecesse pois eu precisava de você como modelo... Para que nosso pacto ficasse gravado em definitivo e num lugar onde jamais você pudesse esquecê-lo!

Jeanne não entendeu o que as palavras de Satã estavam querendo dizer e ia abrindo a boca para perguntar-lhe alguma coisa sobre isso, quando o Demônio a interrompeu para falar:

— Você ouviu a marcha dos soldados. Esta é a primeira grande oportunidade que eu lhe dou. Você vai poder falar ao seu companheiro que o Brasil entrará na guerra. Vai enviar tropas para lá e, no navio americano General Mann, que deverá deixar o Rio de Janeiro no dia 22 de setembro de 1944, viajará o soldado Augusto Santos, filho de Heitor Santos, sócio de Tomás. Esse rapaz vai morrer no navio, antes de chegar à Itália e Heitor receberá a notícia um mês depois. Ele ficará desesperado e terá um ataque cardíaco.

Jeanne balançou a cabeça afirmativamente e disse:

— Devemos fazer alguma coisa para evitar que Augusto embarque, nesse caso...

A voz de Satã soou irritada:

— Não! Muito pelo contrário! Você não deve comentar isso com ninguém! Deve, isso sim, falar com Tomás e induzi-lo a fazer um negócio com Heitor de maneira a poder ficar sozinho com a empresa. E este negócio aparecerá nas mãos de Tomás por estes dias. Ele vacilará, dirá que não deve fazê-lo por uma questão de amizade mas, será justamente aí que você deverá interferir. Deverá obrigá-lo a realizar a transação e, depois, quando tudo der certo, verá que Tomás vai se mostrar muito grato...

Jeanne balbuciou algumas palavras concordando e, com voz trêmula, indagou:

— E o que vai querer em troca dessa oportunidade?

Satã riu.

— Você saberá mais tarde, Jeanne. Por enquanto, não se preocupe com isso. Quero, apenas que diga para Tomás o que eu falei e quero que o mande instalar a porta de madeira desta casa em algum lugar de seu apartamento.



No instante seguinte, Jeanne estava outra vez sozinha, só que na outra sala, olhando para a grande porta de madeira em que havia o entalhe da cena de feitiçaria.

Alguma coisa chamou sua atenção e ela observou com mais cuidado o desenho. Não notara antes mas, no fundo do quadro entalhado na madeira, havia uma figura de mulher. Era uma figura lindíssima e o seu rosto aparecia muito nitidamente.

E era exatamente isso.

Era o seu rosto! O rosto de Jeanne, maravilhosamente bem entalhado!

Saindo para a rua, já entrando no automóvel de Tomás que, solícito, segurava a porta para que ela entrasse, ela precisou fechar os olhos por alguns instantes, procurando se acalmar.

Tudo aquilo era tão fantástico que Jeanne ainda não conseguira se acostumar direito. Para ela, às vezes, tudo parecia um sonho e tinha a impressão de que acordaria de um instante para o outro, ainda no bangalô de Gabrielle em Auvergne ou, o que seria ainda pior, no quarto sórdido que ocupara na casa de seus pais, na Rue de la Huchette...

— E então? — perguntou Tomás — Como foi a visita?

Jeanne respirou fundo antes de responder:

— Muito bem... Matilde ficou felicíssima com a notícia de que nós dois vamos nos casar...

Tomás segurou a mão da mulher e, puxando-a mais para perto de si, falou:

— Sim, querida... Nós vamos nos casar muito antes do que está imaginando. Mesmo porque não há a necessidade de um pedaço de papel para que nos sintamos efetivamente casados!

E, sem conseguir esconder uma certa decepção, finalizou:

— Engraçado... Beatriz aceitou com tanta naturalidade a notícia de nossa separação que chego até a pensar que era isso, justamente, o que ela estava querendo!

\*\*\*\*\*

No dia seguinte, depois de contar para Tomás uma história comprida a respeito de casas em demolição, Jeanne conseguiu convencê-lo de que uma certa porta era muitíssimo bonita e ela gostaria de tê-la ali no apartamento, fazendo a divisão entre a sala de jantar e o living.

Tomás concordou mas, com um sorriso, disse:

— Não vale a pena fazer reformas em um apartamento alugado, querida. Você faria bem se fosse escolher um outro, para comprar... Quando tiver tomado a decisão, basta me telefonar e eu depositarei o dinheiro em sua conta. Depois, nós dois faremos a decoração, está bem assim?

Antes que Jeanne pudesse protestar, ele acrescentou:

— E é claro que você fará a compra em seu nome. Será o meu presente de... noivado!

Jeanne abriu um imenso sorriso.

Beijou Tomás com paixão e disse, ao seu ouvido:

— Você é maravilhoso, querido... Maravilhoso em todos os sentidos! E a cada momento que passo ao seu lado, mais e mais tenho certeza de que sou a mulher mais feliz deste mundo!

Na semana seguinte Jeanne estava pessoalmente vendo dois pedreiros colocarem a porta entalhada entre a sala de estar e a biblioteca de um imenso apartamento que ela comprara — pagando à vista com o dinheiro de Tomás — na rua Veiga Filho.

— A senhora vai se assustar todos os dias com essas figuras... — comentou um dos pedreiros quando terminou o serviço — São diabólicas!

— Você está me ofendendo! — exclamou Jeanne — Não vê que eu estou aí?

Um pouco sem jeito, o pedreiro olhou para o entalhe na madeira e, depois, sacudiu a cabeça, dizendo:

— Não senhora... Não há ninguém aqui que se pareça com uma mulher tão bonita!

Jeanne ia discutir, porém, achou melhor ficar quieta, fingir que tinha brincado. Afinal, a reação de Tomás quando vira a figura, tinha sido exatamente a mesma... Ele não a achara entre as dezenas de pessoas entalhadas na madeira e, mesmo quando Jeanne apontara com

o dedo a sua imagem, ele rira, dizendo que se ela fosse aquele índio, com certeza, não estaria ali em sua companhia.

— Vai ver, só eu é que me vejo... Eu e Satã e é isso o que interessa — pensou ela.

\*\*\*\*\*

Mudaram-se para o apartamento novo e, menos de um mês depois, quando Tomás chegou do trabalho, Jeanne notou que alguma coisa não ia bem.

— Você está preocupado — disse ela ajudando-o a tirar o paletó como sempre fazia — Quer que eu lhe prepare uma bebida?

— Sim — respondeu Tomás — Acho que preciso de uma boa dose para poder pensar melhor...

Observando Jeanne pegar os copos e a garrafa, Tomás falou:

— Heitor veio me propor um negócio. E eu não sei o que fazer...

Jeanne teve um breve e quase imperceptível estremeção e, curiosa, ergueu os olhos para ele, indagando:

— Heitor? O seu sócio?

— Ele mesmo — respondeu Tomás — Somos amigos há muito tempo, desde que eu me formei no ginásio. Heitor é quase um pai para mim e eu acho que não devo aceitar a proposta...

Sorrindo, sentando-se ao lado de Tomás, Jeanne murmurou:

— Bem, querido... Se você me contar de que se trata e se achar que minha opinião vale alguma coisa, talvez eu possa ajudá-lo...

Tomás beijou os lábios de Jeanne e disse:

— É claro que sua opinião tem valor, Jeanne... E é justamente por achar isso que eu estou comentando com você.

Tomou um gole de bebida e continuou:

— Heitor é viúvo, como sabe. Já comentei isso com você inúmeras vezes. E tem um filho que adora a vida no campo. Augusto é filho único e está acostumado a ter todas as suas vontades satisfeitas pelo pai. E sua última idéia é uma fazenda. Quer porque quer que o pai lhe compre uma fazenda na região de Bauru.

Deu uma risadinha e falou:

— Heitor não sabe dizer não ao filho e autorizou-o a fechar um determinado negócio. Só que Augusto, muito mais ambicioso do que cauteloso, comprou uma fazenda cerca de três vezes maior e, portanto, mais cara do que o dinheiro de que Heitor poderia dispor agora...

Jeanne o interrompeu, adivinhando:

— E ele quer que você empreste...

— Isso mesmo! — exclamou Tomás — Ele veio me pedir uma verdadeira fortuna emprestado!

— Acha que ele poderá pagar? — quis saber Jeanne.

— Sem dúvida. Heitor é um homem honesto e jamais deixaria de saldar um seu compromisso.

Jeanne ergueu os ombros com fingida indiferença e murmurou:

— Se tem confiança nele, empreste...

Sorriu, beijou Tomás e acrescentou:

— É claro... Se essa importância não lhe fizer falta e se Heitor puder lhe dar alguma coisa como garantia.

Tomás olhou espantado para Jeanne e esta explicou:

— Nós não somos imortais, querido... Como seres humanos, estamos sujeitos a uma porção de coisas... Até mesmo à morte. Não há nada que lhe diga que eu estarei viva daqui a meia hora, não é mesmo?

Tomás baixou a cabeça, pensativo. Depois de esvaziar o copo, ele disse:

— Foi isso mesmo que Heitor me falou. E chegou a trazer, já assinada a transferência de suas quotas na empresa para mim. Disse-me que assim que liquidasse a dívida, eu poderia rasgar esse papel.

Jeanne arregalou os olhos e ponderou:

— Ora! Se ele mesmo tomou essa iniciativa... Por que você não aceitaria?

Impedindo Tomás de contestar, ela arrematou:

— Acho muito bonita essa história de lealdade e de amizade... Mas, se você pode responder por si próprio e até mesmo pelas atitudes de Heitor, será que pode falar por Augusto? Por um menino mimado que pode, na falta do pai, resolver não pagar a dívida, simplesmente?

Tomás não teve o que dizer. Sabia que Jeanne estava com a razão e sabia que qualquer

pessoa de bom senso diria que ele jamais deveria dar o dinheiro — na realidade uma fortuna — sem a menor garantia.

Sorriu, beijou carinhosamente Jeanne e, levantando-se foi até o telefone para avisar Heitor de que aceitava o negócio e que ele podia contar com a importância que estava querendo na manhã seguinte.

Jeanne assistiu tudo aquilo com um sorriso nos lábios.

Sabedora do desfecho final daquele episódio, ela não poderia fazer mais nada além de sorrir.

Já tinha uma boa idéia de como funcionava a empresa de Tomás e de Heitor e sabia que a renda que ela proporcionava era assombrosa. Assim, se tudo acontecesse como previra Satã, dentro de pouco tempo Tomás estaria ainda mais rico do que já era e, conseqüentemente, ela também.

Em resumo, estaria realizando mais uma das metas que se impusera: ficar milionária. E, para isso, para conseguir chegar a esse objetivo, não poderia se incomodar com absolutamente nada! Se precisasse passar por cima de todos como uma verdadeira panzer de Rommel, ela não hesitaria. Mesmo que precisasse sempre da ajuda do Príncipe das Trevas e de seus poderes fabulosos.

\*\*\*\*\*

As previsões de Satã estavam absolutamente corretas. O filho de Heitor foi convocado pela FEB e embarcou no General Mann, um dos navios americanos que deveriam levar os pracinhas brasileiros para a Itália.

Cerca de um mês depois que Augusto partira para a Europa, um telegrama chegou às mãos do já deprimido Heitor dando conta de que seu filho morrera a bordo do General Mann, vítima de um acidente durante o treinamento para naufrágio.

Heitor ficou abaladíssimo.

Durante três dias, ele não conseguia dizer o que quer que fosse que tivesse nexa e, na manhã do quarto dia, os empregados de sua casa encontraram-no morto na biblioteca, a cabeça pendida para a frente, a língua para fora, arroxeadada, enorme....

— Foi um infarto — explicou Tomás — O pobre Heitor não suportou o desgosto causado pela morte do filho...

Tomás ficou com a empresa, os parentes de Heitor ficaram com a fazenda que ele comprara para o filho e Jeanne ficou com fama de ser a mais sensata e sábia de todas as mulheres.

\*\*\*\*\*

Uma semana depois de regularizada a situação da firma, Tomás precisou viajar para o Rio de Janeiro a negócios e Jeanne não quis ir. Ela mesma não saberia explicar porque recusara o convite para acompanhar Tomás, dera a desculpa de que não se encontrava bem disposta e que a viagem de avião acabaria por fazê-la piorar.

— Mas vou ficar mais de vinte dias fora — protestou Tomás — Você está querendo me matar de saudades...

— Você não morrerá de saudades, querido... E eu, por minha vez, também não. aproveitarei para fazer algumas visitas pois você não me deixa tempo para nada... E, quando voltar, nós dois estaremos ansiosos, cheios de saudades e de desejos...

Maliciosa, arrematou:

— Será muito bom... Às vezes, uma pequena separação só pode fazer bem...

Muito séria, ela falou:

— Tome cuidado... Não me traia... Pode estar certo de que eu saberei se você me traiu ou não!

Tomás nada disse.

Com a sua experiência de vida, com tudo que já fizera e já passara, ele sabia muito bem que jamais encontraria uma mulher como Jeanne. Tinha perfeita consciência de que nenhuma outra seria capaz de satisfazê-lo e, por isso, não estava com a menor intenção de traí-la.

Porém...

Tomás se conhecia muito bem.

Da mesma forma que tinha certeza de jamais poder ficar sem o amor de Jeanne, ele também sabia que não conseguiria ficar tanto tempo sem ir para a cama com uma mulher...

Seria pedir demais para um homem de sangue quente como ele e, ainda mais, no Rio de Janeiro, uma cidade que procurava vencer Paris em termos de oportunidades para o amor.

\*\*\*\*\*

Jeanne ficou novamente sozinha.

Se, por um lado, era desagradável a ausência de Tomás durante a noite, naquele apartamento imenso, por outro, ela até que estava achando muito bom que ele se afastasse um pouco.

Desde que decidiram ficar juntos, ela só experimentara o êxtase naquela primeira noite...

Ou seja, quando Satã, por artimanhas só a ele permitidas, ocupara o corpo de Tomás e a possuía.

Depois disso, ela simplesmente fingira todas as vezes, mostrara para Tomás um prazer que não estava sentindo.

E isso era terrível.

Bem que Jeanne gostaria de poder chegar ao êxtase como via acontecer todas as noites com Tomás... Bem que ela gostaria de poder virar para o lado, exausta e satisfeita, realizada em sua plenitude e, então, se abandonar ao sono.

Mas, não era isso o que acontecia com ela. Ao contrário, depois que Tomás adormecia, ela ainda ficava horas seguidas rolando na cama de um lado para o outro, sem conseguir conciliar o sono, remoendo a frustração, enraivecida com sua incapacidade.

Com Tomás viajando, Jeanne pelo menos não teria de fingir.

E, quem sabe, talvez o Príncipe das Trevas viesse fazer uma visita à sua súdita...

Foi quando esse pensamento passou por sua cabeça que ela se lembrou que, na realidade, depois que passara a viver com Tomás, em nenhum momento ela fizera o menor esforço para conjurar Satã.

— Mas então... — murmurou — Pode ser que seja isso! Pode ser que o Mestre esteja ofendido comigo!

Sem perda de tempo, foi buscar no fundo de seu armário, entre roupas que já não mais usava, o velho livro de Magia Negra.

— Não se preocupe, Mestre — falou ela, já excitada, já imaginando o que aconteceria se conseguisse trazer o Príncipe das Trevas para sua casa, naquela noite — Daqui a pouco eu o estarei chamando!

\*\*\*\*\*

Como já acontecera outras vezes, Jeanne notou que ao abrir o livro, seus olhos caíam diretamente nos parágrafos que tinham alguma relação com o que estava pretendendo fazer. Sorriu percebendo que nem sequer tinha a necessidade de procurar os rituais que deveria executar pois parecia que o Príncipe das Trevas a dirigia para os textos mais adequados e fazia-a fixar a leitura naquele que seria o necessário para a conjuração.

Para Jeanne isso era um bom sinal, mostrava que Satã também estava interessado naquele encontro.

— Ele também quer! — exclamou — Satã também está com vontade de me possuir!

Estudou com toda a atenção o ritual em que seus olhos, parecendo de fato comandados por uma força superior, se fixaram e, quando o relógio da sala marcava onze horas da noite, Jeanne começou a preparar o ambiente para o encontro amoroso com o Mestre.

Já dispensara a empregada dizendo-lhe que aproveitasse a ausência de Tomás para ir fazer aquela visita a uma tia no interior que havia tanto tempo ela desejava fazer e, sozinha no

grande apartamento, tinha total liberdade para o que bem entendesse.

Foi para a cozinha, apanhou uma velha panela de barro que jamais era usada e que Serafina mais de mil vezes sugerira que fosse jogada fora, colocou-a sobre o fogão e deixou-a aquecer sem nada dentro.

—E a Serafina que queria jogar essa panela — riu Jeanne — Tive de inventar que ela é uma lembrança de minha avó...!

Quando a panela estava bem quente, Jeanne despejou quase uma lata inteira de azeite em seu interior.

A temperatura excessiva fez com que o azeite fervesse e liberasse uma fumaça azulada com o enjoativo cheiro que lhe é característico.

Jeanne tampou a panela e, depois de alguns minutos, quando a cozinha inteira estava cheia de fumaça, jogou no azeite quente quatro tocos de vela que se derreteram imediatamente fazendo espuma e respingando óleo para todos os lados.

Em seguida, ela apanhou de um dos vasos da sacada, um punhado de terra, jogando-o na panela.

Mais uma vez, o ruído de fritura se fez ouvir, o azeite espirrou e um cheiro horrível se espalhou pela cozinha.

Jeanne voltou a tampar a panela e, depois de se concentrar um pouco na imagem de Satã, foi para seu quarto. Despiu-se completamente e, embrulhada apenas num xale negro que comprara havia poucos dias e de que Tomás não gostava dizendo que lhe dava um aspecto diabólico, voltou para a cozinha trazendo na mão esquerda um frasco com iodo metálico.

Despejou na panela o conteúdo do frasco e alguns segundos depois, uma fumaça arroxeadada se despreendeu da panela.

Nesse momento, Jeanne ergueu as mãos acima da cabeça e, mais uma vez se concentrando na figura do Príncipe das Trevas, disse:

— Vinde, Mestre! Sua serva está pronta para recebê-lo! Vinde mostrar o seu poder!

A fumaça parou de sair da panela e Jeanne, seguindo o que lera no livro, tirou-a do fogo, despejando o seu conteúdo na pia.

Mal tinha acabado de fazer isso, sentiu a presença de alguém às suas costas.

Voltou-se vivamente, já com um sorriso nos lábios e com a certeza de que estaria frente a frente com Satã.

\*\*\*\*\*

Assustou-se ao ver que Tomás estava ali.

Empalideceu...

— T- Tomás...! — gaguejou — Mas o que está fazendo aqui?!

Ele estava nu e sorriu...

E foi quando sorriu que Jeanne percebeu tudo.

Aqueles lábios finos, os olhos maliciosos e cheios de maldade, de uma maldade que a inebriava, que a apaixonava...

— Mas é você! — exclamou, abrindo os braços e adiantando-se para abraçá-lo.

Sentiu o calor de seu corpo, sentiu-se imediatamente transportada para um tal estado de excitação que mal podia se controlar.

— Você poderia aparecer em sua forma normal — reclamou — \_Assim, levei um susto! Pensei que Tomás tivesse voltado e me tivesse visto preparando o ritual!

Satã balançou a cabeça negativamente e disse:

— Preciso aparecer em formas conhecidas, Jeanne. Sempre pode acontecer de surgir alguém e é melhor que você esteja com seu marido, não é verdade? Evita a necessidade de muitas explicações. Além disso, duvido muito que você goste de me ver ao natural...

Com brutalidade, ele a beijou e Jeanne pode sentir toda a força de seu desejo.

— Venha — disse ela em um murmúrio — Venha... Eu o quero, já não agüento mais!

Ouviu uma risada, sentiu-se levada para a sala e, no instante seguinte já estava sendo arrebatada para as delícias que Satã, e somente Satã, podia lhe proporcionar.

Naquela noite o Demônio parecia estar melhor do que nunca...

Jeanne adormeceu depois de algumas horas de intenso êxtase e nem sequer percebeu quando o Mestre se fora.

Quando despertou, o sol já entrava pelas grandes vidraças da sala e ela se surpreendeu ao se ver vestida com as mesmas roupas que usara quando Tomás se despedira e mais surpresa ficou ao constatar que, na cozinha, não havia nada fora do lugar e tudo se encontrava absolutamente limpo, como se ela não tivesse feito nada na véspera.

— Será que desta vez foi apenas um sonho? — perguntou-se, já revoltada com a idéia de nada daquilo ter, de fato, acontecido.

Já estava começando a ficar com raiva de si e do próprio Satã, quando seus olhos se dirigiram involuntariamente para o entalhe da porta da biblioteca.

Como sempre, ela estava lá...

Chegou a sorrir com a lembrança de que somente ela era capaz de ver o seu rosto, maravilhosamente esculpido na madeira, com uma fidelidade tão grande que até parecia real.

Sim, Jeanne estava ali...

Só que mostrava aquele sorriso de satisfação que caracteriza as mulheres bem amadas e bem possuídas e, ao seu lado, segurando-a pelos ombros, aparecia a figura de um homem nu que jamais estivera entalhada naquela porta.

Jeanne não podia distinguir suas feições mas, para uma mulher como ela, não é preciso ver o rosto de um homem para reconhecer o amante.

Era Satã...

Era a prova de que não sonhara mas que, muito pelo contrário, o encontro tinha sido real.

Jeanne acariciou o entalhe tentando sentir nas pontas dos dedos a mesma textura da pele do Príncipe das Trevas. O entalhe estava quente como o corpo dele e a mulher, instintivamente,

tirou a mão, assustada.

Sorriu de si mesma e voltou a acariciar a figura, dizendo:

— Então aconteceu... Ele esteve aqui!

Olhando-se no espelho, viu que tinha olheiras até o meio da cara e que seu aspecto mostrava claramente que ela passara as últimas horas fazendo qualquer coisa, menos dormindo...

E era justamente esse aspecto que Jeanne não queria que as amigas e conhecidas vissem pois — ela sabia muito bem — as más línguas não a perdoariam e não seria nem um pouco difícil que algum comentário maldoso pusesse a perder a sua união com Tomás.

O que era um risco que Jeanne não poderia correr.

Tomás era um homem bom, um marido dedicado e que não media esforços para satisfazer os seus menores caprichos. E isso, é claro, sem contar que a cada dia ele ficava mais rico, tinha mais dinheiro em suas contas bancárias. Com isso, Jeanne podia ser cada vez mais exigente.

E ela adorava pedir coisas para Tomás pois sabia que, não importando o que fosse, acabaria ganhando.

Era bem certo que ele não deixava de cobrar essa sua generosidade e, à noite, Jeanne tinha de satisfazê-lo, tinha de fingir que era arrebatada para o sétimo céu.

Riu lembrando-se que para o marido ela dizia que ficava no céu após uma relação e, com Satã, tinha a sensação oposta... Ela diria que tinha sido aquecida como se estivesse no fogo do Inferno...!

— Até que deve ser muito melhor estar no Inferno com Satã... — pensou — Pelo menos o prazer é intenso!

Nesse ponto de suas reflexões, o telefone tocou.

Atendeu, imaginando que fosse Tomás mas, estava enganada.

A voz de Hilda, parecendo aflita, perguntou:

— Jeanne, você pode me receber agora de manhã? Tenho um assunto muito sério para conversar e acho que você é a única pessoa que poderia me ajudar..

Jeanne estranhou o telefonema da mulher.

Em primeiro lugar, Hilda na realidade nunca fora sua amiga, bem pelo contrário. Tinha acontecido uma certa aproximação quando da morte de Regina e Roberto mas, depois disso, elas limitaram seu relacionamento a encontros fortuitos em reuniões ou festas em que ambas tinham sido convidadas. Jamais chegaram a trocar confidências, jamais chegaram a se convidarem mutuamente para suas casas. Jeanne, inclusive, já realizara duas ou três festas em seu apartamento e Hilda não tinha sido convidada mesmo porque a francesa soubera de algumas reuniões que Hilda fizera e em cuja lista de convidados o seu nome não figurara. Em segundo lugar, não podia imaginar de que maneira ela poderia ser a única pessoa a trazer alguma ajuda para Hilda, uma mulher biliardária, eternamente rodeada por muitas pessoas que fariam de tudo para lhe serem agradáveis.

Mas...

Já que Hilda estava pedindo e como isso a punha numa posição de superioridade em relação a ela, Jeanne não vacilou mais.

— Venha à hora que quiser, querida — falou — E pode estar certa de que fico sensibilizada com a sua lembrança. Farei o que estiver ao meu alcance...

\*\*\*\*\*

Jeanne abriu a porta para Hilda com o coração batendo mais depressa e ardendo de curiosidade para saber o que aquela mulher queria para lhe telefonar tão cedo.

Realmente, Hilda parecia muito perturbada.

Teria, na época, cerca de quarenta anos de idade, era uma balzaqueana bonita e, algumas más línguas já tinham dito para Jeanne que ela era fogosa demais para o marido, doze anos mais velho e com aparência de estar bem mais rodado e muito mais sofrido do que a esposa.

Jeanne fez Hilda entrar, levou-a até a sala de estar e, indicando-lhe uma das poltronas, disse:

— Sente-se, Hilda. Vou preparar um chá. Você me parece muito nervosa...

— Não se preocupe com o chá — replicou a visita — Se não se incomodar, prefiro um conhaque, um uísque ou qualquer outra coisa alcoólica e forte!

Jeanne arregalou os olhos, espantada.

Não poderia jamais imaginar que Hilda, aquele exemplo de estoicismo e de boa educação, pudesse pedir, em casa de uma quase estranha, uma bebida forte... E ainda mais àquela hora da manhã!

— Mas isso é coisa de alcoólatra! — exclamou, sem conseguir ou, quem sabe, sem querer reprimir suas palavras.

— Sei disso — murmurou Hilda, baixando os olhos — Mas ultimamente não tenho podido fazer outra coisa a não ser beber... Tenho bebido muito, é verdade... Mas só encontro algum alívio quando já começo a ficar tonta.

Jeanne foi até a cozinha, apanhou um copo com água gelada, pôs dentro dele duas colheres de sopa de mel, misturou algumas gotas de conhaque e outras de melissa. Deu-o para Hilda e falou:

— Tome isto. Tem um leve perfume de conhaque e é um bom calmante para os nervos. Vai lhe fazer bem e você, depois que me explicar tudo, depois que me disser onde eu a poderei ajudar, vai se sentir muito melhor.

Hilda obedeceu, tomou um grande gole da bebida e, olhando para Jeanne com desespero, falou:

— Meu marido está indiferente, comigo! Em relação a mim, está completamente incapacitado, ficou impotente! De um momento para o outro, ele não conseguiu fazer mais nada comigo, não me procura mais e, quando tentei forçá-lo, disse que não estava disposto, que não queria nada... E ele está assim há mais de seis meses! No entanto, já chegaram aos meus ouvidos, notícias de que ele continua o mesmo homem maravilhoso de sempre com as meninas dos inferninhos e cabarés que deu de freqüentar!

Jeanne franziu as sobrancelhas.

Com dificuldade e com um tom de incredulidade em sua voz, ela indagou:

— Mas... Por que diabos você achou que eu seria capaz de resolver esse problema? De que maneira espera que eu possa ajudá-la ou ao seu marido?!

Hilda baixou os olhos e, depois de um silêncio constrangedor de mais de um minuto de duração, ela disse:

— Ouça, Jeanne... Pelo amor de Deus, não se ofenda...

Jeanne interrompeu-a para dizer:

— Não me peça nada por Deus, Hilda... Ele não tem nada a ver com isso!

Olhando para a visitante com curiosidade, pediu:

— Mas prossiga. Diga o que está pensando.

Hilda ergueu os olhos, tímida e murmurou:

— Todos sabem de seu passado, Jeanne... Não há quem não saiba, na sociedade de São Paulo, de que maneira você chegou ao Brasil e de que meios lançou mão para sobreviver e progredir até se unir a Tomás Camargo...

Jeanne sentiu o coração falhar.

Não podia acreditar no que estava ouvindo!

Aquela mulher tinha tido o desprazer de ir à sua casa, àquela hora da manhã para lhe dizer dessa maneira que ela não passava de uma prostituta e que todos em São Paulo sabiam disso?!

Jeanne arregalou muito os olhos e ia abrindo a boca para falar, para protestar e, em seguida por para fora aquela desaforada, quando Hilda, com as lágrimas escorrendo por suas faces, pediu:

— Ajude-me, Jeanne! Sei que você é a única que pode me ajudar! Não quero perder meu marido! Não quero que ele me substitua por uma dessas mocinhas aventureiras que só estão de olho na fortuna de homens mais velhos!

Jeanne fitou com intensidade os olhos de Hilda.

Pareceu-lhe que aquela mulher estava sendo sincera e que, de fato, estava sofrendo muito com o comportamento e com a atitude do marido.

Hilda tomou mais um gole da bebida e disse, a voz baixa, arredia:

— Achei que você talvez pudesse me ensinar alguns truques... Algumas dessas artimanhas que as... profissionais... sabem usar para encantar um homem e para amarrá-lo ao pé de sua cama!



Olhou preocupada para Jeanne e repetiu:

— Por favor, Jeanne... Não fique ofendida comigo! Eu sei que você tem mil motivos para me detestar... Mas compreenda... Nós ficamos sabendo de sua escalada, das maneiras e dos métodos que usou para subir. Pense bem e verá que é mais do que natural que nós tenhamos tentado nos defender!

Criando um pouco mais de auto-confiança, Hilda continuou:

— Veja o que aconteceu com Beatriz... Você a derrotou, você acabou ficando com Tomás!

— O casamento deles já estava mal das pernas — defendeu-se Jeanne — E isso, muito antes de eu aparecer em cena!

— Tem razão — admitiu Hilda — E é justamente o que está acontecendo com o meu casamento! Eu não quero passar pela mesma experiência de Beatriz! Não quero que depois digam que era lógico que acontecesse isso pois o meu relacionamento com o Ribeiro já estava indo muito mal!

Jeanne respirou fundo e, ia dizer para Hilda que não poderia fazer nada e que se ela não queria perder o marido que tratasse de se modificar, de fazer com que ele voltasse a ter interesse por ela mas, em prantos, a mulher a interrompeu mais uma vez, pondo-se de pé diante da francesa e falando:

— Veja, Jeanne... Sei que não sou mais uma criança mas meu corpo ainda é melhor do que o de muitos brotinhos de dezoito anos! De mais a mais, a minha experiência é muito maior e eu tenho certeza que um homem que durma comigo uma noite, não vai deixar de querer uma reprise...

Voltou a sentar e soluçou:

Mas eu não quero outro homem! Eu quero o Ribeiro, quero o meu marido! E você é a única pessoa que pode me ajudar!

Jeanne ficou em silêncio, olhando distraída para as pontas dos sapatos.

Depois, ainda pensando nas palavras de Hilda, ergueu os olhos e, involuntariamente, eles se fixaram no entalhe da porta da biblioteca, distante quase seis metros de onde ela estava sentada.

Apesar da distância, as imagens entalhadas pareceram saltar aos olhos de Jeanne e, ao mesmo tempo em que ela via aquelas figuras criando vida e dançando em volta do caldeirão, escutou a voz de Satã, dizendo ao seu ouvido:

— Você vai ajudá-la, Jeanne... Vai ajudá-la com a sua magia e isso fará com que seja respeitada e temida não apenas por ela, mas por muitas outras que a procurarão.

A voz de Satã se calou, as figuras pararam de dançar e Jeanne, de repente, sentiu uma imensa paz interior e uma grande segurança em si mesma.

Voltando o rosto para Hilda, falou:

— Está certo, Hilda. Eu vou ajudá-la. Mas em troca, você não deverá comentar com ninguém o que vai acontecer e o que vai fazer...

Lembrando-se das palavras de Satã quando ele dissera que outras a viriam procurar, Jeanne acrescentou:

— Você e só você poderá trazer a mim outras amigas ou amigos que precisem... de meu talento.

Hilda olhou espantada para Jeanne e esta, com uma risada que lhe soou estranhamente diabólica, fez um gesto com a mão direita.

No mesmo instante, o copo que a francesa servira para a outra e que já estava vazio, se encheu, ergueu-se da mesinha em que se encontrava e foi parar a poucos centímetros da mão de Hilda.

A mulher se pôs de pé com um grito e Jeanne, segurando-a pelo braço, disse:

— Não se assuste... Você veio me pedir ajuda, não é verdade? E vai me prometer que manterá segredo e só revelará o que aconteceu para pessoas que realmente estejam precisando de mim.. Além disso, antes de falar com essas pessoas, você virá me perguntar se eu posso atendê-las, está bem assim?

Hilda, trêmula, assustada, fez um sinal afirmativo com a cabeça e Jeanne, fechando os olhos, concentrou-se.

Procurou transportar seu pensamento para o livro de Gabrielle e para aqueles momentos no bangalô, quando a assistia em seus encantamentos de amor.

— Você vai trazer para mim algumas coisas... Em primeiro lugar, um lenço de seu marido. Além disso, uma de suas gravatas e, por último, um conjunto de roupas íntimas que você só tenha usado uma vez.

Hilda não respondeu. Apressada, ela deixou a casa de Jeanne e, menos de quinze minutos depois, estava de volta com tudo quanto a francesa lhe pedira.

— Muito bem — falou Jeanne — Agora, você irá para casa e, esta noite, verá que as coisas vão mudar...

\*\*\*\*\*

No dia seguinte, antes de oito horas da manhã, o telefone de Jeanne soou.

Ela riu enquanto caminhava para atendê-lo pois já sabia que era Hilda, ligando para dar notícia s sobre o resultado de seu encantamento.

— Não faço a menor idéia do que foi que você fez, Jeanne — disse a outra — Mas o fato é que funcionou! Ribeiro parecia ter voltado aos vinte anos de idade, nunca o vi tão ativo, tão cheio de energia e de desejo!

Riu, feliz, do outro lado da linha e completou:

— E o melhor é que eu também estava com toda a energia! Acho que nunca...

Interrompeu-se, o pudor de repente voltando, e arrematou:

— Bem... Hoje eu estou arrebitada... Parece que levei uma surra daquelas... Mas, em compensação, estou feliz, realizada e satisfeita.

— E não será apenas desta vez — disse Jeanne — A partir de hoje, Ribeiro não conseguirá mais nada com qualquer outra mulher e chegará à conclusão que foi feito para você.

Hilda ficou calada por um instante e, um pouco sem jeito, murmurou:

— Gostaria de demonstrar meu agradecimento de uma maneira material, Jeanne... O que você aceitaria como presente?

Jeanne riu e respondeu:

— Não se preocupe com isso, Hilda. Não quero nada. Já estarei satisfeita sabendo que você se considera minha devedora...

Houve uma pausa e Jeanne acrescentou:

— Apenas saiba que, da mesma maneira que o Ribeiro voltou para você por minha causa, ele poderá se afastar em definitivo... Basta que você não cumpra a sua parte no nosso trato, entendeu?

— Sim — balbuciou Hilda — Pode ficar descansada... Acho que, depois do que aconteceu, você está na posição de minha melhor amiga... Uma amiga além de tudo, muito poderosa! Acho que estou em suas mãos, Jeanne... E só espero que você não judie de mim!

Jeanne não respondeu.

Preferiu deixar a outra na dúvida pois assim poderia ter certeza de que cumpriria sua parte e jamais tentaria passá-la para trás.

Voltando para seu quarto, ela riu.

Sim, estava mostrando que era mesmo uma boa discípula de Satã. Pelo menos, em seus pactos, estava mantendo a teoria do Mestre de conservar sempre as pessoas sob seu jugo.

O sorriso desapareceu de seus lábios quando ela se lembrou que isso apenas provava, mais uma vez, que ela também, estava sob o jugo do Príncipe das Trevas...

E com a desvantagem de só encontrar a satisfação quando ele queria e não todas as noites como tinha feito acontecer com Hilda.

## CAPÍTULO 16

Tomás chegara ao Rio de Janeiro já morrendo de saudades de Jeanne. Gostaria de estar com ela ali ao seu lado, gostaria de levá-la para conhecer uma porção de lugares interessantes mas...

Estava sozinho.

Pensou muito seriamente em tentar resolver todos os seus negócios o mais rapidamente possível e regressar dentro de três ou quatro dias para junto da mulher mas ele sabia que isso seria uma loucura. Transações importantes não podem ser efetuadas às pressas e, ainda mais naquele clima de guerra, na incerteza e insegurança que reinava em relação ao futuro.

— Terei tempo, depois, para descontar — disse ele para si mesmo — Quando voltar, Jeanne também estará ansiosa por amor e nosso reencontro será simplesmente demolidor!

Mas, o Destino estava pensando de maneira diferente...

Assim que Tomás começou a agir, marcando pelo telefone um importante encontro com um americano importador de menta, ele assumiu a posição e a personalidade de homem de negócios, esquecendo-se de Jeanne, esquecendo-se de São Paulo e passando a pensar unicamente em seu trabalho.

Foi ao encontro do importador e, quando chegou ao seu escritório, num imponente edifício perto da Candelária, surpreendeu-se com a beleza e a candura da moça que estava sentada à mesa da recepção.

Era uma jovem morena, com pouco mais de vinte anos de idade, muito bonita e cujo rosto irradiava simpatia e meiguice.

Não pode deixar de desejá-la, como animal predador que é o homem...

— Tenho uma reunião marcada com o senhor Hennessy — disse ele para a recepcionista.

Sempre sorrindo, ela consultou a sua agenda e falou:

— Pois não, doutor Camargo. O senhor Hennessy está à sua espera. Queira aguardar um momentinho que vou avisá-lo de sua chegada.

Ela deixou a mesa e dirigiu-se para a porta do gabinete do patrão meneando as cadeiras de maneira provocante.

Ficou lá dentro por alguns momentos e em seguida voltou a abrir a porta, dizendo:

— Faça o favor de entrar, doutor...

Tomás passou por ela, esbarrou de leve em seu corpo e pode sentir suas formas suaves e sensuais em uma rápida fração de segundo. Rápida...

Mas demorada o suficiente para despertar nele um intenso e quase irreprimível desejo.

\*\*\*\*\*

A reunião com Hennessy transcorreu com normalidade, os dois homens tentando negociar a melhor posição, cada um procurando tirar o máximo possível de vantagem no negócio. Houve acordo em praticamente tudo, exceto por um pequeno detalhe quanto à quantidade de menta que poderia ser entregue num determinado prazo. Hennessy queria que a mercadoria estivesse no porto de Nova York quinze dias antes do que Tomás achava possível.

— Terei de consultar meus fornecedores — disse Tomás — Serei obrigado a lhe trazer uma resposta mais tarde.

Hennessy concordou e Tomás, ao deixar seu gabinete, sorriu para a recepcionista, dizendo:

— Voltarei mais tarde. Mas telefonarei antes, se houver algum imprevisto.

— Estarei esperando, doutor. Mas, se por acaso eu não estiver por aqui por ser hora do almoço ou por eu ter de fazer alguma coisa para o senhor Hennessy na rua, pode deixar o recado. Meu nome é Sylvia.

Tomás sorriu, despediu-se da moça e saiu.

Uma vez na rua, não pode deixar de se surpreender consigo mesmo.

Ele sabia muito bem que poderia efetuar a entrega da menta da maneira como queria Hennessy. Porém, criara aquela dificuldade de graça... Unicamente para ter um pretexto para voltar ali, para rever Sylvia.

Mesmo que fosse apenas para vê-la mais uma vez e daquela maneira fugaz e inócua, ele de pé e ela sentada atrás de uma escrivaninha de recepção.

Distraído, tentando explicar para si mesmo a razão daquele comportamento tão pueril, Tomás entrou num café logo em frente ao edifício de Hennessy.

Estava começando a levar a xícara aos lábios, quando viu Sylvia deixar o prédio e caminhar pela calçada com aquele andar sedutor, fazendo com que todos os homens olhassem para ela cheios de admiração e desejo.

Sentiu ciúmes.

Inexplicavelmente, inadmissivelmente, descabidamente, sentiu ciúmes.

Pagou às pressas o café e, em passos apressados, seguiu Sylvia pela rua, alcançando-a quando ela já estava entrando numa farmácia.

— Mas que coincidência! — disse ele, ao seu lado — Que surpresa agradável!

Sylvia sorriu e, olhando para Tomás de uma maneira que deixava bem claro que ela percebera não se tratar de um acaso aquele encontro, falou:

— Desci para comprar um comprimido. Estou com um pouco de dor de cabeça...

E, com uma careta, acrescentou:

— Não é muito fácil trabalhar com o senhor Hennessy... Ele é muito exigente e quando me pede para bater uma carta em inglês, fica furioso quando cometo algum erro, por mais insignificante que seja!

Entraram na farmácia e, antes de chegar ao balcão, Sylvia disse:

— Hoje à tarde, sei que minha dor de cabeça vai aumentar... Ele quer um relatório completo sobre a transação que os senhores estão fazendo... E em inglês!

Tomás sorriu e falou, em tom de brincadeira:

— Não quero lhe dar trabalho e muito menos dor de cabeça, Sylvia. Acho que vou voltar lá e dizer para o gringo que não farei mais o negócio...

— Isso não vai adiantar nada. Aliás, só vai servir para piorar a minha situação — replicou a moça — Se o negócio não sair, ele vai querer o relatório do mesmo jeito e, o que é pior, vai montar uma explicação complicada e comprida para os seus chefes lá nos Estados Unidos... E serei eu a bater tudo isso!

Comprou o remédio e, com um suspiro, finalizou:

— Por isso, já sei que o meu destino, hoje, é ficar a tarde inteira em cima da máquina. Não tenho escapatória e acho que os comprimidos não vão me ajudar muito...

Tomás, acompanhando-a até a porta, falou:

— Bem... Se me permite, tenho uma sugestão para aliviá-la...

Sylvia olhou para ele com expressão curiosa e Tomás continuou:

— Poderia convidá-la para jantar em meu hotel... Ao menos serviria para relaxar um pouco e...

Com um tom de súplica em sua voz, arrematou:

— Eu ficaria muito feliz em poder contar com a sua companhia para o jantar... Detesto fazer minhas refeições sozinho...

Sylvia sorriu.

Tomás pode perceber a malícia que havia naquele sorriso e, encorajado, murmurou:

— Eu a pegarei no fim da tarde, está bem? Poderemos nos encontrar aqui nesta farmácia que é para não haver a possibilidade de se criar uma situação constrangedora.

A moça ficou em silêncio por alguns instantes e, depois, ampliando mais o sorriso, falou:

— Está certo. Estarei aqui por volta de seis horas.

\*\*\*\*\*

Tomás passou o resto do dia trabalhando.

Foi a diversas repartições, foi a Bancos, encontrou-se com importadores de diversas mercadorias que, naquela época, tinham imenso valor de mercado e que, por isso mesmo, faziam a fortuna daqueles que tinham a sorte de lidar com elas.

Esteve, perto de cinco horas da tarde, no escritório de Hennessy mas Sylvia não se encontrava lá.

Uma outra moça, feiosa e sem sal, disse-lhe que ela pedira para sair mais cedo pois não estava se sentindo muito bem.

A notícia deixou Tomás um tanto quanto decepcionado pois se Sylvia não estava bem, era de supor que ela faltaria ao encontro marcado.

Erguendo os ombros, procurando se conformar com a idéia de jantar sozinho depois de já ter planejado e imaginado a companhia de Sylvia, ele disse:

— Bem... Espero que ela melhore depressa...

Falou rapidamente com Hennessy, disse-lhe que o negócio poderia ser realizado nos termos que ele estava pretendendo e, ao passar pela mesa da recepção, viu a outra moça bufando de raiva, debruçada sobre a máquina de escrever e resmungando que Sylvia tinha sido muito esperta de ficar doente logo num dia em que havia tanto serviço para fazer.

Ganhando a rua, Tomás estava desapontado.

Apressara-se o mais possível para resolver todos os problemas do dia até aquela hora pois tinha a esperança de sair do escritório de Hennessy e já se encontrar com Sylvia mas, pelo visto, seus projetos tinham ido por água abaixo.

Sem ter o que fazer, ele hesitou entre voltar para o hotel ou ficar perambulando à toa pelas ruas do Centro do Rio, vendo vitrinas, comprando alguma coisa para Jeanne.

Jeanne!

Com uma pontada no coração, percebeu que era a primeira vez, desde que começara a trabalhar ali no Rio de Janeiro, que lembrava da mulher.

Justificou-se dizendo para si mesmo que tivera muito o que fazer durante o dia mas, em seu íntimo, ele sabia muito bem que a substituíra, pelo menos durante aquelas últimas horas, pela imagem de Sylvia.

Procurou explicar para si mesmo porque Sylvia o impressionara tanto. Era bem verdade que possuía uma beleza indiscutível mas...

Jeanne também era bela e, na verdade, chamava ainda mais a atenção com seus olhos muito azuis e com seus cabelos cor de fogo. Os olhos...

Sim, talvez fosse isso mesmo!

Nem tanto os olhos, muito mais o olhar...

Sylvia irradiava meiguice enquanto Jeanne...

Tomás não podia dizer que Jeanne não fosse meiga. Ela o era, aliás, sabia sê-lo!

Mas...

Sylvia era naturalmente meiga...

Havia bondade em seus olhos, ela parecia dócil, compreensiva...

E Jeanne era exatamente o contrário.

Tomás, como todos os que lidavam com ela, sabia que as cartas estavam em suas mãos, tinha consciência de que Jeanne era a comandante indiscutível, de que era ela quem diria a última palavra, ela seria capaz até mesmo de definir o destino das pessoas...

Jeanne era dominadora. E amedrontadora quando olhava para Tomás e deixava transparecer naqueles dois blocos de gelo em que se transformavam seus olhos, a determinação fria e calculista de quem tem um objetivo pela frente, objetivo este muito maior do que qualquer sentimento.

Pela primeira vez, Tomás admitiu a realidade. Ele estava sendo dominado e controlado por Jeanne, ela estava fazendo dele nada mais do que um vassalo e tudo isso apenas por que sabia como fazer para realizá-lo como homem, como satisfazê-lo por entre os lençóis.

Teve uma sensação de frustração e revolta, um estremecimento de raiva passou por seu corpo.

Entrando num bar para tomar um café, ele pensou:

— Se as coisas são assim agora, imagino como serão depois que tivermos filhos!

Fechou os olhos e sacudiu a cabeça procurando afastar da mente esse pensamento.

Com Beatriz, com quem fora legalmente casado, ele não quisera filhos...

Não haveria de querê-los com Jeanne!

Seria o mesmo que se meter dentro de uma cela de prisão, fechar a porta e jogar a chave pela janela...

E Jeanne vinha falando de filhos havia dois meses...

— Não! — exclamou em voz alta, fazendo com que um senhor que estava ao seu lado levasse um susto.

Tomás sorriu, sem jeito e murmurou, mostrando a xícara de café:

— Não tem açúcar...

O senhor, solícito, sorriu e passou-lhe o açucareiro, muito embora tivesse certeza de o ter visto adoçar o café.

Tomando o melado que se vira obrigado a fazer, Tomás pensou:

— Sei que estou apaixonado por Jeanne... Sei que ela é a mulher mais formidável na cama que já conheci... Mas, nem por causa disso, vou deixar que ela me tenha como se fosse um cachorrinho, como se fosse um autêntico boi de presépio!

Deixando o dinheiro trocado sobre o balcão, deixou o bar e, caminhando devagar, flanou até a Candelária pensando que aquele encontro com Sylvia seria excelente para sua alma pois ajudaria a provar para si mesmo, que Jeanne não era a única mulher no mundo.

Com raiva, chutou uma caixa de fósforos vazia que estava no chão e murmurou:

— Mas ela não virá... Vai me dar o bolo. E eu terei de ficar sozinho, apenas remoendo a falta que Jeanne está me fazendo e a frustração de ter levado um fora de Sylvia!

Olhou para o relógio, viu que já passava bastante de seis horas da tarde e, sacudindo os ombros com despeito, pensou:

— Bem... De qualquer maneira, não perderei a noite. O Rio de Janeiro está cheio de mulheres fáceis, está repleto de moças que até vão me agradecer muito por eu lhes proporcionar um bom jantar e algumas horas agradáveis em meu quarto de hotel...

Notou que, inadvertidamente, caminhara até a farmácia onde combinara se encontrar com Sylvia.

Quase que contra a própria vontade, olhou para seu interior.

Abriu um sorriso...

Sylvia estava ali.

Ela olhava em sua direção e sorria, um sorriso que, naquele momento, não tinha nada de angelical... Muito pelo contrário, era quase um sorriso de perdição...

\*\*\*\*\*

Sylvia tinha o corpo perfeito.

Suas curvas, menos ousadas que as de Jeanne, eram talvez por isso mesmo, ainda mais sedutoras e a ingenuidade e inocência que cercavam a sua pouca experiência na arte do amor, faziam com que Tomás se sentisse ainda mais arrebatado, mais responsável pelo sucesso daquele encontro.

Nenhum dos dois teve do que se queixar...

Quando o dia amanheceu, o sol que entrava pelas janelas abertas do quarto de Tomás, veio beijar o casal ainda abraçado sobre a cama, ambos exaustos e satisfeitos.

Tomaram o desjejum juntos e Sylvia estava ao lado de Tomás quando ele ligou para Jeanne dizendo que estava trabalhando muito, que estava morrendo de saudades e que não tinha uma previsão do dia em que poderia voltar.

Desligando o telefone, Tomás riu.

— Você não presta — disse Sylvia, muito séria — Isso não é papel que se faça!

Tomás ergueu os ombros com indiferença e, abraçando Sylvia, puxou-a novamente para si, dizendo:

— Não venha me dizer que não gostou... E não venha me dizer que estava esperando que eu telefonasse para minha mulher dizendo-lhe que aprontasse suas malas e fosse embora pois estaria levando para São Paulo uma substituta.

Sylvia riu, beijou com volúpia os lábios de Tomás e murmurou:

— Na verdade, bem que eu gostaria... Mas...

Fitando-o com olhos tristes, acrescentou:

— Sei que você tem uma outra vida e que pertence a um mundo completamente diferente do meu... Não tenho o direito de atrapalhá-lo e, muito menos de criticá-lo.

Tomás acariciou seu corpo detendo-se nos pontos mais sensíveis e arrancando-lhe gemidos e suspiros de prazer, enquanto dizia:

— Você é sábia, Sylvia... E as mulheres sábias jamais têm do que se arrepender.

Sylvia sorriu, fechando os olhos como uma gata no cio, procurando aproveitar ao máximo aqueles carinhos.

Sim, ela sabia muito bem que não poderia contar com aquele homem para o resto de seus dias. Mas, pelo menos enquanto ele estivesse no Rio de Janeiro...

Ela saberia como fazer para que Tomás nem mesmo pensasse em outra mulher.

\*\*\*\*\*

E foi justamente o que aconteceu.

Durante todo o tempo que Tomás Camargo esteve trabalhando no Rio de Janeiro, onde quer que ele estivesse, ali estava também, Sylvia.

Iam a restaurantes de braços dados, saíam abraçados do hotel pela manhã, não se preocupavam em absoluto com a remota possibilidade de alguém os ver, reconhecê-los e... Armazenar matéria para um escândalo dos maiores na sociedade.

— Até parece que você quer que sua mulher saiba — disse Sylvia, preocupada.

— Não quero... — retrucou Tomás — Mas não vou bloquear ou limitar o nosso prazer unicamente por causa dela.

E, com um erguer de ombros, acrescentou:

— Jeanne não é idiota. Sabe muito bem que se achar muito ruim, corre o risco de sair de minha vida... E, se isso acontecer, ela não será ninguém em São Paulo! Não é o que ela deseja e, por isso, pode estar certa que ela engoliria qualquer sapo só para não ter de ficar sozinha novamente, só para não correr o risco de se ver abandonada e sem o respaldo de minha empresa.

\*\*\*\*\*

Sylvia não alimentava nenhuma pretensão quanto a roubar Tomás de Jeanne ou, sequer de transformá-lo em seu amante. Como dissera para ele, sabia seu lugar na sociedade, sabia que não passava de uma recepcionista e que dificilmente poderia se adaptar a um ritmo de vida agitado e sofisticado como deveria ser o de Tomás ou de qualquer outro desse nível.

Assim, ela se limitava a aceitar os pequenos presentes que ele lhe oferecia, a adorar os jantares em restaurantes finos e a se achar a rainha de sua vida nos momentos que sucediam o amor, quando Tomás, exaurido, virava para o outro lado e dormia como um guerreiro cansado.

Como um guerreiro cansado e derrotado...

Era nesse momento que Sylvia, como qualquer mulher, sentia o gosto da vitória da fêmea sobre o macho. Ela, no fim, era a vencedora, ele estava ali, esgotado, derrubado, incapaz de fazer o que quer que fosse a não ser dormir, enquanto ela...

Bem...

Ela também estava satisfeita mas...

Se mais houvera, mais tivera...

Sylvia, no entanto, não tripudiava sobre sua vantagem.

Bem ao contrário, quando Tomás despertava, às vezes no meio da noite, com sede, os lábios ressequidos, os músculos doloridos de toda a ginástica desenvolvida em busca do prazer máximo, ela fazia questão de se levantar, de servi-lo, de acariciá-lo outra vez até que adormecesse ou, então, até que o desejo, qual chama rebelde, voltasse a se acender.

Sylvia soube conquistar Tomás.

Não que ela o quisesse e não que pretendesse o seu amor, a exclusividade ou, que fosse, um lugar como a amante estável, teúda e manteúda do milionário.

ganhou um lugar de respeito e de admiração no coração de Tomás e isso tornava o seu relacionamento muito mais natural e agradável do que a união com Jeanne.

Mesmo porque, por alguma razão que Tomás não conseguia explicar muito bem, Jeanne lhe punha um certo medo e Sylvia, ao contrário, fazia com que ele se sentisse o seu verdadeiro

protetor, o braço que poderia defendê-la de qualquer perigo, de qualquer situação desagradável.

Por tudo isso, quando os dois se despediram, Sylvia chorou sinceramente, recusou o gordo envelope que Tomás queria que aceitasse e, em tom ofendido, falou:

— Estive com você esses dias todos por que quis, Tomás. Você me fez viver dias e noites de sonho, me fez sentir uma princesa bem amada... Para mim é mais do que suficiente. Não

quero seu dinheiro, não sou uma profissional!

Tomás ficou sem jeito, abraçou Sylvia e disse, ao seu ouvido:

— Você não tem um amante, Sylvia... Tem um amigo. Para o que for, no dia em que precisar, conte comigo. Jamais terá uma negativa minha.



## CAPÍTULO 17

A partir desse dia, Jeanne passou a ser conhecida como uma pessoa mística, que sabia coisas e truques incríveis como, por exemplo, ler as cartas, ler as mãos e... Sabia como ninguém preparar pequenos encantamentos para se conseguir êxitos sentimentais.

Hilda cumprira a sua promessa de só revelar o segredo de Jeanne para pessoas escolhidas e de consultá-la a cada vez. E Jeanne, por seu lado, consultava Satã que lhe dizia para atender ou não determinada pessoa.

A francesa notou, curiosa, que Satã jamais a fazia recusar um atendimento e que a proibia de cobrar o que quer que fosse.

Perguntou-lhe a razão dessa atitude e o Príncipe das Trevas respondeu:

— Se você cobrar dinheiro ou mesmo favores, essas pessoas passarão a achar que têm direitos sobre você e sobre seu trabalho. E isso não é bom. É muito melhor que todos estejam sempre devendo algo, sem jamais saberem o que seja.

Satã riu e acrescentou:

— É como você... Sabe que me deve e que um dia eu hei de cobrar. Só que não tem a menor idéia do valor dessa dívida e nem quando vou resolver pedir que a resgate!

— Isso não é justo — protestou Jeanne pela milésima vez — Até hoje, acho que você não tem motivos para se queixar de mim...

Satã riu outra vez e desapareceu.

Essa conversa tinha sido cerca de quinze dias depois de Tomás ter ido para o Rio de Janeiro e de mais uma noite de delícias com o seu Mestre.

Assim, quando ele partiu, Jeanne ainda ficou acordada por alguns minutos, lembrando-se das sensações que tivera e procurando reviver cada uma delas...

Quando o sono começou a alcançá-la, lembrou do marido, lembrou que durante aqueles dias Tomás tinha ligado apenas três vezes para dar notícias...

— Ele deve estar muito ocupado — pensou — Deve estar trabalhando um bocado...

Foi com esse pensamento que ela adormeceu, procurando sonhar mais um pouco com Satã pois essa era a maneira mais simples de conseguir ao menos um simulacro de prazer...

\*\*\*\*\*

Dois dias depois, Hilda telefonou.

— Jeanne, tenho um problema que você pode resolver mas é claro que você vai me dizer primeiro se quer ou não atender essa pessoa...

Jeanne encorajou a amiga a falar e ela continuou:

— Trata-se de um industrial. Um homem que lida com latas e que está com uma dúvida muito grande... Conversou ontem com o Ribeiro e este comentou comigo a respeito do assunto.

Hilda deixou escapar uma risadinha e falou:

— Eu o conheço muito bem... Até mesmo bem demais. Por isso, eu me senti muito à vontade para telefonar para esse... amigo... e perguntar-lhe se queria alguma sugestão...

— Você está querendo que eu dê a sugestão, não é isso? — indagou Jeanne.

— Na realidade — respondeu Hilda, depois de uma pausa — Estou querendo que você oriente o pobre homem...

Jeanne se concentrou um pouco e, depois de um pequeno silêncio, perguntou:

— Mas de que se trata? Quem é esse indivíduo?

Foi a vez de Hilda ficar calada por alguns segundos e, com voz relutante, ela murmurou:

— Nildo Fernandes... Você já deve ter ouvido falar dele.

Jeanne levou um susto.

Naquela época não havia quem não conhecesse Nildo Fernandes, um dos homens mais ricos do país e, é claro, um dos mais requisitados pelas mulheres da alta roda, fossem elas jovens ou já maduras...

Sem dar tempo a Jeanne de qualquer reação, Hilda prosseguiu:

— Nildo está em dificuldades, querida. Ele fez um investimento enorme e...

Nesse momento, Jeanne escutou a voz do Príncipe das Trevas dizendo:

— Ele jogou uma verdadeira fortuna na continuidade da guerra, Jeanne. Investiu em coisas que só poderão ter mercado se a guerra continuar no Pacífico e se Hitler não for derrubado! Mas nada disso vai acontecer e esse homem terá de perder tudo. Vai ficar na mais negra miséria, em resumo, vai ser um dos grandes estouros do mundo financeiro do Brasil. Recuse. Não o atenda e explique por que. Diga que não há o que fazer e que ele já pode

contar como certa a sua derrota.

Jeanne suspirou.

Uma a uma, ela repetiu as palavras do Mestre para Hilda e finalizou dizendo:

— Não quero vê-lo. Não vai adiantar nada pois ele já está perdido.

Hilda ainda tentou demovê-la dessa idéia mas, não o conseguiu. Jeanne foi inflexível e, quando Hilda disse que Nildo poderia até se suicidar, Jeanne riu, falando:

— Talvez seja mesmo o melhor. Pode estar certa que gente como Nildo Fernandes é bom material para povoar o Inferno. O Demônio vai gostar de tê-lo por lá!

Não foi preciso mais do que um dia.

Nildo Fernandes pôs uma bala nos miolos depois de deixar uma carta onde explicava que assim agia por saber que não poderia suportar a vergonha de uma falência, principalmente em se tratando de uma falência onde mais da metade do dinheiro que ele usara era de amigos seus, de empresas em que ele tinha participação e que nele tinham confiado na expectativa de grandes e substanciais lucros.

\*\*\*\*\*

Com a notícia, mais do que nunca Jeanne teve o seu nome respeitado. Todos, àquela altura, já tinham tido notícias de que ela era capaz de feitos exóticos e miraculosos, de adivinhações muito estranhas e precisas.

E isso, se por um lado era desagradável pois não parava de aparecer gente em sua casa para pedir conselhos e para tentar ver o futuro, por outro, fazia com que Jeanne tivesse abertas para si todas as portas da sociedade.

Porém, Jeanne estava começando a se cansar daquilo tudo...

Seu marido deveria chegar em breve e ela queria um pouco de paz e de privacidade.

Com aquela multidão desfilando em sua porta, isso seria impossível.

De mais a mais, aquilo não lhe rendia mais nada. Fama, já a tinha e dinheiro era o tipo da coisa de que não precisava, uma vez que Tomás se encarregava de ganhá-lo para que ela pudesse gastar a rodo, sem a menor necessidade de fazer qualquer espécie de economia.

Assim, logo depois da morte de Nildo Fernandes, quando as hostes de curiosos e de desesperados mais se aglomeravam em frente ao seu edifício, Jeanne resolveu pedir auxílio ao Demônio.

— Não quero mais essa história — disse ela para o Príncipe das Trevas — Não é assim que eu pretendo me impor à sociedade!

Satã riu, deixando Jeanne irritada. Por que ele tinha de rir sempre que ela lhe pedia alguma coisa?

— Não se preocupe. O que eu queria com a sua capacidade de prever o futuro, com a sua clarividência e clariaudiência, já consegui atingir — disse ele — Você está respeitada e famosa, agora... precisa ser temida.

Passou as mãos ao longo dos braços de Jeanne e falou:

— Quando o dia amanhecer, você vai atender os três primeiros que aparecerem aqui. Estarão acompanhados e serão pessoas saudáveis que estarão procurando por você para resolver assuntos que nada têm a ver com a saúde. Porém, você vai predizer-lhes a morte... E do resto, cuido eu!

Jeanne estremeceu e, horrorizada, perguntou:

— Mas você vai matar essas pessoas?!

Satã soltou uma gargalhada.

— Matar? — fez ele — Mas o que é isso? O que é morrer ou viver? Será que vocês, reles mortais ainda não compreenderam que isso a que chamam Vida, não é mais do que uma muito breve transição do estado natural das coisas que é a Morte? Já procurou pensar que os espíritos, estejam onde estiverem, têm a eternidade pela frente e que o período em que eles permaneceram aqui na Terra é por demais curto para ser valorizado?

Com essas palavras, Satã desapareceu, deixando Jeanne frustrada pois ela tinha a esperança de que, naquela noite, eles ainda teriam tempo para uma sessão de amor..

\*\*\*\*\*

Na manhã seguinte, as palavras de Satã ainda estavam ecoando nos ouvidos de Jeanne quando Serafina disse que havia uma porção de gente querendo conversar com ela.

— A senhora faria bem se montasse um terreiro, dona Jeanne — falou a empregada — Poderia até ganhar muito dinheiro...

— Não estou incomodada com dinheiro, Serafina — replicou ela com enfado — O que eu quero é paz... Paz para poder usufruir do que eu já tenho. E esse povo todo não me deixa um segundo só de sossego.

Jeanne abriu a porta e olhou para as três primeiras pessoas.

Com gestos teatrais, cobriu o rosto com as mãos e disse:

— Não! Não vou atender ninguém! Vejo a Morte rondando... Vejo tragédia para estas três pessoas!

Assim dizendo, fechou a porta e foi para a janela ver o que iria acontecer.

— Não precisou esperar muito.

Os três primeiros da fila que, certamente ali estavam havia horas, saíram do prédio reclamando, pisando duro, dizendo que era um absurdo serem tratados daquela maneira.

Juntos — dois homens e uma mulher — começaram a atravessar a rua...

Jeanne viu antes de todos pois, como estava à janela do apartamento, tinha um campo de visão muito mais amplo.

O caminhão dos bombeiros virou, apressado, vindo da Avenida Angélica.

Não houve tempo nem mesmo de breicar...

Os três foram colhidos em cheio, arremessados à distância e, quando caíram no chão, já estavam, mortos.

\*\*\*\*\*

Uma a uma, as pessoas que ali estavam esperando para falar com a francesa, foram indo embora.

Jeanne sorriu e não pode deixar de pensar que o ser humano é de fato muito engraçado... Todos querem saber o futuro, todos querem saber o que o Destino está-lhes reservando. Porém, no momento em que descobrem, que isso pode de fato acontecer, preferem ficar na ignorância, sem saber de coisa nenhuma, sem ter de conviver com o conhecimento de fatos desagradáveis que lhes serão impossíveis modificar.

Jeanne conseguiu a paz que estava desejando.

Hilda ainda telefonou mais algumas vezes tentando fazê-la atender algumas amigas mas Jeanne perguntou se ela queria que as amigas soubessem de coisas desagradáveis e trágicas.

— Coisas como por exemplo o nome da amante de seus maridos... — disse Jeanne.

Ora... Uma das amantes em questão não era outra senão a própria Hilda...

Assim, ela acabou desistindo.

E Jeanne pode se dedicar a esperar a chegada de Tomás já sabendo que ele viria ansioso, carente de amor e disposto a simplesmente arreventá-la com a sua paixão.

\*\*\*\*\*

Tomás chegou, finalmente, depois de uma ausência que pareceu um século para Jeanne.

Na verdade, ela não estava sentindo falta de Tomás como homem, como companheiro ou, que fosse, como o pagador de suas contas. Ela tivera o Mestre como amante por diversas vezes, não ficara sozinha em nenhum instante — tivera até de tomar providências para que não ficasse com companhia demais — e quanto a dinheiro, Tomás, antes de partir para o Rio de Janeiro, deixara com ela uma gorda importância e isso sem contar que ela poderia à

hora que bem quisesse, lançar mão das contas bancárias que tinha em seu próprio nome, devidamente sustentadas pelo marido.

Porém, Jeanne sentiu a ausência de Tomás.

Havia alguma coisa, uma sensação estranha que deixava a mulher ansiosa e um pouco angustiada. Parecia que lhe faltara um pedaço durante aquelas semanas que Tomás não estivera ao seu lado.

Depois que ele voltou para casa, quando os dois estavam sozinhos na sala, ele contando a respeito dos negócios que realizara na capital e ela falando a respeito das últimas novidades na sociedade paulistana, Jeanne comentou com Tomás a respeito dessa sensação de falta que a aborrecera durante a sua ausência.

Com uma expressão sarcástica, ela murmurou:

— Não imaginava que pudesse amá-lo tanto...

Beijou-o, mostrando-lhe que estava disposta a matar essas saudades de uma maneira muito especial e Tomás, sério, replicou:

— Não é amor, Jeanne. Você apenas sentiu falta de seu escravo...

Assim dizendo, Tomás levantou do sofá e saiu da sala.

Jeanne ficou olhando para ele, atônita.

Sentira em sua aura algo de diferente, notara que o interesse que Tomás sempre tivera por ela estava um pouco modificado...

Um pouco?!

Não!

Estava muito modificado pois ele apenas a beijara, até rapidamente demais e, mesmo que Jeanne tivesse posto esse desinteresse na conta do cansaço da viagem do Rio de Janeiro até

São Paulo, ainda assim era estranho.

Em outras ocasiões, mesmo muito mais cansado, ele ainda tivera energia e interesse bastante para passar a metade da noite em claro, em alucinantes ginásticas amorosas!

Por um momento, Jeanne pensou em tomar satisfações. Mas, pensando um pouco melhor, ela chegou à conclusão que não teria o menor cabimento. Ele, de fato, deveria estar esgotado pela viagem e, ainda por cima, bastante preocupado.

Afinal de contas, no dia seguinte e provavelmente no restante da semana, teria ainda muito trabalho para pôr em dia tudo o que ficara para trás por causa da sua ida ao Rio de Janeiro e isso, sem contar que teria de viabilizar todas as transações que engatilhara na Capital Federal.

Para um homem do nível de responsabilidade de Tomás, essas preocupações contavam muito, inclusive em sua maneira de se relacionar com as pessoas. Assim, o melhor que ela faria era esperar um pouco e, se fosse o caso, conjurar Satã...

## **CAPÍTULO 18**

Durante o ano e meio que se seguiu, Jeanne esteve muito ocupada com sua agenda de obrigações sociais, com visitas, festas, reuniões e atividades as mais diversas.

Desde que ela fizera aquelas poucas sessões de profecias e desde que acertara de uma maneira tão impressionante em suas predições, ela passou a ser, como dissera o Príncipe das Trevas, não apenas respeitada, mas principalmente temida. E isso fazia com que as pessoas jamais deixassem de convidá-la para qualquer coisa que inventassem.

E como na verdade Jeanne não desejava outra coisa, sentia-se feliz e realizada recebendo telefonemas, convites, chamadas para comparecer a palestras e toda sorte de futilidades que as madames da alta sociedade que não têm o que fazer, costumam inventar.

As atividades sociais da francesa eram tantas, que ela nem sequer teve tempo para reparar que o marido estava cada vez mais distante e que nem sequer a procurava com a mesma frequência de antes.

Jeanne chegava em casa tarde, não encontrava Tomás que, segundo o recado de Serafina, telefonara dizendo que tivera uma reunião e por isso, não jantaria com a esposa.

Recado, na realidade, inútil pois Jeanne já jantara fora, ela também... Só que, é claro, não tivera a delicadeza de avisar.

Da mesma maneira que se esquecera de Tomás, Jeanne também não se lembrou do Mestre.

Estava ocupada, tinha muito em que pensar e não se lembrara nem mesmo de conjurá-lo para perguntar o por quê do comportamento de Tomás no dia em que chegara.

Parecia que nada mais tinha qualquer importância para ela... O que a interessava era a sua projeção social, a certeza de uma sólida conta bancária e os olhares de respeito, admiração e temor que despertava quando aparecia em algum lugar...

Tomás, por sua vez, estava muito satisfeito com a situação.

Desde que percebera que Jeanne era a dominadora, era aquela que fazia e desfazia ao seu bel prazer, começara a nutrir uma certa raiva da mulher e... Por vezes, chegou a pensar em separação.

Porém, tudo se sabe na sociedade...

E Tomás logo ficou sabendo do que acontecera em sua casa enquanto estivera no Rio de Janeiro.

No começo, foi difícil acreditar que Jeanne pudesse ter esse tipo de dom, essa tendência a ser clarividente mas, se contra a voz da maioria já é quase impossível ter argumentos, contra provas...

E havia provas.

O caso de Nildo, por exemplo, a morte das três pessoas que tinham sido praticamente expulsas da casa de Jeanne... E isso, sem falar dos inúmeros casos de impotência sexual, de frigidez, de traição que sua mulher tinha resolvido.

De posse dessas informações e vendo-as comprovadas, Tomás achou melhor não mexer com Jeanne pelo menos por enquanto...

Não que ele acreditasse piamente nessas coisas mas, como bom quatrocentão, tinha sido criado por uma empregada negra, filha de escravos e que lhe contara tantas e tantas coisas a respeito de espiritismo, de bruxarias e de feitiçarias as mais diversas, que ele, por uma questão até de reflexo condicionado, tinha medo de mexer com qualquer coisa que lhe cheirasse a sobrenatural.

Dessa maneira, se ele já tinha uma certa reserva em relação à parte espiritual de sua esposa, era mais do que claro que passasse a temê-la e, algumas vezes, surpreendeu-se a se persignar depois de cruzar com ela no corredor do apartamento pela manhã...

— Nada de separação — dizia para si mesmo — De repente, ela me roga uma praga e meus negócios vão para o bebeléu...!

Era preferível aguentar, engolir mais alguns sapos e, depois...

Bem...

Um dia, a corda haveria de estourar.

Provavelmente quando ele tivesse de voltar ao Rio de Janeiro e reencontrasse Sylvia.

\*\*\*\*\*

A vida do casal seguia nesse ritmo, sem que nenhum dos dois se decidisse a parar para pensar e interpelar o outro embora houvesse razões de sobra para tanto quando, numa manhã de segunda-feira, Tomás entrou no escritório, na Praça Patriarca, e surpreendeu-se ao ver Sylvia à sua espera.

Ela estava mais bonita do que nunca, um pouco mais cheia de carnes, o busto parecendo maior e mais generoso, os cabelos arrumados num penteado elegante.

Tomás não pode deixar de notar que ela estava vestida com simplicidade o que contrastava um bocado com a maneira como a moça se trajava lá no Rio de Janeiro.

E...

Sylvia trazia no colo uma criança de pouco menos de um ano de idade.

Um pouco perturbado pela surpresa e intrigado com o fato de ela ter vindo procurá-lo em São Paulo após mais de ano e meio, Tomás convidou-a a entrar em sua sala, dizendo:

— Mas é uma surpresa extremamente agradável, Sylvia! Vamos entrar... Acho que depois de tanto tempo...

Sylvia, sempre carregando a criança, passou para o interior do gabinete de Tomás e disse, assim que ele fechou a porta:

— Sim, Tomás... Depois de todo esse tempo, é claro que nós temos muito o que conversar.

Sorriu e acrescentou:

— Aliás, nós três...

E, mostrando a criança para Tomás, disse:

— É pena que sua filha, Simone, ainda não saiba falar...

Tomás sentiu, de repente, que o chão faltava sob suas pernas.

Sentou-se, depressa, na poltrona ao lado de Sylvia e balbuciou:

— Não entendi direito... Você disse... que essa criança...

Sylvia o ajudou:

— Isso mesmo, Tomás... Simone é sua filha.

Tomás balançou a cabeça negativamente e murmurou, quase em pânico:

— Não... Isso não é possível... É um pesadelo... Não pode estar acontecendo comigo!

Muito séria, Sylvia falou:

— Eu estava esperando por isso, Tomás. Assim, seu comportamento e sua reação, não me chocam... Não está sendo nem um pouco diferente do que imaginava.

Tomás olhou para a menina nos braços da mãe.

Ele vira muitas e muitas fotografias suas quando bebê... E era mais do que evidente a extrema semelhança.

— É a sua cara — sorriu Sylvia, nervosa.

Tomás não conseguiu deixar de sorrir e, num gesto involuntário, estendeu a mão acariciando o queixo de Simone.

A menina sorriu, Tomás teve, de repente, uma estranha sensação...

Olhou para Sylvia e perguntou:

— Mas... Tem certeza de que é minha filha?

— Sim — respondeu a mulher, com calma e segurança — Depois de você, não houve outro homem em minha vida e antes...

Deu um sorriso e murmurou:

— Acho que você se lembra como eu estava... Deve se lembrar que eu parecia uma louca, não é mesmo?

Tomás fez um sinal afirmativo com a cabeça e sorriu. Era mais do que vívida em sua memória a lembrança daqueles dias, a excitação de Sylvia e a ânsia que mostrava em encontrar e gozar o prazer

— Fazia mais de um ano que eu não tinha nada com homem nenhum... — disse ela.

Tomás respirou fundo, voltou a olhar para a menina.

Sim... Ela era linda. Linda e sorridente, parecendo até reconhecê-lo, parecendo que sabia ser ele o seu pai.

— O que quer de mim? — indagou Tomás — Dinheiro para não fazer um escândalo?

Sylvia olhou torvamente para ele e disse, com uma expressão de profunda tristeza em seu rosto:

— Não quero seu dinheiro, Tomás... Não pretendo fazer escândalo nenhum.

Esboçou um sorriso nervoso e falou:

— Não posso negar que gostaria muito de tê-lo ao meu lado, de ser sua esposa e de vê-lo como o pai de nossa filha... Mas sei que isso é um sonho impossível. Você tem a sua vida, o seu mundo, a sua sociedade à qual eu jamais conseguiria pertencer.

Tomando fôlego, Sylvia disse:

— Não é nada disso o que eu quero.

— ...então...? — fez Tomás, ansioso.

Sylvia fitou-o com intensidade.

— Quero que minha filha tenha um pai... Nada mais que isso. Não quero que ela cresça com uma certidão de nascimento onde apareça em branco a linha onde deveria figurar o nome de seu pai. É isso o que eu quero e é isso que hei de conseguir. Se for preciso, lutarei e, então sim, é muito provável que aconteça um escândalo.

Tomás suspirou.

Sylvia tinha razão. Se ela entrasse na Justiça com um processo de investigação de paternidade, com certeza ele conseguiria provar que não era o pai. Melhor dizendo, muito dificilmente, ela conseguiria convencer o Juiz de que ele era o pai. Especialmente em se levando em conta que a Justiça sempre tem uma certa tendência para facilitar as coisas para os que têm mais posses, mais recursos para lutar e, conseqüentemente, mais armas.

O dinheiro é a arma da sociedade...

Mas, haveria o escândalo...

E um escândalo não faria bem para a posição de Tomás Camargo.

Depois...

Aquela menina era tão bonitinha... Sorria tanto para ele...

Tomás, num gesto instintivo, involuntário, apanhou Simone das mãos da mãe.

Simone ampliou o sorriso, estendeu as mãozinhas para tocar o rosto dele...

Era incrível...

Mas, de repente, Tomás achou que sua menor obrigação era reconhecer aquela criança como sendo sua filha.

— Você não vai criar mais casos no futuro? — indagou ele para Sylvia sabendo muito bem que era uma pergunta inútil.

— Você tem a minha palavra — falou ela — Não quero mais nada além de você assumir a paternidade.

Tomás, ainda segurando a criança nos braços, murmurou:

— É uma garantia muito frágil, não acha?

Sylvia sorriu.

Pegando de volta Simone, ela falou, com determinação:

— Tem razão. É frágil e abstrata. Apenas uma promessa minha, será sempre ancorada somente por minha palavra. Mas, você tem a garantia sólida e concreta de que eu vou lutar para conseguir provar que você é o pai, se isso for necessário.

Devolvendo Simone para Tomás pois esta se agitava querendo

ir para o colo do pai, acrescentou:

— Eu poderia tê-lo procurado logo que soube da gravidez. Poderia ter feito um escândalo dos maiores e poderia ter vindo falar com você logo que Simone nasceu. Mas não. Quis esperar pois achei que o tempo seria um bom conselheiro tanto para mim quanto para você.

A menina estava brincando com o queixo de Tomás, emitindo alguns sons ininteligíveis e sorrindo muito.

— Você foi muito esperta — disse ele, rindo — Sabia que eu não conseguiria resistir a esse rostinho...

Sylvia permaneceu em silêncio, sentindo o coração bater mais depressa.

— Está certo — disse Tomás — Vou reconhecer Simone. Ela levará meu sobrenome mas...

Sylvia ergueu os olhos para ele e Tomás arrematou:

— Mas você terá de aceitar uma ajuda de custos pois eu não quero que minha filha passe por dificuldades. Além disso, terá de manter segredo. A existência de Simone só deverá ser posta à tona no momento que eu decidir.

Sylvia concordou. Ela não tinha muita escolha e a proposta de uma ajuda de custos não era nada ruim pois Sylvia estava desempregada desde o início da gravidez, vivendo de pequenos serviços e enfrentando enormes necessidades.

Ela tinha ido a São Paulo apenas com a intenção de convencer Tomás a reconhecer a filha. Mas, se ele estava disposto a outras coisas além disso, ela só tinha que agradecer aos bons espíritos que lhe estavam proporcionando essa chance.

Emotiva, Sylvia sentiu as lágrimas escorrerem por suas faces enquanto, em sua memória, aparecia a cena que vivera dezesseis meses atrás, num terreiro de Umbanda...

\*\*\*\*\*

A Mãe-de-Santo, uma negra enorme, usando um vestido branco e rendado, com um colar de conchas e de contas no pescoço, inclinou-se para a frente e soprou no rosto de Sylvia a fumaça fétida do charuto que estava fumando.

A moça, já nervosa, tensa e sensível, sentindo a cada vinte minutos os enjôos da gravidez de dois meses, surpreendeu-se por não vomitar com aquele cheiro.

— Você está grávida — disse a Mãe-de-Santo — E vai ter essa criança.

Sylvia queria dizer que não era isso que estava pretendendo, que, muito pelo contrário, queria dar um jeito de tirá-la, mesmo sabendo que correria um enorme risco de vida.

Porém, não o conseguiu. Sua voz estava presa na garganta, parecia-lhe não ter forças

para soltá-la ou, ainda, parecia não ter condições materiais e físicas de pronunciar uma só palavra.



A Mãe-de-Santo continuou:

— Essa criança significa muito para você e há de significar muito mais para outras pessoas. Vai despertar o amor e também vai despertar o ódio. Será protegida e será atacada. Passará por momentos ruins e por momentos muito bons...

Sylvia, ouvindo-a dizer essas frases, não pode deixar de pensar que na vida de todos essas situações inevitavelmente ocorrem. Todos têm momentos bons e momentos ruins, todos

despertam o amor e também o ódio... O que a Mãe-de-Santo estava dizendo não era novidade nenhuma...

A preta, esboçou com dificuldades alguns passos de uma estranha dança e, afastando-se de Sylvia apanhou sobre a mesa baixa que lhe servia de altar, um ramo de arruda.

Agitou-o sobre o ventre da moça enquanto pronunciava uma oração de que Sylvia não conseguiu entender uma só palavra.

Depois, com um estremecimento, a Mãe-de-Santo falou:

— O pai dessa menina é muito rico e importante mas você não irá incomodá-lo até a criança estar com nove meses. Depois de nascida... Aí sim, irá procurá-lo e irá fazer com que ele a reconheça como filha. Mas não exija mais nada além disso, mocinha... E, depois, tome muito cuidado... Muitas forças do mal serão chamadas para acabar com você e com sua menina...

— Mas é uma menina? — indagou Sylvia,

— Sim — respondeu a Mãe-de-Santo — É uma menina. E será muito bonita, ainda mais bonita do que você...

Pousou ambas as mãos sobre a cabeça de Sylvia, fechou os olhos e ficou assim, imóvel e em silêncio por quase dois minutos. Depois, falou: — Ela vai se chamar Simone. Vai estar protegida quando encontrar o seu homem mas, até lá, tanto ela quanto você estarão à mercê das forças do mal. Será preciso tomar muito cuidado. Mas muito cuidado mesmo, pois Exu pode aparecer e querer tomá-la de você.

Sylvia estremeceu. Ela conhecia muito bem os poderes de Exu e sabia que as palavras da Mãe Antônia significavam que ela e sua filha estavam sujeitas a muitos perigos, até mesmo a perigos de vida.

— O que eu devo fazer, Mãe Antônia? — perguntou Sylvia, aflita.

— Por enquanto, nada — respondeu a Mãe-de-Santo — Mas, quando você encontrar outra vez com o pai de Simone, receberá o sinal de proteção.

A preta sorriu e Sylvia percebeu que jamais poderia esquecer a candura que havia em seu olhar.

— Agora vá, minha filha — falou ela — Vá e cuide muito bem de você e de Simone. Lembre-se sempre que a vida é muito curta para tudo o que se tem para fazer nesta Terra e, assim, é muito importante que se tenha a continuidade de você mesma em sua filha...

Sylvia deixou o terreiro de Umbanda com uma agradável sensação de alívio.

Sabia que teria uma menina, que ela seria muito bonita e que, de qualquer maneira, não deveria procurar Tomás antes que ela completasse nove meses...

É claro que Sylvia ficara preocupada com algumas das coisas que Mãe Antônia dissera...

— Tomarei cuidado — pensou — E nada de ruim há de acontecer, seja para Simone, seja para mim.

Simone...!

Era um bonito nome e possivelmente, mesmo que não tivesse conversado com a Mãe-de-Santo, seria um dos que Sylvia teria para escolher.

Perguntou-se por que deveria esperar tanto tempo antes de procurar Tomás. Ela bem que gostaria de lhe dar a notícia mas, por outro lado, tinha consciência de que ele não gostaria de saber que Sylvia estava grávida.

Percebeu que as palavras de Mãe Antônia, mais uma vez, eram carregadas de sabedoria.

Sim, seria muito melhor que Tomás soubesse da existência da filha mais tarde, quando não houvesse a menor possibilidade de Sylvia ser pressionada a abortar ou, ainda, a dar a criança para adoção.

Sorriu consigo mesma, descendo o morro em direção à sua casa e pensou:

— O melhor que eu faço é seguir direitinho as recomendações de Mãe Antônia... E é isso mesmo o que farei!

\*\*\*\*\*

Sylvia estava maravilhada...

Deixaram o Cartório do Registro Civil perto da hora do almoço, ela já segurando a Certidão de Nascimento da filha onde figurava, como pai, o nome de Tomás Camargo.

A primeira parte de seu sonho estava realizada. Sua filha tinha um pai, não era mais fruto de um amor desconhecido, ela não teria necessidade de explicar, mais tarde, com palavras dúbias e difíceis, a sua origem.

Era filha de Tomás Camargo e isso era o bastante.

— Onde você está, aqui em São Paulo? — perguntou Tomás.

— Na casa de uma tia — respondeu Sylvia — Devo voltar para o Rio de Janeiro amanhã.

Sorriu e acrescentou:

— Já consegui o que estava querendo, Tomás. Nada mais me resta a fazer aqui em São Paulo.

Tomás ficou em silêncio por alguns momentos e, entrando numa joalheria, comprou uma correntinha para Simone e uma outra para Sylvia.

— Escolha as medalhas — disse Tomás, com um sorriso — Acho que durante a gravidez e mesmo durante o parto, você deve ter rezado para algum santo, não é mesmo?

Sylvia não respondeu. Não podia dizer a ele que rezara, sim... Rezara muito, pedindo a Santa Rita de Cássia e a São Jorge que a ajudassem a realizar o sonho de convencer Tomás.

Assim, com esses dois santos na cabeça, ela procurou entre as muitas medalhas que havia no mostruário da joalheria, uma que representasse Santa Rita e outra, São Jorge.

Em menos de trinta segundos, ela encontrou o que queria. Na verdade, era até mais do que esperava pois as medalhas que apanhara tinham de um lado Santa Rita de Cássia e do outro, São Jorge matando o dragão.

Tomás pôs as correntinhas pessoalmente no pescoço de Sylvia e de Simone e, saindo da joalheria, disse:

— Estou abrindo um escritório de representações aqui em São Paulo. É claro que vou precisar de uma pessoa responsável e que possa cuidar de tudo. Se você quiser, será a melhor maneira de poder lhe dar uma pensão sem que isso venha chamar muita atenção na contabilidade de minha firma.

Sylvia assentiu com um sinal de cabeça, querendo dizer de viva voz o quanto estava agradecida mas, a emoção embargou-lhe a voz. Foi só depois de alguns momentos que ela conseguiu dizer:

— Muito obrigada, Tomás... Não esperava que você fosse tão bom...

Tomás não retrucou. Limitou-se a beijar a testa de Sylvia e a fazer um carinho no rosto de Simone.

Fez sinal para um táxi e, pondo um maço de dinheiro na mão de Sylvia, acrescentou, ele também com a voz embargada:

— Volte aqui amanhã. Deixe Simone com sua tia e volte para que possamos regularizar a sua situação e para que tudo possa ficar bem acertado, sem riscos para mim e sem desvantagens para você.

Viu o carro se afastar e, acenando em despedida para Sylvia, respirou fundo. Era engraçado. Mas fazia muito tempo que ele não se sentia tão bem...

## CAPÍTULO 19

Se a vida de Sylvia sofrera uma modificação radical, a de Tomás também mudara e muito.

De repente, ele se conscientizara de que tinha uma filha e de que isso era muitíssimo importante em sua existência, talvez o fato mais importante de todos.

Seu relacionamento com Jeanne, que já estava muito diferente do que era no início, parecia se deteriorar a cada dia, os dois discutindo com frequência e não conseguindo chegar a nenhum entendimento em quase todos os aspectos da vida cotidiana.

Provavelmente, num relacionamento normal, com uma mulher normal, as coisas tivessem estourado desde que Tomás voltara do Rio de Janeiro. Porém, Jeanne estava longe de poder ser considerada como normal. Para ela, o que interessava era o dinheiro, a posição conquistada, o respeito — e por que não dizer? — o temor que inspirava em todas as outras pessoas.

Assim, ela foi se distanciando de Tomás, foi mostrando claramente quais eram os seus verdadeiros interesses naquele relacionamento e...

Chegou ao ponto em que passaram a dormir em quartos separados.

Não houve uma briga, uma discussão mais séria que a forçasse a tomar essa decisão. Tampouco o casal teve uma longa conversa em que se chegasse à conclusão que, para o bem da união entre os dois e para o bem da convivência pacífica naquela casa, o ideal seria cada um fazer a sua vida e, logicamente, passarem a dormir em quartos separados. Nada disso aconteceu. Foi algo natural. Fazia já alguns meses que eles já nem se encontravam mais, Tomás sempre com muitas coisas para fazer e Jeanne, por sua vez, ocupadíssima com suas atividades sociais. Muitas noites, chegando tarde em casa, Tomás dormira no quarto de hóspedes não apenas para não incomodar a mulher com a sua entrada tardia no quarto do

casal, mas principalmente para não correr o risco de ter de conversar com ela, ou de ter de arrumar explicações que lhe seriam penosas. E mentirosas.

Sim...

Muitas dessas noites que Tomás chegara tarde, ele não estivera em outro lugar senão no apartamento de Sylvia, conversando com ela e vendo sua filhinha, tendo o prazer de pô-la

para dormir, de vê-la adormecer como um anjinho, a chupeta na boca, a mãozinha segurando uma ponta de fralda...

— Ela só dorme assim — dizia a mãe — Se não estiver segurando uma fralda, não consegue adormecer...

Depois que Simone dormia, os dois ficavam conversando na sala, falando sobre as atividades do dia. Tomás sentia-se bem ali, naquele apartamento pequeno, com móveis simples e sem nenhum requinte.

Muitas e muitas noites ele teve vontade de dizer para Sylvia que se mudaria em definitivo para sua casa, que mandaria Jeanne para o inferno e que se danasse o inevitável escândalo.

Mas, o comportamento de Sylvia o impedia.

Ela o tratava muito bem, era carinhosa, meiga, sempre tinha um prato de bolo ou de salgadinhos para ele mas...

Não permitia a menor aproximação.

Certa vez, quando ele tentara, Sylvia se afastou, dizendo:

— Não, Tomás. Não quero. Não quero voltar a me apaixonar e não quero alimentar qualquer esperança. Não fui feita para você. Deixe-me em paz com a minha filha, continue a ser como tem sido, por favor... Imagine que você e eu somos um casal separado. Nada mais do que isso.

Não era exatamente o que Tomás gostaria de ter ouvido mas, raciocinando mais friamente, ele chegou à conclusão que Sylvia estava com a razão. Os dois podiam se dar muito bem na cama mas, Sylvia jamais se adaptaria à vida de sociedade que seria obrigada a ter se estivesse casada com ele.

Além disso, havia Jeanne...

Jeanne o intimidava...

Tinha certeza que, com Jeanne, as coisas não seriam tão simples quanto foram com Beatriz. A francesa faria o diabo para não perdê-lo pois sabia que toda a sua posição e influência era decorrente de estar casada com ele. E Jeanne não estava disposta a abdicar de nada daquilo.

— melhor deixar as coisas como estão — disse para si mesmo — Sylvia e Simone estão bem, estão perfeitamente assistidas, têm a vida garantida... O resto... Há de ser sempre e tão somente o resto.

Assim dizendo, Tomás se dedicava ao trabalho com toda a vontade, vivia em função de suas atividades profissionais e, é claro, isso só fazia com que sua fortuna aumentasse a cada dia. Tinha, sempre, uma sombra de tristeza por não poder comentar que tinha uma filha, uma certa frustração por não estar com Sylvia e uma raiva intensa de si mesmo por continuar com Jeanne, partilhando uma vida sem no entanto, de fato reparti-la.

Esses sentimentos se manifestavam com mais intensidade quando, no final do expediente, ele e alguns amigos se reuniam em um bar da moda para um aperitivo antes de voltar para casa.

Nesses momentos, era proibido falar de trabalho e assim, o assunto invariavelmente girava em torno da vida doméstica de cada um. Tomás ouvia, com inveja e tristeza, os colegas comentarem a respeito de suas famílias, de seus filhos, dos planos e dos sonhos que faziam...

Ele, apesar de casado, não tinha o que comentar.

Falar o quê? Que Jeanne estava, nas últimas três semanas ocupadíssima com palestras sobre espiritualismo? Ou que Jeanne tinha mandado reformar a cozinha do apartamento? Ou que fazia já um bom tempo que ele não se deitava com a mulher? Ou será que ele poderia falar que tinha, também uma filha, que ela estava crescendo linda e que passava às vezes, horas

seguidas conversando com ela? Ou, ainda, que muitas tardes, quando dizia no escritório que precisava ir a Santos para resolver algum negócio importante, ele tinha era ido para a casa

de Sylvia, apenas para poder ir buscar Simone no Jardim de Infância?

Mas ele não podia falar nada disso. Tinha de manter silêncio, guardar esse segredo. Tinha de se mortificar, abafar um sentimento que ele não sabia que poderia ter: o amor paterno.

\*\*\*\*\*

Por sua vez, Jeanne continuava a sua vida.

Normalmente, como se o mundo girasse ao seu redor, como se nada a pudesse abalar e agindo como se tivesse o indiscutível direito de dominar todos, de exigir de todos e de fazer com que quem quer que dela se aproximasse, ficasse numa posição de inferioridade absoluta.

Evidentemente, ela percebera que Tomás mudara...

Já pelo seu desinteresse em procurá-la, Tomás estava diferente e qualquer mulher logo imaginaria que ele estava mantendo uma amante ou que, na melhor das hipóteses, estava doente, sem qualquer libido.

Porém, para Jeanne, isso não interessava muito. O que ela queria, era que Tomás não a abandonasse de repente, deixando-a sozinha e desamparada do ponto de vista da sociedade. Jeanne sabia muito bem que, sem Tomás, ela não seria ninguém, por mais dinheiro que tivesse, por mais poder que pudesse demonstrar.

Sim, mesmo sendo considerada por muitos como uma autêntica feiticeira, ela não mais seria respeitada. Passaria a ser simplesmente temida mas, respeitada, requisitada para festas e

reuniões, convidada para participar de todas as atividades sociais da cidade, isso, ela sabia que não seria mais.

Assim, Jeanne preferiu calar e não fazer perguntas ao marido.

O que, é claro, não a impediu de conjurar Satã — afinal, se Tomás não tinha a menor necessidade de mulher, ela tinha necessidade de seu Mestre — para lhe perguntar, antes do prazer, por que razão o marido estava se comportando daquela maneira.

— Você ainda não precisa saber, Jeanne — disse o Príncipe das Trevas — Mas fique tranquila... Minha mão está por trás de tudo e Tomás não conseguirá se libertar de você até o seu último instante de vida.

Essa informação tranqüilizou Jeanne. Se Satã estava dizendo que as coisas seriam assim, então não havia o que temer. E se ele dissesse que não precisaria saber de nada por enquanto, nesse caso, para que o desgaste de uma discussão em busca de explicações que muito provavelmente seriam mentirosas?

O melhor a fazer era deixar passar o tempo, procurar aproveitar o mais possível o dinheiro de Tomás e, todas as vezes que pudesse, fazê-lo comprar alguma coisa de valor para ela de

maneira a ir formando um patrimônio particular pois...

— Nunca se sabe... — pensava — Satã pode estar enganado... Pelo que li, ele não é infalível e pode perfeitamente, errar em suas predições!

\*\*\*\*\*

Para Sylvia, a vida parecia sorrir.

Simone crescia bem, cheia de saúde e de energia, esperta, alegre e inteligente.

Seu relacionamento com Tomás era excelente e, quando Sylvia a via nos braços do pai, tinha certeza de que ali havia amor e, principalmente, identidade. Muitas vezes, Tomás dissera que, por ele, viria de imediato morar com elas mas...

Havia empecilhos muito sérios...

Sylvia sorria e falava que não daria certo, explicava que ela não tinha sido feita para um homem como ele e que o melhor era deixar as coisas como elas estavam.

E, assim dizendo, ela se lembrava das palavras de Mãe Antônia quando voltara ao Rio de Janeiro para agradecer à Mãe-de-Santo e aos Orixás todas as graças recebidas.

— Não queira esse homem como marido — dissera Mãe Antônia — Fique satisfeita com o fato de ele ter assumido sua filha.

— Mas por que? — indagara Sylvia que, durante a viagem, alimentara a esperança de voltar a ter Tomás dentro de casa, como seu homem, seu marido e pai de sua filha, formando eles três uma família normalmente constituída.

— Há muita maldade ao redor dele, minha filha — respondera a preta — E se ele estiver definitivamente em sua casa, o perigo que o cerca poderá recair sobre você s duas! Simone ainda é pequena demais para se defender e, assim, cabe a você evitar que ela seja mais ameaçada do que já está sendo!

E, com voz preocupada, acrescentara:

— Há um Exu muito perto de Simone... Um Exu muito poderoso e que eu não conseguirei mandá-lo embora. Esse trabalho não pode ser feito, pelo menos, não pode ser feito agora. O máximo a fazer é defender e proteger Simone, minha filha. E isso será mais fácil se Tomás não estiver morando com vocês. Caso contrário, apesar de tudo parecer muito bom, as duas estarão correndo um grande perigo!

Durante semanas, já de volta a São Paulo e começando a trabalhar para Tomás, Sylvia pensou nas palavras de Mãe Antônia. Chegou a pensar que ela estivesse enganada pois não

conseguia enxergar de que maneira pudesse haver maldade ao redor de Tomás.

Era um homem boníssimo, bom patrão, excelente negociante... Parecia que onde quer que ele pusesse as mãos, o dinheiro brotaria, farto, abundante...

E, no entanto, Mãe Antônia jamais se enganara...

\*\*\*\*\*

Um dia, Sylvia conheceu Jeanne.

A francesa precisara de uma assinatura do marido e fora atrás dele no escritório.

Ficou impressionada com a beleza de Jeanne, achou-a linda, perfeita, até mesmo simpática...

Porém, havia alguma coisa nela que a amedrontava e que a fez sentir um desejo imenso de fugir dali.

Não soube dizer, de imediato, o que a impressionava tão negativamente mas, quando Jeanne saiu da sala de Tomás e, ao passar por sua mesa olhou-a, Sylvia teve certeza de que havia uma aura de negatividade e de maldade ao redor de seu corpo.

Uma aura que explicava muito bem por que Mãe Antônia dissera para tomar cuidado e que mostrava por que Tomás deixava ver que sentia tanto medo da mulher.

## CAPÍTULO 20

E, de fato, Jeanne fazia medo a todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, tinham contato com ela.

Ao contrário do que acontece na maioria das vezes, o amadurecimento não pusera em Jeanne o menor traço de compreensão, o menor resquício de entendimento ou, que fosse, de cumplicidade com a vida. Muito pelo contrário, ela estava cada vez mais dura e mais fria, seu olhar mais calculista e seus lábios, já muito finos por natureza, estavam transformados em apenas duas linhas delimitando a boca, o que lhe dava um aspecto de extrema maldade.

É claro que ela conservara suas linhas, que mantivera o corpo em excelente forma e, assim, sua sensualidade aparecia e saltava aos olhos, exacerbada pelos cabelos muito vermelhos que lhe emprestavam uma aparência diabólica, exatamente aquela aparência de sedução e de tentação que se vê nas gravuras da Renascença quando os grandes mestres queriam representar o Inferno e as almas que ali penavam.

Em conversas à meia voz, os homens que a conheciam eram obrigados a admitir que era uma mulher bonita, desejável e que teria todo o potencial de transformar uma noite de amor em algo inesquecível. Mas, todos eles concordavam que havia em Jeanne, alguma coisa que os intimidava e que os fazia nem mesmo tentar uma aproximação maior.

— Acho que são aqueles olhos — diziam uns — Eles me amedrontam!

— São seus lábios — afirmavam outros — Não seria capaz de beijá-los!

— É a sua aura — falavam os mais místicos — Não é uma aura boa! Jeanne exala maldade, recende perversidade!

Talvez estes estivessem mais certos.

Jeanne, de fato, mostrava por todos os poros, em todos os seus movimentos, que era má, perversa, ambiciosa e, acima de tudo, egoísta. Para ela, só existia a sua pessoa, só existia a sua satisfação e mais nada. Não estava preocupada se, para atingir um seu objetivo, era obrigada a aniquilar com meia dúzia ou uma centena de outros. O que importava era ela poder dizer que tinha vencido.

E Jeanne dispunha de recursos para conseguir o que bem quisesse. Recursos materiais e intelectuais pois, apesar de não ter tido quase nenhuma escola, ela era suficientemente esperta e inteligente para aprender, por conta própria, o mínimo necessário para se impor aos outros.

É claro que, no dia-a-dia, sempre há de aparecer, para quem quer que seja, alguém com mais capacidade e com mais valor...

Isso também ocorria com Jeanne. E era nessas ocasiões que ela mostrava exatamente quem era e de que era capaz para derrotar o adversário.

Adversário!

Jeanne considerava como inimigo, como adversário, todo aquele que não concordasse com sua opinião e que não abaixasse a Cabeça enquanto ela estivesse falando. Afinal, ela era a rainha e tinha de ser tratada como tal.

Mas...

Havia aqueles que não se deixavam dobrar e que insistiam em ter sua opinião própria. Ou, então, que tentavam desmoralizá-la, mostrando que Jeanne estava falando coisas que não sabia ou simplesmente, fazendo ver que ela não era a infalível que fazia questão de mostrar.

Contra esses, a fúria e a ira de Jeanne eram terríveis.

Com muita classe, com muita superioridade, ela fazia questão de não discutir em público, de não contradizer ninguém e, assim, não dar margem a que a conversa se esticasse. Deixava que aquele que a contradissera pensasse ter saboreado a vitória.

E, então, quando ela chegava em casa, trancava-se em seu quarto e começava a fazer seus encantamentos.

Escrevia num pedaço de papel o nome da pessoa que a aborrecera, dobrava-o em quatro e deixava-o sobre a mesinha de cabeceira. Em seguida, com uma faca de ponta, desenhava no ar um círculo ligando-o a um outro desenho que fazia, um oito deitado, o símbolo matemático do infinito. Jogava a faca no chão e, com os pés, arrastando-os sobre o tapete, traçava um outro círculo e sentava-se no centro do mesmo, à maneira hindu. Apanhava o papel, punha-o à sua frente e se concentrava em alguma coisa ruim para acontecer a essa pessoa.

Não era preciso mais...

No dia seguinte, quando não no mesmo dia, ela tinha notícias de seu desafeto. Normalmente, as piores possíveis.

Na verdade, era muito raro ela não conseguir causar mal às pessoas que quisesse prejudicar.

Contudo, ela não era infalível e, às vezes, seus poderes pareciam ser insuficientes para atingir um determinado indivíduo.

Nesses casos, Jeanne recorria ao seu Mestre.

Invocava o Príncipe das Trevas e pedia-lhe que a ajudasse com algum feitiço mais forte e mais eficaz.

Satã jamais se recusou.

Ela pedia, ele a ensinava como fazer e, em poucas horas, a vítima era atingida.

Na maioria das vezes, de modo fulminante.

Como aconteceu com o marido de uma sua amiga, um homem que ostensivamente não apreciava Jeanne e que não gostava nem um pouco de ver sua mulher andando para baixo e para cima com a francesa.

\*\*\*\*\*

Norberto já tinha dito para Leila que não achava graça nenhuma naquela amizade.

— Jeanne não é como nós — dissera ele — Ela pertence a um mundo diferente, tem uma cultura e uma educação que não combinam nem um pouquinho com a nossa maneira de viver e de ver as coisas.

E, com uma expressão sombria, acrescentava:

— Além do mais, o olhar dessa mulher... Ela me faz medo! Ela me lembra as histórias que minha avó contava quando eu era pequeno, sobre as bruxas que comiam criancinhas!

Leila ria dos temores de seu marido e, teimosa, continuava a andar com Jeanne, a ir para todos os lugares com ela, fazendo-lhe todas as vontades, chegando às vezes a parecer sua empregada.

— Não está percebendo que essa mulher está usando a sua boa vontade? — perguntou, irritado o marido, uma vez que Leila tinha sido obrigada a ir até o Embu com Jeanne pois esta ouvira dizer que lá havia um hábil entalhador de madeira.

— Eu fui por que quis — retrucou Leila, já aborrecida com as maneiras de Norberto — E pode estar certo que gostei muito de ter ido! Norberto olhou furioso para a mulher e rosnou:

— Gostou... Certamente gostou! Na certa essa francesa está apresentando homens para você!

E, antes que Leila pudesse reclamar, ele arrematou:

— Ou será que você não sabe como foi que Jeanne conseguiu chegar à posição que ocupa hoje?

Leila sabia e, como toda mulher criada sob o jugo dos pais e depois, o do marido, ela tinha uma certa inveja de Jeanne, da liberdade que ela pudera usufruir até se casar com Tomás Camargo.

Evidentemente, Leila não teria gostado de se prostituir, não teria achado graça nenhuma em ter de dormir com homens para poder comer. Mas, a própria Jeanne lhe contara, nem sempre tinha sido assim... Muitas e muitas vezes, ela fora para a cama por amor, simplesmente por prazer e, nessas ocasiões, era ela quem escolhia o parceiro...

Leila teria gostado dessa liberdade, teria gostado de não se ver obrigada a casar com Norberto por imposição de seus pais. Para eles, Norberto era o homem feito para a filha, herdeiro de uma imensa fortuna em café e em terras, educado, trabalhador e, o que era mais importante, com conceitos rígidos de moral e de religião.

Foi justamente por causa desses conceitos que Norberto, ao perceber que de nada adiantava conversar com a esposa, resolveu falar com Jeanne, pedir-lhe para não procurar mais por Leila.

Foi sincero. Ingenuamente sincero. Disse para a francesa que ele não aprovava o seu

comportamento no passado e que achava estar ela influenciando de maneira perniciosa sua jovem e incauta esposa.

Não tenho nada com sua vida — disse ele — Tampouco sou dos que dependem de alguma maneira da posição de Tomás. Por isso, eu me sinto perfeitamente à vontade para lhe pedir esse favor. Deixe de procurar Leila. Será melhor que faça o que estou pedindo para evitar dissabores maiores e para que eu não precise simplesmente proibir Leila de sair de casa.

Jeanne sorriu.

Por dentro, ela estava furiosa e, talvez se Norberto não fosse tão grande de corpo, ela tivesse lhe dado uma bofetada. Mas Norberto era um autêntico *cavalão* e, além do mais, Leila já lhe falara diversas vezes a respeito de seu gênio explosivo e da facilidade com que ele decidia distribuir sopapos.

Sopapos que deveriam ter a mesma força e o mesmo efeito de um coice de mula...

— Não se preocupe, doutor Norberto — falou Jeanne — O senhor nunca mais vai precisar ficar preocupado com Leila.

Norberto voltou para casa satisfeito, achando até que tinha sido fácil demais e que Jeanne, afinal de contas, não era a pessoa dura e má que lhe tinham falado.

Com um sorriso, convidou Leila para jantar fora e arrematou:

— Conversei com Jeanne... E ela não mais será motivo de briga entre nós dois...

\*\*\*\*\*

Assim que Norberto deixou o apartamento, Jeanne começou a trabalhar.

Sentiu logo no início da cerimônia do círculo que sua força não seria suficiente para derrubar aquele homem. Ele era dono de uma personalidade muito firme, tinha a proteção de alguns santos e, o que era muito importante, ela estava com raiva e ódio demais para poder se concentrar convenientemente.

Assim, desistiu e, conjurando Satã, Jeanne pediu:

— Faça com que ele nunca mais me aborreça!

Satã deu uma risada e, no meio de uma nuvem de fumaça amarelada e horrivelmente mal-cheirosa, desapareceu.

Jeanne ficou sem saber o que pensar. Normalmente, o Príncipe das Trevas manifestava de alguma forma que iria ajudá-la. Mas, desta vez, ele simplesmente desaparecera, apenas rira...

Cheia de raiva, Jeanne estava se dispondo a conjurá-lo novamente, quando sentiu uma espécie de tontura.



Sentou-se na beirada de sua cama para não cair e, nesse momento, o quarto inteiro começou a girar, a girar cada vez mais depressa. Aos poucos, as imagens borradas em que tudo se tinha transformado, foram tomando novamente forma e sentido e Jeanne se viu na sala de estar da casa de Leila e Norberto. Percebeu que não estava ali fisicamente mas sim espiritualmente e que o casal não podia vê-la.

Norberto estava de pé e Leila, sentada em uma ponta do sofá, parecendo muito nervosa e irada.

— Mas como?! — fez a moça — Você teve a coragem de ir procurar Jeanne e pedir-lhe para não mais se encontrar comigo?!

Balançando a cabeça negativamente, exclamou:

— Não! Eu não posso acreditar que você tenha feito uma coisa dessas!

— Mas fiz! — falou Norberto — E fiz pensando em você, pensando em nosso casamento, pensando em preservar nossa união e nossa família!

Leila ficou calada, olhando longamente para o marido. Por fim, depois de quase um minuto, durante o qual Jeanne pode sentir toda a raiva e toda a tensão que havia entre os dois, ela disse:

— Pois você fez muito mal. Errou redondamente...

Separando bem as sílabas, completou:

— Não sou sua escrava. Você está enganado se achou que poderia mandar até mesmo nas minhas amizades... Vou me separar de você e agora mesmo!

Leila se levantou e caminhou, com passo decidido, para o quarto do casal.

Norberto, atônito por um instante, seguiu-a, perguntando, com voz aflita:

— Mas o que vai fazer? O que está pensando, desgraçada?!

Leila tirou de um armário uma grande mala de viagem e começou a arrumar suas roupas.

— Pare com isso! — quase gritou Norberto — Não seja idiota!

Leila olhou para ele de maneira desafiadora e replicou:

— Pois é por não ser uma idiota... Exatamente por isso que eu vou embora! Já estou farta de ser dominada, mandada, de não ter vontade própria! Para mim chega! Vou embora e vou procurar um advogado amanhã de manhã!

Norberto perdeu a cabeça. Abrindo a gaveta do criado-mudo, apanhou o revólver e disse:

— Você vai pôr essas roupas no armário... e já!

Leila olhou com desprezo para o marido e continuou a arrumar a mala.

Norberto engatilhou a arma.

— Vou cometer uma loucura! — disse ele — Pelo amor de Deus, pare com isso!

Leila não respondeu. Continuando a dobrar suas roupas e a metê-las na mala, ela voltou para o armário para apanhar outros vestidos.

Norberto se pôs à sua frente. Leila o empurrou.

O dedo, no gatilho da arma, resvalou...

Ouviu-se um estampido, a cabeça de Leila foi chicoteada para trás e a moça caiu no chão, já morta, a testa perfurada pela bala de calibre trinta e oito...

Norberto olhou para o corpo da mulher estendido sobre o tapete do quarto, o sangue saindo pelo ferimento...

Ebugalhou os olhos e balbuciou:

— Meu Deus... Eu a matei...

Alucinado, ergueu novamente a mão armada, desta vez apontando o revólver para o ouvido direito.

Puxou o gatilho...

O quarto começou novamente a girar e, quando Jeanne se deu conta, ela estava outra vez em sua casa.

Era de manhã e o telefone soava.

Ouviu Serafina atender e, momentos depois, a empregada batia à porta do quarto.

Jeanne não precisaria nem mesmo ouvir o que ela tinha para falar pois já o sabia...

— Dona Jeanne... — disse Serafina — Aconteceu uma tragédia com a dona Leila...

E, enquanto Serafina contava para Jeanne o que lhe havia dito a empregada do casal que encontrara os dois mortos quando entrara no quarto de manhã cedo, Jeanne fazia, mentalmente, a reconstituição da cena que vivera...

\*\*\*\*\*

Com relação a Tomás, Jeanne era absolutamente indiferente. Não se incomodava mais se ele chegava cedo ou tarde, não fazia perguntas, nem sequer o convidava a participar de sua

intensa e movimentada agenda social. Fazia apenas questão que ele comparecesse com ela a

determinados eventos que tinham importância para ela e estava muito pouco incomodada se o marido tinha ou não tinha vontade de ir.

— Você irá comigo a uma reunião na casa do Francisco, amanhã à noite — dizia.

E Tomás, como um boi de presépio, balançava afirmativamente a cabeça, concordando com tudo o que ela dizia e com tudo o que lhe era ordenado.

A princípio, ele nem sequer percebeu mas Jeanne, aos poucos, foi se enfronhando em seus negócios, foi tomando conhecimento de tudo e com uma tal eficiência que, de repente, era ela quem dava as cartas e que determinava as transações que deveriam ser realizadas.

Quando Tomás abriu os olhos, já era tarde demais. Jeanne estava com tudo nas mãos, ele não poderia fazer mais nada sem o seu consentimento e, incrédulo, quando quis tomar uma

providência mais séria a esse respeito, descobriu que ela era dona da maior parte da firma e que ele, no fim, tinha transferido tudo para o seu nome.

— Você continuará a administrar — disse ela, fria e dura como o aço de um punhal — Mas não poderá fazer coisa nenhuma sem me consultar.

Tomás consentiu. Não tinha outra alternativa e, de mais a mais, ele não queria brigas com Jeanne...

Por uma questão de precaução, afastou Sylvia da empresa e, com o dinheiro que tinha numa conta escondida, conseguiu dar-lhe uma renda que permitia uma vida tranquila e sem grandes preocupações financeiras.

Porém, para Tomás, tinha sido um golpe rude. Ele começou a definhar a olhos vistos e, completamente desanimado, passava a maior parte de seu tempo sem fazer nada, apenas esperando chegar alguma coisa que ele mesmo não sabia o que poderia ser.

Começou a beber mais do que devia e, em pouco tempo, os amigos se afastaram dele, passaram a não mais respeitar sua opinião nos negócios e todos diziam que ele, Tomás Camargo, era um homem acabado.

— É pena — falavam — Tão moço... Ainda não tem idade para estar desse jeito!

— Isso é culpa da mulher! — falavam os que o conheciam melhor — Aquela víbora acabou com a vida dele! Imaginem! Tirá-lo da empresa que ele mesmo fundou! Deixá-lo como um simples administrador!

Todos eram obrigados a admitir que Jeanne jogara muito bem e, no correr de um pouco mais de quinze anos, ela se tornara a proprietária da empresa do marido com um poder econômico incomensurável.

Tomás, apesar dos vapores etílicos que passaram a encher sua cabeça a maior parte do dia, estava consciente disso e, aconselhado por dois amigos advogados, as únicas duas pessoas que sabiam da existência de Simone, tomara algumas providências.

Para começar, passara a não gastar mais consigo mesmo, a usar apenas o dinheiro da empresa para os seus gastos pessoais e, assim, o dinheiro que vinha parar em suas mãos, era imediatamente investido, posto a salvo da ganância sem limites de Jeanne. Além disso,

esses dois amigos, sem sequer muito apoio de Tomás, começaram, aos poucos, a providenciar a anulação da transferência de quotas da empresa que Tomás fizera para a mulher.

E Tomás, bebendo cada vez mais, não tomava conhecimento de nada que fosse realmente importante para sua vida futura a não ser algumas reservas que conseguia desviar na contabilidade e depositar em sua conta.

— É a minha única salvação — dizia Tomás para si mesmo, entre um uísque e outro — E o álcool é o meu único consolo.

Tomás bebeu...

Bebeu desbragadamente até que um dia os amigos encontraram-no muito mal, num bar da Avenida Ipiranga.

Pensaram em levá-lo para casa mas, lembrando-se de Jeanne, desistiram da idéia.

— Para onde vamos levar esse desgraçado? — perguntou um deles.

Foi nesse momento que Tomás, recobrando parcialmente a consciência, balbuciou um nome e um endereço...

\*\*\*\*\*

Sylvia levou um susto quando aqueles três homens deixaram sobre o sofá de sua sala, o pobre Tomás, cheirando a álcool, cheio de vômito e com um aspecto deplorável.

— Ele pediu para ser trazido para cá — explicou um dos senhores que o estavam acompanhando.

Sylvia fez um sinal afirmativo com a cabeça e, agradecendo muito, despediu-se deles.

— Graças a Deus Simone não está em casa! — exclamou ela, lembrando-se que a filha tinha ido passar o final de semana na fazenda de uma amiga — Seria lamentável se ela visse o pai nesse estado!

Com todo o carinho, Sylvia ajudou Tomás a se levantar e, com uma dificuldade imensa, levou-o até o banheiro. Lavou-o, deixou-o embrulhado num cobertor e tratou de limpar suas roupas.

Desistiu logo, visto o estado em que elas se encontravam e, tomando uma decisão, meteu-as no tanque, dizendo para si mesma:

— Vou lavá-las. Com o tempo que está fazendo, vai demorar três dias para secar... Mas não tem importância! Não posso deixar o pai de minha filha nesse estado e, muito menos, desamparado!

Por cima do ombro, olhou para Tomás que a observava com expressão triste e envergonhada.

— Você vai ficar aqui até melhorar, Tomás. Não tem cabimento isso que está acontecendo! Você não pode deixar sua vida se destruir dessa maneira! Há pessoas que o amam! Sua filha, por exemplo!

Aproximando-se dele, acrescentou:

— E eu! Pensa que não sinto mais nada por você?

## CAPÍTULO 21

— Não posso acreditar no que você está me dizendo, Marly! — exclamou Jeanne — Simplesmente não posso acreditar!

Marly sorriu com superioridade. Era extremamente agradável para ela poder falar assim com Jeanne, poder olhá-la de cima, pela primeira vez vendo aquela fortaleza toda em vias de ruir. A francesa tinha feito a mesma coisa tantas vezes, com tantas delas! Tripudiar sobre os sentimentos de quase todas as amigas, aproveitara-se de seus momentos de fragilidade...

Agora, chegara a sua vez...

Marly lembrou com amargura o dia em que Jeanne fora à sua casa para provar que Paulo, seu marido, mantinha um caso com a secretária.

Era verdade que a própria Marly já desconfiava disso. Mas, por comodismo, por conformismo, preferira nada dizer a Paulo e nem a ninguém. Mas Jeanne descobrira. Descobrira e, como um paladino dos direitos femininos e feministas, ela fizera questão

de mostrar para Marly as provas, fizera questão de falar sobre o caso diante de todas as outras e com uma tal força de opinião que Marly acabou obrigada a assumir uma posição.

O resultado fora trágico...

Paulo, acuado, pressionado, preferira a separação e, a despeito da gorda pensão e da partilha de bens que a favorecera, Marly ficara sem o marido, fora relegada ao clube das mulheres desquitadas.

Pior que isso, das mulheres que tinham sido trocadas pelas secretárias de seus maridos.

Um clube com muitas sócias, todas elas amargas, revoltadas, frustradas.

Jeanne tinha sido a culpada...

Mas...

Nada melhor do que o tempo!

Ali estava a francesa, todo o seu sarcasmo deixado de lado, todo o seu orgulho derrubado...

Sim...

Jeanne era a próxima candidata a uma cadeira no clube.

— Se não quer acreditar, minha querida — insistiu Marly — Não acredite... Mas fique sabendo que eu não costumo inventar coisas e, quando as conto, tenho sempre uma fonte de informações de altíssima credibilidade!

Jeanne respirou fundo.

— Conte outra vez — pediu ela — Talvez eu não tenha entendido direito.

Marly sorriu, tomou mais um gole de chá e, com voz pausada, falou:

— Você mesma comentou que Tomás não aparece em casa há vários dias... Pelo que me falou, ele estaria viajando para o Paraná, com algum negócio a respeito de exportação de café. Pois não é nada disso. Há três semanas atrás, Tomás estava bêbado e foi encontrado, quase desmaiado num bar na Avenida Ipiranga, por três de seus antigos amigos. Tenho certeza dos nomes, se quiser, poderemos averiguar... Nelson, Sidney e Max, acharam-no

nesse estado deplorável e quiseram levá-lo para casa.

Marly fez uma pausa proposital para que Jeanne absorvesse bem suas palavras e para que desse maior valor ao que vinha em seguida. Tomando fôlego, ela continuou:

— Parece que Tomás recobrou um pouco de sua consciência e disse que não queria vir para cá. Não queria mais voltar para este apartamento.

Marly fixou os olhos de Jeanne e notou que, pela primeira vez, conseguia sustentar o seu olhar. Com um sorriso que não conseguiu disfarçar, ela disse:

— Tomás lhes deu um endereço e pediu que o levassem para lá. Era a casa de uma antiga funcionária de sua empresa. Uma certa Sylvia... Ela pareceu um pouco assustada quando viu que era Tomás que estava sendo carregado para o interior da sala mas recebeu-o com naturalidade, como se ela soubesse que o lugar dele sempre fora ali.

Jeanne fez uma careta e Marly, desta vez, conseguiu esconder o sorriso.

— Foi Sidney que notou — disse ela — Sobre a mesa de canto havia um porta-retratos... Nele, uma fotografia. Era de Tomás, abraçado a essa Sylvia e a uma mocinha. Uma mocinha extremamente parecida com ele e muito bonita...

Os lábios de Jeanne ficaram ainda mais finos do que o habitual e seus olhos despediram chamas de ódio. Com voz esganiçada, ela perguntou:

— E porque não me contou antes?

— Porque só ontem à noite é que Sidney falou sobre isso. Ele e os outros dois tinham calado. Acho que alguma combinação entre eles, alguma coisa com relação ao imbecil conceito de lealdade que impera entre os maridos prevaricadores... — disse Marly.

E, com um sorriso em que transparecia um brilho de vitória, completou:

— O que mostra que todos os homens são absolutamente iguais, nenhum presta e nenhum se salva!

Jeanne refletiu por alguns instantes e, ignorando o último comentário da amiga, falou:

— Você está querendo me dizer que a mocinha da fotografia é filha de Tomás com essa tal de Sylvia, é isso?

— Pelo menos — murmurou Marly — é o que tudo indica.

As duas ficaram em silêncio por um breve instante e Marly disse, depois de acender um cigarro:

— Se não fosse assim, a troco de que Tomás haveria de pedir para ser levado para lá? E o que estaria fazendo ele abraçado com uma moça que é a cara dele, numa fotografia?

Soprando uma baforada de fumaça para a frente, sem nem mesmo se incomodar com o fato de que a fumaça estava indo diretamente para o rosto de Jeanne, Marly finalizou:

— Só não vê quem não quer enxergar. Seu marido tem uma vida dupla, Jeanne. E na outra família, ao contrário do que acontece aqui, há pelo menos uma filha!

Jeanne ficou em silêncio, olhando com raiva para as pontas de seus sapatos.

Ela não estava chocada com o fato de Tomás ter outra mulher. Isso não a incomodava nem um pouco pois, afinal de contas, em matéria de vida conjugal, ela estava ciente de que a deles deixava muito a desejar.

O que a enfurecia era a existência dessa mocinha...

Isso sim, atrapalhava muito.

Significava que Tomás tinha uma herdeira...

E uma herdeira de que ela, Jeanne, não conseguiria se livrar utilizando apenas seus métodos de persuasão ou, ainda, algum truque jurídico que a pusesse em vantagem frente à filha de seu marido.

— O que pretende fazer? — perguntou Marly.

Jeanne ergueu os olhos para a amiga.

— Por enquanto, nada — respondeu, mostrando que era dona de um auto-controle de fazer inveja a qualquer monge budista.

Marly franziu as sobrancelhas.

Estava a ponto de dizer que quando essa tragédia acontecera com ela, Jeanne fizera questão que Marly assumisse uma posição, e ela achava injusto que a francesa não fizesse a mesma coisa...

— Mas como? — perguntou — Como, não vai fazer nada por enquanto?! Será que não entendeu? Tomás tem uma outra família, tem filhos e o pior é que ele está lá! Provavelmente não vai voltar!

Jeanne sacudiu os ombros e respondeu:

— Isso nem me interessa. Não estou preocupada com Tomás... Se ele tem uma outra família e se sente melhor lá, pode ficar e eu até acho que é muito bom...

Pôs-se de pé, mostrando sem a menor cortesia que a visita terminara e disse:

— Nós já não estávamos vivendo bem há muitos anos. Isso serve apenas para precipitar os acontecimentos, Marly... E pode acreditar que até fico contente com isso.

Ergueu os ombros, num gesto de indiferença e completou:

— Fiquei surpresa, a princípio pois jamais pensei que Tomás fosse conseguir juntar coragem para fazer uma coisa assim. Muito pelo contrário, ele sempre me pareceu pacato demais, caseiro demais...

Sorriu, estendeu a mão para a amiga e murmurou:

— Ora... Se é assim que ele quer, se isso o faz feliz... Não tenho nenhum direito de interferir em sua felicidade. O máximo que poderei fazer será ajudá-lo. E a melhor ajuda, num momento como este, acho que é mostrar que sou compreensiva e nem um pouco rancorosa!

Marly deixou o apartamento de Jeanne intrigada e frustrada.

Intrigada, por que não acreditara em nenhum momento que aquela reação da francesa pudesse ser autêntica e frustrada por que gostaria de ter visto Jeanne se descabelar, se desesperar...

E isso não acontecera...

Muito pelo contrário, com exceção dos primeiros momentos, quando Jeanne ainda não compreendera bem o que é que tinha acontecido, a francesa se portara com uma altivez e dignidade típicas de uma rainha.

— Não tem importância, Jeanne... — murmurou Marly quando já estava na calçada — Um dia, toda essa sua arrogância vai desaparecer... Um dia você há de levar o seu tombo! Todo pinheiro tem seu dia de machado!

\*\*\*\*\*

Mas Marly estava enganada.

Jeanne ficara muitíssimo abalada com aquela notícia não apenas por que ela trazia em seu bojo a comprovação de que Tomás possuía uma herdeira mas, também, porque ela não tinha sido avisada de nada.

Avisada por Satã, é claro!

Jeanne estava muito mais furiosa com o Príncipe das Trevas do que com o marido prevaricador. Para ela a traição não tinha sido de Tomás, mas sim de Satã que, segundo o que a francesa entendia, teria tido a obrigação de alertá-la quanto à existência não apenas da outra mulher mas principalmente, quanto à existência da filha! Isso sim, era terrível!

— Ele pode não ter reconhecido a menina... — murmurou.

Era uma possibilidade. E a maneira mais simples de verificar, era indo até Tomás e perguntando.

Marly dissera o nome da mulher, Sylvia... Dissera que ela era uma antiga funcionária da empresa e, com um esforço de memória, Jeanne conseguiu lembrar dela.

— Tomás não tem mau gosto — disse a francesa quando arrancou da memória o rosto de Sylvia — Mas em compensação, faz tudo errado... Ele jamais deveria ter arrumado uma filha com quem quer que fosse!

Com raiva, acrescentou:

— Só se tivesse sido comigo... Mas...

Ela não engravidara. Jamais tomara qualquer precaução e na verdade houve uma época em que Jeanne quis muito ter um filho de Tomás, logo no início de seu relacionamento.

Mas ela não engravidara...

E Jeanne sabia porquê.

Fora Satã...

O Príncipe das Trevas não a deixara engravidar novamente desde que levara seu filho, ainda lá na França, naquele bangalô de Auvergne...

Sacudiu com energia a cabeça tentando afastar para longe essas lembranças ruins e, apanhando o telefone ligou, pelo telefone direto, para o escritório do marido.

A voz grave de Tomás atendeu:

— Tomás Camargo...

Jeanne respirou fundo, contou até sete e falou:

— Fico muito feliz em saber que você está bem... E acho que deve estar melhor do que nunca, ao lado de sua amante e de sua filha...

## CAPÍTULO 22

Sylvia cuidou de Tomás como se este fosse um adolescente recém-chegado de seu primeiro porre. Depois de um bom banho frio e de várias xícaras de café forte e amargo, ela o pôs na cama dizendo:

— Agora, Tomás... Você vai dormir. Vai descansar e quando estiver melhor, nós vamos pensar em sua vida. Por enquanto, sua única obrigação é ficar bom antes que sua filha volte para casa pois eu não vou gostar nem um pouquinho que ela o veja nesse estado.

Tomás dormiu rapidamente.

Dormiu sentindo pela primeira vez em muitos anos, que estava bem, que estava sendo tratado com carinho e que... estava em sua casa, com alguém que realmente o queria bem.

Despertou na metade do dia seguinte, com uma fome de lobo e uma decisão tomada.

— Não vou voltar para lá — disse ele para Sylvia — Vou ficar aqui, custe o que custar, queira você ou não.

Sylvia ficou preocupada e dividida.

Ter Tomás em casa era a realização de um velho sonho, um sonho que já durava mais de dezoito anos e que ela nem sequer tinha esperanças de que viesse a se tornar possível. Por outro lado, ela ainda se lembrava muito bem das palavras de Mãe Antônia dizendo-lhe que não deveria nem mesmo desejar que aquele homem se tornasse seu marido...

Mas...

Tantos anos depois... Teria ainda alguma importância tudo aquilo? Não teria perdido o efeito a maldição que ela desconfiava haver sobre sua vida?

De mais a mais, Mãe Antônia dissera naquela ocasião, que Simone era muito pequena para se defender. E Simone já completara seus dezoito anos! Era uma moça bonita, inteligente e que já demonstrara de muitas maneiras ser absolutamente capaz de fazer sua vida sozinha, sem depender de mais ninguém.

— O que foi? — indagou Tomás — Não quer que eu venha para cá?

Sylvia forçou um sorriso e disse:

— Não se trata disso, Tomás. Você sabe muito bem que eu sempre quis que isso acontecesse. Mas... Também sempre soube que você e eu não fazemos parte do mesmo mundo...

— Não fazíamos — corrigiu Tomás — De uns tempos para cá, Jeanne conseguiu me excluir desse universo de que você está falando.

Sorriu e arrematou:

— E acho que eu ajudei um bocado...

Olhando com intensidade para Sylvia, ele falou:

— Minha vida está sendo destruída, Sylvia... E a única chance que eu tenho é ficar aqui. Poderei lutar outra vez, acho que ainda tenho saúde para isso e, com a sua ajuda, tenho certeza de conseguir reconstruir tudo outra vez.

Segurando as mãos de Sylvia, ele murmurou:

— Por favor, querida... Você sabe que nós temos todas as possibilidades de sermos felizes e Simone vai adorar a idéia de ter o pai dentro de casa...

Disso, Sylvia não tinha a menor dúvida. Sua filha acharia a coisa mais maravilhosa do mundo e, se por acaso ela não deixasse Tomás ficar e Simone viesse a descobrir que tinha sido por sua causa que o pai fora embora, jamais a perdoaria.

— Bem... — disse ela — Acho que não tenho escolha, não é mesmo...?

Tomás puxou-a para si e disse, beijando-lhe a testa:

— Posso garantir que você não vai se arrepender..

Sylvia sentiu o beijo, sentiu aquela mesma vibração que, dezenove anos atrás, o contato de Tomás lhe provocara. Apertou-se contra ele, ergueu o rosto, os lábios entreabertos e murmurou:

— Eu sempre sonhei com esse momento, querido... Sempre sonhei e sempre tive medo... Muito medo!

Tomás beijou-a nos lábios, um beijo apaixonado, um beijo que deixava transparecer uma saudade imensa, um louco desejo de se ver novamente arrebatado por aquela mulher, a única que, no correr de toda sua vida realmente demonstrara ter amor por ele.

— Nós seremos felizes, Sylvia — repetiu — E você, bem como Simone, terão muito orgulho de mim...

— Nós já temos... — murmurou ela — Sabemos que você tem seus defeitos, mas sabemos que tem muito valor.

Sorriu e acrescentou:

— E, o que é melhor, tem um bom coração, incapaz de qualquer maldade...

Encostando a cabeça no peito de Tomás, Sylvia arrematou:

— Basta ver o que fez por nós duas... Se fosse um outro qualquer, poderia não ter assumido a paternidade de Simone ou, se assumisse, poderia ter se limitado a nos dar uma mesada e pronto... Mas não... Você fez questão de participar da vida da menina, proporcionou-lhe estudos, ajudou-nos em todos os momentos difíceis...

Afastando-se um pouco, disse:

— Sim, Tomás... Tenho certeza que nós três seremos muito, mas muito felizes!

— Não vou falar nada para Jeanne ou para qualquer outra pessoa, por enquanto — falou Tomás — Continuarei a trabalhar normalmente e, quando o escândalo estourar, todos nós estaremos mais preparados para suportar o baque.

\*\*\*\*\*

Sylvia não contestou. Ela estava muito feliz com a decisão de Tomás porém, ao mesmo tempo, estava muito preocupada.

— Vou precisar ir ao Rio de Janeiro, querido — disse ela, um pouco mais tarde, enquanto servia o prato de Tomás — E quanto antes eu puder ir, melhor..

— Nesse caso — falou ele — Podemos ir amanhã. Levaremos Simone e, enquanto você faz o que tem que fazer, levarei minha filha para conhecer a cidade.

— Nossa filha — corrigiu Sylvia, com um sorriso — Simone não é só sua, Tomás... É minha também.

Beijou a testa de Tomás e este indagou:

— Mas... O que você precisa fazer lá? Faz tanto tempo que saiu de lá e, pelo que sei, não tem família no Rio de Janeiro...



— São assuntos particulares, Tomás... Depois que eu os resolver, pode deixar que será o primeiro a ficar sabendo...

Com expressão preocupada, Tomás indagou:

— Há outro homem?

Sylvia riu.

— Você...! — fez ela — Com ciúmes de mim?!

Abraçando Tomás, ela disse:

— Sabe que me fez bem saber que você sente ciúmes de mim?

Antes que ele pudesse repetir a pergunta, ela explicou:

— Não há nenhum outro homem, meu amor... Eu tenho de ir ao Rio para dar a notícia de que você voltou para mim. Há uma pessoa lá, uma velha senhora, que eu quero muito bem e faço questão de lhe dizer pessoalmente que você está em casa comigo.

Como Tomás a olhasse com expressão de quem não está acreditando muito na história, Sylvia completou:

— Posso provar, se você fizer muita questão...

\*\*\*\*\*

Sylvia entrou no terreiro de Mãe Antônia ressabiada, sentindo-se até mesmo envergonhada por voltar lá somente depois de tantos anos.

Mãe Antônia estava lá, a cabeça inteiramente branca, mais gorda do que nunca, rodeada por uma dúzia de moças vestidas de baianas, as suas filhas-de-santo e mais algumas pessoas que ali tinham ido para lhe pedir conselhos.

Assim que Sylvia entrou, apesar de ter certeza de que Mãe Antônia não a podia ter visto, pois estava de costas para a porta, ouviu a preta velha dizer:

— Seja bem-vinda, minha filha Sylvia! — Depois de tantos anos, você voltou...

Virou o rosto para a recém-chegada, sorriu com toda a bondade que lhe transparecia das feições lustrosas e falou:

— E você está com uma dúvida muito grande... Mas muito grande mesmo, não é? Não sabe se quer ou se não quer o seu homem de volta...

Sylvia estremeceu.

Quando freqüentara o terreiro e chegara a ser uma filha-de-santo, muitos anos atrás, ela vira e ouvira Mãe Antônia realizar muitas proezas e muitas predições... Porém, isso nunca acontecera assim, diretamente com ela.

Mãe Antônia estendeu as mãos para Sylvia e, abraçando-a segundo o ritual, murmurou:

— Você precisa fazer um trabalho de proteção, minha filha. E terá de ser um trabalho muito forte pois as forças do mal que estarão agindo sobre todos vocês são terrivelmente perigosas... São forças que vêm diretamente de Exu e disso...

Persignou-se e completou:

— Disso eu tenho muito medo!

— Mas o que devo fazer, Mãe Antônia? — perguntou Sylvia, com desespero na voz.

— Você precisará rezar muito, minha filha — disse a preta — Precizará rezar para São Jorge e deverá acender, na Capela dos Enforcados, três dúzias de velas...

— Mas por que não fecha o meu corpo? — quis saber Sylvia — Não é muito mais seguro?

Mãe Antônia balançou negativamente a cabeça e disse:

— Não posso, minha filha. Não adiantaria nada e até acho que pioraria a sua situação. Há um Exu muito forte atazanando a sua vida. Ele está apenas esperando a oportunidade para agir. Com muita oração, talvez você consiga evitar que o mal se faça.

Pousou as mãos sobre a cabeça de Sylvia e murmurou:

— Há coisas em que não podemos interferir... Há provações que Deus quer que aconteçam e que não temos o direito e nem mesmo o poder de modificar. É a nossa missão nesta Terra, minha filha. Por vezes, não entendemos a Vontade Divina e nos revoltamos... Tentamos mudar o nosso destino mas aí, tudo fica muito pior. Por isso, reze... Apenas reze para que tudo aconteça de acordo com a Vontade de Deus.

Beijou-a em ambas as faces e, despedindo-se, falou:

— Estarei com Simone dentro de alguns anos. Fique tranquila em relação à sua filha. Ela está bem protegida desde o dia em que foi concebida.

Sorriu aquele sorriso bondoso que a caracterizava e disse:

— Ela sim, eu pude proteger...

— E eu, Mãe Antônia? E Tomás? Nós não estamos protegidos?

A preta balançou a cabeça em sinal de dúvida e repetiu:

— Há coisas em que não podemos interferir...

Sorriu, e Sylvia pode ver que havia muita tristeza nesse seu sorriso...

— Mas vá sossegada, minha filha... A Vontade de Deus é soberana... E nós devemos respeitá-la!

\*\*\*\*\*

Sylvia deixou o terreiro de Mãe Antônia muito impressionada com suas palavras. Pelo que pudera entender, havia alguma coisa de muito ruim e muito grave escrita em seu Livro de Destino, tão grave que nem mesmo Mãe Antônia tinha poderes para resolver.

— Tenho de me fiar em São Jorge e em orações — disse ela — E não estou gostando nada disso!

De fato, Sylvia não podia mesmo estar gostando do resultado daquela visita. Ela esperava que Mãe Antônia dissesse que, depois de tantos anos, já não havia mais perigo nenhum para ela, para Tomás e para Simone. Porém, não lhe tinha sido dito nada disso, muito pelo contrário.

Havia algo tétrico...

E Sylvia precisaria rezar muito...

Caminhando pelas ruas do Centro em direção à Capela dos Enforcados, Sylvia lembrou que Simone, pelo menos, estava bem protegida. Isso era bom...

— Ao menos ela — disse — Minha filha não precisará se preocupar tanto...

Recordou as palavras de Mãe Antônia, quando ela dissera que estaria com Simone dentro de alguns anos.

— O que será que ela quis dizer com isso? — perguntou-se, entrando na ala de queima de velas da capela — Será que Simone virá ao Rio de Janeiro para procurar por ela? Ou será que Mãe Antônia está achando que vai morrer e, assim, poderá proteger melhor minha filha?

Esse pensamento a assustou e, fazendo meia-volta, Sylvia quis retornar ao terreiro para perguntar à Mãe-de-Santo o que ela estava tentando dizer com aquela afirmação.

Porém, no instante em que ia saindo da capela, a voz de Mãe Antônia sussurrou em seu ouvido:

— Não queira saber coisas que eu não posso explicar, minha filha... Acenda suas velas, reze um pouco e vá se encontrar com os seus. Não é hora de você querer saber mais do que deve.

Sylvia estremeceu. Não estava, de maneira nenhuma, acostumada àquele tipo de coisa e teve medo.

Acendeu apressadamente as velas e, rumando para a nave central da capela, ajoelhou-se diante do altar e, por mais de dez minutos, rezou.

Rezou com fervor, pedindo a São Jorge para protegê-la, para proteger Tomás e Simone... Pediu proteção também para Mãe Antônia e para todos os que participavam de seu terreiro e, quando terminou, parecia estar muito mais aliviada, como se lhe tivessem tirado um peso enorme de cima dos ombros.

— Devo me conformar com a Vontade de Deus — pensou — E eu acho que a vontade Dele é que nós sejamos felizes aqui na Terra... Não preciso, portanto, ter tanto medo, ficar tão preocupada.

\*\*\*\*\*

Encontrou Tomás e Simone no hotel e, sorridente, perguntou para a filha:

— E então, querida? Está feliz?

— Muito mais do que feliz, mamãe — respondeu ela — Tudo isto parece, para mim, a realização de um sonho... Estar com vocês dois, vê-los alegres e felizes como dois adolescentes... Isso é simplesmente formidável!

Ficando subitamente séria, ela comentou:

— Papai estava me contando a respeito de Jeanne... Disse que ela parece até ter poderes sobrenaturais!

Olhando com intensidade para a mãe, Simone indagou:

— Você acredita nisso?

Sylvia respirou fundo. Precisava tomar muito cuidado com a resposta pois conhecia

bem a filha, sabia que ela possuía uma tendência muito grande para o misticismo, poderia ficar impressionada demais e Sylvia, melhor do que ninguém, sabia que o pior que pode acontecer a uma pessoa é começar a dirigir a sua vida em função de misticismo excessivo.

— Acredito na maldade, Simone — disse ela, por fim — Uma pessoa má, mas muito má mesmo, pode perfeitamente atrapalhar a vida de outras pessoas apenas com o pensamento... E eu acho que Jeanne, pelo que seu pai já me contou, faz parte desse tipo de gente...

## **CAPÍTULO 23**

Tomás sentiu um frio no estômago e seu coração bateu mais depressa.

— E então? — perguntou Jeanne com sarcasmo — Não está feliz? Ou será que perdeu a voz...?

Antes que ele pudesse falar alguma coisa, Jeanne prosseguiu:

— Você me enganou, Tomás... E não pense que estou falando a respeito dessa outra mulher. Para mim tanto faz. Desde sempre meu interesse por você foi meramente material. Jamais senti qualquer espécie de prazer físico e quando você parou de me procurar eu achei muito bom... Pelo menos, não precisava mais fingir.

— Você... — começou a dizer Tomás.

Não conseguiu continuar pois Jeanne, erguendo um pouco mais a voz, falou:

— Você me enganou com essa filha. Jamais me falou de sua existência. Isso sim, é muito grave. E você há de pagar muito caro! Você, depois de todo estes anos comigo, já devia pelo menos ter idéia do que eu sou capaz de fazer...

— Você não fará nada — disse Tomás, enérgico — Nós nos separaremos como duas pessoas civilizadas e posso garantir que não terá do que se queixar...

Jeanne riu alto.

— Mas é claro que não terei de que me queixar, idiota! — exclamou ela — Você já transferiu as quotas da empresa para mim. Na realidade, você não tem mais nada aí... Aliás, nem sei o que está fazendo aí, no escritório!

Fez uma pausa e completou:

— A primeira providência que vou tomar, será demiti-lo. Por isso, pode ir limpando as gavetas pois no momento em que eu chegar aí, você será posto para fora a pontapés!

Tomás riu interiormente. Jeanne, desta vez, estava enganada. As notícias que seus dois amigos advogados, Figueira e Bueno, lhe deram na véspera, era de que o processo de anulação estava em andamento e Jeanne já perdera, judicialmente, a tutela das quotas. Restava ainda a anulação da transferência propriamente dita mas, no mínimo metade da ação já estava ganha. Era óbvio que ele teria que indenizá-la mas, pelo menos a empresa estaria salva.

Do outro lado da linha, Jeanne continuava a deblaterar, a dizer que era um verdadeiro absurdo, se ele queria ter tido filhos que os tivesse com ela e não com uma qualquer.

— Escolher uma reles funcionária do escritório... — falou a francesa — Mas isso é um absurdo! Pôr uma criança no mundo para quê? Tomás ouvia em silêncio.

Quando a mulher fez uma pausa para tomar fôlego, ele disse:

— Ouça... Não adianta você ficar falando todas essas coisas para mim. Minha decisão já foi tomada há mais de três semanas e eu não vou voltar atrás. Espero apenas que você seja compreensiva e civilizada e receba com cortesia os meus advogados.

Sorriu e arrematou:

— Eu estava apenas esperando que você descobrisse tudo, Jeanne... E estou com tudo pronto para o acordo de separação. Quando você assinar, estaremos definitivamente separados e cada um poderá fazer a vida que quiser. E, é claro, você estará mais do que amparada do ponto de vista financeiro.

Jeanne pensou em bater-lhe o telefone, em dizer-lhe que não receberia ninguém.

Mas Jeanne refletiu.

Ela queria vingança.

Porém, muito mais do que vingança, ela queria humilhar Tomás, queria reduzi-lo a nada pois tinha a certeza que, sem um só centavo no bolso, na mais negra miséria, ele seria abandonado por aquela mulher e, muito provavelmente, também pela filha. Para Jeanne, justamente por ela ser assim, seria mais do que normal que a filha de Tomás só tivesse interesse no pai por causa de seu dinheiro.

E, sem um só tostão...

Sem um só tostão, não haveria herança para a filha de Tomás.

Este passara a ser, de repente, o objetivo maior de Jeanne: deixar a menina sem nada. Não dividir nada com ninguém!

— Mande seus advogados — disse ela — Eu os receberei e, depois de conversar com eles, verei o que nós vamos fazer.

Tomás sorriu mais uma vez.

Ela jamais mudaria...

Mesmo numa situação de desvantagem, Jeanne fazia questão de mostrar que estava por cima. "Verei o que nós vamos fazer...", dissera ela. Como se ainda desta vez, todas as

cartas estivessem em sua mão e fosse ela quem decidiria o que ele, Tomás Camargo, teria de fazer...

— Nós não vamos fazer nada, Jeanne — disse ele — Os advogados estão com a minuta do contrato já pronta. Você só terá e assiná-lo. Não terá de discuti-lo.

E, antes que Jeanne pudesse protestar, ele acrescentou:

— Talvez você não saiba, Jeanne... Mas estamos no Brasil, em São Paulo mais precisamente. E em São Paulo, pode ter certeza que o meu sobrenome pesa muito mais do que o seu, de solteira. Na eventualidade de não querer assinar, eu tomarei providências

para que todas as portas lhe sejam fechadas. Isolada de tudo e de todos, você terá de voltar para França ou, então, explicar para muita gente por que sempre assinou Jeanne Camargo ao invés de assinar Jeanne Hoche, como deveria ser.

\*\*\*\*\*

Jeanne desligou o telefone furiosa.

Nos últimos anos, ela se acostumara a ver Tomás ceder em tudo e não discutir ou contestar suas decisões. Por isso, ela estava achando muito estranho que ele estivesse agindo assim, de maneira tão... independente. Não lhe passou pela cabeça que Tomás sempre fora dessa

maneira, um homem ativo, independente em seus atos e capaz de tomar decisões por si só, sem a necessidade de consultar ninguém e muito menos ela, Jeanne, que no fundo não tinha conhecimento de nada e que agia por impulso, movida por uma intuição sem dúvida bastante acurada mas que, no frígido dos ovos, carecia por completo de qualquer embasamento.

Para Jeanne, em sua mente doentia de tanta ambição pelo poder, Tomás tinha sido transformado por ela num fantoche e deveria continuar como tal até o final dos tempos...

Era por isso que não compreendia e não aceitava o novo comportamento do marido e vê-lo hastear com tamanha galhardia a sua bandeira da liberdade, a irritava. Mas, se ficava irritada com isso, o fato de não ter sido avisada por Satã a enfurecia.

— Ele não podia ter feito isso comigo! — exclamou em voz alta — Não tinha o direito de me enganar dessa forma!

Um pouco contra seus hábitos, ela se dirigiu ao barzinho da sala e serviu-se de uma generosa dose de uísque, achando que um pouco de álcool poderia acalmá-la.

Já mais controlada e novamente dona de sua capacidade de raciocínio, Jeanne começou a refletir sobre tudo o que lhe estava acontecendo nos últimos meses.

Em primeiro lugar, ela foi obrigada a reconhecer que sua vida não estava indo tão bem assim. Havia muitas coisas que ela tinha desejado e não conseguira, como por exemplo, ser eleita presidente daquela sociedade de assistência a crianças excepcionais. Não que ela estivesse lutando por essas pobres crianças. Na verdade, a sorte e o destino delas em nada tocavam o coração empedernido de Jeanne. Ela ambicionava o cargo pura e simplesmente por que ele lhe daria mais respeitabilidade, mais "status" junto às outras senhoras da sociedade paulistana e, o que era melhor, faria com que, com mais frequência, ela aparecesse nas colunas sociais. Ela não conseguira nem sequer ser indicada como candidata... E, quando pedira a Satã para que a ajudasse, ele simplesmente rira, desaparecera em uma nuvem fétida de fumaça e nada fizera.

Em segundo lugar, havia a preocupação com a diminuição sensível das visitas amorosas do Príncipe das Trevas...

Antes, quase que semanalmente, Satã aparecia para satisfazer seus desejos, para deixá-la derreada de tanto prazer. Mas, isso também parara de acontecer e, nos últimos três ou quatro anos, Jeanne podia contar nos dedos as vezes que ele se dignara satisfazê-la.

Com uma ruga de preocupação na testa, levantou-se da poltrona em que estava sentada e foi até o grande espelho de seu quarto. Olhou-se com atenção e espírito crítico.

De fato, ela não podia dizer que a imagem lhe causava o mesmo efeito de dez anos atrás...

Seu rosto estava mais crispado, seus lábios muito mais finos e começando a mostrar pequenas rugas. Os olhos, muito mais frios, não conseguiam, mesmo que ela quisesse, dar a impressão de meiguice e de compreensão que antigamente Jeanne sabia tão bem fingir...

Com a ponta dos dedos, ela esticou um pouco a pele das pálpebras tentando fazer desaparecer as rugas que já se faziam desagradavelmente presentes. O nariz também parecia mais afilado, talvez até um pouco mais adunco...

Passou a mão pelos cabelos.

Sim...

Eles ainda eram bem ruivos e não havia nem um só fio encanecido. Porém, aquele brilho que possuíam e que lhes dava um aspecto quase inebriante de fogo, desaparecera e eles pareciam palha seca e envelhecida. Da cor de fogo, eles passaram à de ferrugem...

Lentamente, soltou os botões do vestido que usava.

Seu corpo continuava belo, era bem verdade... As curvas dos seios permaneciam, eles eram ainda firmes e provocantes, os mamilos pontudos e acastanhados. Os quadris, bem acentuados por uma cintura mantida nas medidas por horas e horas de ginástica, ainda seriam capazes de chamar a atenção de qualquer homem que se considerasse normal...

Mas...

Também era verdade que aquele frescor de antigamente, aquele viço e aquele aspecto permanente de desejo mal contido, tinham desaparecido.

Com uma contração no estômago, Jeanne pensou:

— Mas será possível...? Será possível que o Príncipe das Trevas esteja me preterindo?!

Sacudiu a cabeça tentando afastar de si essa idéia e, esboçando um sorriso, perguntou-se:

— Ou será que ele está ofendido por que eu não o tenho chamado com a mesma frequência de antes?

O sorriso se transformou num esgar quando ela lembrou que, para Satã, o fator beleza não era nada importante pois ele tinha condições de transformar a bruxa mais horrorosa na princesa mais bela e mais desejável, no momento em que quisesse e apenas para o seu prazer.

— Não... — murmurou — Não se trata disso... O Príncipe das Trevas me traiu e isso, ele não podia fazer...

Lembrou-se com mágoa e rancor que ela sempre cumprira sua parte no pacto. Satã não poderia ter queixas... Todas as vezes que ele exigira alguma coisa, ela o fizera.

Lembrou-se, de repente que ela tinha o livro...

O livro que a ensinava como controlar o poder maléfico e como poderia fazer para que Satã trabalhasse em seu favor.

— É isso! — exclamou — Eu nunca utilizei certas partes daquele livro! As partes que ensinam como fazer para que o Príncipe das Trevas me respeite mais e acabe satisfazendo as minhas vontades!

Com um sorriso triunfante, ela voltou a se vestir e pensou, já tomando cuidado para não murmurar as palavras de maneira que Satã pudesse ouvi-la ou, quem sabe, ler em seus lábios o que estava indo em sua mente:

— Posso dominá-lo! Posso tê-lo a meu serviço! E é isso mesmo que vou fazer! Vou me vingar de Tomás, dessa sua leviandade de pôr uma filha no mundo para competir comigo em sua fortuna e, o que será melhor, vou me vingar de Satã fazendo-o trabalhar para mim na destruição de Tomás, de Sylvia e de sua filha!

Abrindo o armário, começou a remexer entre seus guardados, em busca do livro.

— Minha vingança será terrível! — pensou — E todos os que se puserem em meu caminho, pagarão muito caro por essa ousadia! Até mesmo o Príncipe das Trevas!

## CAPÍTULO 24

— Não gosto disso — murmurou Sylvia — Não acho que seja bom brigar por causa de dinheiro...

— Não se trata apenas de dinheiro, querida — falou Tomás — Não acho justo o que Jeanne fez para mim e acho menos justo ainda que ela se aposse de tudo o que eu levei a vida inteira para construir, lesando, em última análise, você e Simone!

— Nós não precisamos de mais, Tomás — replicou Sylvia — Temos tudo o que queremos, você tem um bom rendimento todos os meses... Não há necessidade de ambicionar mais além disso tudo que já possuímos!

Tomás sorriu, acariciou os cabelos de Sylvia e disse:

— É uma questão de direito, Sylvia. Jeanne viveu comigo, melhor dizendo, às custas de meu dinheiro, durante todos estes anos. Consegui montar, que eu sei, um respeitável patrimônio particular ao qual eu nem sequer desejo ter acesso muito embora eu saiba que ele foi construído graças a desvios de dinheiro que ela, muito habilmente sempre fez.

Apertando um pouco os olhos, como se aquele assunto lhe desse raiva, Tomás explicou:

— Ela pensava que podia me enganar, imaginava que eu não estava percebendo o que fazia. Mas eu não sou tão ingênuo assim! Não foi com ingenuidade que eu construí toda a minha

fortuna, Sylvia! E eu percebia muito bem que Jeanne pegava dinheiro de minhas mãos dizendo que era para obras de caridade, que era para ajudar uma amiga em dificuldades e mais uma porção de outras desculpas esfarrapadas que de maneira nenhuma me convenciam.

— Se você sabia — argumentou Sylvia — porque não impediu?

— Simplesmente porque eu nunca quis briga com Jeanne — respondeu Tomás — E, também, porque eu achava justo que ela se defendesse... Afinal de contas, de uma maneira ou de outra, alguma coisa eu lhe devia, não é verdade?

Sylvia preferiu não responder. Se o tivesse feito seria para dizer que as colegas de profissão de Jeanne costumam cobrar bem menos por uma noitada... Se fosse para dizer alguma coisa quanto a esse assunto, ela teria falado que Jeanne fora a prostituta mais cara que já havia passado pela vida de Tomás ou de qualquer outro homem.

Tomás continuou:

— Eu vou lutar, Sylvia... Vou lutar para recuperar tudo quanto Jeanne tirou de mim. É um volume de dinheiro bem considerável e eu acho que Simone e você merecem que eu deixe,

quando me for para o outro mundo, alguma coisa que de fato garanta a sua sobrevivência e o seu progresso!

Sylvia olhou zangada para ele e resmungou:

— Detesto quando você começa a falar essas bobagens...

— Não é bobagem — protestou Tomás — É uma realidade. Uma certeza e, diga-se de passagem, é a única certeza que podemos ter na vida. Todos nós morreremos, um dia ou outro! E eu quero que, quando chegar a minha vez, aqueles que ficarem não tenham o menor motivo de queixa!

Os dois calaram-se por alguns instantes e Tomás, olhando para o vazio à sua frente, disse:

— As coisas estão indo bem. Meus advogados já fizeram o contrato que Jeanne deverá assinar ainda hoje e, depois que tudo estiver resolvido, nós dois iremos viajar.

Voltando a fitar Sylvia, murmurou:

— Aliás... Acho que o melhor a fazer é deixar tudo isso nas mãos dos meus advogados. Não há nenhuma razão para eu me aborrecer! Iremos para o Rio de Janeiro, nós três, ficaremos por lá até que as coisas com Jeanne se acalmem um pouco e, depois, quando a poeira toda baixar, poderei voltar e trabalhar em paz. Por enquanto está muito difícil fazer qualquer coisa com Jeanne por trás, com seu espírito de vingança contra mim...

Deu um sorriso e acrescentou:

— Você sabe, Sylvia... Não há nada pior do que uma mulher que se sente traída e que deseja se vingar do homem e de sua nova companheira de vida!

\*\*\*\*\*

Tomás estava redondamente enganado.

Jeanne não estava visando magoá-los, não havia na verdade nenhuma conotação de vingança nos sentimentos da mulher, embora ela fizesse questão de dizer, até para ela mesma, que o que estava desejando era se vingar de Tomás e de sua irresponsabilidade ao fazer nascer uma filha. O que a francesa estava querendo era ficar com tudo o que Tomás possuía.

Absolutamente tudo.

Sua ganância e ambição não permitiam que ela aceitasse a metade ou três quartas partes. Ela queria tudo... Sem deixar escapar um só centavo. Tomás tinha razão quando dizia que ela poderia muito bem assinar o acordo e se contentar com o que já tinha conseguido. Era dinheiro suficiente para ela poder viver o resto de seus dias como uma verdadeira rainha.

Mas, para Jeanne, era muito pouco.

— Ele tem a nova mulher e a filha — disse para a sua imagem, no espelho — Já é mais do que suficiente. Por isso, o restante todo terá de ser meu!

Visando esse objetivo, o primeiro passo, naturalmente, era não assinar nenhum acordo e, ao contrário, brigar e espernear dizendo que Tomás a estava deixando na miséria, que ele estava sendo um crápula e que não estava levando em consideração todo o tempo que viveram juntos, tudo quanto ela lhe dedicara.

— Minha juventude! — lamentava-se — Ele sugou minha juventude, acabou com minha vida e agora... Agora...

Com um gemido, completava:

— Agora, ele encontrou uma mulher mais jovem e mais bonita... Fez uma filha ilegítima... Abandonou-me... Jogou-me pela janela como se eu fosse um chinelo velho, um jornal já lido! E, como se não bastasse, quer me deixar na mais completa miséria, sem dinheiro nem mesmo para comer, para meus gastos mínimos...

Porém, essas lamúrias de Jeanne não chegavam a impressionar ninguém. Depois de tantos anos, todos sabiam muito bem como ela era e sabiam que tudo quanto estava dizendo era mentira. Calavam-se, não a contradiziam pois sabiam, também, o quanto eram terríveis os seus acessos de fúria e não havia quem quisesse enfrentá-los.

Jeanne chorava, lamentava-se, falava mal à vontade de Tomás, de Sylvia e de Simone, todos a consolavam e, assim que ela saía, não faltava quem dissesse:

— Mas é muito bem feito! Jeanne, agora, está colhendo exatamente o que plantou!

Durante pouco mais de um mês, Jeanne conseguiu escapar dos advogados, mandando sempre dizer que não estava, que estava viajando ou que, simplesmente, estava tomando banho e que não poderia atender ninguém. Sua intenção era ganhar tempo e exasperar Tomás a um ponto tal que ele acabasse desistindo.

Por incrível que isso pudesse parecer, era a verdade.

Jeanne estava certa de que poderia contar com a desistência de Tomás, achava que ele deixaria para trás toda a sua fortuna a troco de paz de espírito.

Aliás, uma paz que ela não tinha a menor intenção de lhe proporcionar.

Era seu plano, assim que ele transferisse para ela todos os bens e todas as quotas da empresa, começar algum tipo de encantamento que o pusesse, de preferência, numa cadeira de rodas pelo resto de seus dias.

Assim, ela continuou a fazer visitas, a falar horrores de Tomás e a chorar...



Em sua mente doentia, egoísta e egocêntrica, ela não percebia que as pessoas simplesmente a ouviam e... mais nada. Nenhuma se dignava a transmitir de boca a ouvido para as outras, as maledicências de Jeanne e as que chegavam a comentar alguma coisa com Tomás, mostravam claramente que não davam o menor valor às barbaridades que a mulher andava espalhando pela sociedade paulistana.

Por sua vez, Tomás ria...

Ele estava seguro, tinha a Lei a escorar suas intenções e sabia que, mais cedo ou mais tarde, Jeanne seria obrigada a ceder.

— Ela não tem direito nenhum — disse — Talvez, se brigar muito, possa conseguir uma partilha baseada na lei que protege a concubina. Mas, quanto a qualquer outra coisa... Isso não! Ela não pode me obrigar a nada! E, no acordo que eu estou propondo, ela ficará com muito mais do que vai lhe dar qualquer juiz numa contenda judicial!

Com o passar das semanas, Jeanne acabou por se exasperar com o que estava acontecendo.

Não havia, mesmo jeito de se livrar dos advogados de Tomás e um outro causídico que acabara tendo de consultar, explicara-lhe muito claramente quais eram os seus direitos e quais eram as suas possibilidades.

— Assine o acordo — aconselhou — Será mais lucrativo e, com toda a certeza, será mais rápido.

Mostrando para Jeanne a minuta do contrato que lera, minuta esta que os advogados de Tomás tinham deixado em sua casa logo na primeira vez que lá estiveram, ele completou:

— Veja que Tomás não está tirando nada do que você já conseguiu e que está em seu nome. Somente as quotas da empresa e, ainda assim, está pagando bem caro por elas!

Com um sorriso, disse, em tom confidencial:

— Você não terá todas essas vantagens na eventualidade de precisar chegar ao Juiz...

\*\*\*\*\*

Depois da consulta a esse advogado, Jeanne ficou ainda mais furiosa.

Não é possível! — exclamou, ao chegar em casa — Não é possível que eu não consiga encontrar um jeito!

Lembrou-se, então do livro de Magia Negra.

— Mas é isso! — exclamou — Como eu não pensei nisso antes?!

Mais uma vez, ela foi buscar o velho livro no fundo do armário e, trancada em seu quarto para evitar que Serafina aparecesse para bisbilhotar, começou a consultá-lo.

Irritou-se em menos de cinco minutos.

Jeanne não conseguia se concentrar na leitura e, o pior, era não conseguir ler parágrafo nenhum que não fosse de conjuração do Demônio.

— Satã não está me deixando fazer o que quero — pensou, cheia de raiva — Ele está querendo que eu o chame...

Balançou negativamente a cabeça e disse, em voz alta:

— Pois não vou satisfazê-lo, desta vez! Não o chamarei! Resolverei este meu problema sozinha pois tenho certeza de ter tanto poder quanto ele!

Nesse momento, Jeanne escutou um trovão. E imediatamente, um cheiro horrível de enxofre queimado invadiu o quarto.

Ela dissera aquilo em voz alta!

Cometera o erro de falar, ao invés de pensar!

E o Príncipe das Trevas a escutara...

\*\*\*\*\*

— Com que então, você acha que tem tanto poder quanto eu? — perguntou Satã com um sorriso mau a lhe repuxar os lábios. Por um momento, Jeanne sentiu suas pernas tremerem. Ela conhecia muito bem Satã e sua fúria... Porém, ela lera naquele livro, junto ao parágrafo que dizia ser impossível ao Demônio ler os pensamentos dos seres humanos, que era preciso, quando numa confrontação, mostrar força e firmeza. Segundo o livro, Satã tinha sido, quando de sua expulsão do Céu, amaldiçoado por Deus e nele tinham sido postos todos os defeitos e más qualidades. A covardia era uma delas... Assim, Satã seria covarde e, frente a uma situação em que a força lhe fosse mostrada, ele recuaria.

Claro...

O livro não especificava que espécie de força era a mais adequada no caso.

Jeanne resolveu jogar...

Esforzando-se ao máximo, ela fitou o Príncipe das Trevas e falou:

— Não sei se tenho mais poderes do que você. Mas sei que tenho todo o direito de não querer conjurá-lo! Você me abandonou, deixou que as coisas acontecessem sem me avisar, sem me prevenir! Na verdade, você está aqui por que quis aparecer! Eu não o chamei e não vou chamá-lo mais!

Satã sorriu malevolamente e disse:

— Você está errada, Jeanne...

— Como assim, estou errada?! — explodiu Jeanne — então acha que eu tinha de ficar muito satisfeita com o surgimento dessa filha de Tomás?! Acha que eu haveria de gostar?!

Tomou fôlego e continuou, os olhos muito azuis despedindo faíscas de ódio:

— Você sabia... É impossível que não soubesse! E não me avisou da existência dessa menina!

Baixando um pouco a voz, acrescentou:

— É lógico que tudo seria mais fácil se eu soubesse desde o começo... Teria feito as coisas de maneira a Tomás obrigar Sylvia a abortar ou, se isso fosse impossível, nós dois juntos, você e eu, teríamos dado um jeito de eliminá-la!

Satã balançou a cabeça negativamente e Jeanne pode notar um brilho de raiva e de frustração em seu olhar.

— Nem sempre as coisas acontecem como se quer ou como se gostaria, Jeanne — disse ele — Essa menina, Simone, está fora do meu alcance... Por enquanto!

Era uma confissão que Jeanne não esperava ouvir de Satã, do poderoso Príncipe das Trevas, daquele que era chamado Senhor do Mal. Para ela, no que dizia respeito a coisas ruins, o poder de Satã seria imbatível, ilimitado e terrível. No entanto, ali estava ele, diante de uma súdita, confessando que não tinha condições de atingir uma indefesa menina de pouco mais de dezoito anos de idade...

— Mas não é possível... — murmurou Jeanne — Simone ainda é uma menina inexperiente e até certo ponto, indefesa! Basta, por exemplo, que dois malandros a apanhem na rua, a currem e, depois, metam-lhe uma faca nas costelas... O problema estará resolvido!

— Isso jamais aconteceria através de mim ou através de você, Jeanne — replicou o Demônio — Como eu disse, Simone está fora do meu alcance, por enquanto...

Foi quando ouviu Satã repetir o "por enquanto", que Jeanne se deu conta de que havia uma possibilidade.

— O que está querendo dizer com isso? — perguntou.

Satã riu e Jeanne notou que ele estava recuperando o seu humor normal, ou seja, um humor sardônico, sarcástico e cáustico.

— Simone está protegida. Há forças que impedem que eu me aproxime dela pois foram direcionadas especificamente contra mim e contra qualquer coisa que venha de mim. Isso quer dizer que os ensinamentos que eu lhe transmiti sobre como fazer para destruir alguém, de nada adiantam contra ela.

— Mas há o livro — ponderou Jeanne — E nesse livro há métodos que você não me

O Príncipe das Trevas soltou uma gargalhada bem diferente das que costumava dar.

Nessa, havia um timbre de ódio profundo e o despeito transparecia como se estivesse em alto-relevo.

— Não seja tola! — exclamou — Onde você acha que o autor desse livro foi encontrar esses ensinamentos?

Jeanne arregalou os olhos.

— Foi... você? — indagou.

— E quem mais acha que pode ter sido?

— Mas é tão antigo...

— Sou mais velho do que a Bíblia, já se esqueceu? Quando Moisés começou a escrever o Antigo Testamento, eu já existia há muito tempo!

Baixando um pouco a voz, acrescentou:

— Se é que se pode falar em Tempo quando se está falando em Eternidade e em conceitos de Infinito...

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos e, depois de se acalmar um pouco, Jeanne disse:

— Mas eu preciso destruir esses três... Não quero ter de partilhar minhas coisas com ninguém!

— Suas coisas ou coisas de Tomás? — riu Satã.

— Minhas — insistiu Jeanne — Tenho mais direito a elas do que qualquer outra pessoa. Ajudei a construir esse patrimônio e...

Satã a interrompeu com um gesto, dizendo com desprezo:

— Você ajudou... Não foi bem assim. Você apenas transmitiu para Tomás as informações que eu lhe dei!

Com uma risada sarcástica, falou:

— Assim sendo, quem ajudou não foi propriamente você, Jeanne...

A mulher ia abrindo a boca para protestar mas Satã não a deixou falar.

— Você está ciente de que eu posso tirar de você o que eu quiser da mesma maneira que permiti que ficasse na boa posição de hoje, não é mesmo?

Jeanne engoliu em seco. O que o Príncipe das Trevas estava dizendo, era mais do que verdade. Ele poderia simplesmente desejar que ela não tivesse nada e, daí... Jeanne estaria na mais negra miséria, sem dinheiro nem mesmo para comer e sem possibilidades de trabalhar.

Sentiu raiva de Satã, de si mesma.

Sentiu-se miserável e frustrada...

Mas, Jeanne era uma mulher teimosa. Teimosa e determinada.

Ela dissera que não mais conjuraria Satã e cumpriria a sua promessa. Dissera que estava ofendida com ele e arrumaria uma maneira de demonstrá-lo.

— Você precisa de mim para atingir seus objetivos — falou o Demônio — Se quer destruir esses três, vai precisar de mim. Não adianta nada tentar me enfrentar pois eu sou mais forte.

Riu alto e disse:

— Lembre-se que fui eu que praticamente ditei as palavras desse livro. Seria muito estúpido de minha parte falar todos os meus truques e todas as minhas falhas.

Com um sorriso vitorioso, Jeanne deixou escapar:

— Mas você não pode ler os pensamentos... E isso está no livro!

— Não é novidade nenhuma — ponderou o Demônio — Os japoneses sempre souberam disso. Há milênios...

a mão no ombro de Jeanne.

O contato com o Príncipe das Trevas, mais uma vez, operou em Jeanne uma transformação. Ela começou a se sentir excitada, excitada como nunca, com um desejo intenso de ser novamente possuída por Satã. Tentou, em vão, lutar contra esse desejo. Sabia que estava

sendo arrastada pelo Demônio, sabia que se acontecesse a conjunção, ela estaria dominada e acabaria fazendo o que ele quisesse.

— Não... — murmurou — Não faça isso... Eu não quero...

Satã riu.

Sua mão começou a percorrer o corpo de Jeanne.

Fazia tanto tempo...

Ela fechou os olhos e gemeu de prazer ao contato quente daquela mão que conseguia correr por todo seu corpo, detendo-se naqueles pontos mais sensíveis, fazendo-a respirar mais depressa e sentir o coração bater fora de compasso.

— Venha — disse Satã — Sei o que você está precisando...

Jeanne sentiu que estava sendo carregada para a cama. Sentiu o peso de um corpo sobre o seu, um calor que não podia ser humano, que não podia ser de um homem comum. Depois, ela começou a ter aquelas sensações que ela sabia não serem naturais...

Mas, sensações que ela jamais deixaria de querer.

Amaldiçoou-se por ter se deixado levar por Satã, ao mesmo tempo em que se via transportada para o êxtase absoluto...

No fundo, desta vez, todo o prazer que sentia trazia em seu bojo uma ponta de revolta, de ódio de si mesma.

Satã tinha vencido, mais uma vez...

\*\*\*\*\*

Jeanne acordou muito mais tarde do que o habitual, sentindo o corpo terrivelmente dolorido mas, ao mesmo tempo, sentindo-se satisfeita, realizada e...revoltada.

Levantou-se da cama com dificuldade e caminhou até o espelho para se olhar por inteiro, nua...

Como sempre, o Príncipe das Trevas não tinha deixado marcas em seu corpo. Tinha deixado apenas sensações e recordações...

O sorriso de felicidade que estava estampado em seu rosto desapareceu quando ela se lembrou que, no final das contas, ele conseguira fazer com que ela se esquecesse de Tomás, de Sylvia e, principalmente de Simone.

Satã transformara a noite numa orgia e, com isso, ela se esquecera.

— Aquele maldito! — pensou, tomando muito cuidado para apenas pensar — Conseguiu ir embora sem me dizer o que fazer... E isso, apenas para que eu seja obrigada a conjurá-lo outra vez!

Apanhando uma toalha, começou a caminhar para o banheiro.

Quando estava passando diante da mesinha de cabeceira, ela se distraiu e murmurou:

— Agora, terei que chamá-lo mais uma vez... E não estava querendo fazer isso!

Foi o bastante...

Um estalido se deu como se tivesse acontecido um curto-circuito e a figura de Satã surgiu novamente diante de seus olhos.

— Mas será que não entendeu? — perguntou o Demônio mostrando toda a sua irritação — Não entendeu que não posso fazer nada?

Jeanne ficou paralisada no lugar, incapaz de mover um só músculo, enquanto Satã dizia:

— Talvez eu não tenha sido muito claro... Não vai adiantar usar de Magia contra Simone. Você terá de atraí-la e, depois que ela estiver sob sua aura, aí sim, eu poderei fazer alguma coisa.

Começou a desaparecer e, já no meio de uma névoa amarelada, ele finalizou:

— Traga-a para perto de você. Fique perto dela. Faça com que Simone se integre à sua aura. Aí sim, poderei fazer alguma coisa!

## CAPÍTULO 25

As palavras do Príncipe das Trevas impressionaram Jeanne.

Impressionaram-na e serviram para alimentar a sua paranóia, a sua certeza de que, na realidade, teria até mais poderes do que o próprio Demônio.

Se Satã não tinha condições de atingir Simone, ela haveria de consegui-lo. Afinal, tinha sido ele mesmo quem dissera que ela deveria trazer Simone para perto de sua aura. Isso só poderia significar que ela, Jeanne, era mais forte, que Satã precisava da força emanada por sua aura para poder fazer qualquer coisa contra a filha de Tomás e de Sylvia.

Voltou a folhear o livro e constatou que ali, entre as páginas amarelecidas pelo tempo e já quase desfeitas por causa da umidade e de excesso de manuseio, havia muitos encantamentos que poderiam, no mínimo, serem tentados.

— Simone precisa morrer — pensou Jeanne — Não quero que ela apenas tenha de enfrentar situações difíceis. Ela precisa morrer, bem como seus pais. Tenho de ficar sozinha com tudo e, para que isso possa acontecer, não pode haver ninguém interessado na herança de Tomás a não ser eu mesma!

Riu e acrescentou:

— Sem Tomás para lutar na Justiça pelas quotas da empresa, sem Sylvia e sem Simone para reivindicarem uma parte da herança, eu poderei ficar com absolutamente tudo e, então...

Jeanne poderia se perguntar o que ela faria com tanto dinheiro...

Porém, esse tipo de questão não se impunha à sua mente pois para ela, o que importava era possuir. Ter, ser dona, ser a proprietária...

Era isso que ela queria, era para isso que vivia.

Durante todos aqueles anos, Jeanne só se preocupara com a posse das coisas e, evidentemente, também das pessoas. Era a dona e senhora de uma porção de suas amigas e conhecidas, era a proprietária da última palavra, a dona de todas as decisões.

Parou um instante, olhou sua imagem refletida no espelho da sala e disse, com um tom de profunda revolta e frustração em sua voz:

— Era... Depois que Tomás se libertou, parece que isso não está acontecendo mais...

E era verdade.

Depois que a sociedade tomara conhecimento da separação do casal, o conceito de Jeanne perante a maioria das pessoas, desmoronara a olhos vistos. Ela já não era mais tão considerada assim e os convites para encontros e reuniões começavam a escassear, o que era o melhor termômetro e a mais precisa medida da queda do prestígio de alguém.

Jeanne estava começando a ficar sem prestígio, estava pouco a pouco sendo empurrada para o seu verdadeiro lugar na sociedade: o de uma intrusa, uma penetra muito pouco desejada.

Era terrível ter de reconhecer esse novo estado de coisas...

Jeanne estava sendo relegada a um plano secundário e ela não conseguia admitir isso, não podia em hipótese alguma tolerar que uma situação dessas se estabilizasse, se definisse.

Não era preciso ser um expoente intelectual para saber que noventa por cento do prestígio de que ela desfrutara até aquela data passaria para Sylvia assim que a situação de Tomás na empresa voltasse a se regularizar. A partir daí, então, a primeira dama seria Sylvia e a princesa, Simone.

— Não! — exclamou Jeanne folheando o livro, escolhendo o encantamento que faria — Isso não vai acontecer! Não posso permitir que uma qualquer me passe para trás!

E, com um acento de desespero na voz, completou:

— Se as coisas continuarem assim, não vai ser difícil que eu tenha de ir pedir favores para Sylvia!

Ergueu o rosto para o espelho, fixou seu próprio olhar e disse, em tom determinado:

— Os três vão morrer... Eles têm de morrer e, então, voltarei a ser a dona de tudo... Os outros virão beijar meus pés!

Cautelosa, apertou bem os lábios para impedir-lhes qualquer movimento traiçoeiro e pensou:

— Até mesmo Satã há de se curvar perante mim!

Sorriu interiormente enquanto imaginava o Príncipe das Trevas humilde e submisso a seus pés, implorando-lhe que o atendesse...

— Será diferente — pensou ela — Ele há de vir me pedir para ter uma noite... Será o contrário do que está acontecendo agora quando eu é que tenho que ficar pedindo as coisas!

Respirou fundo e voltou ao livro.

Olhou com mais atenção uma página...

Ali estava o que buscava.

Um encantamento de morte, um feitiço para ser feito sem a ajuda de Satã e que, sem dúvida, poderia até mesmo fazê-lo ver toda a sua capacidade e poder...

\*\*\*\*\*

Jeanne olhou o relógio.

Na realidade, ela nem mesmo precisaria ver as horas pois, desde que começara aquele ritual, ela sentia o tempo como se este fosse algo concreto e que pudesse ser tocado e avaliado em suas dimensões da mesma maneira que um açougueiro experiente é capaz de dizer o peso de uma peça de carne que apanhe para cortar.

Mas, por força do hábito, Jeanne olhou o relógio e constatou que faltavam apenas alguns minutos para a meia-noite.

Olhou para o céu, onde a lua parecia um prato brilhante no firmamento.

Era o segundo dia depois da lua cheia e, de acordo com o que dizia o livro, era esse o melhor dia para aquele tipo de feitiço.

Baixando a cabeça, Jeanne viu que tudo quanto iria precisar ali se encontrava, corretamente disposto sobre a lápide.

Sorriu.

Não pode deixar de sorrir ao pensar no que diriam seus conhecidos se a vissem ali, vestida inteiramente de negro, com todos aqueles apetrechos sobre a lápide de uma tumba no cemitério do Araçá...

Escolhera o Cemitério do Araçá por que ouvira, certa vez, alguns estudantes de medicina dizerem que iam lá à noite para roubar ossos do ossário quando precisavam repor os que perdiam do laboratório de Anatomia Descritiva. Isso levou-a a pensar que ali não deveria haver uma fiscalização muito rigorosa e, assim, não correria o risco de ser apanhada pela Polícia ou de ser vista por alguém. De mais a mais, o Araçá é suficientemente grande para

esconder uma pessoa lá dentro, mesmo que essa pessoa esteja cercada por uma centena de velas...

Olhou novamente para o céu e, como ela mesma previra, uma nuvem estava começando a cobrir a lua.

Chegara o momento...

Rapidamente, dispôs as velas cobrindo todo o perímetro da lápide e, ajoelhando-se no centro, acendeu-as.

Em seguida, erguendo os dois braços para o alto, ela disse:

— Lua, rainha da Noite! Leva o alfanje da morte para Tomás, Sylvia e Simone!

Ao seu lado, os três ratos brancos que ela tinha levado para lá numa pequena gaiola de arame, mexeram-se, nervosos, pressentindo que alguma coisa ruim estava para acontecer.

Jeanne abriu a gaiola e pegou o rato maior entre os dedos.

Olhou para ele e disse:

—Morra, Tomás! Vá fazer companhia para seus antepassados!

Assim dizendo, mordeu com violência a cabeça do pobre animal, literalmente decepando-a com os dentes.

O sangue do rato espirrou, escorreu quente e viscoso para a boca de Jeanne.

Esta, porém, não se incomodou com aquilo e, cuspidando de lado o pedaço de cabeça que ficara em sua boca, com o sangue do animalzinho a lhe escorrer pelos cantos dos lábios, voltou a abrir a gaiola.

Pegou outro rato e, segurando-lhe a cabeça entre o polegar e o indicador da mão direita, apertou-a até que sentiu os ossos estalarem.

Mais uma vez, o sangue a sujou, fragmentos do crânio do rato espirraram longe...

— Morra, Sylvia! Você quis Tomás em vida... Pois o terá até depois da morte!

Olhou para cima, deixando o corpo do rato ao lado do outro que matara. Viu que a nuvem que cobria a lua estava quase acabando de passar. Logo ela brilharia outra vez e, então, o encantamento teria terminado.

Pela terceira e última vez, abriu a gaiola.

Restava apenas um rato.

Estava nervoso, chiando como um desesperado e encolhendo-se num canto, procurando se afastar o mais possível dos dedos de Jeanne.

— Venha, Simone... — disse ela — Não adianta lutar! Seu destino está traçado e seus dias estão para terminar neste instante!

Com um movimento rápido, tentou pegar o rato pela cabeça.

Porém, o animalzinho sabia que, para ele, seria uma questão de vida ou morte...

Abriu a boca e mordeu.

Mordeu com toda a força o dedo médio de Jeanne, arrancando-lhe sem piedade um pedaço da unha e uma boa fatia de pele...

Jeanne se assustou.

Tirou a mão depressa, arrastando para fora o rato.

Este, ao se ver livre dos arames da gaiola, soltou o dedo de Jeanne e, uma vez no chão, saiu em disparada, desaparecendo por entre os túmulos e campos rasas.

Jeanne não pode fazer nada. Ficou ali, ajoelhada sobre a lápide, olhando para a escuridão, incrédula.

— Mas não é possível... — murmurou — Ela escapou... Simone conseguiu escapar...

\*\*\*\*\*

Tomás olhou o relógio um pouco impaciente.

— Faltam dois minutos para a meia-noite — disse ele — Já é tarde...

— Tarde porque? — perguntou Sylvia, rindo — Você tem algum compromisso, hoje?

Tomás riu, também, e comentou:

— Você tem razão... Não tenho nenhum outro compromisso a não ser repousar...

Olhou para Sylvia e disse:

— Se é que você vai me deixar repousar hoje... Parece que o ar aqui do Rio de Janeiro lhe faz alguma coisa... Não deixa escapar uma só noite!

Sylvia deu uma risada feliz, olhou para o banco de trás do automóvel onde Simone dormia como se fosse uma criança.

— A vida é curta demais — falou — Se não aproveitarmos enquanto podemos...

Tomás não retrucou e continuou dirigindo pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana, mantendo uma velocidade de quase sessenta quilômetros por hora no trânsito livre do fim de noite e início de madrugada..

— Simone está dormindo — disse Sylvia — Deve ter ficado cansada, depois de tudo que andamos hoje...

Tomás viu o semáforo da Rua Figueiredo de Magalhães ficar verde e, a cinquenta metros da esquina, acelerou um pouco para passar depressa pelo cruzamento.

Foi tudo rápido demais...

Quando ele se deu conta, o táxi já estava em cima dele, a mais de cem quilômetros por hora, desrespeitando o sinal vermelho.

A pancada foi formidável...

O automóvel de Tomás, atingido na altura da porta do motorista, foi arremessado contra o poste de iluminação do outro lado da rua, bateu, rodopiou e tombou.

O táxi, transformado num monte de ferros retorcidos, incendiou-se, consumindo-se rapidamente.

Os populares acorreram, tiraram de dentro do automóvel tombado o corpo inerte de Tomás, tiraram Sylvia ainda respirando e, do banco de trás, saiu ilesa, sem nenhum arranhão, a assustada Simone.

A moça não precisou de mais do que cinco segundos para compreender o que tinha acontecido.

Viu seu pai, a cabeça pendendo para o lado num feio ângulo em relação ao pescoço, evidentemente já morto.

Viu sua mãe...

Inclinou-se sobre ela, em prantos, ciente de que nada mais seria possível fazer...

E então, enquanto se abraçava a seu pescoço, pedindo-lhe desesperada para que não a deixasse, ouviu-a murmurar:

— Mãe Antônia... Você... precisa... Mãe Antônia...

E, com um estremecimento, Sylvia morreu...

## CAPÍTULO 26

Jeanne ficou furiosa.

Quando ela se deu conta que a fuga do terceiro rato simplesmente significava que Simone também tinha conseguido escapar, ela não cabia mais em si de tanta raiva.

Voltou para casa controlando-se para não correr demais com o automóvel e, assim, acabar ela própria indo parar no hospital por causa de um acidente.

Mal entrou no apartamento, teve de se controlar outra vez pois a sua vontade era de quebrar tudo, a começar por aquele espelho que fazia tanta questão de lhe mostrar que, para ela também, o tempo tinha sido inexorável e implacável.

Porém, ela sabia muito bem quanto custava um espelho como aquele... Não em dinheiro, pois o dinheiro, quando se tratava de gastá-lo para satisfazer seus caprichos e suas vontades, não tinha qualquer importância. Aquele espelho custava era muito trabalho para conseguir um igual, feito em cristal bisoté, a moldura cuidadosamente elaborada por um artesão chamado Schultz e que já parara de trabalhar com pátina havia muitos anos.

— Mas por quê?! — perguntou ela, em voz alta — Por que será que não deu certo?

E, cheia de raiva, lembrou-se que, sozinha, sem pai e sem mãe, na realidade, Simone representava um transtorno muito maior.

Ela era a herdeira.

Teria os advogados de Tomás às suas costas para defendê-la e para fazer valer cada centavo de seus direitos.

— Só serviu para atrapalhar ainda mais... — ouviu Jeanne.



A mulher olhou para os lados.

Evidentemente, reconheceu a voz de Satã mas não estava conseguindo enxergá-lo.

— Onde está, Príncipe das Trevas? — perguntou ela, irritada — Não estou para brincadeiras, não estou com a menor vontade de brincar de esconde-esconde!

A gargalhada característica de Satã se fez ouvir e, no meio de uma nuvem de fumaça, ele apareceu.

\*\*\*\*\*

Durante todos aqueles anos, sempre que Satã aparecera, fizera-o assumindo a forma humana. Ora ele estava com o corpo de Tomás, ora com o de um outro homem que de alguma maneira impressionara Jeanne, ora estava com o corpo de um total desconhecido... Mas sempre era a forma de um homem esbelto, elegante e atraente. Jeanne sempre pensara que Satã agia dessa maneira por ser vaidoso. Afinal, a vaidade é um pecado quando excessiva e nada mais natural que o Príncipe das Trevas acumulasse mais essa falha.

Dessa vez, porém, ele surgiu aos olhos de Jeanne como costumava aparecer nos livros de histórias infantis que falavam do Diabo.

Tinha o corpo nu, apenas a cintura estava envolta num pano preto, a pele era muito vermelha, de um vermelho ígneo, como se fosse uma brasa viva. Seu rosto perdera a beleza a que Jeanne estava acostumada: estava com lábios muito grossos, revirados para fora, o nariz era chato e de ventas largas, mais parecendo o nariz de um macaco e os olhos...

Ah, os olhos!

Eram grandes demais, rasgados no rosto largo, esbugalhados e injetados de sangue — se é que um ser desses pode ter sangue nas veias, o mais provável é que tivesse fogo — e negros como carvão.

A cabeça toda era enorme, desproporcional para o tamanho dos ombros e ao invés de cabelos, tinha pelos... Pelos grossos e aglomerados como os da juba de um leão e que se separavam na altura da testa para dar lugar a um par de chifres curtos, grossos e rombos...

Era horrível...

Porém, em todo aquele horror, havia uma sensualidade indizível, um poder de sedução assustador, tão grande que Jeanne, imediatamente começou a se sentir arrebatada, excitada, desejando com todas as fibras de seu corpo, ser possuída por aquele monstro.

— Eu a avisei — disse Satã — Você não quis me ouvir.

— Tentei — defendeu-se Jeanne, a voz rouca, trêmula, manifestando o desejo que a invadia.

Satã riu inclinando a cabeça para trás e falou:

— Você errou e, agora, terá de pagar pelo seu erro. E como castigo, não lhe darei o que está querendo...

Jeanne quis reclamar mas não conseguiu.

Sua boca permaneceu fechada, a língua travada, muito embora ela fizesse todo o esforço para falar.

— Você sofrerá as conseqüências de seu erro na própria pele — avisou o Príncipe das Trevas — Simone estará mais forte do que nunca e o dinheiro que você ainda tem começará a minguar.

— Não! — conseguiu dizer, finalmente, Jeanne — Não deixe que isso aconteça! Eu não suportaria!

O Demônio ergueu os ombros com indiferença.

— Para mim — falou ele — tanto faz que você suporte ou não. De qualquer maneira, você já não me interessa mais.

Com uma risada canalha, acrescentou:

— E não me interessa mais, de jeito nenhum e para nada...

Jeanne entendeu muito bem o que ele estava querendo dizer.

Ela não o teria mais... O Príncipe das Trevas não viria mais amá-la, não mais a possuiria.

— Há outra coisa... — continuou ele — Você me traiu. Tentou me passar para trás, conspirou contra mim consigo mesma em pensamentos, sabendo que eu não os poderia ler. Isso é o mais grave e é, para mim, o rompimento do pacto que nós fizemos lá na floresta de Randan, está lembrada? Um pacto em que você se comprometia a jamais me trair.

Fez um gesto, impedindo que Jeanne o interrompesse e prosseguiu:

— Isso foi o bastante. Agora, você deverá voltar ao mesmo estado em que eu a apanhei e a ajudei pela primeira vez. O que significava a miséria, um casebre no meio do mato, o isolamento... Tudo quanto Jeanne jamais poderia tolerar!

— Não! — suplicou ela — Não faça isso, por favor...!

Satã ficou em silêncio por um longo minuto e, depois, murmurou:

— Talvez eu lhe possa propor um outro pacto...

Um sorriso de esperança esticou os lábios de Jeanne e ela disse, ansiosa:

— Sim! Isso mesmo! Façamos um novo pacto! Eu farei o que você quiser! O que você quiser!

Satã riu.

— Fará, mesmo... Até porque não tem alternativa. É aceitar minhas condições ou então viver na miséria até o final de seus instantes.

— Está bem! — falou Jeanne, apressada — Diga o que você quer! Diga que eu darei um jeito de arrumar!

Satã olhou atentamente para ela e murmurou:

— Antes, acho que é melhor você tomar conhecimento de algumas coisas. Compreendendo melhor o que poderá lhe acontecer, você poderá trabalhar mais depressa e poderá voltar a ser o que era.

Jeanne franziu as sobrancelhas.

— Voltar a ser o que era? — perguntou — Mas o que está querendo dizer?

— Olhe-se no espelho, Jeanne — falou Satã — Verá o que já começou a acontecer.

A francesa obedeceu.

Voltando o rosto para o espelho, fixou a imagem ali refletida.

Assustou-se.

Seu rosto estava com muitas rugas, seus cabelos branquearam, ela estava uma velha...

Olhou para as mãos.

As pintas acastanhadas que ela sempre se orgulhara de não possuir, estavam aparecendo...

— Não! — gritou ela — Não pode ser! Ainda hoje eu não estava assim!!!

Satã fez um gesto e Jeanne voltou a se ver como estava pela manhã.

Respirou aliviada e Satã disse:

— O que você viu é como vai ficar dentro de muito pouco tempo, se não cumprir a sua parte no trato.

— Mas como você quer que eu faça alguma coisa se não me diz o que eu preciso fazer? — protestou Jeanne, já mais senhora de si ao ver que voltara ao normal, que aquele processo de envelhecimento tão rápido não tinha sido mais do que um dos truques do Príncipe das Trevas para assustá-la.

O Demônio voltou a rir e falou:

— Eu quero Simone. E quero ser o primeiro. Ela tem de ser virgem, Jeanne. Absolutamente virgem...

Jeanne meneou a cabeça com incredulidade e murmurou:

— Não acho que seja possível... Nos dias de hoje, uma moça como ela... É muito pouco provável que ainda não...

— Ela ainda é virgem — afirmou Satã — E eu a quero assim. Se você não conseguir, pode estar certo que eu vou cumprir até a última letra as minhas ameaças!

Jeanne respirou fundo.

Depois de refletir um pouco, ela perguntou:

— Por que não a pega, simplesmente? Você é o Príncipe do Mal! Sempre disse que tem poderes ilimitados... Por que precisa de mim para ficar com Simone?

\*\*\*\*\*

Pareceu a Jeanne ter percebido um ar de frustração em Satã.

Depois de olhar intensamente para a francesa, ele respondeu:

— Há forças defendendo Simone contra as quais eu não posso agir. Forças do Bem...

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, o Demônio acrescentou:

— Foi por isso que eu lhe pedi para trazer Simone para perto de sua aura, para fazer com que ela se deixasse influenciar por você e, conseqüentemente, se deixasse impregnar um pouco por minha força maléfica. Está me acompanhando?

Jeanne balançou afirmativamente a cabeça e Satã prosseguiu:

— Eu poderia me transformar num rapaz que fosse exatamente aquele que Simone imagina para ser o seu grande amor. Não seria difícil. Mas, no momento em que eu tentasse me aproximar dela, as Forças do Bem a defenderiam e eu não teria a menor possibilidade de realizar o meu intento.

— Isso significa que o seu poder não é assim ilimitado como sempre disse... — ponderou Jeanne com um tom de vitória em sua voz. Satã rosou:

— Se você tivesse um pouco mais de cultura, se tivesse perdido um pouco de tempo lendo, por exemplo, Goethe, com certeza não falaria uma asneira dessas. Mas não... Achou que o melhor era se dedicar às futilidades!

Deu uma risada.

— Às vezes — falou Satã como se estivesse monologando — chego a pensar que estou errado. Incentivo as pessoas a relegarem a parte espiritual e entre as muitas coisas do

espírito, a parte intelectual, em detrimento das chamadas boas coisas da vida... Depois, eu mesmo me arrependo quando tenho de ouvir bobagens como essa...

Com despeito, disse:

— Dizer que meu poder é limitado... Isso é mentira! No que diz respeito ao mal, eu posso qualquer coisa!

Baixando um pouco a voz, soprou, com seu hálito fétido:

— É contra determinadas forças do bem que eu tenho dificuldades...

Como se estivesse tentando se justificar, Satã explicou:

— Veja bem que posso dobrar, posso vencer muitas coisas que são decorrentes do Bem. Desde o Gênesis tem sido assim. Pude fazer Eva comer a maçã, tentei Caim e fiz com que matasse Abel... Fiz Noé se embriagar... E muitas outras coisas... Mas, quando tenho de enfrentar determinadas coortes ou falanges, há um bloqueio. Não consigo...

Com desânimo, ele completou:

— O pior é que isso acontece muitas vezes em casos que parecem ser os mais simples... Como o de Simone, por exemplo. O que há de novidade no Demônio possuir uma mocinha?

Quantas vezes isso já não aconteceu? Milhões... Bilhões de vezes... Mas... Com Simone, a história está sendo outra...

Olhou para Jeanne de uma maneira ameaçadora e falou:

Por isso vou precisar de sua ajuda. As falanges que estão defendendo e protegendo Simone, estão de sobreaviso contra mim. Não contra você. E menos ainda se você se aproximar dela por meios meramente humanos e não tentar usar nada de sobrenatural. Essas tais falanges não perceberão nada e você poderá atrair Simone para perto de si.

Abriu um sorriso e arrematou:

— Pode ser que demore. Aliás, é natural que demore pois Simone não vai querer contato com você uma vez que está sabendo das dificuldades a que você obrigou Tomás. Mas, se insistir, se usar de diplomacia e, principalmente se souber conquistar Simone pelos sentimentos, conseguirá atraí-la. E, então...

Jeanne assentiu com a cabeça e, para se assegurar, indagou:

— Você vai me possibilitar destruí-la, não é isso? E vai deixar que eu fique com tudo?

— Sim — respondeu Satã — E vou lhe dar um outro presente... Você vai rejuvenescer... Está bem assim?

Jeanne sorriu.

— Claro que está bem — respondeu ela — Pode estar certo que dentro de muito pouco tempo você terá Simone para o seu prazer...

Satã riu.

A fumaça que havia ao seu redor se tornou mais densa e mais fétida e sua figura começou a se desmanchar.

Quando já estava quase desaparecendo, ele disse:

— Há uma outra coisa, Jeanne... A cada ano que passar sem que você me dê Simone, você envelhecerá cinco... Por isso, trate de se apressar!

Jeanne quis protestar.

Final de contas, aquilo não era justo. Satã não poderia penalizá-la daquela maneira por algo que ele mesmo sabia ser incapaz de realizar.

Porém, o Príncipe das Trevas já tinha ido embora.

Jeanne ficou ali, olhando para o espelho, vendo que, de fato, estava ficando velha muito depressa...

— Ele tem razão — murmurou — Preciso ser rápida... Não quero ficar uma velha antes do tempo, mesmo que ele tenha dito que vai me fazer rejuvenescer...!

## **CAPÍTULO 27**

Simone demorou, como seria natural, algumas semanas para se compenetrar de que estava órfã e de que tinha se transformado, de repente, na herdeira de uma grande fortuna.

Figueira e Bueno, os dois advogados de Tomás encarregados do problema com Jeanne, viram-se na obrigação de praticamente tutelar a moça no que dizia respeito a toda a imensa quantidade de dinheiro que, de um momento para o outro passara para suas mãos.

Como havia apenas uma herdeira e como havia muito dinheiro, muitos empregos e muitas influências no espólio Tomás Camargo, não houve qualquer complicação e, em pouquíssimo tempo, Simone estava à testa dos negócios do pai, sempre escorada pelos dois advogados e pela equipe de funcionários mais antigos, pessoas capazes de tocar a empresa sozinhas e de levá-la a bom porto.

Porém, havia o caso de Jeanne.

Como Tomás falecera antes que qualquer acordo fosse assinado, a ação judicial se impusera e com isso, Jeanne se tornara um espinho enorme na vida de Simone e na carreira de

Figueira e Bueno.

Ela estava irredutível.

Queria as quotas de Tomás de qualquer maneira e, apesar de seu próprio advogado ter dito que era uma causa perdida, e que no fim ela acabaria saindo prejudicada, Jeanne insistia.

Recusou qualquer contato com os advogados de Simone, disse que não haveria acordo e que levaria a ação até o final, mesmo que isso fosse a última coisa que faria em sua vida.

— Vou ganhar — dizia ela — Depois, poderei morrer.

Essa atitude deixava abismados Figueira e Bueno.

Três meses depois da morte de Tomás e de Sylvia, quando então Simone já estava mais acostumada com os negócios da empresa e estava começando a poder tomar decisões sozinha, os dois advogados foram conversar com ela.

— Não estamos entendendo — disse Figueira — Jeanne está recusando até mesmo o acordo que Tomás tinha proposto antes de morrer. Ela sabe que vai perder tudo e, no entanto, insiste em não aceitar qualquer contato conosco.

Simone sugeriu:

— Melhorem o acordo. Talvez ela esteja achando insuficiente.

Sorriu, embora ainda houvesse muita tristeza nesse sorriso e completou:

— Para mim, não fará qualquer diferença...

Os dois advogados, apesar de não estarem completamente de acordo com a opinião de Simone, assentiram e, no dia seguinte, fizeram chegar a Jeanne uma nova minuta para ela examinar.

Jeanne nem mesmo a leu.

— Leve isso de volta — falou ao mensageiro — Não vou assinar nada. E não vou conversar com esses dois rábulas. Se tiver de tratar de alguma coisa, será diretamente com Simone e aqui, em minha casa!

O mensageiro levou de volta a minuta e deu o recado:

— Ela disse que quer tratar com Simone. E na casa dela.

Figueira e Bueno nem sequer transmitiram essa notícia para Simone. Era algo tão absurdo que não valia a pena nem mesmo perder tempo falando sobre isso.

— O que ela está pensando? — perguntou Figueira para Bueno.

E, antes que o outro pudesse responder, acrescentou:

— Será possível que ela ache que pode nos passar para trás dessa maneira? Os advogados somos nós! Recebemos de Simone para cuidar de casos como esse e uma de nossas obrigações é justamente poupá-la de aborrecimentos!

Bueno ergueu os ombros com indiferença.

— Deixe que ela queira à vontade. Quanto mais ela demorar, mais perto fica a sentença que, nós sabemos, será favorável à Simone — replicou — Daqui a muito pouco tempo, não haverá mais interesse nenhum e nem mesmo necessidade de acordo. Aliás, já há dois meses eu acho que não se deveria mais falar em acordo com essa mulher!

Figueira suspirou.

— Também acho... Mas infelizmente, não é essa a opinião de Simone. Você sabe como ela é. Boa demais...

Acendendo um cigarro, completou:

— Não vou ficar admirado se ela aceitar um encontro com essa megera. E ainda sair de lá concordando com os termos que ela impuser...

Figueira estava com a razão.

— Na semana seguinte, Simone mandou chamá-los para saber do resultado de sua sugestão quanto a melhorar o acordo com Jeanne.

— Ela não quis assinar — respondeu Figueira — Nem sequer leu a minuta nova.

Simone ficou em silêncio por alguns instantes e, pondo para trás da orelha uma mecha de seus longos cabelos cor de ébano, falou:

— Acho que vou tentar conversar com ela. Pode ser que...

— Nada disso! — exclamou Figueira — É exatamente isso que ela quer pois sabe que poderá dobrá-la, Simone! Você não vai conversar com Jeanne e, se por acaso resolver fazê-lo, fique sabendo que nós dois pediremos demissão!

Bueno olhou intrigado para o companheiro. Ele também não concordava nem um pouco com a idéia de Simone ir conversar com Jeanne mas, daí a pôr as coisas nesses termos, o passo era muito longo.

Mais tarde, depois que já tinham deixado o escritório de Simone, Bueno perguntou para Figueira por que dissera aquilo.

— Não sei — respondeu ele com sinceridade — Alguma coisa me disse, naquele momento, que não poderia permitir que Simone fosse ao encontro de Jeanne. Não sei por que eu cheguei a ameaçá-la com a nossa demissão...

Sorriu, meio sem graça e arrematou:

— Mesmo porque eu jamais deixaria Simone... E você?

Bueno assentiu com um aceno de cabeça.

— Você está certo... Nós fomos os únicos a saber de toda a sua história. Nós a vimos crescer. Não teria o menor cabimento deixá-la, não é mesmo? Seria algo assim como estarmos abandonando uma filha...!

\*\*\*\*\*

Enquanto o processo caminhava na Justiça com a lentidão que caracteriza todos os procedimentos legais, Jeanne não deixara um só momento de pensar, tramar e arquitetar um plano para cumprir a sua parte no pacto com Satã.

Ela perdera, em primeira instância, a tutela das quotas da empresa e, com isso, não conseguira mais ter nenhuma voz ativa quer na Diretoria, quer no Conselho Executivo. Com isso, ela se vira alijada de uma importante fatia de sua projeção social e isso a mortificava imensamente.

— A culpa é de Simone — dizia ela para si mesma, cheia de ódio — A culpa é dela e de mais ninguém!

É mais do que sabido que não há melhor fermento para o ódio do que a inveja e não há nada que a faça aumentar mais do que ver o alvo dessa inveja progredir, crescer e florescer.

Era exatamente isso que estava acontecendo.

Jeanne via Simone subir vertiginosamente, via seu nome aparecer com extraordinária frequência não apenas nas colunas sociais mas, principalmente, nas notícias sobre grandes negócios. Via quase todos os dias comentaristas econômicos se referirem a ela com respeito e admiração e não foram poucas as vezes em que Simone fora citada como um exemplo vivo da nova geração que começava a tomar em mãos as rédeas da economia e do

desenvolvimento do país.

E isso a punha furiosa.

Simone representava tudo quanto ela gostaria de ser e que jamais o conseguiria.

Era jovem, bela, desejada por todos, amada, requisitada em todas as festas e reuniões... Simone tinha o futuro pela frente, um futuro brilhante e feliz.

Já, para ela...

Jeanne olhava com desespero para o espelho e via que a cada semana, mais e mais rugas apareciam em seu rosto, mais cabelos brancos despontavam e, o que era ainda pior, ela notava que suas curvas, seu corpo, começava a se transformar. Já não tinha mais a mesma cintura, uma barriga proeminente deformava-lhe o perfil e os seios...

Ah, os seios!

Aqueles seios grandes e firmes de que Jeanne tanto se orgulhara, estavam ficando flácidos, pendentes...

Seios de uma velha...

tentara todos os recursos para evitar o envelhecimento. Passara cremes, fizera massagens, ginástica, utilizara processos modernos e lançara mão de fórmulas estranhas e exóticas que se lembrara de ver Gabrielle receitar para suas clientes.

Nada dera certo.

O envelhecimento continuava, parecendo até mais intenso depois de cada uma das tentativas que ela fazia para impedi-lo.

Enquanto isso, ela podia ver a fotografia de Simone nas capas e páginas internas de revistas femininas, de revistas de negócios e, ainda, muitas e muitas vezes, na televisão. Ela parecia cada vez mais linda, mais cheia de vida e de realização.

— Isso vai acabar! — dizia Jeanne, com raiva — Vai acabar e, então...

Olhando para o vazio à sua frente, apertando os olhos já bem enrugados e com grandes bolsas nas pálpebras inferiores, ela murmurava:

— ...então, Simone... Você há de rastejar aos meus pés!

Porém, para desespero de Jeanne, ela não via esse dia chegar.

Sabia que, para poder fazer alguma coisa contra Simone, precisaria se aproximar dela, precisaria atraí-la de uma tal maneira que sua aura tivesse condições de influir na da jovem e isso, justamente isso, parecia ser impossível.

Simone estava permanentemente em companhia de outras pessoas e, isso atrapalhava os planos da francesa.

— Preciso apanhá-la sozinha, em algum lugar onde ninguém possa me impedir de tocá-la, de abraçá-la... — dizia.

Começou a seguir os passos de Simone de modo a poder estar a par de toda a sua rotina, exatamente como faria um bandido que estivesse interessado em seqüestrar a moça. Mas, depois de um mês, Jeanne chegou à conclusão que Simone jamais estaria sozinha.

— A não ser à noite, em seu quarto e ali, eu não posso entrar...

Parecia ser impossível. Simone era absolutamente inacessível e seus advogados repeliram energicamente todas as tentativas de Jeanne de uma entrevista a sós com a jovem.

Já desesperada, vendo que não conseguiria coisa nenhuma por meios normais, Jeanne decidiu pedir ajuda a Satã e, numa sexta-feira à noite, invocou-o.

\*\*\*\*\*

Satã atendeu ao seu chamado com visível mau humor.

— Não sei por que me chamou — disse ele.

Como da última vez em que aparecera, Satã se mostrava ao natural, naquele seu horripilante aspecto de monstro semi-humano, com chifres. Desta vez, Jeanne notou que ele tinha os membros inferiores como as patas traseiras de um bode e isso lhe causou uma impressão desagradável pois em seu pensamento, lembrou-se das vezes em que se sentira tão arrebatada por aquele ser... Seria possível que tivesse mantido relações com um monstro daqueles?!

Tomou muito cuidado para que esse pensamento não transparecesse em sua fisionomia e, respirando fundo, disse:

— Preciso de ajuda, Príncipe das Trevas. Não consigo me aproximar de Simone.

Satã balançou a cabeça negativamente e falou:

— Eu a avisei de que de nada adiantaria usar meios sobrenaturais para tentar essa aproximação. Não posso ajudá-la.

— Mas isso não é possível! — exclamou Jeanne — Você tem poderes que eu não tenho! Não é possível que não consiga arrumar uma maneira de Simone ficar perto de mim!

O Príncipe das Trevas ficou calado e Jeanne percebeu que, pela primeira vez, ele não estava rindo, não estava soltando aquelas gargalhadas de sempre.

— Não posso fazer nada — repetiu Satã.

E, ríspido, acrescentou:

— Se pudesse, pode ter certeza que não faria pacto nenhum com você.

Jeanne se ajoelhou e quase chorando, disse:

— Mas não pode ser... Não quero envelhecer e morrer assim! Não quero! Você precisa me ajudar!

Erguendo os olhos e fixando as feições de Satã, insistiu:

— Deve haver uma maneira... Faça alguma coisa!

E, numa tentativa de sensibilizar o Demônio, ajuntou:

— Lembre-se que eu sempre fui uma boa discípula... Está certo que tivemos algumas rugas mas... Isso acontece com qualquer um, não é mesmo?

Satã voltou a balançar negativamente a cabeça e murmurou:

— Não há o que eu possa fazer, Jeanne. Esse problema você deverá resolver sozinha.

Abriu os braços muito peludos para começar o movimento que fazia todas as vezes em que ia embora mas Jeanne gritou:

— Não se vá ainda! Ajude-me, Príncipe das Trevas!

Satã interrompeu o movimento e falou:

— Está bem... Vou tentar fazer alguma coisa.

Olhou intensamente para Jeanne e acrescentou:

— Mas é claro que isso vai lhe custar um pouco mais.

— Não tem importância! — exclamou ela — Qualquer coisa que me custe será pouco!

Satã meneou a cabeça afirmativamente e disse:

— Como já lhe expliquei, há forças e falanges que eu não posso vencer. Porém, essas mesmas forças podem ser fragilizadas por outros elementos do mal...

Havia uma certa raiva em sua voz quando ele completou:

— Elementos que eu mesmo criei. Você, por exemplo....

Ficou em silêncio por quase um minuto, com os olhos fechados, como se estivesse se concentrando e, então, arrematou:

— Você vai receber uma mensagem. Vai segui-la ao pé da letra e, então, talvez as coisas comecem a melhorar.

Satã começou a desaparecer e, já diluído entre a fumaça que desprendia, acrescentou:

— Quanto ao preço que terá de pagar por essa ajuda, olhe-se no espelho...

Jeanne ouviu a sua gargalhada tétrica e pensou que, sinceramente, teria sido melhor nem ouvi-la...

Quando a fumaça de enxofre sumiu, Jeanne correu para a frente do espelho.

Já nesse movimento, notou a diferença.

Ela estava mais lenta, sentia dores pelo corpo e sua respiração estava mais difícil.

Com medo, olhou a imagem que o cristal lhe devolvia.

Estava horrível.

Envelhecera cinco anos em apenas dez minutos.

Seu rosto estava cheio de rugas e o cabelo, inteiramente branco.

Furiosa, ela apanhou um cinzeiro de bronze e arremessou-o contra a própria imagem.

Porém, o cinzeiro era pesado demais e caiu no chão antes de atingir o cristal...

Jeanne compreendeu.

Ela teria de conviver com aquilo... Teria de se ver diariamente, envelhecendo e fenecendo a cada momento.

Fazia parte do preço.

Fazia parte do pacto...



## CAPÍTULO 28

Três meses já tinham passado desde que Jeanne invocara Satã pela última vez e nada acontecera que pudesse dar a ela a idéia de uma modificação naquele desesperador estado de coisas.

Simone continuava a progredir, sua fortuna aumentava dia após dia e Jeanne, ao contrário, desmoronava. Já era voz corrente que ela estava sofrendo de uma grave doença e que a transformara numa velha muito antes do tempo.

Havia aqueles, cujo coração era menos empedernido, que tinham pena da pobre mulher mas, a maioria, não pensava assim. Durante todos aqueles anos, Jeanne pisara sobre muitas

peçoas, causara muitos sofrimentos e humilhara demais aqueles que tiveram o azar de se atravessar em seu caminho. Por isso, era mais do que natural que não se apiedassem dela e, muito pelo contrário, chegassem a achar que nada poderia ser mais justo do que ela sofrer alguma coisa.

— É castigo de Deus — comentavam — E Jeanne fez por merecê-lo.

Na Justiça, as coisas também começavam a se precipitar e o advogado de Jeanne apareceu para dizer que dentro de poucos dias, o Juiz deveria dar a sentença final e ela, Jeanne, seria

prejudicada pois, na certa, perderia a questão.

— Você ainda tem uma chance — falou ele — Pode tentar o acordo com Simone e, apesar de ser prejudicial para ela, tenho certeza que aceitará. Simone não precisa de dinheiro e tem um coração bom demais para querer vingança nessa altura dos acontecimentos.

Jeanne compreendeu muito bem o segundo sentido das palavras do advogado. Simone não teria interesse nenhum em ver uma pobre velha, doente e prematuramente decrépita, passar dificuldades. Mesmo que essa velha fosse ela, Jeanne, a pessoa que lutara durante tanto tempo para lhe tomar as quotas da empresa.

Por um momento, Jeanne ficou irritada.

Pensou em correr dali o advogado chamando-o de incompetente ou de qualquer outra coisa que o pudesse ofender, mas...

Lembrou-se das palavras de Satã.

Ela receberia uma mensagem que lhe possibilitaria um encontro com Simone...

Talvez fosse aquela a oportunidade e, segundo o Príncipe das Trevas, ela deveria seguir à risca as instruções que lhe seriam transmitidas.

Respirou fundo, refletiu por alguns momentos e, finalmente, disse, tentando esboçar um sorriso:

— Está bem... Assinarei o acordo. Mas...

O advogado arregalou os olhos. Parecia-lhe impossível que Jeanne ainda tivesse coragem de impor condições para a assinatura de um acordo que, na realidade, não seria mais necessário para Simone e que esta mantinha por mera piedade para com a francesa.

— Não creio que você esteja em posição de exigir coisa nenhuma — ponderou ele.

Jeanne balançou a cabeça negativamente e disse:

— Não quero impor nada. Quero apenas pedir um favor para Simone.

Fingida, boa atriz que sempre fora, enxugou uma lágrima no canto do olho esquerdo e murmurou:

— Quero que ela me receba... Que me perdoe...

Ergueu o rosto encarquilhado para o advogado e explicou:

— Veja o meu estado... Estou doente, envelheci muito... Sei que não terei muito tempo mais. E não quero partir para o outro mundo levando o ódio de Simone.

O advogado sorriu e com benevolência, disse:

— Pode estar tranquila quanto a isso, Jeanne... Simone é uma boa alma. Tenho certeza que não guardará qualquer rancor de você.

— Pode ser... — replicou a velha — Mas eu faço questão de ouvir essas palavras da boca de Simone. Pode marcar o encontro para a assinatura do acordo mas... Que seja na presença de Simone.

O advogado refletiu por alguns instantes e disse, por fim:

— Está certo... Verei o que é possível. Vou falar com o Figueira ainda hoje e, quem sabe, marcamos para segunda-feira esse encontro...

Jeanne se despediu do advogado, radiante. Talvez, finalmente, estivesse trilhando o caminho certo. Tinha certeza de ser recebida por Simone e, a partir daí, não lhe seria muito difícil fazê-la acreditar em seu arrependimento. Daí a convencê-la a um convívio mais estreito, o passo não seria muito longo.

— Você a terá, Príncipe das Trevas! E eu terei a minha juventude de volta! — disse ela para o espelho.

\*\*\*\*\*

Às nove horas da manhã de segunda-feira, o advogado de Jeanne telefonou.

— Será impossível encontrar Simone hoje — disse ele com preocupação em sua voz, temendo que Jeanne resolvesse voltar atrás e não mais assinar o acordo — Ela foi para o Rio de Janeiro e não deverá voltar antes de uma semana ou dez dias. Pelo que Figueira me falou, ela tem muitos negócios a resolver por lá.

Apressado, antes que Jeanne pudesse reclamar, acrescentou:

— Mas você pode assinar o acordo aqui. Até mesmo aí em seu apartamento. A presença de Simone é totalmente desnecessária...

— Mas eu queria... — começou Jeanne.

— Sei que você queria se entender com ela — interrompeu o advogado — Mas isso pode ser feito depois. Assine esse acordo, Jeanne... Tenho certeza que as coisas ficarão mais fáceis entre vocês duas depois que, juridicamente, não houver mais nenhum espinho.

Jeanne refletiu por alguns instantes.

Se ela deveria seguir as instruções da mensagem e se aquilo tudo era a mensagem propriamente dita, o melhor a fazer seria assinar. Além disso, se Simone estava no Rio de Janeiro, ou seja, numa cidade que não era o seu domicílio, talvez estivesse mais vulnerável lá, do que em São Paulo...

E não seria totalmente impossível localizá-la... Com alguns telefonemas...

— Está certo — disse a francesa — Pode mandar vir o acordo que eu vou assiná-lo. E, assim que Simone chegar, eu irei procurá-la para uma conversa adulta e madura.

Deu uma risada e arrematou:

— Afinal, eu vivi tanto tempo com o seu pai... Não tem o menor cabimento, depois de tudo acertado, que nós duas continuemos separadas. De uma forma ou de outra, eu sou a madrastra de Simone...

O advogado quase nem podia acreditar no que estava ouvindo.

Jeanne, finalmente, cedera... O acordo seria assinado, aquela tortura chegaria ao fim e, o que era melhor do que qualquer outra coisa, ele nunca mais precisaria chegar perto

daquela mulher, nunca mais precisaria ouvir sua voz e muito menos ver aqueles olhos frios e maldosos que pareciam perfurar-lhe a alma.

Por sua vez, Jeanne também estava excitada. Tão excitada que nem mesmo se lembrou das dores reumáticas que nos últimos dias estavam incomodando tanto, chegando mesmo a impedi-la de dormir.

Imediatamente após desligar o telefone, começou a agir.

Em seguida, também através do telefone, achou o hotel em que Simone se hospedaria, em Copacabana...

— Irei para lá — disse — Assim que assinar esse maldito contrato, eu irei para lá! Aposto como Simone, ao ver que eu me desloquei, doente e tudo, para o Rio de Janeiro, só para vê-la, não se recusará a me receber!

\*\*\*\*\*

— Não estou gostando nada disso — falou Figueira — Uma pessoa que chega a esse ponto, jamais volta atrás em sua opinião.

— Você está falando de uma pessoa normal — ponderou Bueno — E Jeanne não é normal.

Franzindo as sobrancelhas, indagou:

— Mas o que o incomoda? Se ela se decidiu a assinar... Não é bom para todos nós?

— Não — respondeu Figueira — Para nós não é muito bom. Estamos cedendo quando não tínhamos a menor necessidade de ceder. Isso pode ser bom apenas para Jeanne.

— E para Simone — completou Bueno — Ela sempre quis que esse acordo saísse, mesmo sabendo que financeiramente não é a melhor solução.

Ergueu os ombros, conformado e disse:

— Mas Simone é assim mesmo. Boa demais. Não é capaz de ver uma pessoa em dificuldades sem querer arrumar uma maneira de ajudá-la.

— Talvez seja por isso mesmo que ela tenha tanta sorte na vida... As pessoas de bom coração são abençoadas, Figueira... Deus ajuda e elas acabam alcançando tudo o que desejam...

Malicioso, Figueira murmurou:

— Então é por isso que você tem sido tão exemplar ultimamente... Pensei que fosse apenas influência de Simone mas vejo que não. Há alguma outra coisa por trás. Você está bajulando os santos para conseguir...

Abriu um sorriso e exclamou:

— Mas eu já sei! Agora estou percebendo tudo...

Bueno olhou para o colega com raiva e perguntou:

— Está percebendo o quê, meu velho?

— Você quer é ficar rico como Simone... Por isso tem ido à Missa, tem feito caridades... Está é pedindo a Deus um lugar ao sol!

Bueno riu.

— Pode ser que esteja certo — disse ele — Mas não estou pedindo um lugar ao sol para mim, pois já estou velho, já realizei tudo quanto tinha de realizar e posso me considerar um

homem feliz...

Com um olhar sonhador, ele concluiu:

— Mas eu tenho um filho... Quero o melhor para ele...

Figueira franziu a testa, intrigado e indagou:

— Mas já não conseguiu? Jorge não está bem empregado aqui com Simone?

Com um sorriso, completou:

— Ele conseguiu, em poucos meses, o lugar de assessor financeiro da dona da empresa. O que mais pode desejar?

Bueno olhou para o companheiro e riu.

— Acho que há muito mais para ele desejar. E, aliás, ele o deseja. Só que...

Figueira estourou numa gargalhada.

— Compreendi! — exclamou — Mas é claro que compreendi!

Bateu nas costas de Bueno e disse:

— Ele não poderia visar mais alto, não é mesmo? Bem ambicioso, o seu menino...

Ficando subitamente sério, Figueira murmurou:

— Mas... Espere aí... As coisas estão começando a aparecer... Jorge foi para o Rio de Janeiro na sexta-feira, não é isso?

Bueno fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— E Simone decidiu viajar para o Rio hoje de manhã... Depois que recebeu um telefonema de Jorge...

Um sorriso de felicidade iluminou o rosto redondo e vermelho de Bueno.

— Então é isso! — exclamou Figueira — \_É isso! Esses dois estão de amores! E nós nem sequer desconfiamos!

— Vocês não desconfiaram — contestou Bueno — Mas eu estou sabendo de tudo desde o início... Desde quase cinco anos atrás, quando começaram a namorar escondido de Tomás e de Sylvia.

— Mas porque mantiveram tudo em segredo? — perguntou Figueira — Não havia necessidade nenhuma! Não há nada mais natural do que dois jovens se amarem, não acha? É assim que a espécie se perpetua...

Bueno ergueu os ombros, indiferente.

— Vai ver, eles criaram o hábito de fazer tudo em segredo — murmurou — E, no fundo, deve ser mais gostoso.

## CAPÍTULO 29

Jorge avistou Simone caminhando pelo saguão do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro e, com um sorriso, correu para ela. Abraçaram-se, beijaram-se apaixonadamente e ele disse:

— Desculpe-me fazê-la esperar, Simone... Mas o trânsito... O Rio de Janeiro está cada vez pior...

— Faz tempo que eu não venho ao Rio — comentou Simone — Desde a morte de meus pais...

E, com um trejeito que tentava justificar suas palavras, completou:

— Não tenho boas recordações daqui, Jorge. Acho que é fácil de entender...

— Claro — fez o rapaz — É claro que eu entendo.

Ajudando-a com a mala, acrescentou:

— Mas vamos deixar de lado os pensamentos negativos e as recordações tristes, Simone. Temos um bocado de trabalho pela frente e, quando tivermos terminado tudo, quero mostrar para você um Rio de Janeiro de que há de se lembrar com prazer.

Aproximando-se do automóvel que Jorge alugara, Simone indagou:

— E o nosso plano? Ainda está de pé?

Jorge riu.

Pondo a bagagem no porta-malas do carro, ele abraçou Simone mais uma vez e disse:

— Mas é claro que está de pé, minha querida... Já providenciei tudo. Pode ficar descansada que há de dar certo.

Dirigindo depressa, procurando acompanhar o tráfego enlouquecido da cidade, Jorge comentou:

— Só não consigo compreender a razão de todo esse segredo, Simone. Você tem o direito de fazer o que quiser. E eu também! Não temos necessidade de nos escondermos!

Simone ficou em silêncio por alguns instantes e, acendendo um cigarro para si e outro para Jorge, falou:

— Eu sei como são essas coisas. Conheço muito bem a sociedade de São Paulo. Jamais admitiriam que eu me casasse sem fazer uma festa do tamanho de um edifício de vinte andares. Por outro lado, sei o que vão comentar. Vão dizer que você se casou comigo por causa do meu dinheiro e mais uma porção de outras coisas que nós dois não gostaríamos de ouvir.

Inclinando-se para o lado, disse:

— Prefiro assim. Nosso casamento tem de ser só nosso, Jorge. Ninguém mais tem de participar. Depois, quando voltarmos para o trabalho, aí sim, poderemos dizer a todos o que aconteceu. E poderemos rir à vontade da cara que certas pessoas vão fazer.

Jorge suspirou.

Por ele, anunciaria aos quatro cantos do mundo que estava se casando com Simone Camargo, faria uma festa monstruosa, faria qualquer coisa para mostrar a felicidade que estava sentindo. Mas, por outro lado, dava razão a ela. Seria impossível uma cerimônia discreta e seria impossível evitar os comentários dos invejosos, daqueles que, incompetentes para alcançar a própria felicidade, passam o tempo tentando minar a felicidade dos que a atingem.

E Jorge detestava estar envolvido por uma aura de inveja...

— Você está certa — murmurou — O que interessa é que nós dois estejamos felizes e realizados. O resto é apenas o resto. Não nos importa. E não poderá influir em nossa vida.

Sorriu, beijou os lábios de Simone aproveitando um sinal fechado e falou:

— Reservei quartos para nós dois no Copacabana Palace. Fiz isso lá de São Paulo, era mais fácil e podia dispor da infra-estrutura da empresa. Mas fique sossegada que ninguém desconfiou pois a minha reserva foi feita separadamente.

Fez uma pequena pausa e prosseguiu:

— Poderia ter sido em outro hotel mas, já que é para viver um sonho, achei que você gostaria de ficar lá. Justamente nesta semana chegarão alguns artistas de Hollywood e no mínimo poderemos jantar na mesma sala que eles...

Deu uma risada divertida e perguntou:

— Bem provinciano, não acha?

Simone também riu e, acariciando com a mão esquerda a nuca de Jorge, indagou:

— Você disse que reservou quartos? Foi isso o que eu entendi?

Jorge olhou surpreso para ela e respondeu:

— Sim... Um quarto para mim e outro para você... No mesmo andar, é claro... Quartos contíguos mas... Separados.

— Não acha que é bobagem? — quis saber Simone, com um sorriso malicioso — Afinal, nós vamos casar depois de amanhã...

— Você me disse que queria casar virgem — respondeu Jorge, muito sério — Por isso pedi quartos separados.

Olhando intensamente para ela, acrescentou:

— Acho que esse seu sonho, essa sua fantasia que sempre achei tola, não vai se realizar se nós estivermos no mesmo quarto... Seria pedir demais para qualquer um de nós!

Simone riu.

Beijou o rosto de Jorge e murmurou:

— Aposto que você não vai se arrepender por ter esperado tanto... E pode estar certo de que eu lhe sou muito grata por ter tido essa paciência e por ter sido tão cavalheiro durante todos estes anos.

— Não se trata de uma questão só de cavalheirismo, menina... — falou Jorge com um fingido rancor — Eu sempre tive medo... Já imaginou o que seria de mim se por acaso você engravidasse? Aqueles dois abutres que são seus advogados e que por um acaso o abutre maior é justamente meu pai, simplesmente haveriam de querer ver o meu couro virado pelo avesso!

\*\*\*\*\*

Enquanto Simone e Jorge desarrumavam as malas e guardavam as coisas da moça no armário, Jeanne estava num táxi a caminho do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

Tinha assinado os documentos que lhe haviam enviado, estava completamente liberada da ação na Justiça e, assim, poderia dar seqüência ao seu plano.

Adquiriu uma passagem para o Rio de Janeiro e, já sabendo que Simone estaria no Copacabana Palace, tratou de iniciar o seu ataque. Ela haveria de conseguir falar com ela em particular e haveria de fazê-la sua amiga... Era isso que precisava. Que Simone se tornasse sua amiga para poder estar bem próxima à sua aura.

Havia apenas um detalhe que a deixara intrigada e, ao mesmo tempo, preocupada.

Aquele tal de Jorge, o economista e assessor direto de Simone também estaria no Rio de Janeiro. Isso significava que a moça não estaria sozinha e, o que era mais aterrador, talvez ele estivesse lá com a intenção de lhe servir de proteção, uma espécie de guarda-costas com nível universitário.

O tipo da coisa que poderia atrapalhar Jeanne e muito...

Respirou fundo, o táxi estava chegando ao aeroporto e Jeanne disse para si mesma:

— Ora... Acho que estou me preocupando à toa. Ele não estará dormindo com ela. Terei a noite para lhe fazer uma visita...

De repente, por sua mente maligna passou a idéia de que poderia estar redondamente enganada... Jorge poderia muito bem estar dormindo com Simone! Stephanie não dormira com o guarda-costas? E o Principado de Mônaco não caiu por causa disso.

Mas no caso de Simone, as coisas seriam diferentes.

Se isso fosse verdade, ela não seria mais virgem...

Satã seria frustrado e ela...

Bem...

Nem era bom pensar no que iria acontecer.

Procurando afastar de sua cabeça essas idéias, Jeanne avançou pelo saguão do aeroporto, em direção ao balcão da Ponte Aérea.

\*\*\*\*\*

Desde que o avião pousara no Rio de Janeiro, Simone estava com uma estranha sensação de ansiedade.

Ainda no saguão do aeroporto, ela achara que isso se devia ao fato de não estar com Jorge, de ele ainda não ter chegado para apanhá-la... Chegou a pensar até que o rapaz desistira e fora embora para o outro lado do mundo de onde, em segurança, enviaria uma carta explicando que não queria mais se casar.

Simone riu consigo mesma dessa sua idéia quando o viu correr em sua direção, os braços abertos, o rosto feliz por causa do reencontro. Depois, como a ansiedade persistisse, ela pensou que fosse devida ao nervosismo natural das noivas nas vésperas do casamento.

Mas, a calma e a segurança que a presença de Jorge lhe dava, mostravam claramente que isso não era verdade.

Devia haver alguma outra coisa...

E ela tinha a obrigação de descobrir o que a estava angustiando.

— Não posso me casar sentindo isso! — pensou — É capaz de me atrapalhar tanto que eu não consiga fazer nada com Jorge e isso sim, depois de tantos anos, seria uma autêntica tragédia!

Depois que suas roupas estavam arrumadas, enquanto Jorge, de seu quarto, fazia algumas ligações telefônicas marcando os compromissos de Simone para aquele dia, ela se espichou sobre a cama, deixando a porta de comunicação entre os dois quartos aberta de maneira a ouvir o que seu assessor e futuro marido dizia em seus telefonemas.

Sorriu consigo mesma pensando que dentro de pouco tempo a situação estaria invertida. Seria Jorge a ter os compromissos e ela, no máximo, serviria de sua assessora.

— Mas em casa — pensou — Não quero ficar na empresa, isso não é exatamente o que eu gosto de fazer.

Fechou os olhos, sentiu de repente um grande relaxamento e, com delícia, percebeu que iria cochilar.

Estava naquele instante de torpor modorrento que precede o sono quando, nítida e claramente, escutou uma voz que lhe dizia:

— Mãe Antônia... Você precisa encontrar Mãe Antônia!

\*\*\*\*\*

Simone deu um salto na cama, o coração em disparada, a respiração acelerada...

— Jorge! — chamou — Jorge! Venha cá!

O rapaz largou o telefone, assustado.

A voz de Simone era de medo, de angústia, de alguém que estivesse precisando de socorro.

— O que foi? — perguntou ele aflito, debruçando-se sobre ela — O que aconteceu? Por que está assustada assim?

Simone respirou fundo.

Jorge lhe deu um copo de água e ela, depois de um grande esforço, conseguiu dizer:

— Ouvi uma voz, Jorge...

Ele procurou sorrir.

— Claro... Era a minha voz, falando ao telefone...

Simone balançou a cabeça negativamente, tomou outro gole de água e disse, já um pouco mais refeita:

— Não. Não era a sua voz. Era uma voz de mulher...

E, ainda trêmula, completou:

— Era minha mãe... E repetiu uma frase que me disse no instante em que morreu.

Fechou os olhos, apertou muito as pálpebras para se controlar e não deixar que as lágrimas escorressem, enquanto dizia:

— Lembrei-me agora, Jorge... Durante todo esse tempo, esse fato, essa frase, estiveram escondidos em minha memória, presos em meu subconsciente. Creio que no momento, o choque de ver meus pais daquele jeito... Isso deve ter feito com que eu me esquecesse.

Respirou fundo e prosseguiu:

— Mas agora... Ela repetiu... E acho que eu devo fazer o que está me pedindo.

Jorge refletiu.

Havia muito tempo que ele tinha uma certa tendência ao misticismo, chegara mesmo a freqüentar um centro kardecista perto de sua casa, mas jamais, tivera qualquer experiência espiritualista. Nunca ouvira vozes, tivera visões ou qualquer outra coisa desse gênero. Por isso mesmo, acabara se desanimando um pouco e parara de freqüentar o centro, achando que aquilo tudo não passava de charlatanismo para enganar os incautos.

Mas, vindo de Simone...

Era para se pensar...

— E o que a voz lhe disse para fazer, querida? — perguntou ele, com cautela.

— Minha mãe me mandou procurar uma certa pessoa...

E, erguendo os olhos para Jorge, segurou suas mãos e murmurou:

— E eu me lembro que ela muitas vezes falou nessa pessoa... Mãe Antônia...

— Uma Mãe-de-Santo? — indagou Jorge, sentindo-se arrepiado.

— Sim... E, se não me engano, ela é minha madrinha...

Jorge se deixou cair sobre uma poltrona e disse, a voz apagada:

— Madrinha... Afilhada de uma macumbeira...

E, com um sorriso forçado, comentou:

— Meu Deus... Onde eu estou me metendo...

Ia abrindo a boca para falar mais alguma coisa mas, parou.

Ficou imóvel, os olhos esbugalhados, a boca semi-aberta, os cabelos quase de pé...

Em seus ouvidos, uma voz feminina, muito suave e muito semelhante à de Simone, disse:

— Se você quiser minha filha como sua esposa, terá de correr. Ajude-a a encontrar Mãe Antônia. E depressa... Não há tempo a perder!

A voz se calou e Jorge, muito pálido, perguntou, baixinho:

— Você ouviu? Você ouviu o que ela me disse?

Simone balançou afirmativamente a cabeça e murmurou:

— Sim. E fico contente. Mostra que não é uma loucura só minha!

Já refeito, novamente senhor de suas reações, Jorge disse:

— Não. Isso não é loucura. É algo muito sério e nós temos de fazer o que ela pediu.

De um salto, apanhou o telefone e começou a desmarcar um a um os compromissos do dia.

— Vai ficar esquisito — disse ele para Simone, ao terminar — Mas é mais importante encontrar Mãe Antônia do que qualquer outra coisa! Principalmente porque tive a sensação de que a nossa felicidade futura depende disso... E depende totalmente!

Simone não discutiu.

Estava achando tudo aquilo um bocado assustador mas, o interessante era notar que a ansiedade que vinha sentido, desaparecera. Parecia que, no momento em que ela e Jorge tinham tomado a decisão de encontrar Mãe Antônia, tudo passara a fluir melhor, com mais calma e naturalidade.

## CAPÍTULO 30

Jeanne não quis ficar no Copacabana Palace, preferindo um outro hotel na Avenida Atlântica de maneira a não levantar suspeitas de Simone. Ela queria agir de maneira a sensibilizar a moça, dizendo que tinha ido ao Rio de Janeiro unicamente para vê-la e que estava voltando no mesmo dia para São Paulo. Sua idéia era a de fazer com que Simone a convidasse para ficar no mesmo hotel.

— Será a melhor maneira de mantê-la sob minha aura — disse Jeanne para si mesma, ao entrar no quarto.

Estava cansada.

Aquele processo de envelhecimento a que a submetia Satã, deixava-a praticamente esgotada aos menores movimentos e, depois de uma viagem cansativa, depois de caminhar todo o saguão do Santos Dumont tentando acompanhar o carregador com as suas malas, Jeanne estava exausta. Como se não bastasse, havia as dores reumáticas que, talvez por causa do avião, tinham piorado muito, fazendo com que ela tivesse até medo de se mexer.

Deixou a mala sem nem mesmo abri-la e deitou-se ao comprido sobre a cama para repousar um pouco e, mais tarde, já mais disposta, ir atrás de Simone.



Fechou os olhos e procurou adormecer.

Não conseguiu.

Seus ouvidos latejavam, ela podia escutar o som do sangue sendo impulsionado com força em sua cabeça e, lembrando-se de uma conversa, muitos anos atrás, com um médico seu conhecido, achou que estava com a pressão arterial um pouco elevada.

— Não gosto disso — murmurou — Essa história de pressão alta... Posso passar mal de um momento para o outro...

Procurou se concentrar e, com o poder da mente, afastar de si o fantasma de uma doença.

— Não posso ficar doente agora... — falou — Logo agora, que estou tão perto de conseguir cumprir a minha parte no pacto com Satã!

Sorriu consigo mesma, dizendo:

— Depois... Quando tudo estiver resolvido... Aí sim, vou recuperar a minha juventude e a minha saúde...

Com dificuldade por causa das dores nas juntas, ela se ajeitou melhor na cama e murmurou:

— Satã não poderá reclamar. Terei cumprido toda a minha obrigação e restará apenas que ele faça a sua parte.

Foi nesse momento que um cheiro horrível invadiu o quarto.

Era a primeira vez que Jeanne sentia aquele odor, um odor que lembrava amoníaco em altas concentrações.

Sim...

Ela sabia que era o Príncipe das Trevas chegando. Mas estranhava aquele cheiro tão forte e tão diferente.

Aos poucos, uma nuvem de fumaça foi se formando diante de seus olhos e Satã apareceu.

Ele tinha a expressão furiosa, os olhos mais esbugalhados e proeminentes do que nunca e pareciam dois pedaços de carvão metidos em buracos incandescentes.

— Você está perdendo — disse ele — Está perdendo tudo!

Jeanne quis responder, quis protestar e dizer para o Demônio que não, que ela estava fazendo tudo o que era possível fazer e que dentro de poucas horas estaria com Simone...

Mas não pode...

O Príncipe das Trevas, em meio a um ruído que lhe pareceu o arrastar pesado de um portão meio emperrado, já tinha desaparecido.

Jeanne sentiu um calafrio e começou a transpirar.

Não era preciso ser médico para saber que ela estava ardendo em febre e, sem forças ou coragem para fazer nada, a francesa simplesmente fechou os olhos, procurando dormir.

— Isso passa — disse ela para si mesma — Foi por causa da viagem. E essa aparição de Satã, não foi real... Foi apenas consequência da febre...

Sorriu consigo mesma e, sentindo-se menos tensa, menos angustiada, adormeceu.

\*\*\*\*\*

Durante todo o dia, pelo telefone, andando de táxi para baixo e para cima, perguntando às pessoas, revirando o Rio de Janeiro, Jorge e Simone tentaram encontrar Mãe Antônia.

Porém, parecia impossível.

Mãe Antônia não era conhecida por ninguém, até mesmo em alguns terreiros de Umbanda e Candomblé que eles foram, não lhes souberam informar.

— Já ouvi falar — diziam alguns.

— Esse nome não me é estranho — diziam outros.

Mas, com precisão, com segurança, ninguém sabia dizer nada.

— Isso não vai bem — falou Jorge já à noite, quando regressaram ao hotel — Não fizemos progresso nenhum!

— Talvez amanhã — murmurou Simone, cansada e desanimada — Pode ser que se procurarmos em Niterói... Quem garante que Mãe Antônia não esteja em Niterói?

— Sim — respondeu Jorge com um suspiro — Ou em qualquer outra cidade da Baixada Fluminense...

Simone compreendeu o que ele queria dizer com aquilo.

Estavam na estaca zero, na realidade, não tinham conseguido nada desde que saíram em busca de Mãe Antônia, logo depois de terem escutado a voz de Sylvia tão nitidamente.

Os dois se encontravam no quarto de Simone, sentados na cama e ambos estavam exaustos. Tinham passado muito calor durante o dia, tinham andado muito e, além de tudo isso, havia a tensão emocional, a angústia de não terem conseguido nada e de verem o tempo passar, minuto após minuto, sem perdão...

— Temos de encontrar Mãe Antônia antes do casamento — falou Simone — Sinto isso! Sei disso!

Com expressão de desespero, Jorge perguntou:

— Isso quer dizer que não haverá casamento se não a encontrarmos?

Simone não respondeu. Sentia, de repente que era preciso ser de Jorge... Aquele era o seu homem. E esperar mais...

No entanto, ele mesmo parecia tão retraído, tão nervoso...

Simone sorriu consigo mesma, pensando:

— Ele vai ter uma surpresa...

Na verdade, era difícil para a moça explicar a si mesma o que lhe estava acontecendo. Porém, parecia ser compulsivo. Ela sentia uma imensa necessidade de concretizar, de materializar o amor que sentia por Jorge...

Levantando-se, ela se dirigiu para o banheiro e, de lá, falou:

— Estamos os dois cansados e nervosos, querido. O melhor que fazemos é tomarmos um bom banho e, depois do jantar, poderemos conversar com mais calma e planejarmos o que vamos fazer amanhã.

Jorge concordou. Simone estava com a razão, há determinados momentos no relacionamento de um casal em que o melhor é parar, refletir com toda a calma antes de agir. E eles estavam atravessando um desses momentos.

Começou a caminhar para seu quarto.

Foi interrompido pela voz de Simone que o chamava:

— Mas onde você vai?

Jorge voltou a cabeça para responder.

Não o conseguiu.

Ficou ali, estatelado, atônito, sem saber o que fazer.

Simone estava nua...

Nua, mostrando toda a beleza de seu corpo, toda a sensualidade animal que havia nele.

— Pelo amor de Deus, Simone... — começou ele a dizer.

Simone riu.

Caminhou para os braços de Jorge e, começando a desabotoar sua camisa, disse:

— Já comecei a encher a banheira, querido... E vou precisar que você esfregue as minhas costas...

Jorge engoliu em seco, já sentindo a violenta excitação que se apossava de seu corpo.

— Assim, nós vamos acabar... — balbuciou.

— Está enganado, querido — ciciou Simone — Nós não vamos acabar coisa nenhuma... Vamos é começar nossa vida...

\*\*\*\*\*

Jeanne acordou sobressaltada.

Olhou pela janela aberta do quarto e notou que já era noite fazia muito tempo.

— Como dormi... — murmurou.

Lembrou-se da visão que tivera de Satã e da sensação de febre. Percebeu que transpirara muito, sua roupa estava inteiramente molhada.

Olhando o relógio, viu que já passava de onze horas da noite, portanto, era muito tarde para ir até o Copacabana Palace procurar por Simone.

— Não devia ter dormido tanto — recriminou-se — Agora, terei de deixar para amanhã.

Foi tomar um banho, depois, pediu que lhe trouxessem o jantar no quarto e, após ter se alimentado bem, deitou novamente para dormir.

Mais uma vez, não conseguiu.

Ficou rolando na cama de um lado para o outro, sem conseguir conciliar o sono.

Por fim, já quase duas horas da madrugada, ela se levantou e foi até a janela, olhar a noite, esperar passar o tempo até o dia amanhecer.

Iria procurar por Simone logo de manhã, quando a moça ainda deveria estar no quarto, recém-acordada e, assim, ainda com a mente embotada pelo sono.

Seria até melhor, seria mais fácil de convencê-la de suas boas intenções.

Estava olhando para o mar quando, de repente, sentiu a presença ao seu lado, do Príncipe das Trevas.

— Você perdeu, Jeanne — disse ele — Perdeu tudo...

Jeanne sentiu um aperto no coração.

— Como assim, perdi tudo? — indagou, agressiva — Como posso ter perdido se ainda nem fui falar com Simone?

— Ela não é mais virgem — disse Satã com pesar — As Forças do Bem venceram e, assim, ela não me interessa mais...

Olhando para Jeanne, ele acrescentou:

— E nem você. Também não me interessa mais, não tenho mais a menor necessidade de seus serviços.

Jeanne sorriu.

A situação não deixava de ser pândega...

Ali estava ele, o poderoso Príncipe das Trevas, falando com ela como se estivesse simplesmente despedindo uma empregada!

Lutando desesperadamente para manter a calma, Jeanne lançou:

— O que prova que seu poder é muito limitado... Não fui eu que perdi, Príncipe das Trevas... Foi você o derrotado!

Satã olhou com raiva para ela e replicou:

— Pode ser. Mas você é quem vai ter o prejuízo. Eu tenho a eternidade, Jeanne... Não fico velho, da mesma maneira que nunca fui moço. Já com você a história é bem diferente...

Começando a desaparecer, ele encerrou:

— Perdi Simone... Você não fez a sua parte. Agora, terá o castigo que, de antemão, foi combinado. Envelhecerá rapidamente...

— Não! — gritou ela — Não quero morrer! Por favor, não faça isso comigo! Pelo menos, leve em consideração todo o prazer que eu já lhe dei!

Satã deu uma gargalhada e disse:

— Está bem, Jeanne... Vou levar isso em consideração. De fato, muitas vezes você me proporcionou prazer... É justo que eu lhe dê um presente.

Jeanne sorriu.

Sim...

De algum modo, ela ainda podia controlar o Demônio.

— Vou procurar por Simone, de qualquer jeito — pensou — Talvez o Príncipe das Trevas ainda a queira, mesmo que não seja mais virgem...!  
E, vendo Satã desaparecer, pensou:  
— Afinal de contas, nos dias de hoje, pensar em virgindade é a maior estupidez...

## CAPÍTULO 31

Simone acordou com a certeza de que era feliz e de que essa felicidade iria perdurar para todo o sempre.

Jorge tinha sido formidável e ela, para sua surpresa, tivera a impressão de que já estava casada com ele havia muitos e muitos anos, tal a identidade que ambos conseguiram e tal a intensidade de prazer que sentiram.

Mesmo tendo sido, para Simone, a primeira vez...

Como resultado daquela noite de extravagâncias e de malabarismos amorosos, ela acordou com o corpo dolorido e uma preguiça imensa de sair da cama.

— Pois fique deitada mais um pouco, querida... Enquanto repousa, eu irei ver aquele último endereço que nos deram. Talvez tenha sorte e, assim, à tarde voltarei lá com você.

Simone relutou um pouco, achava injustiça Jorge ir sozinho. Mas acabou cedendo. A cama estava tão boa, o dia estava tão bonito...

Sim... Seria uma boa idéia ela ficar por ali no período da manhã. Um pouco mais tarde, quando levantasse, aproveitaria para fazer algumas compras em Copacabana, ou talvez em Ipanema.

Viu Jorge deixar o quarto e, olhando para o teto, pensou:

— Tomara que ele encontre Mãe Antônia. Agora, depois desta noite, sei que não vou conseguir ficar sem ele... Quero esse casamento e o mais depressa possível!

Ficou na cama sonhando com a vida que teria a partir do instante em que estivesse casada com Jorge e, perto de dez horas da manhã, Simone se levantou.

Tomou um bom banho ainda sentindo no corpo os carinhos de Jorge e, vestida com simplicidade, saiu do hotel para perambular pelas lojas, um esporte que a imensa maioria das mulheres pratica e que para ela, devido ao ritmo alucinante de trabalho que se impusera, era proibido.

Saiu do Copacabana Palace, andou um quarteirão pela Avenida Atlântica e entrou à direita para pegar a Nossa Senhora de Copacabana.

Foi justamente quando estava entrando nessa avenida, que ela a viu.

Sentiu um frio no estômago ao reconhecer Jeanne que, vendo-a também, abria um sorriso que mais parecia um espasmo de dor, e começava a caminhar em sua direção.

Por um breve momento, Simone pensou em esperá-la, em cumprimentá-la. Afinal de contas, tinha sido companheira de seu pai por tantos anos... Não seria educado fingir que não a via ali, no Rio de Janeiro, uma cidade estranha.

Lembrou-se que Jorge, quando ligara para o pai, recebera a notícia de que Jeanne assinara, finalmente, o acordo. Assim, havia mais um motivo para que Simone fosse, ao menos cortês com a velha.

Mas...

Havia alguma coisa de estranho, ali...

Simone sentiu de repente uma repulsa terrível por aquela mulher e, sem se dar conta, virou-lhe as costas e começou a andar apressada, de volta para o hotel.

Parecia-lhe sentir que estava sendo puxada por alguém, por alguma força misteriosa e muito poderosa que a impedia de parar de mover as pernas para esperar que Jeanne se aproximasse.

Ouviu a francesa gritar seu nome e, nesse momento, suas pernas passaram a se movimentar mais depressa, sua mão fez sinal para um táxi que passava e, quando Simone se deu conta, estava sentada no banco de trás, dizendo para o motorista:

— Vamos ao Cemitério São João Batista.

Assustada, Simone pode perceber muito bem que não era ela a dar aquela ordem para o motorista... Em seu íntimo, ela não queria ir a cemitério algum, o que queria fazer era voltar para seu quarto no hotel, trancar-se lá dentro e esperar por Jorge.

Mas...

Ali estava ela, dentro de um táxi, voando baixo em direção ao cemitério.

Quis dizer para o motorista parar, que tinha sido um engano...

Mas não conseguiu.

Sua voz estava presa na garganta, ela não conseguia pronunciar uma só palavra...

\*\*\*\*\*

Jeanne viu que Simone simplesmente fugira dela...

Furiosa, sentindo-se impotente para persegui-la pela calçada, ela se deixara ficar para trás, tentando pedir ajuda a Satã.

Porém, nada aconteceu...

Satã não a atendeu e ela sabia que ele não lhe apareceria mais.

A menos que conseguisse alcançar Simone e, de alguma maneira, induzi-la a pertencer ao Príncipe das Trevas.

Isso, ela tinha certeza de poder... Desde que, evidentemente, tivesse Simone sob seu domínio.

Respirando mal, o coração batendo desordenadamente e sentindo dores horríveis nas juntas, Jeanne viu Simone entrar no táxi.

Não perdeu tempo.

Entrou em outro carro de praça e disse para o motorista:

— Minha filha está naquele automóvel. Por favor, alcance-a! Preciso lhe dar um recado importante...!

O motorista pisou fundo no acelerador.

Mas, o outro, o que dirigia o carro em que Simone se encontrava, era mais hábil e mais ousado no trânsito e, muito rapidamente, ele se distanciou.

— Não vai dar, madame — disse o motorista de Jeanne — Ele está indo depressa demais. O jeito vai ser segui-lo e, quando ele parar, aí sim, a senhora poderá falar com sua filha.

Mas o táxi de Simone só parou à porta do cemitério.

Simone, ao descer do carro, achou que poderia novamente dirigir suas próprias ações, uma vez que fora ela mesma a abrir a porta e a ensaiar alguns passos ao longo da calçada.

Mas, logo percebeu que não seria assim.

Ainda estava dominada por aquela estranha força que a impelia para a frente, que a obrigava a atravessar os grandes portões do cemitério e a caminhar por entre as sepulturas.

De repente, olhou para trás e viu que Jeanne ali estava a pouco mais de cinquenta passos de distância, caminhando com dificuldade em sua direção.

Respirando fundo, parou e olhou para a velha que se aproximava.

\*\*\*\*\*

Jeanne estava, realmente, velha e acabada, andando com muita dificuldade, respirando mal e ruidosamente, o rosto muito vermelho, as costas curvadas e os ombros subindo e descendo com o esforço de levar ar para o interior dos pulmões.

Olhou para Simone, a pouco mais de trinta passos de distância. Trinta passos que lhe pareciam trinta quilômetros...

— Não vou conseguir... — murmurou — Quando me aproximar mais, ela vai fugir outra vez... E vai ficar assim, brincando comigo como o gato antes de liquidar o rato.

Invocou novamente Satã, mas este não a atendeu.

Não... Ela não interessava mais...

Com esforço, ergueu os olhos para a moça e viu-a ali, de pé ao lado de uma sepultura baixa. Pareceu-lhe estar, de fato, diante de uma princesa, de uma mulher com poderes infinitos, com o poder que exercera para destruir sua vida.

Um poder que ela jamais tivera: o poder do amor...

Fora com o amor, com o desejo que a impulsionara para os braços de um homem, que Simone a destruía.

Entregara-se...

Amara...

E, com isso, fizera com que o Príncipe das Trevas condenasse a ela, Jeanne, à perdição.

Sentiu crescer o ódio dentro de seu coração.

— Chegarei lá — murmurou.

Faltava pouco mais de quinze metros para chegar até onde estava Simone.

Esta, por sua vez, olhava a cena aterrorizada e estranhamente paralisada.

Não conseguia se mexer embora quisesse se aproximar de Jeanne para ajudá-la, pelo menos para lhe perguntar por que fizera tanto esforço para lhe falar.

Mas Simone estava petrificada...

Lutava consigo mesma para se mover mas o máximo que conseguia fazer era... respirar.

Nesse momento, ela viu Jorge que chegava, correndo como um louco por entre as sepulturas, gritando seu nome e mandando-a se afastar.

Simone bem que tentou mas foi impossível...

Parecia pregada no chão, outra vez dominada por uma estranha força que comandava seus movimentos e suas atitudes.

— Fuja, Simone! — gritou Jorge, de longe — Fuja, pelo amor de Deus!

Mas era tarde...

Jeanne já estava bem perto e parecendo ter renovadas as suas forças.

Tão perto que, se estendesse a mão, conseguiria tocar em Simone...

## CAPÍTULO 32

Jorge caminhara por quase uma hora pelas ruas estreitas da Lapa, até encontrar o endereço que lhe tinha sido dado.

Era uma casa simples, bastante estragada pela falta de conservação e pelo mau uso mas, estranhamente, no instante em que ele passou o portão do jardim, veio-lhe uma intensa sensação de paz.

Bateu à porta e uma mulata gorda e jovem, com um sorriso feliz no rosto, o atendeu dizendo:

— Entre, doutor Jorge... Nós o estávamos esperando.

Jorge levou um susto.

Como aquela moça poderia saber o seu nome e a troco de quê estavam esperando por ele?

Ressabiado, acompanhou a mulata até um cômodo nos fundos da casa e, abrindo-lhe a porta, a moça disse:

— Pode entrar... Mãe Antônia está esperando pelo senhor.

Jorge obedeceu e entrou num quarto acanhado, completamente vazio, sem janelas e iluminado apenas por uma vela acesa que estava a um canto.

Olhando ao seu redor, ele viu que não havia qualquer mobiliário e as paredes nuas, muito brancas, ainda tinham o cheiro de cal, mostrando que tinham sido pintadas havia pouco

tempo.

— Venha, meu filho — disse uma voz que vinha do fundo do quarto — Aproxime-se...

Jorge olhou para o lugar de onde tinha partido a voz.

Estava ali um negra enorme, vestida de branco e que ele não tinha visto, por incrível que isso pudesse parecer, no momento em que entrara naquele lugar. A negra estava sentada no chão, sobre um tapete ricamente bordado e pareceu a Jorge que ela brilhava.

Prestou mais atenção e viu que, realmente, havia uma luz que emanava daquela mulher.

Ela sorriu, estendeu as mãos em sua direção e disse:

— Simone está em perigo. Ela está, agora, no cemitério São João Batista. Jeanne estará lá dentro de poucos instantes. Ela quer tocar em Simone...

— Mas por que? — conseguiu perguntar Jorge — E o que ela pretende?

— Jeanne está possuída pelo Demônio. Ela não sabe, mas está... E Satã, o Grande Exu, está querendo sua mulher. Se Jeanne a tocar, Simone morrerá. Toda a energia de seu corpo e de sua alma, fluirão para Jeanne e, desta, para Satã.

Fez um sinal com as mãos e disse:

— Corra, meu filho! Esteja perto de sua mulher quando as coisas acontecerem... E não tema. Eu estarei ajudando!

\*\*\*\*\*

Jorge tinha corrido como um louco até o cemitério.

Com desespero, viu que não conseguiria chegar a tempo de impedir que Jeanne tocasse em Simone e, por isso, gritara, pedindo-lhe que fugisse.

Tinha certeza que Simone o ouvira mas, ela não se movera do lugar.

E Jeanne ali estava, já a uma distância que poderia alcançá-la.

Simone, por sua vez, também estava apavorada.

Viu Jeanne estender as mãos como as garras de uma coruja em sua direção, queria fugir, queria correr ao encontro de Jorge mas...

Não conseguia mover um dedo sequer.

Jeanne sorriu.

De sua garganta brotou uma voz estranha que disse:

— Finalmente, Simone... Finalmente você será minha!, como não é mais virgem, poderei me livrar desta bruxa! Ela não cumpriu a sua parte no pacto e por isso, será castigada!

Era uma voz grossa, de homem, cavernosa e rascante...

A própria Jeanne estremeceu, horrorizada. Reconheceu aquela voz... Seus olhos, fixos nos de Simone, de repente traduziram todo o seu pavor.

Era a voz de Satã...

Então, ele a havia traído! Apossara-se de seu corpo sem que ela o percebesse e a obrigara a fazer tudo aquilo!

Nesse instante uma luz muito intensa brilhou entre Jeanne e Simone.

De longe, Jorge viu Mãe Antônia se materializar entre as duas, a negra estendendo as mãos para a bruxa.

Mãe Antônia, com voz forte e enérgica, falou:

— Vá para o seu lugar, Besta Satânica! Não será minha afilhada que você vai conseguir!

Agitando as mãos, pronunciou algumas palavras em Nagô, enquanto uma nuvem de fumaça parecia sair do corpo da francesa.

Jeanne ficou apavorada por um breve instante e, em seguida, desmoronou.

Jorge correu.

Simone, por fim, conseguiu se mexer e também correu ao seu encontro.

Abraçaram-se, sentiram-se, beijaram-se...

— Acabou, querida — disse ele — Mãe Antônia a salvou!

Simone não conseguia falar, as lágrimas rolando por suas faces, seu corpo todo tremendo como se fosse feito de gelatina.

Jorge olhou para onde Jeanne estava e murmurou:

Mãe Antônia a salvou e... destruiu definitivamente Jeanne...

Voltou o rosto para onde vira aparecer a Mãe-de-Santo mas, ela já não estava mais ali.

No lugar onde estivera, havia apenas um ramo de rosas brancas e o anel de ferro que Jeanne sempre usara.

Com passos cautelosos, os dois caminharam até a velha bruxa.

Ela estava respirando e Simone, em um gesto involuntário se abaixou para vê-la.

— Está viva, querido — disse — Não podemos deixá-la aqui...

Jorge balançou afirmativamente a cabeça e, caminhando para o portão do cemitério, falou:

— Você não tem jeito, mesmo... Depois de tudo o que essa mulher lhe fez... Enfim... Tem razão... Mas o máximo que podemos fazer, será chamar uma ambulância.

Passando o braço por cima dos ombros de Simone, completou:

— Depois disso, não há nem por que lembrarmos do que aconteceu, Simone... Teremos a nossa vida pela frente, não é mesmo? Um futuro cheio de felicidade...

Simone fez um sinal afirmativo com a cabeça e, no instante em que se afastava com Jorge, viu a sepultura sobre a qual caíra Jeanne.

— Veja! — exclamou ela.

Jorge olhou.

Sob a cruz de ferro fundido que encimava a sepultura, havia uma inscrição...

Com a voz embargada, Jorge leu:

— Maria Antônia Cavalcante de Jesus... Mãe Antônia...

\*\*\*\*\*



— Não consigo entender — disse o doutor Adalberto — Essa mulher está desafiando todo o meu conhecimento!  
— Também o meu — afirmou o doutor Muniz — Não encontro uma explicação para o fenômeno.  
Voltando-se para a freira responsável pelo Asilo São Vicente, indagou:  
— Tem certeza que essa ficha não está errada? É essa mesmo a data em que ela veio para cá?  
— Doutor... — respondeu a freira — Quando cheguei aqui, ela já estava neste quarto havia cinco anos... E já estou nesta casa há mais de dez...  
— E sempre nesse estado? — perguntou Adalberto.  
— Sempre... Não muda nunca. Nem para pior, nem para melhor... Apenas mexe os lábios e isso faz pensar que, afinal de contas, o cérebro, ainda que parcialmente, funciona. O que nós sabemos é que ela sofreu um derrame num cemitério e ficou assim, paralisada, muda, apenas olhando o tempo e o mundo. Estável, clinicamente. Absolutamente estável.  
E, em voz baixa, acrescentou:  
— Até parece coisa do Demônio... Ser vítima de um acidente vascular cerebral num cemitério... E ficar sofrendo tantos anos... Assim dizendo, a freira se persignou e se afastou com os dois médicos para continuar a visita aos outros internados.  
No quarto, a velha ficou olhando para o teto, sem mover um só músculo.  
Não podia se mexer, não podia falar... Seus lábios, apesar de se moverem de vez em quando, parecendo tentar articular palavras, não emitiam o menor som.  
Mas ela ouvia...  
E, naquele momento, estava ouvindo aquela mesma voz...  
Uma voz sarcástica que lhe dizia sempre a mesma coisa:  
— Aí está... Você não morreu... Não morreu... Não morreu...

**F I M**